

MANUAL PRÁTICO DE DISCERNIMENTO E DA DEFESA DA FÊ

*para pastores evangélicos
de Moçambique*

apresentado por

AGÊNCIA DE INFORMAÇÕES RELIGIOSAS (AGIR)
CENTERS FOR APOLOGETICS RESEARCH (CFAR)

agosto de 2003

As publicações abaixo foram traduzidas e adaptadas com permissão dos autores e/ou detentores de direitos autorais:

Robert M. Bowman, Jr. (livro e artigos)

Orthodoxy and Heresy: A Guide to Biblical Discernment

“Top Ten Myths about the Canon of Scripture”

“Top Five Reasons for Different Interpretations of Scripture”

“Essentials, Disputed Matters and Heresies”

“20 Errors Common to Antitrinitarian Heresies”

“*Sola Scriptura*: The Protestant Doctrine of the Authority of Scripture”

Watchman Fellowship, Inc. (perfis)

“Jehovah’s Witnesses”

“Mormonism”

“Seventh-day Adventism”

“Oneness Pentecostalism”

“Branhamism”

“Bahá’í Faith”

“Transcendental Meditation”

“Word-Faith Movement”

“Spiritual Abuse”

Rose Publishing (panfletos)

Christianity, Cults and Religions (extratos)

The Trinity

Dallas Willard (artigo)

“Right Hearts Come First”

Gerência editorial: Paul Carden

Tradução/Adaptação de textos: Marcelo P. Souza

Revisão de conteúdo e ampliação: Marcelo P. Souza, Joaquim de Andrade e Paul Carden

Revisão de provas: Miguel Albanez

Diagramação: Marcelo P. Souza

Estas traduções, bem como todo o material original, copyright © 2003
dos Centers for Apologetics Research, Post Office Box 1196,
San Juan Capistrano, California 93693 USA. Todos os direitos reservados.

SUMÁRIO

Prefácio.....	4
Introdução: Apologética e Corações Corretos.....	6
Parte 1: Ortodoxia e Heresia	
São Doutrinas Realmente Necessárias?.....	10
Doutrina e Salvação.....	14
É Sempre Errado Julgar os Outros?.....	16
Evitando o Discernimento Doutrinário.....	19
Definindo Ortodoxia e Heresia.....	26
Preto no Branco? Nem Sempre.....	28
Princípios para a Identificação da Heresia.....	31
O Que É a Doutrina?.....	36
Tipos de Doutrina Herética.....	39
Curso Intensivo de Sã Doutrina.....	42
Quem Pode Julgar?.....	49
Os “Dez Mandamentos” do Discernimento.....	51
Examinando os Ensinamentos de uma Igreja.....	55
Como a Palavra “Seita” Deve Ser Usada.....	56
Glossário.....	57
Parte 2: Perfis de Seitas e Heresias	
Testemunhas de Jeová (Sociedade Torre de Vigia).....	58
Mormonismo (Igreja SUD).....	63
Pentecostalismo Unicista.....	67
Branhamismo (Tabernáculo da Fé).....	72
Igreja Adventista do Sétimo Dia (ASD).....	77
Meditação Transcendental (MT).....	82
Fé Bahá’í.....	87
Abuso Espiritual.....	92
Movimento da Fé	95
Parte 3: Estudos Suplementares	
Cristianismo, Seitas e Religiões.....	100
Cristianismo Bíblico	
Islamismo	
Budismo	
Hinduísmo	
Judaísmo	
Igreja da Unificação	
Nova Era	
A Trindade.....	107
20 Erros Comuns às Heresias Antitrinitárias.....	122
Essenciais da Fé, Assuntos Controvertidos, e Heresias.....	123
Há Apóstolos Hoje?.....	127
<i>Sola Scriptura</i> : A Doutrina Protestante da Autoridade das Escrituras.....	133
Dez Mitos sobre o Cânon das Escrituras.....	142
Cinco Causas Principais das Diferentes Interpretações Bíblicas.....	146

PREFÁCIO

Nos dias de hoje há uma necessidade urgente, tanto no continente africano como no resto do mundo, de líderes cristãos comprometidos ao discernimento da verdade, à defesa da fé, e à proteção do rebanho de Deus. Essa obra nem sempre é fácil, nem agradável, mas é sempre necessária. Os cristãos devem identificar e fazer oposição ao erro doutrinário e espiritual por uma razão principal: porque Deus nos comissiona à esta obra.

Já no primeiro século, na época do Novo Testamento, o Corpo de Cristo foi atacado por seitas e falsos mestres, e as epístolas nos dão repetidos avisos acerca de impostores espirituais. A epístola de Judas, nos versículos 3 e 4, nos exorta a batalhar “diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos, pois certos indivíduos se introduziram com dissimulação”. A fé cristã já tinha seus inimigos.

O apóstolo Paulo, em Atos 20:28-31, avisou aos bispos de Éfeso que os inimigos do evangelho surgiriam tanto de fora da Igreja (“entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho”) quanto até mesmo de dentro dela (“dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas perversas para arrastar os discípulos atrás deles”). Na segunda epístola aos Coríntios, Paulo menciona que a Igreja não é invulnerável ao erro (11:3-4; 13-15). Igualmente Pedro, em sua segunda epístola, exorta seus leitores a se acautelarem, pois “falsos mestres”, introduzindo “heresias destruidoras” surgiram no seu meio (2:1-22; 3:15-17).

O campo de batalha, hoje, não está mais restrito às regiões da Judéia e de Samaria, mas se estende a todo canto de Moçambique. Uma grande variedade de seitas nos nossos dias propaga falsos evangelhos, e muitas delas, de origem internacional, mudam suas táticas quando cruzam fronteiras, para dificultar sua identificação e facilitar sua infiltração e competição com a Igreja.

Os cristãos não podem cometer o grave erro de ignorarem tais enganadores e seus discípulos. As conseqüências são espiritualmente letais. Ao contrário, a Igreja tem de refutar e combater o erro com a verdade, ao mesmo tempo em que em compaixão resgata os cativos das garras do inimigo (2 Co. 4:3-4; 2 Tm. 2:24-26).

Para que isso seja feito, os cristãos devem entender que os antídotos contra impostores e suas fraudes são o discernimento e o conhecimento da verdade. Os cristãos precisam conhecer não só a verdade da Palavra de Deus (2 Tm. 3:16-17, Hb. 4:12), mas também a verdade sobre os impostores e seus grupos. Nisso, os apóstolos são o nosso modelo. Por exemplo, em Atos 17:16-34 Paulo usa seu conhecimento sobre as filosofias pagãs para evangelizar seus adeptos. Paulo, Pedro e João usam, em várias passagens, seu entendimento dos ensinamentos errôneos e heréticos dos protognosticos e legalistas judeus para os exporem e refutarem (e.g., em Gálatas, Colossenses, 1 e 2 Pedro, 1 João, etc.)

Tendo isto em mente, nós humildemente oferecemos esta coleção de artigos aos líderes de Moçambique. Nosso objetivo não é transformar o leitor desse manual num “perito” em seitas contemporâneas e tendências heréticas, mas fornecer informação

suficiente para exortar, instruir e encorajar líderes (e qualquer um interessado nessa área) à defesa da fé e a estudos mais extensivos e contínuos.

Esse manual contém uma sinopse das seitas mais significativas nos nossos dias. Cada grupo tem seus perigos peculiares; a seita Mórmon, por exemplo, tem redefinido quase todas as doutrinas principais do cristianismo, enquanto que os Pentecostais Unicistas concentram seus ataques heréticos na doutrina da Trindade. Os danos causados a indivíduos e famílias por estes e outros grupos, como a Meditação Transcendental e o Movimento da Fé, são tão reais quanto distintos.

O manual também apresenta estudos teológicos e de discernimento que acreditamos serem indispensáveis à defesa da fé e à instrução do povo de Deus quanto às crenças básicas da Igreja – a Igreja que Jesus tem edificado através dos séculos. Como cristãos, nós felizmente não temos que reinventar a sã doutrina a cada dia; como alguém já disse, nós nos apoiamos nos ombros de gigantes. Por dois mil anos, Igreja tem sido mantida e edificada, pela misericórdia, amor e providência de Deus, através dos ensinamentos apostólicos – ou seja, a “fé que uma vez por todas foi entregue aos santos”. Deus tem dado à Igreja líderes diligentes e estudiosos na sua Palavra, que por séculos têm defendido a ortodoxia doutrinária contra todo tipo de heresia, muitas vezes selando suas lutas com suas próprias vidas. O conhecimento do que a Igreja tem crido com relação à Palavra de Deus, e com relação às naturezas de Deus, do homem e do evangelho, é de vital importância para a preservação da sã doutrina.

Doutrinas falsas continuam a ressurgir a cada dia, e isso provavelmente não vai mudar até a volta do Senhor Jesus. Por isso, nosso desejo é produzir edições mais aperfeiçoadas e atualizadas desse manual nos próximos anos. Para isso, pedimos sua colaboração na nossa obra de colhimento de dados sobre o número crescente de ideologias e movimentos que negam ou distorcem a verdadeira fé apostólica.

Nossa oração é que esse manual possa lhe encorajar a proclamar Cristo e a proteger seu rebanho fielmente, e que os frutos sejam para a glória de Deus.

Paul Carden e Marcelo Souza
Tiago 3:17

INTRODUÇÃO

Apologética e Corações Corretos

por Dallas Willard

“Antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vossos corações, estando sempre preparados (...) com mansidão e temor”

(1 Pedro 3:15-16)

Quando ministramos na área de apologética, nós o fazemos como discípulos de Jesus, e, portanto, da maneira como Ele o faria. Isso significa, primeiramente, que nós o fazemos para *ajudar* pessoas, especialmente àqueles que querem ser ajudados. Apologética é um ministério de *ajuda*.

No contexto de 1 Pedro 3:8-17 os discípulos estavam sendo perseguidos por sua dedicação em promover a bondade. De acordo com o que Jesus os tinha ensinado, tal perseguição deveria ser fonte de regozijo. Essa atitude fazia com que os observavam a questionassem *como* os discípulos podiam estar esperançosos e alegres em tais circunstâncias. Num mundo irado, desesperançado e triste, essa questão era inevitável.

A exortação de Pedro

Por isso, Pedro exortou os discípulos a estarem “sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor, com boa consciência” (vv. 15-16), ou seja, consciência que se tem por se ter feito o que é correto.

Nossa apologética, assim, é feita como um ato de amor fraternal, sendo “prudentes como as serpentes e símplices como as pombas” (Mateus 10:16). A sabedoria da serpente está em *ser oportuna, baseada em observação vigilante*. A pomba, por sua vez, é *incapaz de falsidade ou de enganar alguém*. Assim devemos ser.

Amor àqueles com os quais lidamos será necessário para que os compreendamos corretamente e para que evitemos manipulá-los, ao mesmo tempo que desejamos e oramos intensamente para que reconheçam que Jesus Cristo é o Senhor do cosmos.

O amor também nos purificará de todo mero desejo de vitória, como também de toda presunção intelectual ou desdém para com as opiniões e habilidades dos outros. O evangelista para Cristo é caracterizado pela humildade (Colossenses 3:12; Atos 20:19; 1 Pedro 5:5), principalmente *intelectual* – um conceito vital do Novo Testamento que a palavra *humildade* por si só não expressa totalmente.

Deste modo, a chamada ao ministério de apologética não é para forçar pessoas relutantes à submissão intelectual, mas uma chamada na qual servimos aos necessitados, e, freqüentemente, àqueles que são escravos de seu próprio orgulho e presunção intelectual, muitas vezes reforçada pelo ambiente social.

Em segundo lugar, nós fazemos o trabalho de apologética como servos incansáveis da *verdade*. Jesus disse que Ele veio “ao mundo a fim de dar testemunho da verdade” (João 18:37), e Ele é chamado “a testemunha fiel e verdadeira” (Apocalipse 3:14).

É por isso que temos “temor” quando ministramos. A verdade revela a realidade, e a realidade pode ser descrita como aquilo com o qual nós humanos nos deparamos quando estamos errados. Quando ocorre tal colisão, sempre perdemos.

Enganos com relação à vida, às coisas de Deus e à alma humana são assunto seriíssimos, mortais. É por isso que o trabalho de apologética é tão importante. Falamos “a verdade em amor” (Ef. 4:15). Falamos com toda a clareza e racionalidade que podemos demonstrar, ao mesmo tempo contando com o Espírito da verdade (Jo. 16:13) para realizar aquilo que está muito além de nossas habilidades limitadas.

O ponto comum de referência

A verdade é o ponto de referência que compartilhamos com todos os seres humanos. Ninguém pode viver sem a verdade. Ainda que possamos discordar em pontos específicos, a fidelidade à verdade – seja ela qual for – permite que nós nos relacionemos com qualquer pessoa como honestos companheiros de investigação. Nossa atitude, portanto, não é de divisão, mas de agregação. Estamos aqui para aprender, e não somente ensinar.

Assim, sempre que for possível – ainda que por vezes, devido aos outros, não seja – nós “respondemos” numa atmosfera de investigação mútua, motivada pelo amor generoso. Ainda que possamos ser firmes em nossas convicções, não nos tornamos arrogantes, desdenhosos, hostis ou defensivos.

Por sabermos que o próprio Jesus não agiria assim, temos que reconhecer que não podemos ajudar pessoas de uma maneira arrogante. Ele não tinha necessidade disso, e nós também não. Em apologética, como em tudo, ele é nosso modelo e Mestre. Nossa confiança reside totalmente nele. Esse é o lugar especial que damos a Ele em nossos corações – a maneira com a qual “santificamos a Cristo como Senhor em nossos corações” – no ministério crucial de apologética.

Dallas Willard, Ph.D., é professor de filosofia na Universidade da Califórnia do Sul (University of Southern California) e autor de vários textos filosóficos, além de livros sobre apologética e sobre discipulado cristão.

ORTODOXIA E HERESIA

**Um guia bíblico para o
discernimento doutrinário**

ROBERT M. BOWMAN, JR.

**Traduzido e adaptado por
MARCELO P. SOUZA
The Centers for Apologetics Research**

PARTE I

EM DEFESA DO DISCERNIMENTO DOCTRINÁRIO

1. AS DOCTRINAS SÃO REALMENTE NECESSÁRIAS?

Para muitos, a palavra *doutrina*, de maneira semelhante como ocorreu com a palavra *dogma*, se tornou um termo pejorativo. Até mesmo muitos evangélicos que afirmam certas doutrinas dão-lhe pouco mais que mínima atenção.

Das muitas objeções a doutrinas cristãs, cinco devem se examinadas como as mais influentes: doutrinas freqüentemente são consideradas (1) irrelevantes, (2) sem sentido prático, (3) facciosas, (4) não-espirituais e (5) incompreensíveis. À medida em que adequadamente respondemos a essas questões, a importância das doutrinas pode ser melhor demonstrada.

A RELEVÂNCIA DA DOCTRINA

No pensamento popular, doutrinas têm a ver com assuntos insignificantes, irrelevantes para a maioria das pessoas. Apesar disso, a doutrina cristã é extremamente relevante a todas as pessoas. As doutrinas cristãs (i.e., os ensinamentos das Escrituras) apresentam respostas às questões mais fundamentais da vida – questões como “quem é Deus?”, “quem somos nós?” e “por que estamos aqui?” (Sl. 8:3-8; Hb. 11:6). A maneira pela qual respondemos a essas perguntas influencia decisivamente a maneira como vivemos. Ao ignorá-las, vivemos nossas vidas alegremente inconscientes do que é realmente importante.

Doutrinas são particularmente importantes porque, para que possa haver uma proclamação sã do evangelho, é necessário um entendimento correto do que é o evangelho, do que é a salvação, e de como a salvação é recebida (Gl. 1:6-9; 1 Tm. 4:16). Nada menos do que nosso destino eterno depende disso. Não estou com isso sugerindo que, para que possamos ser salvos, todos nós temos que nos tornar teólogos e peritos em todos os pontos doutrinários. Porém, a igreja como um todo tem de exercer grande cuidado ao proclamar o *verdadeiro* evangelho – e todo cristão tem sua responsabilidade. Terei mais a dizer sobre isso adiante.

É verdade que algumas questões doutrinárias são mais importante do que outras. Uma das funções mais cruciais da teologia cristã (e uma das mais negligenciadas) é separar o importante – e *essencial* – do menos importante e até mesmo irrelevante (cf. Rm. 14).

Desta maneira a doutrina, considerada propriamente, é muito relevante à vida humana e, portanto, a busca de sã doutrina deve ser o interesse de todos, pelo menos até certo ponto.

A PRATICIDADE DA DOCTRINA

É comum, atualmente, dizer-se que a prática é mais importante que a teoria – que *ortopraxia* (fazer corretamente) é mais importante que *ortodoxia* (acreditar corretamente). Mas essa afirmação é em si mesma uma teoria – algo que as pessoas pensam e por isso afirmam, e assim então tentam colocar em prática. O fato é que o que *pensamos* determina o que *fazemos*. Desta maneira, doutrina – algo que pensamos – afeta o que fazemos, e por isso tem grande importância prática.

Devemos reconhecer, é claro, que os efeitos práticos das doutrinas têm seus limites. Doutrinas nem sempre ou em si mesmas determinam nossas ações, já que pessoas freqüentemente agem movidas por desejos e interesses contrários às doutrinas que sustentam. Por exemplo, alguém pode acreditar na doutrina de que mentir é errado – e ainda assim estar sujeito a pensamentos egoístas e orgulhosos que tomam precedência sobre suas convicções doutrinárias, e levando essa pessoa a mentir. A praticidade da doutrina encontra-se não em *determinar* a prática, mas em *informá-la* – dando-nos o conhecimento pelo qual, com a graça de Deus, podemos agir corretamente.

Devemos, então, considerar *tanto* o conhecimento *quanto* a prática como necessários. O mais importante é que a pessoa verdadeiramente viva em obediência e comunhão com Deus, e que experimente seu amor. Nesse sentido, a prática é claramente mais importante do que a doutrina; mas o próprio Deus deixou claro que ele usa a doutrina para desenvolver os objetivos práticos em nossas vidas.

Assim sendo, a importância prática da doutrina cristã é verdadeiramente grande. As doutrinas nos habilitam a desenvolver uma visão realista do mundo e de nós mesmos, sem a qual estamos condenados a uma vida improdutiva (Mt. 22:23-33; Rm. 12:3; 2 Tm. 4:3-4). A doutrina pode nos proteger de falsidades que causam danos à fé ou levam a comportamentos destrutivos (1 Tm. 4:1-6; 2 Tm. 2:18; Tt. 1:11). A doutrina também nos prepara para ministrar a outros (Ef. 4:11-12).

A UNIDADE DA DOCTRINA

Talvez a crítica mais comum à doutrina é que ela divide as pessoas. E, de fato, doutrinas – tanto na história do cristianismo como de outras religiões – já foram usadas para dividir pessoas de maneiras repreensíveis. Mas num sentido crucial, as doutrinas têm o objetivo de unir as pessoas.

As doutrinas inevitavelmente dividem as pessoas; elas *pensam* de modo diferente e *agem* de modo diferente porque têm crenças diferentes. O que é indesejável, entretanto, é que a doutrina divida pessoas que devam estar unidas. A doutrina não deve dividir cristãos fiéis, impossibilitando a sua comunhão. Tampouco deve levar as pessoas a odiar ou maltratar outros que tenham crenças diferentes.

A Bíblia ordena que os cristãos se separem, com base em fatos doutrinários, de falsos mestres ou hereges (Rm. 16:17; 2 Jo. 9-11). Ao fazê-lo, devem estar em *unidade na fé* (Ef. 4:12-13) contra a heresia. Assim sendo, oposição à heresia pode promover genuína unidade cristã.

À medida em que os cristãos amadurecem no seu entendimento da doutrina bíblica, eles se tornam também mais unidos, porque seus pensamentos se alinham cada vez mais (1 Co. 1:10). Além disso, um entendimento equilibrado da doutrina pode ajudar cristãos divididos por diferenças doutrinárias a se reconciliarem, na medida em que compreendem quais pontos são de menor importância, ou errôneos, e quais são de maior importância (1 Tm. 6:3-5; Tt. 1:9-14). A verdade é que um entendimento superficial da doutrina facilmente promove desunião entre cristãos, enquanto que um conhecimento mais aprofundado da doutrina tende a promover maior unidade cristã.

A ESPIRITUALIDADE DA DOCTRINA

Ainda que alguns considerem a busca da exatidão doutrinária como intelectualismo carnal, a sã doutrina, é na verdade, muito importante para uma vida espiritual saudável. A doutrina cristã nos ensina sobre Deus, sobre sua vontade e propósitos para nossas vidas, sobre o que somos espiritualmente fora da graça de Deus e sobre como sua graça nos transforma – em resumo, tudo que precisamos saber para que busquemos a espiritualidade verdadeira (Rm. 6:17-18; 1 Tm. 1:5, 10; 2 Tm. 3:16-17). A doutrina nos fornece controles externos e objetivos para experiências internas e subjetivas, de maneira que possamos então separar a espiritualidade verdadeira da fraudulenta, artificial ou até mesmo demoníaca (Cl. 2:22-23; 1 João 4:1-3).

Ao buscarmos um entendimento mais exato da doutrina cristã, estamos cumprindo um aspecto do maior mandamento de Deus: que o amemos com *todo o nosso entendimento* (Mt. 22:37). Esse mandamento certamente implica que devemos tomar quaisquer providências e exercer todo esforço para que conformemos nossas crenças e convicções à verdade (Rom. 12:2) – e isso requer doutrina.

Para alguns, há uma suposta diferença entre discernimento *doutrinário* e discernimento *espiritual*. Em 1 Coríntios, mais de uma vez Paulo faz referência ao discernimento espiritual. O homem espiritual julga todas as coisas, incluindo as coisas do Espírito de Deus, que só podem ser discernidas espiritualmente (1 Co. 2:14-15). Os membros da congregação devem julgar (ou seja, exercer discernimento em relação às) profecias (1 Co. 14:29). Determinados cristãos têm um dom especial de discernimento entre maus espíritos e o Espírito Santo (1 Co. 12:10). Com base nestas e outras passagens, alguns cristãos entendem que esse discernimento nada tem a ver com o exercício do intelecto. Do ponto de vista dessas pessoas, em assuntos doutrinários e práticos se discerne entre o bem e o mal simplesmente ao se ouvir a *voz interna* do Espírito Santo.

De maneira alguma quero aqui menosprezar o papel do Espírito Santo em conceder discernimento aos cristãos. Com certeza todo cristão deve depender do Espírito Santo para iluminar sua mente, e para que possa claramente ver a diferença entre o bem e o mal, entre a verdade e o erro. Muitos cristãos, ainda que sem muitos recursos para um estudo mais aprofundado da doutrina, têm um discernimento excepcional.

Seria um erro, entretanto, colocar discernimento espiritual em contraste ou oposição ao discernimento doutrinário. Em primeiro lugar, a idéia de que o discernimento é puramente espiritual é por si só uma *doutrina*. Além disso, ao se fazer uma distinção acentuada entre doutrina e espiritualidade, se pressupõe uma dicotomia entre a mente e o espírito humano. Tal suposição, sendo ela mesma uma *doutrina*, faz com que esse argumento se autocancele. Há também razões bíblicas para se rejeitar a dicotomia da mente e do espírito (as quais não elucidarei aqui).

Além do mais, a Bíblia também ensina aos cristãos a usarem seu conhecimento da doutrina cristã para que possam discernir a verdade do erro, o bem do mal. O exemplo clássico se encontra em 1 Jo. 4:1-3, onde João nos ordena a não dar crédito a qualquer um que afirme estar falando pelo Espírito de Deus, mas a aplicar o teste doutrinário (crer que Jesus Cristo veio em carne – sua humanidade) àqueles que fazem tais afirmações. Da mesma maneira, em 2 Jo. 9 somos advertidos a nos acautelar para não sermos enganados por aqueles que não permanecem na doutrina de Cristo. Em 1 Coríntios, Paulo não somente se refere ao discernimento *espiritual*, mas também apresenta argumentos doutrinários em resposta à crença herética de que “não há ressurreição dos mortos” (1 Co. 15:12-19).

Ao invés de colocarmos o discernimento espiritual em contraste ou oposição ao discernimento doutrinário, devemos considerá-los como dois lados ou aspectos da mesma atividade. A espiritualidade verdadeira inclui a submissão da mente aos ensinamentos da Bíblia, e a sã doutrina inclui a crença de que nosso conhecimento da verdade depende da iluminação do Espírito Santo. Assim, o verdadeiro discernimento, em sua melhor forma, conduz o cristão a agir de maneira holística, ou seja, integral – utilizando-se do conhecimento dado por Deus na doutrina bíblica, ao mesmo tempo em que é sensível à direção do Espírito Santo.

O ENTENDIMENTO DA DOCTRINA

Alguns evitam estudar a doutrina cristã porque estão convencidos de que ela é muito difícil e complexa. Ainda que alguns (como crianças pequenas, deficientes mentais e outros) sejam incapazes de entender assuntos doutrinários, a grande maioria das pessoas adultas – jovens e idosos – tem a capacidade de entender muito mais do que procura aprender. Todo indivíduo tem a responsabilidade de adquirir o conhecimento doutrinário permitido por suas capacidades mentais, seu nível educacional, e suas oportunidades.

As Escrituras ordenam todo cristão que aprenda doutrina. Em geral, são os impedimentos espirituais superáveis – e não impedimentos intelectuais insuperáveis – que impedem cristãos de avançarem em seu entendimento doutrinário (Hb. 5:11-14). Cristo deu mestres à igreja para que auxiliem os crentes no aprendizado de doutrina (Ef. 4:11).

Obviamente, esses mestres têm de conhecer doutrina a fundo, num nível superior ao da maioria dos cristãos; mas isso é para que possam transmitir o máximo possível da verdade ao resto dos membros do corpo de Cristo.

Alguns aspectos da doutrina cristã são, com certeza, complexos, e causam dificuldades até mesmo a teólogos altamente treinados. Mas isto não deve nos desencorajar de estudar a doutrina cristã; do contrário, seria como se um aluno primário se recusasse a aprender tabuadas porque sabe que há problemas matemáticos tão complexos que causam dificuldades até a matemáticos profissionais.

A sã doutrina é difícil o suficiente para exigir honestidade e disciplina, e ao mesmo tempo fácil o suficiente – com as exceções acima mencionadas – para que todos que busquem a graça de Deus e se comprometam a estudá-la, possam aprendê-la (2 Pe. 3:16-18).

2. DOCTRINA E SALVAÇÃO

Eu mencionei no capítulo anterior, ao discutir a relevância da doutrina, que a salvação de uma pessoa pode depender, até certo ponto, da sua crença doutrinária. Esse argumento, hoje em dia tão contestado, merece aqui atenção especial.

Quase todos os que receberam Jesus Cristo concordarão que aqueles que O rejeitam completa e explicitamente estão perdidos. Entretanto, muitos acham difícil aceitar que alguém possa sinceramente acreditar estar seguindo a Jesus Cristo e, ainda assim, devido à crença herética, estar perdido. Jesus mesmo prometeu: “buscai, e achareis” (Mt. 7:7); por acaso não o acharão aqueles que o buscam? Por acaso não o buscam sinceramente alguns grupos considerados heréticos por evangélicos? Alguns nestes grupos até mesmo estudam mais a Bíblia do que muitos membros de igrejas evangélicas; muitos expressam um desejo ardente de conhecer a Deus e obedecê-lo; muitos proclamam a mensagem de Cristo da maneira como a receberam. Não estão, portanto, buscando a Cristo? Não o acharão, portanto, de acordo com sua promessa? E se O acharão, como pode a salvação depender de crenças doutrinárias?

Essas perguntas podem ser respondidas se mantivermos os seguintes princípios bíblicos em mente:

(1) *Nem todos que confessam a Jesus como Senhor serão salvos.*

Isso é demonstrado claramente nas palavras de Jesus em Mt. 7:21. Meramente confessar que Jesus é o Senhor não garante a salvação de uma pessoa. Essa confissão pode ser simplesmente da boca para fora, como se vê naqueles que se recusam a obedecer-lhe como Senhor (Lc. 6:46). Ou alguém pode chamar Jesus de “senhor” em um sentido diferente do sentido bíblico. Isso nos leva ao segundo princípio.

(2) *Muitos dos que dizem ter recebido a Jesus na verdade acreditam em “outro Jesus” – e, portanto, estão enganados, ou estão enganando.*

Isso se vê claramente em 2 Co. 11:4. Muitos dos que dizem terem fé em “Jesus” têm um entendimento tão diferente da realidade de quem é Jesus, que na verdade eles não têm fé no verdadeiro Jesus. Se uma pessoa pensasse que Buda é um outro nome de Moisés, não a consideraríamos uma budista, não importa quão devota ela fosse na sua prática de sua crença em “Buda”. Da mesma maneira, alguém que negue a visão bíblica de Cristo não deve ser considerado cristão, não importa quão religiosamente ele siga suas crenças.

Alguns dos que crêm em “outro Jesus” são sem dúvida insinceros, e Paulo nos avisa sobre “falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo” (2 Co. 11:13). Eu procuro pensar o melhor das pessoas, até mesmo daquelas com as quais tenho sérias divergências. Ainda assim, tenho encontrado pessoas sobre as quais tive que concluir, relutantemente, que são simplesmente mentirosas. Essas pessoas sabem conscientemente que a mensagem que proclamam é falsa.

Por outro lado, outros, até mesmo membros de igrejas cristãs, podem ser “corrompidos” (2 Co. 11:3b) por tais enganadores. Assim, é possível que pessoas sinceras, até mesmo pessoas que tenham mantido comunhão com verdadeiros cristãos, sejam enganadas e levadas a seguir “outro Jesus”. Não que essas pessoas sejam perfeitamente inocentes – ao contrário, são como Eva que, ainda que tenha sido enganada pela serpente (2 Co. 11:3a), foi culpada de seu pecado e considerada responsável diante de Deus (Gn. 3:1-6; 13-16).

(3) *Aqueles que são zelosos em assuntos religiosos não são necessariamente salvos.*

Em Romanos 10:2 Paulo diz a respeito de seus irmãos judeus que rejeitaram Jesus, que eles “têm zelo por Deus, porém não com entendimento”. Zelo, é claro, requiere sinceridade – o estado mental no qual se acredita que o que se está promovendo é baseado na verdade. Os judeus que rejeitaram Jesus eram, na maioria, zelosos, e, portanto, sinceros nesse sentido – mas ainda assim estavam perdidos (Rm. 9:1-3; 10:1). Seu zelo era pela justificação perante Deus – mas eles a buscaram com base em suas próprias obras, como se a salvação fosse por meio de obras, ao invés de receberem a justiça disponível em Cristo através da fé (Rm. 9:30-10:4).

Mateus 23:15 se refere a um tipo diferente de zelo – o de fazer prosélitos. Os fariseus eram extremamente zelosos no trabalho missionário, mas tudo que conseguiram foi guiar pessoas ao erro. Zelo em dar testemunho ou em evangelizar não indica necessariamente que um grupo religioso pertença ao povo de Deus.

(4) Nenhum ser humano vem a Deus verdadeiramente se o Espírito de Deus não o trouxer; portanto, aqueles que aparentam estar buscando a Deus, mas não vêm a Ele nos Seus termos, em realidade não estão buscando a Ele.

Em Romanos 3:11 Paulo cita o Salmo 14:2 dizendo que “não há quem busque a Deus”. O pecado distorceu tanto os desejos de todos os seres humanos, que nenhum de nós, em nossa vontade natural, busca a Deus. Isto porque “o pendor da carne é inimizade contra Deus” (Rom. 8:7). É claro que algumas pessoas buscam a Deus, do contrário Deus não nos mandaria buscá-lo (Is. 55:6, etc.). Mas quando uma pessoa verdadeiramente busca a Deus, é simplesmente porque Deus a buscou primeiro e a trouxe a si pela Sua graça (Lc. 19:10; Jo. 6:44; 15:16).

Portanto, quando pessoas estão aparentemente “buscando a Deus” – quando elas estudam a Bíblia (2 Pe. 3:16), promovem reuniões, oram, mudam seu modo de vida, tentam obedecer aos mandamentos, e até mesmo falam de seu amor por Deus e Cristo – e ainda assim persistem em adorar um Deus falso, em honrarem um Cristo falso, em seguirem um falso evangelho (2 Co. 11:4; Gl 1:7-9), concluímos que não estão realmente buscando a Deus. Ao contrário, elas podem estar buscando poder espiritual, segurança, paz de espírito, relacionamentos, conhecimento, excitação, ou qualquer outra coisa, e não Deus pura e simplesmente. Ao afirmar isso, não digo que todos os cristãos genuínos acharam a Deus como resultado de o buscarem pura e simplesmente. Ao contrário, nosso testemunho cristão é de que nós, da mesma maneira, estávamos seguindo nosso próprio caminho quando Deus nos buscou, nos resgatou e nos levou por um caminho novo e estreito conduzindo à salvação em Jesus Cristo (Mt. 7:13).

(5) Qualquer pessoa que deseje, acima de tudo e verdadeiramente, conhecer a verdade acerca de Deus, e seu caminho de salvação, pode e será salva.

Esse é o outro lado da moeda com relação ao ponto anterior. Jesus prometeu que “todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora” (Jo. 6:37). Entretanto, temos de vir ao verdadeiro Jesus, de acordo com seus termos. Judas veio ao verdadeiro Jesus, ao menos externamente (já que não sabia quem Jesus verdadeiramente era), mas não o fez nos termos de Jesus – e conseqüentemente não escapou da perdição (Jo 17:12). O preço pago ao se abandonar a heresia é normalmente grande – a perda de amigos, a vergonha de se admitir o erro, as ameaças dos líderes hereges, que dizem que todos os que abandonam seus ensinamentos estarão perdidos. Entretanto, a salvação está disponível a qualquer um que pela graça de Deus coloque a verdade (e Aquele que é a Verdade) acima de tudo.

3. É SEMPRE ERRADO JULGAR OS OUTROS?

A doutrina, como vimos, é um aspecto necessário à vida cristã; a nós cabe a responsabilidade de discernir a verdade do erro em assuntos doutrinários. Frequentemente se sugere, entretanto, que ainda que tal discernimento possa ser exercido a nível pessoal, não temos o direito de aplicá-lo a outros. Quem somos nós para dizer a outros em que acreditar? Quem somos nós para dizer-lhes que suas doutrinas são falsas? Não deveríamos, ao contrário, dizer “Eu pessoalmente não acredito nisso, mas você, é claro, pode acreditar no que quiser”?

As respostas a essas perguntas não são tão óbvias quanto possa parecer. Em alguns determinados sentidos, não temos o direito de julgar outros; em outros sentidos, temos de exercer discernimento com relação a outros. Saber como distinguir entre esses sentidos é extremamente importante para o discernimento espiritual.

QUANDO É ERRADO JULGAR

Quando é que não devemos julgar?

(1) *Julgamentos Hipócritas*

Ninguém gosta quando pessoas criticam duramente ou condenam outras, quando elas mesmas são culpadas dos mesmos atos. O que faz esse tipo de julgamento inaceitável não é simplesmente o fato de que a pessoa fazendo a acusação também é culpada. O que é ofensivo é o fato de que a pessoa fazendo a acusação se diz (ou finge ser) inocente. O hipócrita finge ser justo quando na verdade não o é. Por outro lado, quando uma pessoa diz: “Você e eu somos culpados disto e temos de mudar”, isto não é hipocrisia.

Não é por serem falsos que julgamentos hipócritas são inaceitáveis – eles podem até serem verdadeiros. Eles são inaceitáveis justamente porque são *hipócritas*. Os hipócritas que julgam outros serão eles mesmos julgados, e portanto têm de lidar com seus próprios pecados primeiro (Mt. 7:1-5).

O fato de serem hipócritas, entretanto, não prova por si só que tais acusações sejam falsas. Jesus até disse que os fariseus hipócritas normalmente estavam certos no que diziam; o problema é que eles não seguiam seus próprios conselhos (Mt. 23:1-3). Há nisso uma importante lição para nós. Se formos alvos de críticas vindas de pessoas que consideramos hipócritas, não devemos, por causa de sua hipocrisia, simplesmente desconsiderar tais críticas. Ao contrário, devemos examinar se a crítica tem fundamento. Deus às vezes usa pessoas com más intenções para comunicar algo verdadeiro a outros (Fp. 1:15-18).

Muitas vezes as pessoas não dão ouvidos a nenhuma crítica, com base na idéia de que ninguém é perfeito. De fato ninguém o é, mas isso não nos impede de às vezes estarmos corretos naquilo que afirmamos. As advertências bíblicas contra a hipocrisia não têm por objetivo nos paralisar no que diz respeito a expressar discordância com outros, mas sim nos alertar para a importância de lidarmos com nossos próprios pecados.

O curioso é que aqueles que rejeitam *todo e qualquer* julgamento por parte de outros estão, eles mesmos, julgando as outras pessoas. Isto é, se eu digo a uma pessoa: “você está errado em julgar outros”, eu estou julgando essa pessoa! Para evitar esse tipo de dilema, eu poderia abrandar meu argumento para algo como: “Eu pessoalmente não julgaria outros”. Nesse caso, porém, eu não teria uma base sólida para opor-me a outros que estão julgando. A verdade é que, de uma maneira ou de outra, todos nós consideramos erradas algumas coisas que outros fazem ou acreditam, e frequentemente expressamos tais críticas verbalmente.

(2) *Julgamentos Injustos*

Jesus disse: “Não julgueis pela aparência, e, sim, pela reta justiça” (Jo. 7:24). É evidente que Jesus não proibiu *todo* tipo de julgamento. O problema não é se julgamos ou não, mas *como* julgamos.

Que tipo de julgamento, então, Jesus proibiu? Ele proibiu o julgamento “pela aparência”. Ele não quis dizer que devemos ignorar evidências externas e julgar de acordo com alguma intuição mística. Nem tampouco quis dizer que devemos julgar buscando discernir o que realmente há no coração dos outros. O contraste não é entre fatos externos e intuições internas, mas entre aparência e realidade. Em resumo, Jesus nos proíbe julgamentos *superficiais*, que não penetram além da aparência quando buscam discernir a realidade. Tais julgamentos, obviamente, tendem a ser injustos.

Enquanto os julgamentos hipócritas podem ser ou não verdadeiros, os julgamentos *injustos* são *necessariamente falsos*. Eles são baseados numa má interpretação das aparências, e não podem julgar os fatos como eles realmente o são.

Como podemos evitar a má interpretação das aparências? É comum que haja situações nas quais somos mal-interpretados, e muitas vezes podemos *corrigir* tal julgamento. Isso acontece freqüentemente e demonstra que é possível que se façam julgamentos justos.

(3) *Julgamentos Presunçosos*

Há assuntos que nós, seres humanos, simplesmente não somos competentes para julgar. Não podemos, por exemplo, julgar se um determinado indivíduo vai ou não ser salvo. Esse tipo de julgamento é de competência exclusiva de Jesus Cristo, o Filho de Deus (Jo. 5:22-23; At. 17:31). Querer julgar nessa área é pura presunção. O poder da salvação e da destruição não é nosso; portanto, não temos o direito de nos fazer juízes do destino eterno dos outros (Tg. 4:11-12; 5:9).

Outro tipo de julgamento presunçoso é fazer de assuntos não essenciais o critério pelo qual decidimos com quem mantemos comunhão. Paulo especificamente nos adverte quanto a isso em referência a observâncias religiosas e restrições dietéticas (Rm. 14:1-23). Seria presunçoso da minha parte achar que todos os cristãos têm de concordar comigo em tudo.

Por outro lado, é claro que nem todo julgamento é presunçoso. O reconhecimento de que sempre há uma possibilidade real de que haja presunção não deve se tornar desculpa para que rejeitemos todo julgamento.

QUANDO É CERTO JULGAR

O que foi dito até agora nos dá uma idéia sobre que tipos de julgamentos são apropriados. Julgamentos que evitam hipocrisia, superficialidade e presunção são julgamentos válidos.

(1) *Julgando Entre a Verdade e o Erro, o Bem e o Mal.*

O Novo Testamento coloca clara ênfase no julgamento entre a verdade e o erro, e entre o bem e o mal. Isso deve ser feito, não somente ao nível individual, mas também pela igreja (Rm. 12:2, 9; 1 Co. 12:10; 14:29; 1 Ts. 5:19-22). Essas passagens enfatizam a necessidade de se discernir as revelações verdadeiras das falsas. Aqueles que se dizem profetas, que alegam falar sob a inspiração do Espírito Santo, devem ter seus ensinamentos testados pelos apóstolos e profetas das Escrituras, ou seja, pela Bíblia (At. 17:11; 2 Pe. 2:1; 3:2; 1 Jo 4:1-2; Ti. 17).

(2) *Julgando Pecadores Impenitentes na Igreja*

Tanto Jesus como Paulo ensinaram que aqueles que cometem pecados sérios, que violam a integridade da igreja, e que se recusam a se arrepender, devem ser excomungados,

ou seja, devem ser excluídos da comunhão cristã (Mt. 18:15-18; 1 Co. 5:9-13). A excomunhão não diz respeito ao julgamento de seu destino eterno. É uma ação disciplinar para com os impenitentes, e de manutenção da integridade da igreja. Em outras palavras, é saudável tanto para o pecador quanto para a igreja.

Note bem que isso é responsabilidade da igreja como um todo, e não de indivíduos isolados. Note também que Jesus ensina que tal julgamento deve ser feito através de um processo apropriado, e não de maneira arbitrária. Tal processo previne contra julgamentos superficiais.

(3) Julgando os Mestres de Versões Falsas do Cristianismo

Temos a obrigação não só de rejeitar revelações proféticas falsas e doutrinas falsas, mas também de rejeitar aqueles que as proclamam. A Bíblia é explícita nesse ponto (Rm. 16:17; Gl. 1:6-9; 2 Tm. 3:16-4:4; Tt 3:10-11). Falsos mestres têm de ser identificados, por nome se necessário (2 Tm. 2:7), e a igreja alertada para que não apóie seus ensinamentos.

Nossa falibilidade em tais julgamentos deve ser admitida, mas não nos escusa de nossa responsabilidade. Se eu tivesse, por exemplo, a errônea impressão de que uma pessoa estava a ponto de beber veneno, eu a alertaria. Eu não permitiria que a possibilidade de eu estar enganado me impedisse de avisá-la. Se a pessoa questionasse meu aviso, eu não desistiria; ao contrário, insistiria que ela examinasse o líquido para certificar-se. Tampouco o fato de eu não ser um químico me impediria de avisá-la. Até mesmo pessoas comuns podem entender a diferença entre água e veneno, se aprenderem os fatos básicos sobre cada um.

De maneira semelhante, é apropriado que alertemos a outros se a religião que estão “consumindo” é nociva à sua saúde espiritual. Antes que possamos fazer isso, é claro, temos que aprender a diferença entre o verdadeiro cristianismo e versões falsas da fé cristã.

Assim sendo, é mais do que necessário que alguns cristãos se concentrem no ministério de discernimento, fazendo esse tipo de julgamento e repassando suas conclusões à igreja. Do mesmo modo como precisamos de serviços de defesa do consumidor que nos alertem sobre produtos defeituosos no mercado, precisamos também de pessoas que possam nos alertar sobre as afirmações falsas feitas por várias doutrinas em circulação. Se esses especialistas cumprirem bem o seu papel, eles nos ensinarão a rejeitar o que é nocivo e aproveitar ao máximo o que é saudável. No que diz respeito à doutrina, ainda que alguns de nós possam ter dons mais aguçados do que outros, somos todos responsáveis pelo exercício do discernimento.

4. EVITANDO O DISCERNIMENTO DOUTRINÁRIO

A prática do discernimento doutrinário é grandemente desencorajada hoje em dia em alguns círculos supostamente cristãos. Há pessoas que criticam qualquer um que aplique testes doutrinários às crenças alheias. A razão, muitas vezes, é simples: sua doutrina não resiste à comparação com a doutrina bíblica.

É de se esperar que grupos religiosos que crêem em doutrinas completamente heréticas e que se dizem os únicos cristãos verdadeiros desencorajem pessoas de desenvolverem habilidades de discernir a sã doutrina. O que é assustador, porém, é encontrar muitas pessoas em círculos ortodoxos (i.e., de sã doutrina) lutando contra o exercício do discernimento doutrinário. Nesse capítulo consideraremos alguns dos argumentos usados para evitar o discernimento doutrinário.

“NÃO DIVIDA O CORPO DE CRISTO”

Sempre que os ensinamentos de uma pessoa supostamente cristã forem questionados ou criticados, pode-se ter certeza de que alguém reclamará que tal crítica divide o corpo de Cristo. O crítico é invariavelmente acusado de “semear contendas entre irmãos” (Pv. 6:19), de ser faccioso, de criar dissensão. Às vezes, tais acusações são até válidas.

De fato, em alguns casos aqueles que criticam os ensinamentos de outros estão simplesmente sendo contenciosos. Às vezes, as pessoas geram caos e confusão ao exagerarem as proporções de certas diferenças doutrinárias. Ser faccioso é um pecado do qual todos aqueles que buscam o discernimento doutrinário devem se guardar diligentemente.

Tendo dito isso, devemos lembrar que é manifesto que nem toda divisão é nociva. Vimos no capítulo 1 que os cristãos têm de se separar, no que diz respeito à religião, dos não-crentes. Esse é o primeiro passo. Se um grupo se forma dentro da igreja cristã e começa a ensinar doutrinas falsas, tão claramente contrárias à doutrina cristã que qualquer um que as siga mal possa ser considerado um cristão, a igreja tem a *responsabilidade* (e não somente o *direito*) de se separar de tal grupo. Se o erro for suficientemente sério, mesmo se as pessoas envolvidas em tais doutrinas forem cristãs, a igreja tem de defender a verdade doutrinária, e excluir tanto o erro quanto aqueles que insistem em ensiná-lo.

Em Romanos 16:17, Paulo escreve: “Rogo-vos, irmãos, que noteis bem aqueles que provocam divisões e escândalos *em desacordo com a doutrina que aprendestes*; afastai-vos deles”. Quem são, então, de acordo com Paulo, aqueles que causam divisões? São os que ensinam doutrinas falsas ou aqueles que os expõem? Obviamente, são aqueles que ensinam o erro. Aqueles que “soam o alarme” na igreja certamente não são os que causam divisão.

Suponhamos que numa determinada igreja há dois grupos de pessoas. O primeiro grupo adere às mesmas doutrinas que a igreja tem ensinado por décadas, desde que foi fundada. O segundo grupo segue doutrinas diferentes, que foram introduzidas por algum outro mestre. Suponha que essas duas doutrinas sejam radicalmente diferentes – a ponto de representarem duas idéias *incompatíveis* sobre o significado de ser cristão. Nesse caso, obviamente, *já existe* a divisão na igreja. Ela é inevitável. Esses dois grupos não podem trabalhar harmoniosamente, se forem consistentes em suas crenças. Se suas diferenças doutrinárias forem diferentes o bastante, terão duas noções *incompatíveis* do significado da oração, de modo que não poderão nem orar juntos.

Em uma situação como essa, não há mal em expor e admitir a divisão, visto que ela já é fato consumado. *Admitir* que a divisão existe não é *causar* a divisão. Nem tampouco há nada de errado em cada grupo insistir que sua doutrina é correta e que a doutrina do outro grupo é falsa. Se suas doutrinas são incompatíveis, os dois grupos não podem ambos estar certos, no mesmo sentido e ao mesmo tempo.

Devemos ter cautela em não causar divisões sobre assuntos não essenciais. Por outro lado, união a qualquer preço não funciona. A “unidade da fé” tem de ser mantida de acordo com um bom conhecimento da doutrina cristã (Ef. 4:13-16). Muitas vezes aqueles que reclamam de divisões no corpo de Cristo dividem-no eles mesmos ao ensinarem falsas doutrinas.

“NÃO TOQUEIS NOS UNGIDOS DE DEUS”

Quando cristãos expressam preocupação com relação a doutrinas ensinadas por pregadores que se dizem cristãos, frequentemente ouvimos o protesto: “não toqueis nos ungidos de Deus”. Duas passagens da Bíblia relatam o próprio Senhor dizendo “Não toqueis nos meus ungidos, nem maltrateis meus profetas” (1 Cr. 16:22; Sl. 105:15). Alguns pregadores modernos usam tais versículos para argumentar que ninguém, além de Deus, tem o direito de julgar ou criticar publicamente seus ensinamentos, pois se consideram os “ungidos de Deus”.

Como devemos entender tal alegação? As passagens bíblicas devem ser nosso ponto de partida. No contexto, os “ungidos” são, quase certamente, os patriarcas – Abraão, Isaque e Jacó (1 Cr. 16:15-21; Sl. 105:6-14). A razão pela qual eles são chamados de “ungidos” não é clara. Aparentemente o termo “ungido” é nesse caso usado mais ou menos como um sinônimo de “profetas” na frase seguinte. Apesar desse uso ser raro na Bíblia, ele é encontrado em 1 Rs 19:16b e em Is. 61:1. Ele se encaixa também no contexto, porque a ênfase dessas passagens é que os patriarcas exerceram uma função única e especial, sendo os instrumentos pelos quais a palavra de Deus, a aliança, veio para formar o povo de Israel.

Por outro lado, é evidente que os patriarcas eram *mais do que* profetas. Eram homens aos quais foi prometido que seus descendentes incluiriam reis, e que reinariam na terra de Canaã (Sl. 105:11; Gn. 17:6, 16; 35:11). Isso é consistente com o fato de que quando o Antigo Testamento fala dos “ungidos” de Deus, quase sempre se refere aos reis (e.g. 1 Sm. 2:10, 35; 2 Sm. 1:14, 16; Sl. 2:2; 89:38, 51; Dn. 9:25, 26; cf. 1 Sm. 16:12, 13; 1 Cr. 11:3; 14:8; 29:22; Is. 45:1).

Em todo caso, os “ungidos” que Deus manda que não sejam “tocados” não eram simplesmente pregadores, evangelistas ou líderes religiosos. Eles eram figuras singulares na história de Israel, investidos de autoridade e significância profética.

Hoje em dia, alguns se dizem profetas, porta-vozes especiais de Deus através dos quais Ele se comunica conosco em nossos dias. Mas alguns citam “não toqueis nos meus ungidos” e erroneamente aplicam o conceito a qualquer um que considerem um ministro ou pregador com algum dom espiritual. Tal aplicação é claramente contrária ao sentido do texto.

Outro aspecto relevante é que a proibição de Deus foi de que reis pagãos matassem ou maltratassem os “ungidos” de Deus. Ele não proibiu que as pessoas criticassem seus ungidos. Por exemplo, em Gênesis 20:7 Deus mandou Abimeleque, rei de Gerar, devolver Sara a Abraão, “pois ele é profeta”. Ainda assim, isso não impediu que Abimeleque questionasse a mentira de Abraão (vs. 9-10). Uma coisa é fisicamente atacar os ungidos de Deus; outra coisa é criticá-los quando erram. Até mesmo os profetas bíblicos verdadeiros, quando não estavam falando profeticamente, podiam se enganar (e.g. 2 Sm. 7:3, cf. vs. 4-17).

Ainda que não devamos rejeitar os profetas de Deus, isso não nos exime da responsabilidade de determinar *quem realmente são* os verdadeiros profetas de Deus. Nem todos que hoje se dizem profetas de Deus realmente o são, até porque eles freqüentemente se contradizem. Se alguém se diz profeta de Deus e ensina falsas doutrinas, ou proclama falsas profecias, temos todo o direito de rejeitá-lo – de fato, temos o *dever* de rejeitá-lo (Dt. 13:1-5; 18:20-22).

No Novo Testamento, o Ungido de Deus é Jesus Cristo – o qual é Profeta, Sacerdote e Rei por excelência. Todos que estão unidos a Cristo pelo seu Espírito são, nesse sentido,

“ungidos” (2 Cor. 1:21). Assim sendo, não precisamos de pregadores “ungidos” com revelações secretas de sabedoria, alegando terem autoridade especial e exigindo nossa confiança (1 Jo 2:20; 27).

O ponto principal é: o Novo Testamento nos instrui explicitamente a censurar falsos mestres na Igreja (Rm. 16:17; 1 Tm. 1:3; Tt. 1:11; 3:10-11). Logo, ninguém tem o direito de se defender com a alegação de ser “ungido de Deus”. Se alguém estiver ensinando falsa doutrina, isso é prova de que de maneira nenhuma é ungido de Deus.

“EXAMINE OS FRUTOS”

Podemos determinar se alguém é um verdadeiro ou falso mestre com base em seus ensinamentos. Ainda que isso pareça óbvio, muitos discordam. Alguns cristãos hoje em dia crêem que mestres e ministros do evangelho devem ser avaliados pelo “fruto” de seu ministério, e não por uma comparação de sua doutrina com a doutrina da Bíblia.

Primeiramente – e isso provavelmente já é evidente ao leitor – a *alegação* de que a doutrina deve ser avaliada somente por seu fruto é, em si mesma, uma doutrina. Assim sendo, temos que decidir se essa doutrina é correta antes que possamos aplicá-la com confiança a outras doutrinas e àqueles que as ensinam.

A base bíblica desse ensinamento é bem conhecida. O próprio Jesus disse que os conheceríamos “pelos seus frutos (...) não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir bons frutos (...) assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis” (Mt. 7:15-20).

Semelhantemente às duas objeções anteriores, essa também é bíblicamente louvável. Obviamente, se o próprio Jesus disse que podemos reconhecer falsos profetas por seus frutos, esse é um teste válido.

O problema é que alguns usam essa passagem como desculpa para evitar que outros avaliem seus ensinamentos. Afinal, há outras passagens na Bíblia que instruem os cristãos a aplicarem testes *doutrinários* àqueles que se dizem mestres cristãos (e.g., 1 Jo. 4:1-2). Jesus, então, não disse que a doutrina não deva ser usada para avaliar as alegações daqueles que se dizem profetas. Ao contrário, o que ele ensina é que examinar os frutos do ministério de alguém é *uma* das maneiras pelas quais estimamos sua validade.

Um dos maus frutos da doutrina falsa é que ela divide cristãos. Isso não é, repito, culpa daqueles que criticam a falsa doutrina, e sim daqueles que a ensinam. Colocar a culpa naqueles que fazem objeção à falsa doutrina é certamente um raciocínio errôneo!

Algumas das próprias alegações feitas por grupos que seguem falsas doutrinas (por exemplo, de que eles produzem “bons frutos”), devem ser submetidas ao discernimento. Por exemplo, todos os grupos religiosos alegam que seus seguidores crescem em amor, felicidade, e auto-realização. O problema é que tais alegações são altamente subjetivas. Não há dúvida de que, para muitas pessoas infelizes, qualquer tipo de comunidade estruturada, unida no compromisso a uma causa comum, pode criar tais sentimentos. Note bem que eu não estou negando que o verdadeiro cristianismo oferece algo único nesse sentido. Meu argumento é que o amor, a felicidade, e a auto-realização podem ser vistos, num nível natural e meramente humano, naqueles que não são cristãos; isso não deve ser confundido, porém, com os benefícios *eternos* que provêm do conhecimento do verdadeiro Jesus Cristo.

De maneira semelhante, alguns grupos que crêem em falsa doutrina alegam que suas crenças são verdadeiras porque eles têm visto milagres em seu meio, especialmente curas. Infelizmente, a Bíblia explicitamente nos avisa que falsos líderes religiosos poderão, em alguns casos, produzir falsos sinais e prodígios (Mt. 24:24; 2 Ts. 2:9). O Antigo Testamento nos mostra que Deus às vezes permitia que um falso profeta operasse falsos sinais e prodígios, com o objetivo de testar se o povo estava mais interessado nos sinais do que no verdadeiro Deus (Dt. 13:1-5). Assim sendo, não podemos supor que milagres são prova de que um determinado ensinamento é de Deus.

Ao afirmar que falsos mestres podem operar alguns aparentes milagres, não quero dizer que todo suposto milagre ligado a doutrinas falsas seja demoníaco. Não é sempre que podemos dizer se uma ocorrência aparentemente sobrenatural, ligada a falsas doutrinas, é genuína (e, nesse caso, ela é certamente demoníaca) ou não. Milagres falsos podem ser truques executados por charlatães ou podem ser até verdadeiras curas resultantes de causas psicossomáticas. Há ainda a possibilidade de que Deus possa curar alguém que tenha sido exposto à falsa doutrina – uma pessoa, talvez, que não tenha entendido a significância da falsa doutrina e tenha depositado sua fé no verdadeiro Deus e em seu poder. Não é crucial que possamos sempre determinar qual é o caso. O importante é que não cometamos o erro de pensar que a ocorrência de aparentes milagres estampa um selo de aprovação divina em tudo que é ensinado pelo líder religioso em questão.

“NÃO CITE NOMES”

Há líderes cristãos que estão dispostos a permitirem críticas a algumas doutrinas, contanto que os que ensinam tais doutrinas não sejam identificados. A idéia que têm é que discordâncias sobre doutrinas não dividem, mas a identificação de alguém que as ensine como falso mestre, sim.

Note que esse argumento supõe que é errado “dividir” a Igreja por causa de assuntos doutrinários. A verdade, entretanto, é que se um ensinamento for suficientemente errôneo para ser rejeitado pela Igreja, ele é nocivo o bastante para que aqueles que nele insistam sejam identificados e expostos.

O exemplo do apóstolo Paulo é instrutivo. Em alguns casos ele decidiu não mencionar o nome dos falsos mestres (e.g. 1 Tm. 1:3). Contudo, em outros casos, ele explicitamente menciona seus nomes. Por exemplo, em uma epístola ele menciona Himeneu e Alexandre (1 Tm. 1:20) e em outra ele novamente cita Himeneu, além de Fileto (2 Tm. 2:17). Evidentemente, não há nada de errado em citar os nomes de falsos mestres.

Uma razão pela qual citar nomes pode ser importante é que, se falsas doutrinas forem tratadas de maneira muito geral, as pessoas freqüentemente negarão que seus mestres são responsáveis por tais doutrinas. Em muitos casos, as pessoas não acreditarão que seus mestres favoritos estejam envolvidos em falsa doutrina, a não ser que citações explícitas de seus materiais didáticos ou sermões sejam apresentados, documentando tais erros.

Se alguém é um falso mestre impenitente, temos de ir além de apenas rejeitar suas falsas doutrinas. Temos que nos separar de tal pessoa. “Evita o homem faccioso, depois de admoestá-lo primeira e segunda vez, pois sabes que tal pessoa está pervertida e vive pecando, e por si mesma está condenada” (Tt. 3:10-11). Essas são palavras até duras, mas são palavras inspiradas por Deus. Aquele que cria facções por ensinar falsas doutrinas tem de ser rejeitado. Para que tal rejeição seja consistente na Igreja, o falso mestre tem de ser publicamente identificado.

“NEM TODO MUNDO É UM TEÓLOGO”

Alguns, ao se depararem com críticas direcionadas a mestres na Igreja, simplesmente as rejeitam, alegando que os mestres em questão não são nem se dizem teólogos. Tais pessoas argumentam que os críticos impõem um padrão injusto a tais mestres. “Afinal”, dizem, “esses mestres foram chamados a um determinado ministério que não é o ensinamento da teologia ou da doutrina”. Tais mestres talvez sejam evangelistas ou pastores; talvez seus dons mais notórios sejam de motivar pessoas, ou liderar o povo de Cristo; curas podem estar acontecendo em seus ministérios; suas personalidades talvez sejam simples e dinâmicas, não tendo os benefícios de uma educação teológica formal, ainda que sintam um chamado especial para o ministério. O ministério de tais pessoas, alguns concluem, não deve ser julgado com base em considerações teológicas.

Tais observações contêm alguns elementos de verdade. Nem todos são teólogos treinados, capazes de fazer todo tipo de distinções e qualificações que teólogos consideram importantes. Seria injusto esperar que todos os envolvidos no ministério sejam capazes de ensinar detalhadamente todas as minúcias doutrinárias ou discutir aspectos gramáticos sutis do grego do Novo Testamento. O problema é que alguns estão ensinando doutrina e teologia *num nível além de sua competência*. Se uma pessoa tem um chamado de Deus para evangelizar, e não para ensinar doutrina, ela não deve ensinar doutrina. Se uma pessoa se aventura em assuntos teológicos e, ao fazê-lo, ensina falsa doutrina, ela deve ser considerada responsável por tais erros.

Há não somente diferentes tipos de ministério, mas também diferentes tipos de mestres. Alguns têm o dom de ensinar sobre como construir uma família ou um casamento cristão saudável. Outros têm o dom de ensinar sobre como levar outros à fé em Cristo. Outros têm o dom de ensinar sobre a doutrina cristã. Alguns mestres, ainda que sejam raros, têm o dom de ensinar em mais de uma dessas áreas. Não há nada de errado em alguém que não tenha treinamento formal em teologia ensinar sobre casamento e família. O problema ocorre quando tal pessoa se aventura a ensinar teologia, e acaba ensinando falsa doutrina.

Tiago 3:1 diz, “Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo”. Uma coisa é expressar opiniões equivocadas sobre assuntos teológicos num círculo informal; outra coisa é se apresentar ao corpo de Cristo como um mestre e então cometer o mesmo tipo de erro. Especialmente se alguém escreve um livro, ou distribui fitas cassete de seus sermões, ou publica panfletos contendo ensinamentos teológicos – se esta pessoa estiver ensinando falsas doutrinas, ela tem de ser considerada responsável por seus erros e arcar com as conseqüências.

Em alguns casos, um mestre que normalmente é sã em suas doutrinas pode exprimir uma opinião doutrinária falsa por falta de conhecimento e, uma vez confrontado, corrigirá seu erro com prazer. Tal pessoa não deve ser criticada, nem taxada de herege ou falso mestre. Por outro lado, falta de conhecimento não é desculpa para *persistência* no ensinamento da falsa doutrina. A pessoa que, ao ser confrontada, se recusa a corrigir seu erro, não pode legitimamente se eximir do erro, com a desculpa de que não é um teólogo. O mesmo vale para os que repetidamente ensinam erros doutrinários.

Pedro nos avisa sobre aqueles que são “ignorantes e instáveis”, os quais deturpam as Escrituras “para a própria destruição deles” (2 Pe. 3:16). O fato de que são “ignorantes” não é desculpa. Da mesma maneira, Paulo nos avisa sobre aqueles que estão “pretendendo passar por mestres da lei, não compreendendo, todavia, nem o que dizem, nem os assuntos sobre os quais fazem ousadas asseverações” (1 Tm. 1:7). A instrução que Paulo dá a Timóteo é que ele admoeste “certas pessoas a fim de que não ensinem outra doutrina” (1 Tm 1:3). Mais adiante na mesma epístola, Paulo diz que “Se alguém ensina outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, e com o ensino segundo a piedade, é enfatçado, *nada entende*” (1 Tm. 6:3-4a). Ignorância não é desculpa para se continuar na falsa doutrina.

Podemos considerar a ignorância como sendo de dois tipos. Há a ignorância inocente daqueles que ainda estão aprendendo, que percebem que ainda têm muito a aprender, e que, por ainda não terem confiança, não tentam ensinar a outros em assuntos nos quais ainda são ignorantes. Tal ignorância pode ser corrigida, e, ainda que continue, não causará nenhum dano; não é culpável. Por outro lado, há a ignorância culpável daqueles que se recusam a aprender a verdade, pensando que já sabem tudo que se deva saber sobre o assunto, e que têm total confiança em ensinar outros sobre assuntos sobre os quais são ignorantes.

Há ainda um outro ângulo pelo qual podemos entender essa objeção. Desculpar a falsa doutrina baseando-se nos bons resultados do ministério do falso mestre nada mais é do que outra versão da objeção dos “bons frutos”. Assim como devemos examinar os frutos, devemos também examinar as raízes.

É impressionante que falsos mestres na Igreja sejam protegidos por seus seguidores com a desculpa de que falta conhecimento a tais líderes. Seria de se esperar que se os cristãos percebessem que determinados mestres de doutrina tivessem conhecimento doutrinário defeituoso ou limitado, que tais cristãos procurariam então aprender doutrina com outros mestres mais qualificados. Em muitos casos, tais mestres não alegam ter falta de conhecimento, mas sim que recebem conhecimento doutrinário e até mesmo revelações de doutrinas que a Igreja supostamente perdeu há vários séculos. Em tais casos, a desculpa de não são teólogos se torna ainda mais inaceitável.

“EVITE CONTENDA DE PALAVRAS”

Outra objeção ao discernimento doutrinário é que ele nada mais é do que “contenda de palavras”. A expressão se refere a 2 Tm. 2:14, onde Paulo diz a Timóteo que instrua o povo “para que evitem contendas de palavras que para nada aproveitam, exceto para a subversão dos ouvintes”. Alguns argumentam, assim, que qualquer crítica a doutrinas de seus mestres, e em particular qualquer crítica dirigida ao uso de certas palavras, deve ser ignorada por ser mera contenda de palavras.

É verdade que muitas disputas doutrinárias podem ser justamente caracterizadas como mera contenda de palavras. Mas de maneira alguma se pode imaginar que *toda* disputa doutrinária possa ser caracterizada dessa maneira. Na mesma epístola em que Paulo adverte Timóteo contra a contenda de palavras, Paulo também ordena: “Mantém o padrão das sãs palavras que de mim ouviste” (2 Tm. 1:13). Paulo obviamente contava com Timóteo para defender a verdade de sua doutrina contra os falsos ensinamentos de falsos mestres.

Imediatamente após advertir Timóteo contra a contenda de palavras, Paulo o instrui a apresentar-se a Deus como um obreiro “que maneja bem a palavra da verdade”, e a evitar os “falatórios inúteis e profanos” (2:15-16). Paulo então menciona Himeneu e Fileto, que “se desviaram da verdade, asseverando que a ressurreição já se realizou, e estão pervertendo a fé a alguns” (2:17-18). Vemos, assim, que neste caso a disputa era com respeito à palavra *ressurreição* e seu significado. A disputa pelo entendimento bíblico sobre a ressurreição certamente não é mera “contenda de palavras”.

Ironicamente, quando o significado ou uso de certa palavra é controvertido, quase sempre isso é resultado da redefinição feita por falsos mestres de palavras comumente usadas na doutrina cristã. Tipicamente, eles argumentam que a Igreja tem entendido erroneamente o significado da palavra ou conceito em questão, e que eles agora estão restaurando o verdadeiro significado. Quando, porém, são desafiados a defender sua tese, eles se negam, com a desculpa de que isso é mera “contenda de palavras”.

“ISSO NÃO AFETA SUA SALVAÇÃO”

A objeção final ao discernimento doutrinário é a seguinte: Se alguém acreditar numa doutrina que não afetará sua salvação (ou seja, se for possível aceitar tal doutrina e ainda ser salvo) então por que deve tal doutrina ser rejeitada? Em outras palavras: Se os cristãos podem discordar sobre um certo assunto doutrinário e ainda serem cristãos, então não vale a pena criar divisões sobre tal assunto.

Esta objeção supõe o que podemos chamar de um método *minimalista* de discernimento doutrinário. Aqueles que adotam esse método concordam que há de se manter certos padrões doutrinários. Querem, porém, impor sérias restrições a tais padrões. Mais especificamente, querem que tais padrões não incluam nada sobre o que se possa discordar e ainda ser salvo.

Esse método minimalista pode parecer razoável a princípio, mas se baseia numa premissa falsa. A premissa, ou suposição do argumento, é que *qualquer pessoa salva tem de ser considerada como um membro ativo na Igreja de Jesus Cristo*. Tal suposição pode ser

biblicamente refutada. Por exemplo, ainda que seja possível que alguém que nunca foi batizado seja salvo, tal pessoa não pode ser considerada como cristão *praticante*. O Novo Testamento presume que todo cristão é batizado (Mt. 28:19; At. 2:38; 1 Co. 12:13). Por outro lado, um cristão professo que esteja envolvido em grave pecado e não tenha se arrependido, deve ser disciplinado e removido da igreja – ainda que a pessoa possa ser salva (1 Co. 5:1-13). Semelhantemente, cristãos que persistem em promover falsa doutrina têm de ser silenciados e, se necessário, removidos da igreja, ainda que possam ser crentes genuínos (Tt. 1:10-11; 3:10-11).

Lembre-se de que não estamos procurando determinar quem é salvo ou não. Fazer tal julgamento competentemente é algo além de nossa capacidade. Nossa responsabilidade, como igreja, é de sermos fiéis à verdade e aos padrões de Deus revelados nas Escrituras. Se alguém se recusa a reconhecer tal verdade e padrões a ponto de contradizer o ensino bíblico da igreja, esta pessoa de fato se aliena da igreja. Não há nada nocivo ou faccioso em se reconhecer isso publicamente. Há, por outro lado, danos que resultam de se negligenciar o problema. Se a falsa doutrina for permitida sem correção, ela pode ganhar um maior número de adeptos e conduzir a uma situação ainda mais facciosa mais tarde.

Se um padrão minimalista de doutrina é impraticável, que padrão deve ser usado? Que doutrinas têm de ser aceitas para que uma pessoa possa ser considerada como um membro regular da igreja de Cristo? A resposta a essa pergunta é o conteúdo do resto desse livro. O termo tradicional para se referir ao padrão correto de doutrina é *ortodoxia*. No próximo capítulo, examinaremos a melhor maneira de se definir esse termo, bem como o seu oposto, a heresia.

5. DEFININDO ORTODOXIA E HERESIA

Até aqui tenho argumentado que devemos distinguir entre a verdade e o erro na doutrina. Examinaremos agora mais diretamente a questão da ortodoxia e da heresia. O que é doutrina ortodoxa? O que é doutrina herética? Qual a diferença?

MÉTODOS INADEQUADOS

Poderíamos simplesmente dizer que qualquer doutrina que é bíblica é ortodoxa, e qualquer doutrina que não é bíblica é herética. Isto, entretanto, é não somente simples, mas também demasiadamente *simplista*. Por exemplo, ao presumir que uma das teorias sobre o milênio é bíblica (e há pelo menos quatro delas), não podemos dizer que as outras, não sendo bíblicas, são heréticas. Há doutrinas que, ainda que em desacordo com a Bíblia, não estão tão longe do alvo que possam ser consideradas heréticas.

Outro método usado é o de medir as doutrinas pelas confissões doutrinárias de determinadas denominações. Não há problema nisso, contanto que esteja claro que o que se está determinando não é a ortodoxia, mas fidelidade confessional. Em outras palavras, se alguém pretende ser ordenado por uma determinada denominação, essa denominação tem todo o direito de requerer que o candidato concorde com suas doutrinas. Se o candidato discorda, por exemplo, com a posição da denominação com respeito a línguas ou predestinação, ele não deve procurar ordenação naquela denominação. Devido à atual diversidade de denominações, isso é normal.

Por outro lado, é lamentável que a Igreja tenha se permitido dividir por causa de questões não essenciais. Assim, adesão à confissão de uma determinada denominação não pode ser necessariamente um teste de ortodoxia cristã. É claro que alguns dos pontos doutrinários defendidos por uma denominação podem ser básicos à ortodoxia (e.g., a confissão da divindade de Jesus Cristo). Neste caso, a confissão da denominação coincide com a ortodoxia.

Qual, então, deve ser nosso padrão de ortodoxia? Como dever ser determinado? Talvez a questão mais difícil seja: *Quem* determina esse padrão?

Eu não tenho nenhuma autoridade em particular para determinar por qual padrão a ortodoxia deve ser julgada. Não tenho nenhuma unção além daquela dada a todo cristão (1 Jo. 2:20; 27). Tampouco tenho autoridade apostólica ou profética. Não sou nem um ministro ordenado. Quem sou eu, então, para julgar quem é ou não ortodoxo? Quem sou eu para chamar alguém de herege?

Minha resposta a essas questões tem duas partes. Em primeiro lugar, *eu sou um cristão* e, como tal, tenho a responsabilidade de combater a heresia. Tenho também a responsabilidade, como parte da Igreja, de alertar outros acerca da falsa doutrina, como vimos no capítulo 3. Não teria como fazê-lo se não tivesse idéia do que é heresia.

Em segundo lugar, *eu sou um mestre*, chamado por Deus ao ministério de ensino da sã doutrina a meus irmãos em Cristo. Isso não me dá nenhuma autoridade especial, ou manto de sanção divina – e, portanto, não quero que ninguém suponha que tudo que digo, seja o que for, é a verdade infalível. Porém, o chamado que tenho implica que Deus me deu uma responsabilidade especial e, se eu for fiel, Ele me usará para guiar outros crentes a um entendimento mais completo e exato da verdade. Se eu *realmente* for fiel, aqueles que estão abertos à verdade de Deus saberão que o que digo é verdade – não porque *eu* o digo, mas simplesmente porque eu os terei guiado ao entendimento do que é, na verdade, a Palavra de Deus, a Bíblia.

BUSCANDO DEFINIÇÕES

O que é, então, a ortodoxia, e o que é a heresia? Em primeiro lugar, quero salientar que o termo *ortodoxia* não se encontra na Bíblia. Isso não significa que o conceito não é bíblico, mas que não podemos buscar a definição da palavra no texto bíblico.

O conceito de heresia se encontra na Bíblia na forma de divisões entre cristãos, mais especificamente com relação a doutrinas ou práticas que destroem a fé genuína, e que são dignas de condenação (e.g., 2 Pe. 2:1). No sentido mais amplo da palavra, ela pode significar as divisões vistas nas denominações modernas, ao passo que, no sentido mais estrito, ela se aplica a grupos que rejeitam as doutrinas cristãs básicas, e se separam da Igreja histórica em seus muitos aspectos. Nesse sentido mais exato, heresias podem, em princípio, aparecer dentro da Igreja. Deus chama os cristãos a se separarem daqueles que as abraçam.

Assim, podemos definir “heresia”, no sentido mais estrito, como *uma doutrina que diretamente se opõe aos pontos básicos da fé cristã, sendo, portanto, necessário que os verdadeiros cristãos se separem daqueles que a defendem*. Note que há uma importante distinção: uma “facção” ou heresia *no sentido mais amplo* diz respeito às lamentáveis divisões que separam cristãos entre si; eles devem fazer todo o possível para acabar com tais divisões (1 Co. 1:10). Entretanto, heresia *no sentido mais estrito* é uma divisão que separa os cristãos daqueles que não são cristãos (ou, no mínimo, daqueles cristãos que estão persistindo em grave erro), e os cristãos têm a responsabilidade de estabelecer um limite que impeça sua comunhão espiritual com aqueles que o ultrapassem. Isso não quer dizer que cristãos não devam demonstrar amor e compaixão genuínos, bem como respeito pessoal aos hereges; infelizmente, na história da Igreja, a palavra herege foi quase sempre usada como um termo de ódio.

Como devemos, então, definir “ortodoxia”? Da seguinte maneira: *ortodoxia é o corpo de doutrinas essenciais que devem ser adotadas por todos que queiram ser considerados cristãos*. De maneira simples, quaisquer ensinamentos e práticas religiosas que não são heréticos são ortodoxos, e vice-versa.

Note que não estamos afirmando aqui que todos os membros de igrejas que ensinam heresia estão perdidos. Isso seria tão falso quanto afirmar de que todos os membros de igrejas que ensinam doutrinas ortodoxas são salvos. Ao dizer que alguém é um herege, ou que está seguindo heresia, não pronunciamos julgamento com relação a sua alma eterna. O que afirmamos é que se tal pessoa seguir a heresia consistentemente, certamente se perderá. De maneira semelhante, ao afirmarmos que alguém é ortodoxo, não estamos afirmando que tal pessoa é um cristão verdadeiro e que possui segurança da vida eterna. O que afirmamos é que se essa pessoa seguir a doutrina ortodoxa como base de sua vida, depositando sua confiança em nada mais do que Cristo para sua justificação perante Deus, ela será salva.

6. PRETO NO BRANCO? NEM SEMPRE

Pode-se imaginar, a princípio, que o discernimento doutrinário seja um procedimento simples e direto para se determinar se uma doutrina é ortodoxa ou herética. Afinal de contas, já definimos a ortodoxia de maneira a cobrir todas as possibilidades. Aqueles que adotam uma doutrina em particular ou são considerados cristãos caso essa doutrina for ortodoxa, ou hereges caso ela for herética. Isso dá a impressão de que o método é “preto no branco”, julgando toda doutrina ou como totalmente ortodoxa, ou como totalmente herética. O discernimento doutrinário seria muito mais fácil e simples se esse fosse o caso, mas infelizmente o assunto é mais complicado.

”PRETO NO BRANCO” RESULTA EM CINZA

Uma determinada doutrina não pode ser adotada de maneira isolada de outras doutrinas; ela é sempre parte de um sistema ou uma cadeia de crenças adotadas por uma pessoa ou grupo. Tal sistema muitas vezes contém tanto doutrinas ortodoxas como doutrinas heréticas. Por exemplo, um grupo religioso pode crer que a Bíblia é a Palavra de Deus, que há um só Deus, que Jesus nasceu de uma virgem e ressuscitou dentre os mortos, e ainda assim negar a divindade de Jesus. O *sistema de crenças* de tal grupo é herético, ainda que contenha muitas *crenças* ortodoxas.

Ademais, geralmente as crenças heréticas de um grupo o levam a errar no entendimento e na aplicação até mesmo das crenças ortodoxas que adotam, porque as crenças num sistema tendem a ser interdependentes, afetando umas às outras.

Deste modo, uma das responsabilidades do discernimento doutrinário é descobrir quais crenças num sistema herético são realmente heréticas, e entender de que maneira as crenças que não são heréticas são mal interpretadas ou mal aplicadas pelo sistema herético que as contém.

”BRANCO NO PRETO” TAMBÉM RESULTA EM CINZA

O segundo tipo de complicação que podemos salientar é que as pessoas normalmente adotam crenças conflitantes. Por serem inconsistentes, as pessoas muitas vezes adotam crenças ortodoxas ao mesmo tempo em que adotam crenças que destroem ou contradizem suas crenças ortodoxas. A dificuldade nestes casos é avaliar se o sistema como um todo é ortodoxo ou não.

Por exemplo, hoje em dia muito cristãos professos dizem que acreditam em um só Deus, mas também crêem que seres humanos (normalmente cristãos) são “deuses” num determinado sentido. Essa contradição em *termos* pode ou não ser fruto de uma contradição real do *conteúdo* de suas crenças. A verdade é que grupos inteiramente diferentes podem ter concepções completamente diversas sobre a idéia de crentes serem “deuses”. Em alguns casos torna-se evidente que eles realmente não crêem na existência de um só Deus. Em outros casos, vê-se que estão usando a palavra “deuses” com relação a crentes num sentido figurativo, de maneira que sua crença em um só Deus não é comprometida. Existem ainda outros casos nos quais há uma incoerência real, o que torna difícil se evitar a conclusão de que o grupo em questão adota crenças contraditórias.

DOCTRINA ABERRANTE

Podem ser definidas como aberrantes aquelas doutrinas religiosas que são contraditórias às crenças ortodoxas de um grupo. A adoção de tais doutrinas é um problema

sério; aqueles que as adotam têm de ser considerados participantes de um pecado sério e tratados como tal. Mais especificamente, eles não devem ser autorizados a ensinar ou ministrar na igreja e, no caso de insistirem em disseminar tais crenças, devem ser excomungados.

A acusação de que as crenças de uma pessoa ou grupo são heréticas é muito séria e não pode ser feita facilmente. Num determinado nível, provavelmente toda crença incorreta contradiz doutrina ortodoxa. Entretanto, nos referimos aqui somente àquelas crenças falsas que causam sério dano à integridade da confissão ortodoxa da fé.

DOUTRINA ERRÔNEA

À primeira vista, pode-se imaginar que categorizar crenças como sendo ortodoxas, aberrantes, e heréticas seja suficiente. Realmente, se quiséssemos determinar somente o nível de ortodoxia, essas categorias seriam suficientes.

Há, porém, doutrinas disseminadas na Igreja que, ainda que não causem grande dano à ortodoxia, são tão defeituosas que merecem ser rejeitadas. Isso complica um pouco mais as coisas. Esse tipo de doutrina nem é sã, nem totalmente herética, nem é uma mistura de ortodoxia e heresia. Ela é simplesmente nociva.

O apóstolo Paulo alertou sobre esse tipo de doutrina. Ele disse a Timóteo que admoestasse “a certas pessoas a fim de que não ensinem outra doutrina, nem se ocupem com fábulas e genealogias sem fim que antes promovem discussões do que o serviço de Deus, na fé” (1 Tm. 1:3-4a). Tais doutrinas tinham de ser rejeitadas, não por levarem seus adeptos à destruição, mas porque geravam mera especulação e não promoviam o reino e os propósitos de Deus. Tais doutrinas produziam discussões ao invés do amor e da fé.

O discernimento doutrinário é necessário não somente para que determinemos se algumas doutrinas são aceitáveis ou não, mas para que possamos determinar quais doutrinas são proveitosas, ou seja, promovem o reino de Deus no mundo através da Igreja. Na escola da doutrina cristã, não é suficiente obter uma nota baixa para passarmos de ano. Devemos rejeitar as doutrinas pobres e estéreis e buscar as sãs e produtivas.

A Igreja hoje em dia está infestada não somente por heresias e aberrações, mas também por doutrinas que podemos comparar com certos tipos de alimentos. Por exemplo, frituras: elas não matam, a não ser que sejam a única coisa que uma pessoa come – nesse caso, os elementos nocivos à saúde, bem como a falta de nutrientes, eventualmente debilitarão a saúde. As frituras nem são boas para a saúde, nem são (normalmente) fatais.

Alguns exemplos dessas doutrinas seriam muito úteis, mas quero manter meu compromisso de não citar exemplos específicos, para que as pessoas possam aprender os princípios tratados aqui sem criar certos preconceitos. Permitam-me, então, inventar um exemplo (não posso garantir que ninguém acredite nessa minha invenção, mas nunca ouvi falar de ninguém que tenha tal crença!). Suponha que alguém acredite que cada livro do Antigo Testamento corresponda a um evento específico dos últimos dias. Nessa teoria, há trinta e nove eventos que têm de ocorrer antes que Cristo retorne, e esses trinta e nove eventos vão ocorrer na mesma seqüência dos livros que os representam. Tudo que temos de fazer, então, é descobrir quais eventos já ocorreram e quais ainda estão por ocorrer, para que possamos descobrir o que ainda deve acontecer antes da volta de Cristo. Suponha que tal teoria seja adotada como sendo a “chave” que abre o entendimento dos ensinamentos do Antigo Testamento.

Parece incrível, não? Mas por incrível que pareça, há muitos ensinamentos circulando na Igreja hoje em dia que se aproximam muito desse. Especulações sobre os eventos dos últimos dias constituem um alto percentual das “frituras” que se encontram Igreja de hoje. Pode-se perceber que não há nada *extremamente* nocivo nessa doutrina que usei como exemplo, mas ela também não tem nada de valor a oferecer. Em primeiro lugar, ela é falsa – eu mesmo a inventei. Ela não é a chave para o entendimento da estrutura do Antigo

Testamento. No mínimo, tal doutrina desviaria cristãos da busca do entendimento correto de como aplicar o Antigo Testamento em suas vidas.

O DISCERNIMENTO É UMA ARTE

O fenômeno das doutrinas que são “frituras” salienta a dificuldade em se exercer o discernimento doutrinário. Se as doutrinas podem ser de vários tipos, torna-se evidente que o discernimento doutrinário depende de julgamentos precisos. Normalmente entendemos o processo como se tivéssemos três ou quatro arquivos, cada um com sua etiqueta dizendo “ortodoxo”, “herético”, etc. e então decidíssemos em qual deles determinada doutrina deve ser colocada. Muitas vezes, o processo pode ser feito desta maneira. Em muitos casos, porém, o processo funciona mais como uma localização de doutrinas numa linha contínua. Num extremo estão as doutrinas que são claramente ortodoxas e, no outro, as doutrinas que são claramente heréticas. Na região mediana estão as doutrinas difíceis de se categorizar.

Devemos então desistir quando consideramos a complexidade do assunto? Devemos tratar com reserva todos aqueles que buscam fazer tais julgamentos? Não, porque já vimos que Deus nos manda exercer discernimento.

Em resumo, o discernimento doutrinário é um trabalho difícil. Ele requer sensibilidade, um sentido de proporção e equilíbrio, e um profundo entendimento do que é essencial ou não. O exercício do discernimento se assemelha mais com uma arte do que com a ciência aritmética. Novas aberrações e heresias estão constantemente surgindo, bem como novos entendimentos das verdades bíblicas – e o discernimento é necessário para que possamos diferenciá-los. Deste modo, o trabalho do discernimento doutrinário é uma necessidade constante na Igreja cristã.

Tendo demonstrado a necessidade do discernimento doutrinário, há muito que deve ser dito sobre como ele dever ser feito. Esta será a ênfase da parte II.

PARTE II

COMO EXERCER O DISCERNIMENTO DOUTRINÁRIO

7. PRINCÍPIOS PARA A IDENTIFICAÇÃO DA HERESIA

O discernimento da ortodoxia e da heresia deve ser feito com base em princípios sãos, os quais por sua vez devem ser baseados nos ensinamentos da Palavra de Deus. Podemos, então, salientar quatro princípios que a Igreja deve utilizar como instrumentos para a identificação da heresia. Ainda que estes princípios estejam sujeitos ao abuso, quando propriamente interpretados e aplicados eles são válidos e devem ser utilizados juntamente com o discernimento doutrinário.

O PRINCÍPIO DA AUTORIDADE BÍBLICA

De acordo com esse princípio, *somente a Bíblia é a Palavra escrita de Deus, e por isso é o único padrão infalível e definitivo em questões de controvérsia na Igreja*. Esse princípio vem das palavras do próprio Jesus, que ensinou que ainda que as tradições humanas e líderes religiosos sejam falíveis, as Escrituras são a infalível Palavra de Deus (Mt. 5:17-20; 15:3-9; 22:29; Jo. 10:35). Ser cristão significa, pelo menos, ser um seguidor de Jesus Cristo, e por isso, ninguém pode se dizer um cristão fiel e ao mesmo tempo rejeitar a autoridade única e especial da Bíblia.

O liberalismo nega completamente este princípio, porque quer aceitar somente as porções das Escrituras que lhe pareçam razoáveis. Por isso, o liberalismo deve ser rejeitado como apóstata pelos verdadeiros crentes de todas as tradições cristãs.

O princípio da autoridade bíblica é representado pelo lema histórico *Sola Scriptura*: em latim, “só a Escritura”. Isso significa que somente as Escrituras são a infalível expressão verbal dos pensamentos de Deus para a Igreja, até a volta de Cristo. Infelizmente, a doutrina de *Sola Scriptura* tem sido distorcida e erroneamente aplicada nos nossos dias. Permita-me explicar o que essa doutrina *não* significa

Primeiramente, esse princípio não deve ser interpretado como se significasse que a verdade pode ser encontrada *somente* nas Escrituras. Há muitas verdades – matemáticas, científicas, históricas, psicológicas, além de outras – que não são especificamente encontradas na Bíblia. Todas as verdades, se forem realmente verdades e não noções errôneas, têm de ser coerentes com a Bíblia. Muitas vezes, nosso conhecimento da Bíblia nos leva a corrigir noções errôneas sobre a história, ciência ou psicologia. Por outro lado, por vezes o avanço do nosso conhecimento nesses campos nos força a reexaminar e redefinir, ou até mesmo corrigir nosso *entendimento* da Bíblia. Isso aconteceu, por exemplo, quando Galileu provou que a terra gira ao redor do sol, noção que era contrária aos padrões de *interpretação* de Bíblia naquele tempo. A idéia de que toda verdade pertence a Deus é verdadeira, ainda que alguns às vezes aceitem como verdade teorias e especulações falsas.

Uma aplicação simplista do princípio da autoridade bíblica, que se recusa a permitir correções no nosso entendimento da Bíblia, é destrutiva de duas maneiras. Primeiro, ela divide cristãos, porque aqueles que estão abertos a toda verdade não se deixarão limitar por aqueles que estão fechados a tudo que não se encaixe nas suas interpretações da Bíblia. Segundo, ela dificulta o evangelismo, porque aqueles que não são cristãos e são inteligentes percebem que esse tipo de fundamentalismo cega seus seguidores a verdades testadas e provadas. Isso os desencoraja a considerar seriamente o cristianismo.

Em segundo lugar, o princípio de *Sola Scriptura* não significa que toda tradição é baseada numa falsidade. Tradições que não se encontram na Bíblia não são, somente por isso, falsas. Para que o sejam, é preciso demonstrar que elas *contradizem* a Bíblia. Se isso não for possível, então tais tradições devem ser avaliadas com base nas evidências históricas para sua autenticidade. Por exemplo, a Bíblia nunca identifica *explicitamente* os autores dos

quatro evangelhos. Porém, isso não invalida tradições de que eles foram escritos por Mateus, Marcos, Lucas e João.

Por outro lado, tradições que não podem ser sustentadas biblicamente não podem ser consideradas como objeto de crença obrigatória para os cristãos. Isto é, cristãos não podem ser forçados a aceitar tradições que não têm substância bíblica como dogmas. Essa é uma área na qual católicos e protestantes devem buscar maior diálogo.

Terceiro, o princípio de *Sola Scriptura* não deve ser interpretado como se proibisse o uso de palavras não encontradas na Bíblia para definir doutrinas bíblicas. Por exemplo, a idéia de que a Bíblia é um “cânon”, ou seja, uma regra de fé, é bíblica, ainda que a palavra “cânon” não se encontre na Bíblia. A idéia de que Deus é uma Trindade é verdadeira ainda que a palavra “Trindade” não se encontre na Bíblia.

Assim sendo, devemos salientar que deduções e inferências necessárias do conteúdo bíblico são tão normativas quanto as afirmações da Bíblia. Isto é, tudo que se pode *logicamente* deduzir do texto bíblico é tão verdadeiro e normativo quanto o próprio texto bíblico. Por exemplo, deduzimos que as afirmações bíblicas “Deus não é um homem” e “Deus é espírito” logicamente implicam a afirmação “Deus é imaterial” (ou seja, Deus não tem um corpo). Dessa forma, para que sejamos fiéis às Escrituras, temos de concordar que Deus é imaterial. Portanto, é perfeitamente válido que a Igreja requeira, como teste de ortodoxia, que os cristãos confessem que Deus é imaterial, ainda que essa afirmação não se encontre na Bíblia nessas mesmas palavras. Vale ressaltar que me refiro aqui à natureza eterna e divina de Deus, e isso não nega que Deus tenha se encarnado em Jesus Cristo.

O princípio da autoridade bíblica é fundamental para o entendimento correto dos outros princípios. Ainda que eu não afirme que uma pessoa, para ser considerada cristã, deva aceitar esse princípio da maneira como eu o defini (apesar de que uma rejeição *completa* da autoridade bíblica é heresia), estou convicto de que, para o são exercício do discernimento doutrinário, o princípio bíblico definido aqui é indispensável.

O PRINCÍPIO DO EVANGELHO

De acordo com esse princípio, *tudo aquilo que é contrário ao evangelho de Jesus Cristo deve ser rejeitado como heresia*. Esse princípio é baseado diretamente em passagens como Gálatas 1:6-9 e 1 Coríntios 15:1-4. O termo “evangelho” aqui não se refere à Bíblia como um todo, ou somente aos quatro evangelhos, mas à mensagem central de reconciliação dos seres humanos com Deus através da redenção em Cristo.

Esse princípio nos mostra que nem toda interpretação errônea ou desvio do ensinamento bíblico é igualmente destrutivo à autêntica fé cristã. Um entendimento defeituoso sobre a relação entre o milênio e a volta de Cristo, por exemplo, não é um erro tão sério quanto um entendimento defeituoso sobre a relação entre fé e obras. Negar que Jonas escapou vivo depois de passar três dias no ventre de um grande peixe não é erro tão sério quanto negar que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos no terceiro dia. Ainda que a seriedade de alguns erros possa ser debatida, o fato é que alguns erros são mais graves do que outros.

Por outro lado, esse princípio pode ser mal aplicado, quanto se trata o evangelho como sendo um “cânon dentro do cânon”, de maneira que algumas partes da Bíblia se tornam de maior autoridade do que outras. Ainda que possamos nos basear mais em epístolas como Efésios ou Romanos na nossa apresentação do evangelho, nosso entendimento do evangelho deve derivar da Bíblia como um todo. Alguns grupos aberrantes perderam isso de vista, e defendem que apenas uma parte da Bíblia – por exemplo, o livro de Atos – apresenta o evangelho da salvação. Um argumento desse tipo, além de contrário aos fatos (e.g., Paulo escreve sobre os fatos básicos do evangelho em 1 Co. 15:1-8), contradiz a unidade das Escrituras.

Além disso, até mesmo erros aparentemente insignificantes podem ser sintomáticos de crenças completamente heréticas. Por exemplo, ainda que variações no entendimento do

milênio sejam aceitáveis entre cristãos, outras versões devem ser consideradas heréticas, como a crença de que o milênio será um período no qual incrédulos serão ressuscitados e receberão uma segunda chance de serem salvos através das boas obras. Esta visão do milênio é claramente herética devido às suas implicações com relação à doutrina da salvação. A crença de que Jonas nunca foi engolido por um peixe, muito menos saiu vivo três dias depois, pode ser sintomática de uma rejeição de qualquer tipo de milagres. Por outro lado, há cristãos que crêem que Deus poderia perfeitamente ter operado tal milagre, mas que crêem que o livro de Jonas é uma parábola que não se deve ler como história. Pode ser que tal crença seja errônea, mas ela não é de maneira alguma anti-cristã da forma que é a rejeição de milagres.

Em conclusão, devemos salientar que nas denominações mais afetadas pelo liberalismo, o “evangelho” tem sido reinterpretado e diluído a ponto de não ser mais um evangelho bíblico. Assim sendo, os princípios do evangelho e da autoridade bíblica devem ser sempre aliados e não contrastados como nos meios liberais.

O PRINCÍPIO DOS CREDOS

De acordo com esse princípio, *os credos da Igreja una devem ser considerados expressões confiáveis das verdades que transmitem*. Deriva-se esse princípio do ensino bíblico de que a fé cristã foi uma vez por todas entregue aos santos (Jd. 3) e que as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja (Mt. 16:18). Essas passagens (cf. Mt. 28:20; Jo. 14:26; Ef. 4:11-16) demonstram que é inconcebível que a Igreja como um todo possa estabelecer como *normativo* o que é na verdade aberrante e herético.

Assim, os credos formulados pela Igreja una (antes que fosse dividida entre a Igreja Católica Romana, a Igreja Ortodoxa Grega e o protestantismo), e que são aceitos por todas as três ramificações do cristianismo, devem ser considerados padrões confiáveis pelos quais as heresias possam ser expostas. Credos como o Niceno e o de Calcedônia, por exemplo, que definem o Pai, o Filho e o Espírito Santo como sendo um só Deus em três pessoas (a Trindade), e Jesus Cristo como sendo ao mesmo tempo Deus e homem (a encarnação), expressaram, quando produzidos, a fé de todos os cristãos, e os mantiveram unidos contra todo tipo de heresia por séculos. Tais credos são então dignos de respeito e devem ser honrados como instrumentos para a identificação de heresias.

Note que não estou afirmando que os cristãos não possam eventualmente discordar com o uso de alguns termos nesses credos. Afinal, eles não são documentos infalíveis e divinamente inspirados. Também não quero dizer que as igrejas que preferem não usar tais credos, ou que colocam pouca importância em credos, devam ser consideradas heréticas. O que estou afirmando é que uma doutrina ou crença deve ser considerada herética se ela divergir da essência desses credos.

O PRINCÍPIO DA FÉ UNIVERSAL

De acordo com esse princípio, *toda doutrina que contradiz o que a Igreja como um todo (em todos os tempos e todos os lugares) considera como essencial à fé deve ser considerada herética*. Tal princípio também é derivado do ensino bíblico mencionado acima de que Deus guardará a Igreja, como um todo, da heresia.

Devemos salientar que esse princípio é uma generalização, e não um teste absoluto e definitivo. Digo isso porque ao me referir à Igreja como um “todo”, não me refiro a todo e qualquer indivíduo pertencente à Igreja, como se a dissensão de um ou poucos cristãos professos pudesse negar a universalidade de uma doutrina. O princípio se refere a tudo aquilo considerado essencial à fé pela grande maioria daqueles que são parte integrante da Igreja, em todas as suas denominações, e que aceitaram a fé definida pelo princípio dos credos.

O princípio da fé universal, propriamente entendido, pressupõe o princípio da autoridade bíblica. Quando nos referimos à “Igreja” em todos os tempos e em todos os

lugares, nos referimos à comunidade cristã que considera a Bíblia a norma suprema de fé. Estamos assim excluindo todos aqueles que negam a fé nas Escrituras como sendo a Palavra de Deus. A negação da autoridade bíblica suprema por grande parte do cristianismo tem ocorrido somente nos dois últimos séculos. Na maioria dos casos, as doutrinas da Trindade, da encarnação e da expiação têm sido rejeitadas da mesma forma. Tais segmentos do cristianismo devem ser considerados como apóstatas, já que se desviaram da fé.

Essas considerações são úteis para que possamos estabelecer mais precisamente nossa posição de que a “Igreja cristã histórica” delimita a ortodoxia. Ao usar tal expressão, devemos estar nos referindo à comunidade de fé, baseada na Bíblia, que tem existido através dos séculos. Os segmentos do cristianismo que introduziram novas revelações doutrinárias, ou que rejeitaram a autoridade bíblica, não são, nessa definição, parte da Igreja cristã histórica.

Em conclusão, note que nem tudo é crido pela maioria dos cristãos pode ser incluído no princípio da fé universal, mas só aquilo que a Igreja considera *essencial*. Em outras palavras, devemos distinguir entre as crenças que são essenciais e necessárias e aquelas que não o são. Por exemplo, durante os primeiros mil e quinhentos anos da história da Igreja, praticamente todos os cristãos criam que a terra era o centro físico do universo. Porém, isso de forma alguma faz de tal crença errônea parte da fé cristã universal. Nesse caso, o “princípio do evangelho” se torna útil para estabelecermos parâmetros para o princípio da fé universal.

8. O QUE É A DOCTRINA?

Já nos referimos tanto aqui à *doutrina* que pode parecer óbvio que sabemos exatamente a que nos referimos quando usamos o termo. Porém, uma reflexão sobre a natureza da doutrina será útil para nossa tarefa do discernimento doutrinário.

O bom entendimento da natureza da doutrina é essencial para que ela não seja supervalorizada, nem menosprezada. Estou convencido de que muitas divergências sobre a importância relativa de determinados assuntos doutrinários são consequência de um entendimento falho da natureza da doutrina. Tal natureza pode ser analisada sob três aspectos: (1) proposicional, (2) polêmico e (3) perspectivo.

A DOCTRINA É PROPOSICIONAL

Doutrina é a formulação da fé cristã em forma proposicional. Uma *proposição*, na nossa definição, é uma afirmação que faz uma declaração de fato. Uma proposição faz uma afirmação sobre a realidade.

Nem tudo na Bíblia é proposicional. A Bíblia contém vários tipos de sentenças, como por exemplo, perguntas e mandamentos. Além disso, grande parte da Bíblia é de um gênero literário não proposicional. Narrativas e poemas, por exemplo, geralmente não contêm muitas afirmações proposicionais diretas. O Antigo Testamento, como sabemos, é composto na maior parte por narrativas e poemas.

O reconhecimento de que a doutrina é somente *um dos modos* pelos quais a fé cristã pode ser expressa é fundamental para que possamos entender sua importância e limitações. Por outro lado, a doutrina controla e delimita nosso entendimento das expressões de fé não proposicionais. Por exemplo, ao interpretarmos a Bíblia, usamos as passagens mais explicitamente doutrinárias para interpretar as narrativas e poesias. Usamos Levítico e Deuteronômio para avaliar as ações dos reis em 1 e 2 Reis. Usamos as epístolas de Paulo e Pedro para que possamos entender o que são práticas normativas, e o que são ocorrências históricas únicas no livro de Atos. Fora da Bíblia, usamos a doutrina cristã como parâmetro para o uso de expressões semi-doutrinárias ou não doutrinárias – por exemplo, letras de músicas cristãs, hinos, etc. A doutrina é indispensável para que tais expressões artísticas da fé sigam padrões apropriados para as crenças e valores que disseminam.

Entretanto, as expressões proposicionais doutrinárias têm algumas limitações. Elas não podem expressar sentimentos tão bem quanto expressam idéias. Elas são mais úteis para a transmissão de verdades abstratas do que para narrar histórias. Recentemente, alguns teólogos têm se empenhado para que a Igreja enfatize mais a “teologia da narrativa” do que formulações sistemáticas e abstratas da doutrina. Uma ênfase renovada na narrativa de eventos bíblicos pode ser boa, contanto que não percamos de vista três princípios: (1) Os eventos da narrativa bíblica *realmente ocorreram*. (2) Os eventos são narrados com o propósito de nos revelar *verdades* sobre Deus e nosso relacionamento com Ele; essas verdades são mais que um simples relato dos eventos. (3) A Bíblia mistura narrativa e outras formas de comunicação não doutrinárias com *instrução doutrinária*, tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento.

A DOCTRINA É POLÊMICA

Ainda que a afirmação de que a doutrina é proposicional pareça completamente óbvia, a afirmação de que ela é polêmica pode gerar surpresa. Para muitos, tal afirmação pode dar a impressão de que a doutrina é puramente negativa e argumentativa. Afinal, não deve ela ser positiva, encorajadora e edificante? Por que tem ela de ser sempre polêmica?

Certamente, ao expressarmos nossas crenças cristãs, não temos de gerar polêmica sempre contra as crenças de outros. Além da doutrina, há opções alternativas, legítimas e indispensáveis para que expressemos nossa fé. Entretanto, ainda que possa parecer estranho, é importante que entendamos que a doutrina é fundamentalmente polêmica.

O que quero dizer? Primeiramente, a fé cristã é acima de tudo um relacionamento pessoal entre seres humanos (tanto individual como coletivamente) e Deus, revelado em Jesus Cristo. A fé cristã é a história da criação da raça humana por Deus, nossa rebelião contra Ele, e Sua misericordiosa obra de redenção que culminou na morte e ressurreição de Jesus Cristo. O propósito da formulação doutrinária, na qual são sistematizadas expressões formais das verdades da fé cristã, é *proteger a integridade dessa fé contra as distorções de tais verdades*. Ou seja, a sã doutrina é necessária devido à existência de má doutrina.

Isso pode ser constatado nas porções doutrinárias do Novo Testamento. Os evangelhos estão repletos de discursos nos quais Jesus refuta a má interpretação do Antigo Testamento por parte dos fariseus e escribas. Os ensinamentos de Jesus freqüentemente corrigiam os entendimentos errôneos do significado de seus milagres. Paulo, também, freqüentemente combatia falsos ensinamentos em todo tipo de assunto, como circuncisão, sexo e a ressurreição. A epístola aos Hebreus, as epístolas de Pedro, as epístolas de João, de Judas, todas lidam polemicamente com erros de todo tipo.

A presença da polêmica, espalhada por todas as porções doutrinárias do Novo e do Antigo Testamento, nos serve como lição importante. Os cristãos que atacam versões falsas ou distorcidas da doutrina cristã estão simplesmente seguindo o exemplo bíblico. A preocupação com a precisão doutrinária e a oposição à falsa doutrina são marcas do cristão bíblico. A idéia de que expressões negativas de doutrina são um detrimento ao amor e à edificação simplesmente não é bíblica.

Outra importante lição é que se a doutrina cristã pode parecer complicada, normalmente o nível técnico de uma determinada doutrina é resultado dessa doutrina ter sido consideravelmente atacada. Por exemplo, afirmações cuidadosas e precisas sobre a divindade de Cristo se tornam necessárias quando pessoas que se dizem cristãs negam ou distorcem essa verdade. Quando tais negações são refutadas por teólogos cristãos cujas formulações ortodoxas se tornam conhecidas pela Igreja, outras negações mais sutis normalmente aparecem. Essas, por sua vez, requerem refutações novas e mais precisas. Esse ciclo tem se repetido por muitas vezes através dos séculos. É por isso que algumas controvérsias na Igreja de hoje parecem ser sobre detalhes não importantes, ainda que esse não seja o caso.

Ainda que as heresias tendam a se tornarem cada vez mais sutis, as questões essenciais nunca se tornam muito difíceis para que o cristão comum as entenda. Eu nunca me deparei com um ensinamento herético que não pudesse ser claramente demonstrado a qualquer cristão como sendo errôneo e destrutivo à autêntica fé cristã. Os aspectos filosóficos e os pontos interpretativos mais precisos podem ser às vezes menos claros para os leigos, mas não os erros básicos teológicos, espirituais e éticos.

A DOCTRINA É PERSPECTIVA

O terceiro aspecto a ser ressaltado é que a doutrina é perspectiva. Refiro-me aqui ao fato de que, apesar de a verdade ser única e absoluta, nosso entendimento humano e nossa expressão doutrinária de fé são sempre parciais e incompletos – e *nesse sentido* ela pode até mesmo ser chamada de “relativa”. Note que isso não é *relativismo*. O relativismo diz que a *verdade* é relativa. A perspectiva a que me refiro diz que a verdade é absoluta, mas nosso *conhecimento* da verdade é sempre relativo, ou seja, ele é sempre o *nosso* conhecimento, o nosso ponto de vista, que faz parte do contexto de nossas experiências e oportunidades de aquisição de conhecimento.

Além disso, a doutrina é perspectiva porque faz uso da linguagem, que, pela sua própria natureza, não nos pode prover com o entendimento completo da verdade. A

linguagem doutrinária pode ser verdadeira e expressar verdade absoluta; isso ocorre, por exemplo, em todo o uso da linguagem na própria Bíblia. Porém, nenhuma linguagem doutrinária, até mesmo a que se encontra na Bíblia, abrange a verdade de forma *completa*. A Bíblia apenas comunica a verdade e nos comunica tudo que precisamos saber para que vivamos de acordo com a vontade de Deus; mas ela não nos diz toda a verdade sobre tudo, nem mesmo sobre os assuntos que abrange. Por exemplo, a Bíblia nos diz muito sobre os fatos históricos do nascimento de Jesus, mas não nos dá uma data precisa.

Desse modo, não podemos esperar que nossas formulações doutrinárias humanas e falíveis possam representar a “verdade completa” sobre qualquer assunto. O que um credo ou confissão diz a respeito da Trindade, por exemplo, pode ser totalmente verdadeiro, mas isso não quer dizer que não há nada mais a ser dito sobre a Trindade. Sempre teremos de enriquecer a doutrina da Trindade à medida que cada nova geração apresenta novas questões sobre ela, ou talvez as mesmas questões, mas em outras palavras.

As implicações da doutrina como sendo perspectiva são muito importantes. Sempre há mais que possa ser dito sobre um determinado assunto doutrinário e as mesmas verdades sempre podem ser reformuladas em outras palavras. Portanto, nem toda controvérsia doutrinária é uma simples questão de quem está certo ou errado. Às vezes, os dois lados de uma disputa podem estar certos, sendo que podem estar usando palavras diferentes para expressar a mesma verdade. Talvez, ainda, os dois lados possam estar parcialmente certos e parcialmente errados. Neste caso, os dois lados podem e devem aprender um com o outro.

Desta forma, não podemos concluir que uma pessoa ou grupo é herético *simplesmente* porque expressam suas crenças com palavras um pouco diferentes. Por outro lado, também não podemos concluir que são ortodoxos porque usam as mesmas palavras, sendo que podem querer dizer algo diferente com elas.

Além disso, até mesmo quando estamos convencidos que alguns estão ensinando um erro, podemos procurar aprender com eles. Qual aspecto da doutrina cristã eles estão explorando? Talvez possa haver um aspecto da verdade bíblica que os ortodoxos estejam ignorando. Talvez os ortodoxos não tenham adequadamente explicado a doutrina ortodoxa, em vista de algumas descobertas científicas ou avanços tecnológicos. Se os hereges distorcem a doutrina ortodoxa ao tentarem se relacionar com a cultura moderna, devemos expressar nossa discordância. Ao mesmo tempo, devemos notar seus esforços como sendo sinais de que nós, ortodoxos, temos trabalho intelectual a fazer.

Deus é soberano. Ele está no controle até mesmo dos hereges. Isso não significa que permitiremos que eles ensinem falsa doutrina sem a nossa oposição e resistência. Significa, porém, que não podemos simplesmente colocá-los para fora da Igreja sem uma tentativa de diálogo. Se, após a tentativa de dialogar, eles se recusarem a se arrepender de seus erros, teremos então de nos separar deles. Mas se estivermos verdadeiramente abertos a tudo que Deus tiver para nos ensinar, teremos aprendido algo com eles. De fato, Deus tem usado os hereges, através da história cristã, para forçar a Igreja a alcançar maior maturidade doutrinária. Devemos ser gratos por isso, do mesmo modo que podemos ser gratos pelo fato de que Deus pode usar o mal para fazer o bem (Gn. 50:20) e de que Ele trabalha em todas as coisas para o bem daqueles que O amam (Rm. 8:28).

9. TIPOS DE DOCTRINA HERÉTICA

Aplicando o princípio da autoridade bíblica, examinaremos agora a Bíblia. Que tipos de doutrina herética são discutidos na Bíblia? Contra que doutrinas heréticas a Bíblia nos adverte? A Bíblia freqüentemente faz referência a falsas doutrinas e é quase sempre dentro de um contexto de refutação da heresia que as Escrituras apresentam seu material doutrinário.

O Antigo Testamento contém sérias advertências contra aqueles que profetizam ou proclamam ensinamentos no nome de qualquer deus que não seja o SENHOR (Dt. 13:1-5; 18:20-22). Esse é o contexto das instruções com relação à heresia no Novo Testamento. Nele há avisos sobre falsos profetas (Mt. 24:11, 24; 2 Pe. 2:1) – ou seja, aqueles que fazem predições falsas no nome de Deus (cf. Dt. 18:22). Há também avisos sobre falsos apóstolos (2 Co. 11:13). Há advertências sobre aqueles que alegam ser Cristo, ou que alegam que Cristo já retornou, ou que o dia do Senhor já tenha vindo, ou que a ressurreição já tenha ocorrido – porque tais eventos serão tão óbvios que não passarão despercebidos a ninguém (Mt. 24:5, 23-27; 2 Ts. 2:1-2; 2 Tm. 2:16-18). Há ainda avisos sobre aqueles que pregam outro Jesus, ou outro evangelho, ou outro espírito que não seja o Espírito de Deus (1 Cr. 15:3-5; 2 Cr. 11:4; Gl. 1:6-9). O ensinamento de que a circuncisão ou obediência à lei são necessárias para a salvação é condenado (Gl. 5:2-4; Fm. 3:2). Por outro lado, o ensinamento de que nossa liberdade em Cristo é licença para a libertinagem também é condenado (Jd 4).

OS NOVE INIMIGOS DA VERDADE

1. Falsos evangelhos	2 Co. 11:4; Gl. 1:6-9
2. Falsas doutrinas	Rm. 16:17; 1 Tm. 1:3
3. Falsos milagres	Mt. 24:24; 2 Ts. 2:9
4. Falsos deuses	Dt. 13:2; 2 Ts. 2:4
5. Falsos cristos	Mt. 24:24; 2 Co. 11:4
6. Falsos espíritos	2 Co. 11:4; 1 Jo. 4:1-2
7. Falsos profetas	Mt. 24:24; 2 Pe. 2:1
8. Falsos apóstolos	2 Co. 11:13; Ap. 2:2
9. Falsos mestres	1 Tm. 1:7; 2 Pe. 2:1

Negar que Jesus tenha vindo em carne é visto como ensino do espírito do anticristo (1 Jo. 4:1-6). Há também advertências sobre pessoas que causam dissensões ao ensinarem doutrinas diretamente opostas ao que os cristãos já reconhecem como verdade (Rm. 16:17; Tt 3:10-11). Há ainda advertências sobre aqueles que dizem amar a Deus, mas que não amam o povo de Deus (1 Jo. 4:20; 5:1) e deliberadamente se desligam da Igreja com base em seus erros (1 Jo. 2:19). Finalmente, há advertências sobre se acrescentar ou retirar qualquer coisa das Escrituras (Ap. 22:18-19) e sobre distorcê-las (2 Pe. 3:16).

Ao analisar as advertências das Escrituras, podemos classificar heresias em seis categorias principais:

(1) Heresias sobre revelação – ensinamentos que distorcem, negam, ou adicionam às Escrituras de uma maneira que leva as pessoas à destruição; falsas alegações de apostolado ou autoridade profética.

(2) Heresias sobre Deus – ensinamentos que promovem falsos deuses ou distorções idólatras do Deus verdadeiro.

(3) Heresias sobre Cristo – negações de sua autoridade única, sua humanidade genuína e sua verdadeira identidade.

(4) Heresias sobre a salvação – ensinamentos legalistas ou licenciosos, negação do evangelho da morte e ressurreição de Cristo, etc.

(5) Heresias sobre a Igreja – tentativas deliberadas de desviar pessoas da comunhão com verdadeiros cristãos ou até mesmo rejeição completa da Igreja.

(6) Heresias sobre o futuro – falsas profecias que supostamente vieram de Deus, asserções de que o retorno de Cristo já ocorreu, etc.

Note que os erros em cada uma dessas seis categorias tendem a introduzir erros nas outras cinco. Veja, por exemplo, o ensinamento herético, o qual muitos grupos aceitam, de que a Igreja (5) se tornou completamente apóstata nos seus primeiros séculos, e que agora, nos últimos dias, ela teve de ser “restaurada”. Tal doutrina sugere que (1) as Escrituras não são revelação suficiente, mas precisam ser complementadas ou explicadas por algum mestre ou publicação que tenha autoridade para isso. Quase sempre isso serve de base para a rejeição dos ensinamentos da igreja primitiva sobre (2) Deus e (3) Cristo. Já que a Reforma protestante também é rejeitada, por ser considerada como tendo sido insuficiente para operar a restauração necessária, (4) a doutrina da salvação somente pela fé também é rejeitada. Tal doutrina de restauração eventualmente domina os ensinamentos desses grupos sobre o (6) futuro, porque requer que eles próprios sejam considerados como o cumprimento das profecias sobre o futuro.

Podemos ver então que um erro em qualquer área da doutrina pode afetar todas as outras áreas. Portanto, ainda que as heresias tendam a recair sobre uma ou mais dessas seis áreas principais, elas podem de fato ocorrer em qualquer assunto doutrinário. Por exemplo, alguém que ensine que os anjos devem ser adorados está ensinando heresia (Cl. 2:18), ainda que o assunto seja anjos, e que isso aparentemente não se enquadre nas seis áreas acima. Isto porque a adoração a qualquer criatura se opõe a toda confissão de Deus como sendo o Deus único.

Não se deve, ainda, presumir que o Novo Testamento nos dá um catálogo completo de todas as heresias possíveis. Nos nossos dias há literalmente milhares de distorções sutis da teologia cristã que devem ser consideradas heresias, e isso sem que haja uma antecipação explícita e exata na Bíblia sobre sua existência. A Bíblia nos ensina o que é absolutamente essencial, nos dá princípios para que determinemos tanto o que é básico à verdadeira fé cristã como o que não é essencial, e nos provêem com uma variedade de exemplos de heresias. Assim, os ensinamentos bíblicos pressupõem que exerceremos discernimento ao avaliar ensinamentos novos e controversos quando eles aparecem.

Além disso, os hereges modernos que rejeitam o Antigo Testamento raramente são tão francos quanto Marcion, herege do segundo século que negou que o Antigo Testamento fosse Escritura em qualquer sentido (além de ter rejeitado também boa parte do Novo Testamento). Os hereges modernos, ao contrário, adotam um sistema interpretativo no qual, ainda que formalmente reconheçam que a Bíblia é a Palavra de Deus, na prática fazem com que o Antigo Testamento seja irrelevante para povo de Deus, o que é contrário ao pleno ensinamento do Novo Testamento (Rm. 15:4; 2 Tm. 3:16).

Em resumo, heresia é qualquer ensinamento que a Bíblia explicitamente condene como sendo erro destrutivo e capaz de trazer perdição eterna, ou que a Bíblia ensine que não deva ser tolerado na Igreja, ou ainda que, apesar de não ser mencionado na Bíblia, contradiga as verdades que ela ensine serem essenciais para a verdadeira fé cristã.

Ensinamentos aberrantes também podem ser avaliados pelas seis categorias mencionadas acima. Em cada caso, a doutrina aberrante comprometerá os ensinamentos básicos da Bíblia em uma ou mais dessas seis áreas, ainda que não a neguem explicitamente.

Por exemplo, a especulação sobre a data precisa da volta de Cristo pode ser uma aberração que por pouco não se torna heresia. Tal prática certamente não é bíblica e, no contexto de sistemas heréticos de doutrina, ela pode ser considerada heresia. Em alguns casos, porém, alguns mestres têm feito afirmações mais contidas; por exemplo, de que Cristo pode voltar numa determinada data, mas já que não há absoluta certeza, a obediência à Palavra de Deus deve ser enfatizada ainda mais. Até mesmo esse tipo de ensinamento, ainda que não seja heresia, deve ser considerado aberrante, porque ignora as advertências bíblicas de que não se devem fazer predições nesse sentido.

10. CURSO INTENSIVO DE SÃ DOCTRINA

É impossível que se faça justiça, em um único capítulo, à totalidade da doutrina ortodoxa cristã. O que se pode fazer é uma introdução aos fundamentos da sã doutrina. Nesse capítulo não estarei *defendendo* essas doutrinas, mas apenas as *apresentando*.

Ao apresentar tais doutrinas, gostaria de fazer duas ressalvas. A primeira é sobre sua importância. Por que devem tais doutrinas ser consideradas tão importantes que aqueles que as rejeitam devem ser excluídos da comunhão dos que crêem em Jesus Cristo? Procurarei responder a essa questão à medida que apresentar as doutrinas. Em segundo lugar, quero também enfatizar a interligação dessas doutrinas. Se alguém rejeita um dos aspectos principais da doutrina cristã, isso se manifestará no resto de seu sistema. Procurarei dar uma idéia dessa unidade à medida que apresentar as doutrinas.

REVELAÇÃO

Deus, de um modo ou outro, se revela a todos os seres humanos. O conhecimento de Deus como Criador e Legislador do universo está disponível a todos através da criação e da consciência (Rm. 1:19-20). Deus também se revela ao homem através da comunicação verbal direta (Gn. 1:29-30; 2:16-17). Entretanto, como o pecado cegou a raça humana espiritualmente (Rm. 1:18, 21-23; 3:10-18), temos agora absoluta necessidade da comunicação verbal de Deus.

A Palavra revelada de Deus que traz a redenção veio muitas vezes e de muitas maneiras pelos profetas (Hb. 1:1), e teve seu ápice na vinda do Filho de Deus, Jesus Cristo (Hb. 1:2), o qual é a Palavra em carne (Jo. 1:1, 14). Tanto antes quanto depois da vinda de Jesus Cristo, a Palavra de Deus foi escrita sob a supervisão do Espírito Santo (2 Tm. 3:16; 2 Pe. 1:20-21). As Escrituras resultantes nos dão todo o conhecimento sobre o que é necessário para a salvação e para toda boa obra (2 Tm. 3:15-17). As Escrituras são absolutamente verdadeiras e sem erro (Mt. 5:17-18; Jo. 10:35).

Através dos apóstolos cristãos da primeira geração da Igreja, Cristo estabeleceu o fundamento para o ministério contínuo da Igreja, como um corpo no qual judeus e gentios estão unidos (Ef. 2:20; 3:5-6; 4:11-16). Os ensinamentos dos profetas do Antigo Testamento e dos apóstolos do Novo Testamento, preservados para nós somente nas Escrituras, são o padrão pelo qual, desde a morte dos apóstolos, julgamos toda controvérsia (2 Pe. 1:19-21; 3:1-2; Jd. 17).

Assim sendo, não devemos esperar novas revelações ao nível das que foram concedidas aos profetas e apóstolos, até a volta de Cristo (cf. Hb. 2:2-4). Através da voz viva do Espírito Santo nas Escrituras (o mesmo Espírito que vive em todos os cristãos), Deus continua a se revelar a nós (Ef. 1:13-14, 17-18). Um dia conheceremos a Deus da mais perfeita maneira possível a suas criaturas (1 Co. 13:12).

Note que a essa altura já tivemos de mencionar a natureza de Deus, a criação, o homem, o pecado, Cristo, o Espírito, a salvação, a Igreja, e o futuro. Um bom entendimento das Escrituras não pode ser obtido sem um bom entendimento dos outros aspectos principais da doutrina cristã.

Não podemos subestimar a importância de um bom entendimento das Escrituras. Se, ao buscarmos a verdade sobre Deus e sua vontade, estivermos nos baseando em qualquer coisa menos confiável do que a sua Palavra, certamente não acharemos essa verdade. Por outro lado, se buscarmos por essa verdade na Bíblia, mas de maneira incorreta (por exemplo, negando ou minimizando nossa necessidade de salvação, ou negando a confiabilidade da

Bíblia), também dificilmente a acharemos. Além da questão da salvação pessoal, um bom entendimento do que é revelado nas Escrituras é uma base indispensável para a vida cristã em todos os aspectos, incluindo a oração, o evangelismo, o discernimento, etc.

DEUS

Há apenas um único Deus, e ele se revela no Antigo Testamento pelo nome *Iavé*, ou *Jeová* (Dt. 6:4; Is. 43:10; 45:5-7; 1 Co. 8:4-6; 1 Tm. 2:5; Tg. 2:19). Ele é um ser absolutamente único – nada, nem ninguém, é completamente igual a ele (1 Rs 8:23; Is. 40:18, 25; Jr. 10:6-7). Assim sendo, ele está além da nossa absoluta e total compreensão, ainda que o possamos conhecer através de sua auto-revelação (Mt. 11:25-27; Jo. 1:18; 1 Co. 8:2-3).

Deus é um espírito auto-subsistente, totalmente distinto de toda a criação (Is. 40:22; 43:10; Jo. 4:24; At. 17:24). Ao mesmo tempo, ele está presente em toda parte, e está profundamente envolvido com sua criação (Sl. 139:7-10; Jr. 23:23-24; At. 17:27-28). Ele é eterno e imutável (Sl. 90:2, 4; 102:26-27; Mal. 3:6; Ef. 3:21; Tg. 1:17; 2 Pe. 3:8). Deus é todo-poderoso – nada é muito difícil para ele (Gn. 18:14; Jr. 32:17, 27; Mt. 3:9), e todas as coisas são possíveis para ele (Jó 42:2; Sl. 115:3; Mt. 19:26; Lc. 1:37; Ef. 1:11). Ele sabe todas as coisas (1 Sm. 16:7; 1 Chron. 28:9, 17; Jó 37:16; Sl. 139:1-4; Is. 41:22-23; 42:9). Ele é uma Pessoa, e não um ser impessoal (Ex. 3:14; Hb. 1:1-2).

Deus é moralmente perfeito; ele é inteiramente bom (Gn. 1:31; Dt. 8:16; Sl. 107:8; 118:1; Mc. 10:18; Rm. 8:28), santo (Lv. 19:2; Pss. 5:4-6; 99:5; Is. 6:3; Hc. 1:12-13; 1 Pe. 1:14-19), justo (Is. 45:21; Sf. 3:5; Rm. 8:26) e verdadeiro (Jo. 17:17; Tt. 1:2; Hb. 6:18). Ele é o amor perfeito (Dt. 7:7-8; Jr. 31:3; Jo. 3:16; Hb. 12:6; 1 Jo. 4:7-8). Ao mesmo tempo, ele é justo ao executar julgamento contra aqueles que o rejeitam (Sl. 103:8-9; Rm. 2:5; 11:22; Hb. 10:31).

Foi justamente esse Deus incomparável e incompreensível (na sua totalidade) que criou o mundo e a nós (Gn. 1:1; Sl. 33:6; 102:25; Is. 44:24; Jo. 1:3; Rm. 11:36; Hb. 1:2; 11:3). Ele é não só nosso Criador, mas também nosso Redentor (Is. 43:11; 45:21-22; 1 Tm. 4:10) e o Juiz da humanidade (Gn. 18:25; Hb. 12:23; Tg. 4:12).

Quando Jesus veio ao mundo (Jo. 1:14-18), bem como quando o Espírito Santo veio para habitar e dar poder à Igreja (Jo. 14-16), Deus se revelou como existindo em três Pessoas distintas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Mt. 28:19; Rm. 8:9-11; 1 Co. 12:4-6; 2 Co. 13:14; Ef. 2:18; 4:4-6; 1 Pe. 1:2). O Pai é Deus (Jo. 17:3; 1 Co. 8:6; 2 Co. 1:3); o Filho, Jesus Cristo, é Deus (Is. 9:6; Jo. 1:1; 20:28; Tt. 2:13; Hb. 1:8; 2 Pe. 1:1; 1 Jo. 5:20); o Espírito Santo é Deus (At. 5:3-4; 2 Co. 3:17-18). Os três, ao mesmo tempo em que são o único Deus, são pessoalmente distintos um do outro (Mt. 11:27; 28:19; Jo. 3:16-17; 5:31-32; 8:16-18; 14:15-16; 15:26; 16:7, 13-14; 17:23-26; Rm. 8:26-27; 2 Jo. 3).

Mais uma vez, a interligação de toda doutrina cristã pode ser vista quando nos concentramos na doutrina de Deus. O que acreditamos sobre ele está obviamente ligado com o que pensamos sobre as Escrituras, sobre Cristo, e sobre o Espírito. Além disso, já vimos que nosso entendimento da criação, da salvação, da Igreja, e do julgamento final estão ligados com nosso entendimento de Deus.

O coração e a essência da doutrina cristã é o que ela diz sobre Deus – o que ela diz sobre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Se o nosso Deus for pequeno – se o entendermos como sendo algo menos que absolutamente perfeito, ou como sendo deficiente de algum modo em sua sabedoria, conhecimento, poder, presença, ou excelência moral – então não poderemos ter confiança absoluta nele. Se entendermos Cristo ou o Espírito Santo como sendo algo menos do que Deus, certamente fracassaremos em a honrá-los da maneira devida – como sendo verdadeiramente e absolutamente Deus. Nada é mais importante do que nosso entendimento de Deus.

CRISTO

Jesus Cristo é o centro do cristianismo. Todo o Antigo Testamento foi escrito a seu respeito (Lc. 24:25-27, 44). Todo o Novo Testamento é um “comentário” inspirado sobre o ápice da revelação de Deus na história – seu Filho (Hb. 1:1-2). Assim, toda a Bíblia é centrada em Jesus Cristo e o que ele realizou para a nossa salvação.

Jesus Cristo é o Filho de Deus; ele veio a este mundo como um ser humano para revelar o Pai e para nos reconciliar com ele (Jo. 1:14-18; 3:16; Rm. 5:1-10). Ele é o Deus eterno (Jo. 1:1) e o Criador (Jo. 1:3; Cl. 1:16). Porém, por amor a nós, e pela glória de Deus, ele se esvaziou, assumindo a forma de servo, e se humilhou, tomando-se homem e sendo obediente até a morte na cruz (Fp. 2:6-8). Desta maneira, ele é ao mesmo tempo divino e humano, Deus e homem. Ele foi concebido no ventre de Maria pela operação do Espírito Santo (Mt. 1:18-25; Lc. 1:35). Ainda que tenha sido sujeito a tentações, ele viveu uma vida perfeita, sem pecado (Jo. 5:19; Hb. 2:18; 4:15). Ele morreu de forma real e agonizante na cruz, e ressuscitou corporalmente dos mortos (Rm. 5:6-10; 1 Co. 15:3-4). Ele foi assunto ao céu, enquanto retendo sua forma humana glorificada, e voltará dessa maneira para julgar a humanidade (At. 1:9-11; 10:42; 17:31; Cl. 2:9; 1 Tm. 2:5). Ele enviou o Espírito Santo para construir e dar poder à Igreja (Jo. 14-16; At. 1:8). A ele deve ser dada a mesma glória, amor, fé e adoração que são devidas a Deus (Mt. 10:37; Jo. 5:23; 14:1; Hb. 1:6).

A essa altura se torna evidente como toda doutrina cristã está ligada com a doutrina sobre Cristo. Isso também salienta a razão pela qual aqueles que pensam que devemos apenas “acreditar em Jesus” e não nos importarmos com doutrinas estão enganados. O que pensamos sobre Deus, o homem, o pecado, o Espírito, a salvação e o futuro afetará o que pensamos sobre Cristo.

Da mesma forma, a importância dessas verdades doutrinárias sobre Cristo é que elas expressam o que ele realmente significa para o cristão. Não podemos compreender *totalmente* como Cristo pode ser ao mesmo tempo Deus e homem; mas podemos entender que faz uma grande diferença se assim acreditarmos ou não. Se o entendermos como sendo algo menos do que Deus, não poderemos então nos relacionar com ele com o amor, a honra e a confiança incondicional que ele justamente exige. Se, por outro lado, negarmos sua verdadeira humanidade, necessariamente negaremos também tudo que a Bíblia diz que ele fez para a nossa salvação – incluindo a sua verdadeira morte pelos nossos pecados.

SALVAÇÃO

A raça humana tem uma necessidade desesperadora da salvação. O inimigo do qual temos de ser salvos é nada mais do que nós mesmos. Toda a humanidade caiu em pecado com nosso primeiro ancestral, Adão (Gn. 2:16-17; 3:1-24; Rm. 5:12-21; 1 Co. 15:22). O resultado é que somos todos pecadores, escravizados pelo pecado; nenhum de nós é verdadeiramente bom (Rm. 3:9-23; 7:14-15, 18). Por isso, estamos espiritualmente mortos e merecemos nada menos do que a justa ira de Deus (Rm. 6:23; Ef. 2:1-3). Isso porque o padrão pelo qual somos julgados é nada menos do que a santidade e o caráter perfeitos de Deus (Lv. 19:2). Essa verdade se aplica a nós tanto individualmente quanto coletivamente. As instituições humanas, sejam elas famílias, escolas, empresas, religiões, nações, governos, sociedades, civilizações, culturas – todas elas, em sua essência, estão corrompidas pelo pecado e estão sob o julgamento de Deus.

Em tal condição, não há nada que possamos contribuir para a nossa salvação. Escravos não podem se libertar; mortos não podem ressuscitar a si mesmos. Não é que estejamos dispostos a agir corretamente, e agradecer a Deus, mas somos impedidos; ao

contrário, não estamos nem mesmo dispostos a agradar a Deus (Rm. 8:6-8). A escuridão em nossas mentes é auto-imposta (Rm. 1:21-22; Ef. 4:17-19). A tentativa de sermos bons pelos nossos próprios esforços, buscando nossa própria justificação, não é a solução (Rm. 9:30-10:3). Os nossos melhores esforços são totalmente insuficientes (Is. 64:6). Nossos corações são tão enganosos e desesperadamente corruptos que constantemente subestimamos o poder do pecado (Jr. 17:9).

Em meio a essa situação desesperadora, Deus agiu decisivamente para a nossa salvação. Para o nosso entendimento dos atos redentores de Deus e sua importância, somos completamente dependentes da revelação das Escrituras. Começando com Abraão, Deus tem chamado um povo a si com o qual ele estabeleceu sua aliança e para o qual ele ofereceu salvação individual e coletiva (Gn. 12:1-3; 17:1-21; Ex. 19:5-6). O sistema cerimonial e sacrificial da aliança que Deus fez com Israel foi figura e sombra da morte sacrificial de Jesus na cruz pelos nossos pecados; tal sistema, portanto, foi posto de lado porque foi cumprido em Jesus Cristo (Hb. 7:11-10:18). Na nova aliança, as exigências morais da lei do Antigo Testamento são cumpridas pela obediência de Cristo e os cristãos assim recebem o poder do Espírito de Cristo para que obedeçam tais padrões em seus corações, e não somente de maneira externa (Rm. 5:19-21; 8:1-11; 13:8-10; Hb. 5:8-9; 1 Jo. 3:4-10).

Através de sua morte, Jesus Cristo proveu uma base justa para que Deus nos perdoasse os pecados e nos declarasse justos perante ele (Rm. 3:25-26; 1 Jo. 1:7, 9). Nossa justificação perante Deus é um dom inteiramente gratuito; ela não pode ser, de nenhum modo, conquistada, alcançada ou merecida por nós (Rm. 3:24; Ef. 2:8-9; Tt. 3:4-7). Também não podemos mantê-la através de boas obras; ao contrário, as boas obras são o *fruto* da salvação e só ocorrem no contexto de um relacionamento com Deus mantido somente pela sua graça (Ef. 2:10; Tt. 3:8). Deus salva indivíduos simplesmente ao levá-los ao arrependimento de seus pecados e à fé em Jesus Cristo (Jo. 1:12; 3:16-18; At. 2:38; 17:30-31; Rm. 3:19-28; 4:1-8; 5:1-2; Gl. 2:20). Da mesma forma, o progresso numa vida de obediência a Deus, a santificação, é resultado da operação dele, pela sua graça, na fé de seus filhos (Rm. 1:17; Gl. 5:6).

O chamado de Deus à salvação é ao mesmo tempo um chamado para que nos tornemos membros do corpo de Cristo, a Igreja. O batismo é requerido de todos os crentes (Mt. 28:19; At. 2:38; 1 Co. 12:13). A salvação de Deus afeta todas as instituições humanas, principalmente a família (1 Co. 7:14; Ef. 5:22-6:4), quando seus participantes buscam obedecer a Cristo em suas atividades (Mt. 28:19-20; Cl. 3:17).

Ainda que a base da salvação tenha sido cumprida pela obra de Cristo, em sua morte e ressurreição dentre os mortos, a consumação completa ocorrerá no futuro. Pela graça de Deus, os cristãos vão perseverar até o fim de suas vidas na fé e por sua fé, eventualmente receberão a consumação de sua salvação (1 Pe. 1:3-9). As dimensões coletivas da salvação, ainda que não estejam completamente ausentes no presente, não serão inteiramente cumpridas até o fim da história (Ap. 21-22).

A necessidade da humanidade de salvação, e sua provisão por Deus, são as razões mais fundamentais para a doutrina cristã. O aspecto mais importante da doutrina é proteger a integridade e fidelidade à verdade da obra de redenção que Deus opera através de Cristo. Como ficou evidente no resumo acima, a doutrina da salvação incorpora aspectos de todas as outras doutrinas cristãs. Não podemos pregar fielmente o evangelho da salvação se não formos ao mesmo tempo fiéis à totalidade das doutrinas cristãs, encontradas na Bíblia, sobre Deus, Cristo, a Igreja e o futuro.

A IGREJA

A Igreja é um povo formado pelo único e verdadeiro Deus vivo, para que se relacione

com ele na salvação concedida em seu Filho, Jesus Cristo. A revelação de Deus nas Escrituras é a regra de vida da Igreja. Seu propósito é amar, honrar, adorar e obedecer a Deus, e refletir seu caráter nas ações de seu povo. A base de sua existência é a salvação cumprida em Cristo e aplicada a ela pelo Espírito Santo. O seu futuro é a glória eterna na presença de Deus.

O Credo Niceno dá a descrição clássica da Igreja: ela é *una*, santa, universal e apostólica. Ela é *una*, porque é uma unidade orgânica e histórica (1 Co. 12:12-13; Ef. 2:14-16; 4:4-6, 13-16). Ela foi fundada por Jesus Cristo no primeiro século e ele vai voltar para ela. A Igreja tem sofrido e continuará sofrendo divisões, apostasias, heresias e escândalos, e até mesmo algumas igrejas que eram verdadeiras não o são mais (At. 20:28-30; Rm. 16:17; 1 Co. 11:18-19; 2 Co. 11:4, 13-15; Gl. 1:6-8; 1 Tm. 4:1; Tt. 3:10-11; 1 Jo. 2:19; Jd. 17-19; Ap. 2-3). Sempre haverá, porém, a Igreja verdadeira adorando ao Deus verdadeiro e mantendo, ainda que imperfeitamente, a fé verdadeira, até a volta de Cristo (Mt. 16:18; 28:18-20; Ef. 3:21; 4:11-16; Jd. 4).

Ela é *santa*, não no sentido de ser perfeita ou admirável em seu caráter, mas no sentido de ter sido consagrada a Deus, e por isso ser uma instituição única pela qual ele opera seu propósito de redenção na história humana. Assim sendo, todos aqueles que se identificam como seus membros individuais têm a promessa de receber toda benção espiritual, se tiverem verdadeira fé (Ef. 1:3-14); se não, receberão o mais severo julgamento de Deus (Hb. 2:1-3; 4:1-2; 10:29-31).

A Igreja também é *universal*, no sentido de incluir todos os verdadeiros crentes em Jesus Cristo de todo o mundo e através da história. Isso nada mais é do que se afirmar que a Igreja é *una*.

Vale a pena fazer uma ressalva aqui que vai além da questão da ortodoxia doutrinária. Há dois aspectos da doutrina da universalidade. Por um lado, já que a verdadeira Igreja inclui todas as igrejas cristãs, nenhuma instituição denominacional ou associação de igrejas pode se dizer a única Igreja verdadeira, ainda que essa seja uma alegação tradicionalmente feita pela Igreja Católica Romana e pela Igreja Ortodoxa Grega. Embora essas igrejas sempre tenham qualificado suas alegações ao admitirem a existência de cristãos em outras igrejas, ainda assim tais alegações são incongruentes com o conceito bíblico de universalidade. Por outro lado, as igrejas romana e grega têm razão em insistir que a unicidade da Igreja *deveria* ser refletida institucionalmente. Os protestantes, em seu zelo de defender a integridade de suas igrejas, muitas vezes negam isso. As divisões denominacionais são sintomáticas da existência do pecado na Igreja. Podemos até discordar sobre onde o erro se encontra, mas devemos admitir o problema. Tornar a congregação local completamente autônoma e evitar todo e qualquer tipo de denominação também não resolve o problema, porque nesse caso cada congregação se torna sua própria denominação. O que defendo não é que devemos abandonar toda divisão denominacional de uma só vez, mas que devemos trabalhar para que possamos superar divisões desnecessárias na Igreja.

Por fim, a Igreja é *apostólica*. Isso é entendido de duas maneiras. Na visão dos católicos romanos, ortodoxos gregos e anglicanos (episcopais), isso significa que a Igreja foi estabelecida como uma instituição na qual os apóstolos apontam bispos, que por sua vez apontam a próxima geração de bispos, e assim sucessivamente através dos séculos. De acordo com essa visão, somente as igrejas que têm bispos que possam traçar sua cadeia de ordenação até a origem apostólica, são parte da Igreja “apostólica”. Essa doutrina normalmente é chamada de sucessão apostólica, ainda que obviamente seus bispos não sejam considerados como apóstolos. Na visão dos protestantes, por outro lado, a Igreja é apostólica na medida em que ela sustenta a doutrina dos apóstolos que foi preservada nas Escrituras. Isso significa que as igrejas que tenham bispos somente são apostólicas se aderirem às doutrinas dos apóstolos (o que algumas não fazem), ao passo que as igrejas sem bispos

também são apostólicas se aderirem às doutrinas apostólicas (o que algumas fazem, e outras não).

Não é o meu propósito aqui elucidar essa questão extensamente. Obviamente, minha posição sobre o assunto me coloca no campo protestante. Entretanto, não considero a doutrina da sucessão apostólica inteiramente errônea. Para que possamos manter a doutrina da unicidade da Igreja, concordo que deva haver alguma ligação entre as igrejas modernas e os apóstolos. Deve haver uma continuidade através da qual a mesma fé é transmitida de uma geração para outra. Qualquer denominação, ou igreja em particular, deveria ser capaz de demonstrar que sua fé tem suas raízes no desenvolvimento histórico, desde os apóstolos até o presente. Alguém pode (ou deve, se for protestante) concordar que esse desenvolvimento histórico requer, às vezes, reforma, confrontação da liderança, e até separação daqueles grupos que tenham trocado a fé pelo liberalismo ou por outras doutrinas apóstatas. Porém, nenhum grupo pode dar as costas à Igreja, abandonar a fé por ela defendida através dos séculos e querer ser “apostólica”, adotando novas interpretações dos ensinamentos dos apóstolos no Novo Testamento. Tais grupos não são apostólicos, porque ser apostólico significa não só aderir à doutrina apostólica, mas também ser parte da Igreja fundada pelos apóstolos. Isso, na minha opinião, é o que há de correto na visão não protestante da apostolicidade. A diferença é que eu defendo, junto com os protestantes de uma maneira geral, que esta apostolicidade histórica não tem de ser limitada exclusivamente à sucessão de bispos.

Pode-se observar que a doutrina da Igreja é uma área de maior discordância entre cristãos do que qualquer outra. Ainda assim, sua importância para a ortodoxia é muito grande. Visões equivocadas sobre a Igreja podem, nos piores casos, impossibilitar a salvação de alguém. Algumas pessoas desprezam a Igreja de tal maneira que acham que podem simplesmente abandonar a fé histórica e reinventar o cristianismo. Outros, no extremo oposto da questão, têm uma visão tão elevada da Igreja enquanto instituição que imaginam que uma pessoa é salva meramente por fazer parte do seu quadro social ou por participar em suas atividades. Ambos os erros são fatais à espiritualidade. Erros que não sejam extremos talvez não impeçam que alguém seja salvo, mas podem impedir que a pessoa tenha uma vida e experiência cristã plenas.

O FUTURO

Não podemos permitir que as muito debatidas diferenças entre cristãos ortodoxos com relação ao futuro, ou os “últimos tempos”, ofusquem a concordância substancial que existe sobre os essenciais da fé. Deus está guiando a história para um tempo de consumação, um tempo no qual todos os seus propósitos na criação e redenção da raça humana serão cumpridos (Ap. 21-22). Quando esse objetivo for alcançado, o entendimento parcial que temos sobre a revelação de Deus na encarnação de Cristo e nas Escrituras dará lugar a um entendimento completo e perfeito, já que estaremos face a face com Deus em Cristo (1 Co. 13:9-12; 1 Jo. 3:1-2).

Quando tal consumação for alcançada, o reino de Deus sobre toda a criação será incontestável. Todas as criaturas conhecerão, amarão e obedecerão a Deus de maneira perfeita, em regozijo (Is. 11:9; Zc. 14:9; Mc. 12:28-34; Ef. 1:11). O caráter de Deus será refletido perfeitamente pelos seres humanos, tanto individual quanto coletivamente (Ef. 4:24; Cl 3:10). A nova raça humana, redimida e aperfeiçoada, será perfeitamente conformada à imagem de Jesus Cristo (Rm. 8:29; 1 Co. 15:48-49; Fp. 3:21). A salvação que foi obtida na morte e ressurreição de Cristo e selada em cada indivíduo pelo Espírito Santo, será finalmente consumada na redenção corporal e na glorificação do povo de Deus para a vida imortal e celestial (Rm. 8:18-30; 1 Co. 15:42-54; 2 Co. 5:1-5; Ef. 1:13-14; Cl. 3:1-4). O

resultado será uma sociedade gloriosa de criaturas perfeitas, prontas para a vida eterna nos novos céus e nova terra, nos quais somente a justiça habitará (2 Pe. 3:13; Ap. 21:1).

A entrada nesta eternidade gloriosa não é garantida a todos. Tanto os anjos caídos como todos os seres humanos (exceto por meio de Jesus Cristo) merecem punição eterna. Aqueles a quem Deus não há de salvar através de Jesus Cristo sofrerão tal punição (Mt. 25:46; 2 Ts. 1:7-9; Ap. 20:10-15).

Existe grande controvérsia entre os cristãos com relação ao que há de acontecer antes da consumação. O que sabemos é que a hora da volta de Cristo não nos foi revelada. Ele virá subitamente e sem anúncio prévio. Sua volta surpreenderá os incrédulos porque eles não esperam que Jesus volte, enquanto que trará alegria e alívio aos cristãos que, ainda que não sabendo o dia e a hora, estavam sendo fiéis ao Senhor porque sabiam que ele voltaria (Mt. 24:36-51; 1 Ts. 5:1-11).

O significado do “milênio” (Ap. 20:1-6) é muito debatido entre os cristãos ortodoxos. Todos concordam nisto: que o milênio é um período (seja presente ou futuro, antes ou depois da volta de Cristo) que precede a consumação final. Desta maneira, ele nos lembra que o reino de Cristo nos nossos corações, bem como sobre as instituições humanas, não será completo até que o pecado seja completamente erradicado pelo juízo final. Nesse julgamento, Cristo trará, por um lado, punição eterna aos incrédulos e, por outro, a avaliação das obras de seu povo, em preparação para a vida eterna na nova criação de Deus (Rm. 14:10-12; 1 Co. 3:12-15; 2 Co. 5:10).

O significado e importância da doutrina dos propósitos de Deus para o futuro não devem ser negligenciadas. Não sabemos exatamente como as coisas serão na eternidade que Deus tem reservado para nós (1 Jo. 3:2), mas não ignoramos completamente o nosso destino. Se discordarmos radicalmente sobre tal destino, tampouco concordaremos sobre como chegar lá. Entretanto, a doutrina bíblica do futuro deixa claro que a salvação é um resultado da graça de Deus em Jesus Cristo e que nós não temos nenhuma capacidade de efetuar tal consumação. Ainda assim, Deus, pela sua graça, trabalha através de nós, movendo a história cada vez mais perto de seu objetivo (2 Pe. 3:11-12). O estudo da sã doutrina é um meio pelo qual crescemos na graça e conhecimento do nosso Senhor Jesus Cristo, a quem damos glória, tanto agora como para todo o sempre (2 Pe. 3:18). Essa é a importância e o significado da sã doutrina.

11. QUEM PODE JULGAR?

Como deve a identificação da heresia ser feita na prática? Mais especificamente, quem deve estar envolvido no processo de identificação e combate à heresia? Quero aqui dar algumas sugestões que ao meu ver são consonantes com o ensinamento das Escrituras.

Eu argumentei nos capítulos 3 e 4 que a Igreja cristã como um todo é responsável pelo exercício do discernimento e julgamento dos ensinamentos heréticos, e que tal julgamento não deve ser feito somente por líderes religiosos confiáveis, não importa quem sejam. Quero expandir esse argumento um pouco mais.

Somente Deus pode julgar os corações humanos, sendo que somente Ele sabe infalivelmente o que as pessoas pensam e sentem. O homem não tem conhecimento infalível nem mesmo de seu próprio coração (Jr. 17:9-10). Assim sendo, quando fazemos menção ao julgamento de heresias, não temos pretensão de conhecer o coração daqueles que ensinam ou defendem heresias. Não estamos nos autoproclamando juizes de seus futuros eternos, decidindo quem será ou não salvo.

O que a Igreja tem a responsabilidade de julgar é se determinados ensinamentos devem ser permitidos ou propagados no seu meio, ou se certas práticas devem ser toleradas, ou se certos indivíduos propagando ensinamentos heréticos ou práticas imorais poderão continuar na comunidade da fé. Esse tipo de julgamento deve ser exercitado pela Igreja como um todo, ainda que alguns tenham um papel mais direto no processo do que outros.

Há mandamentos no Novo Testamento para que todos os cristãos exerçam discernimento (1 Co. 5:9-13; 14:29; 1 Jo 4:1). Porém, alguns cristãos têm um dom e uma habilidade maiores de discernimento do que outros. Deus dá a alguns cristãos dons especiais de discernimento de espíritos (1 Co. 12:10). Deus dá a alguns cristãos dons que os capacitam a serem mestres (Rm. 12:6-7; 1 Co. 12:28-29; Ef. 4:11; Tg. 3:1). Deus também chama alguns cristãos a assumirem uma posição de liderança na Igreja – pastores, presbíteros, bispos, diáconos – e eles claramente terão um papel mais direto na execução das decisões tomadas pela Igreja quanto às heresias (At. 20:28; Fl. 1:1; Ef. 4:11; 1 Tm. 3:1-13; Tt. 1:5-9; Hb. 13:17; 1 Pe. 1-3). Por essa razão, esses líderes devem se manter informados e consultar com mestres, para assegurar que suas congregações exercitem um discernimento maduro. Os líderes e mestres devem trabalhar juntos para instruir suas congregações na sã doutrina e na prática do discernimento, para que elas possam exercer discernimento num espírito de acordo geral.

O PAPEL DAS CONGREGAÇÕES

Ainda que todos os cristãos tenham a responsabilidade de exercer discernimento com relação às doutrinas em que crêem e propagam, nem todos os cristãos têm a responsabilidade de executar ações disciplinares para com falsos mestres. Esta é uma responsabilidade somente das congregações. Todas as igrejas têm (ou pelo menos deveriam ter) alguma estrutura ou procedimento para lidar com falsos mestres. Tipicamente, tal procedimento começa no nível congregacional, quando um mestre começa a ensinar e propagar uma falsa doutrina. A congregação tem a responsabilidade de remover tal mestre de seu posto. Em muitos casos, o assunto é tratado por autoridades maiores na igreja, como pastores, presbíteros, etc.

Não é necessário discutir aqui as estruturas eclesiais nas quais tais problemas são resolvidos. Denominações diferentes utilizam estruturas diferentes, mas todas as congregações são responsáveis pelo exercício da disciplina em assuntos doutrinários. Esse é

o ponto que quero enfatizar aqui. Toda congregação é responsável por manter a fidelidade doutrinária à ortodoxia. Não só isso, mas somente as congregações como um todo têm o poder de excomungar hereges. Todos os cristãos têm de exercer discernimento, mas somente as congregações têm a autoridade de exercer disciplina.

O PAPEL DOS MINISTÉRIOS PARA-ECLESIÁSTICOS

Se somente as congregações podem exercer funções disciplinares, qual é então o papel dos ministérios para-eclésiásticos? Essa é uma questão especialmente relevante na atualidade, visto que há hoje em dia centenas de ministérios de apologética pelo mundo, criticando publicamente falsos mestres e falsos profetas que existem tanto dentro quanto fora da instituição da Igreja cristã. Há legitimidade para esse tipo de ministério?

Sim, há um papel para esses ministérios, ainda que limitado. Os ministérios para-eclésiásticos de discernimento podem existir legitimamente para *instruir os cristãos e aconselhar as congregações*. Lembre-se que todo cristão tem a responsabilidade de exercer discernimento, mas as ações disciplinares competem somente às congregações. Os ministérios para-eclésiásticos servem a todos os cristãos, educando-os no discernimento doutrinário. Eles promovem o ensino da sã doutrina, advertem os cristãos quanto a falsas doutrinas e fornecem informações sobre organizações, mestres e publicações que promovem falsas doutrinas. O que os cristãos, individualmente, fazem com essa informação, não compete aos ministérios para-eclésiásticos determinar. Eles podem instruir, mas não mandar.

Da mesma forma, ministérios para-eclésiásticos podem servir as congregações dando aconselhamento referente ao processo de disciplina congregacional. Eles podem prover informações, orientações e até mesmo assistência nas investigações sobre controvérsias doutrinárias. O que as congregações concluem e decidem fazer, contudo, não cabe aos ministérios para-eclésiásticos determinar. Eles podem aconselhar, mas não ditar.

Os ministérios para-eclésiásticos, desta forma, não são árbitros oficiais entre a ortodoxia e a heresia. Eles têm a liberdade de expressar suas avaliações e julgamentos publicamente, à medida que seguem os procedimentos apropriados – mas tais avaliações e julgamentos não devem, numa perspectiva eclésiástica, ser *necessariamente* acatados. Obviamente, se tais julgamentos forem corretos, as congregações *devem* acatá-los, mas isso pelo mérito de sua veracidade, e não porque provêm de um ministério para-eclésiástico.

Dentro destes limites, o serviço dos ministérios para-eclésiásticos de discernimento prestado ao corpo de Cristo é inestimável. Por serem muitas vezes altamente especializados, eles podem prover orientações precisas para o entendimento de questões difíceis. Estes ministérios têm a capacidade de alcançar muitos que não são efetivamente alcançados através do evangelismo tradicional das igrejas. Por não estarem oficialmente ligados a uma denominação ou igreja, os ministérios para-eclésiásticos podem muitas vezes trazer maior objetividade a controvérsias doutrinárias dentro de uma determinada igreja. Por estas e outras razões, os ministérios para-eclésiásticos que se especializam em discernimento doutrinário são de imensa importância.

12. OS “DEZ MANDAMENTOS” DO DISCERNIMENTO

Examinaremos, para finalizar, os pontos mais práticos do discernimento doutrinário. Como devemos pôr esse discernimento em prática? Como podemos nos tornar mais amadurecidos e competentes no discernimento? Os “dez mandamentos” a seguir não são tudo que se pode dizer sobre o assunto, mas são de especial importância.

(1) *Aprenda a exercer o discernimento à medida que cresce como cristão na fé, amor e santidade.* Ainda que seja óbvio, isso deve ser enfatizado e colocado em primeiro lugar na nossa lista. A vida cristã não é um jogo intelectual no qual o objetivo é provar que estamos certos e derrubar os que estão errados. Discernir o ortodoxo do herético é apenas um aspecto da vida cristã, ainda que seja importante. Além disso, o discernimento doutrinário tem de envolver a oração, comunhão com outros cristãos, serviço aos cristãos e aos perdidos, e estudo da doutrina. Devo ressaltar que estou pregando aqui mais para mim mesmo do que para qualquer outro!

Ainda que o crescimento seja vital, não há um padrão mínimo de conquista espiritual que deva ser alcançado antes que se possa exercer o discernimento. Pelo contrário, o exercício do discernimento é uma função na qual todos devem crescer no decorrer de suas vidas como cristãos.

(2) *Desenvolva seu conhecimento das Escrituras.* Em condições normais, quanto mais uma pessoa conhece as Escrituras, mais ela terá a capacidade de discernir a verdade do erro. Nem todo cristão pode ser um perito, mas todos os cristãos devem estudar a Bíblia em profundidade e desenvolver um excelente conhecimento de seus ensinamentos.

Há várias maneiras de se estudar a Bíblia e todas elas são importantes. Leia a Bíblia diretamente: leia livros inteiros da Bíblia e leia a Bíblia por inteiro. Memorize passagens bíblicas. Estude a bíblia topicamente, procurando o que as Escrituras ensinam sobre determinados assuntos (At. 17:11). Use comentários, dicionários e atlas bíblicos, obras teológicas, etc. – mas não se esqueça que a escolha desse material também vai requerer discernimento. Estude a Bíblia individualmente e em grupos. Procure mestres competentes e aprenda deles o quanto possível. Utilize todos os recursos possíveis para aumentar seu conhecimento bíblico.

(3) *Aprenda a pensar de uma maneira lógica e racional.* Pensar logicamente significa pensar de tal maneira que não se tira conclusões falsas a partir de premissas verdadeiras. O propósito do estudo da lógica é aprender a pensar claramente e corretamente. Do contrário, ainda que se tenha conhecimento dos fatos, é possível tirar conclusões falsas, se esse fatos forem interpretados de maneira errônea.

Infelizmente, às vezes o pensamento lógico pode ser aplicado sem sensibilidade. Não me refiro ao comportamento rude (o que também pode acontecer), mas ao uso do processo lógico de uma forma que, ainda que se chegue a conclusões aparentemente lógicas, isso é feito sem um reconhecimento das complexidades e nuances de uma determinada situação. O resultado é que muitas vezes os erros de uma determinada pessoa ou grupo religioso são exagerados ou até mesmo erroneamente identificados. O raciocínio sem sensibilidade, no fim, acaba sendo ilógico, porque as conclusões são tiradas sem que antes se considerem *todos* os fatores – o que é uma falácia lógica de *generalização indutiva apressada*. Ou, talvez, se chegue a conclusões sobre as crenças de um determinado indivíduo sem que se leve em conta

a maneira peculiar na qual essa pessoa emprega sua terminologia. Esse tipo de falácia lógica, onde conclusões são derivadas de premissas que usam a mesma palavra, mas em sentidos diferentes, é chamada de *equivocação*.

Hoje em dia, o raciocínio impreciso é um grande problema no campo do discernimento doutrinário. Todos nós devemos refinar e aprimorar nossa capacidade de raciocínio o máximo possível, para que possamos exercer discernimento em assuntos doutrinários.

(4) *Ao estudar a doutrina, procure entender as diferentes perspectivas das diversas tradições que existem dentro da ortodoxia cristã.* À medida que nos familiarizamos com os aspectos básicos da fé, devemos nos familiarizar mais com as diferentes tradições cristãs. Procure aprender as diversas perspectivas dentro do cristianismo ortodoxo sobre questões como o batismo, o milênio, dons espirituais, predestinação, etc. O entendimento dos pontos de vista diferentes dos cristãos sobre tais assuntos doutrinários não só proporcionará uma maior compreensão sobre a diferença entre os aspectos essenciais e não essenciais da fé, como também possibilitará que se tome uma posição mais bíblica e madura com respeito aos mesmos.

(5) *Aprenda tanto quanto for possível toda e qualquer informação relevante sobre um grupo religioso ou ensinamento questionável antes de pronunciar qualquer julgamento sobre eles.* As Escrituras dizem: “Responder antes de ouvir é estultícia e vergonha” (Pv. 18:13). Pronunciar julgamentos de heresia sobre crenças alheias, com base em informações insuficientes, é pecado.

Há uma variedade de estratégias que podem ser empregadas para se adquirir informações sobre um grupo. Podem-se averiguar as afiliações religiosas do grupo – a denominação ou religião à qual pertence – apesar de que em alguns casos as organizações podem negar a afiliação de seus grupos controvertidos. Pode-se investigar a história do grupo e seus líderes. Podem-se consultar referências, dicionários ou enciclopédias que listam grupos religiosos e organizações, com as respectivas descrições de suas crenças. Na maioria dos casos (exceto quando se trata de grupos muito novos ou muito pequenos), esses procedimentos facilitarão a obtenção de informações adequadas.

(6) *Baseie seu entendimento de uma determinada doutrina questionável naquilo que aqueles que a defendem dizem sobre ela, mas não presuma que o uso de termos ortodoxos garante a ortodoxia das crenças.* Da mesma maneira que não gostaríamos que alguém nos rotulasse como hereges e dissessem todo mal contra nós (Mt. 5:11) com base no que outros dizem de nós, também não devemos criticar os pontos de vista de outras pessoas sem nos certificarmos de que os ouvimos deles mesmos (Mt. 7:12). Isso não significa que todo cristão deve pessoalmente estudar a literatura produzida por um determinado grupo herético antes que possa determinar que ele é realmente herético. Significa que uma crítica de um grupo supostamente herético não deve ser considerada adequada a não ser que seja baseada em citações corretas dos líderes do grupo.

Nos casos em que ainda não há uma análise ou avaliação cristã adequada das doutrinas de um determinado grupo, é ainda mais importante se obter informações a partir de fontes primárias. Muitas vezes pode-se simplesmente solicitar uma declaração doutrinária. Entretanto, deve-se ter em mente duas observações: primeiro, há grupos que são ortodoxos e ainda assim não tem uma declaração doutrinária oficial. Segundo, os grupos heréticos normalmente procuram fazer com que suas declarações doutrinárias tenham ao máximo a aparência de ortodoxas, para que possam driblar críticas. Outras publicações, nestes casos, podem ser mais úteis para que se conheça as verdadeiras crenças de um grupo.

Na verdade, é uma característica de grupos não ortodoxos e aberrantes não serem transparentes e honestos com relação à verdadeira natureza de suas crenças. Frequentemente, eles usarão linguagem bíblica e até soarão como sendo evangélicos, procurando evitar críticas. O Novo Testamento nos avisa sobre isso (e.g., 2 Co. 11:4). Nesse caso, procure obter o máximo possível de informações sobre suas crenças e compare o que dizem *ao público* com o que dizem *entre eles*. Isso pode eventualmente requerer que se compareça a suas reuniões, que se faça perguntas que não sejam vistas como críticas (cf. Mt. 10:16), ou que se obtenha literatura que somente é distribuída a seus membros. Geralmente, esse tipo de investigação deve ser feita somente por aqueles que já têm experiência e treinamento no discernimento doutrinário, especialmente os que ministram nesse campo. Em alguns casos, ex-membros desses grupos serão as melhores fontes de informação e de materiais.

(7) *Trate as informações fornecidas por ex-membros com respeito e cautela.* Todo grupo herético eventualmente começa a gerar ex-membros, e essas pessoas podem ser fontes valiosas. Muitas vezes sua maior contribuição é seu acesso a publicações e gravações que não estão disponíveis ao público em geral. Seus testemunhos pessoais podem também ser úteis e informativos.

Uma das características de grupos heréticos e aberrantes é que eles consideram seus ex-membros como sendo revoltados e invejosos, pessoas imorais que buscam vingança. Isso, é claro, pode até ser verdade em alguns casos. Porém, se um grupo perde um grande número de adeptos e se o testemunho desses ex-membros é consistente, tal testemunho merece crédito. O testemunho de um ex-membro é bastante reforçado se puder ser sustentado por documentação ou pela corroboração dos testemunhos de outros ex-membros.

Ocasionalmente, alguns indivíduos se apresentarão como ex-membros de um grupo e contarão histórias extraordinárias sobre seu envolvimento. Nesses casos, deve se proceder com bastante cautela, sendo que muitas vezes tais indivíduos nunca foram realmente membros do grupo ou, se foram, seu envolvimento nele nunca foi tão grande quanto alegam. Nem sempre se pode determinar se esses indivíduos fraudulentos estão em busca de dinheiro, atenção da mídia, antagonismo pessoal contra o grupo ou outra razão mais sutil. De qualquer maneira, é importante que acusações sensacionalistas contra um grupo não sejam aceitas meramente com base no testemunho de uma ou duas pessoas, sem o apoio de maior evidência.

(8) *Em casos ambíguos ou incertos, dê o benefício da dúvida à pessoa ou grupo em questão.* O princípio “inocente até prova em contrário” deve ser aplicado nesses casos. Alguns cristãos envolvidos em ministérios de discernimento “apitam”, ou “levantam a bandeirinha” cada vez que há a menor aparência de possível heresia. Essa prática traz reprovação a ministérios de discernimento, além de dividir os cristãos.

(9) *Comece pelas questões básicas.* No processo de pesquisa sobre a ortodoxia de um determinado grupo, pode-se economizar muito tempo e energia, além de se prevenir muitos erros, se primeiro forem estudadas as questões mais básicas, que dizem respeito à posição do grupo em relação à Bíblia e à autoridade religiosa. Consideram eles a Bíblia como sendo a Palavra de Deus infalível e inerrante? Consideram eles a Bíblia como sendo a autoridade final em assuntos religiosos ou consideram qualquer outra fonte (seus líderes, um profeta moderno, outro livro, etc.) como sendo autoridade indispensável para a interpretação da Bíblia? Se considerarem a Bíblia como sendo infalível, inerrante, e a autoridade final em assuntos religiosos, na maioria dos casos eles serão ortodoxos. Se não, eles normalmente serão heréticos. Note, porém, que essas são apenas diretrizes gerais, já que há grupos

heréticos que professam confiança completa na Bíblia e não aparentam ter nenhuma outra autoridade doutrinária.

(10) *Aconselhe-se com ministérios de discernimento de boa reputação que honrem princípios bíblicos de discernimento.* Nenhum ser humano ou organização (incluindo os ministérios de discernimento) é infalível. Entretanto, se você concorda que os princípios apresentados nesse livro são bíblicos, deve então buscar a opinião e o conselho de ministérios que baseiam seu trabalho nesses princípios. Lembre-se do que foi dito no capítulo anterior sobre ministérios para-eclésiásticos.

O DESAFIO DO DISCERNIMENTO

Em conclusão, gostaria de lançar aqui um desafio àqueles que concordam que o discernimento doutrinário, como apresentado nesse livro, é realmente necessário. Contribua com seus esforços para a obra contínua do discernimento. Encoraje seus pastores e líderes a pregar e ensinar sobre o discernimento doutrinário. Contribua para o sustento financeiro de um ou mais ministérios bíblicos de discernimento, especialmente aqueles que atuam na sua área. Se teve filhos, ensine-lhes a sã doutrina. Ore pelos pregadores e mestres ortodoxos do cristianismo e para que heresias e doutrinas aberrantes percam seu poder de atração. Todo cristão pode e deve estar contribuindo de alguma forma para o discernimento da sã doutrina pela Igreja.

APÊNDICE A

EXAMINANDO OS ENSINAMENTOS DE UMA IGREJA

Suponha que você ou uma pessoa que você conhece esteja pensando em se tornar parte de uma determinada igreja. Como deve examinar seus ensinamentos? Gostaria aqui de oferecer algumas diretrizes.

(1) *Tenha uma idéia clara do tipo de ensinamento que está buscando.* Isso parece óbvio, já que você estará procurando ensinamento ortodoxo. Há, porém, níveis diferentes da sã doutrina até mesmo entre igrejas que são ortodoxas nos seus ensinamentos. Há duas questões que devem ser respondidas.

Em primeiro lugar, a igreja encara a doutrina de maneira séria e equilibrada? Você deve procurar uma igreja que proporcione tanto o “leite” (ensinamento para os cristãos novos e ainda imaturos) quanto o “alimento sólido” (para aqueles que já estão mais maduros na fé). Algumas igrejas aparentemente não oferecem nada além de princípios básicos sobre a família, o dinheiro e outros assuntos relativamente menos complicados. Outras igrejas, por outro lado, negligenciam esses assuntos tão práticos e necessários. O que é desejável é que se busque o equilíbrio. Deve-se também buscar uma igreja que ensine sobre uma variedade de assuntos doutrinários. Algumas igrejas, infelizmente, na maior parte do tempo só ensinam sobre um assunto doutrinário (seja justificação pela fé, dons espirituais, últimos tempos, etc.). Ainda que se deva reconhecer que não se pode ensinar sobre tudo, todo o tempo, deve-se buscar uma igreja equilibrada.

Em segundo lugar, a igreja tem alguma posição doutrinária oficial que você terá dificuldade em aceitar? Pergunte a si mesmo: “Será que eu ficaria envergonhado se trouxesse um visitante a essa igreja e ele escutasse esse ensinamento?” Você terá que decidir quais são os ensinamentos que podem lhe causar problemas. Em alguns assuntos, devemos ser flexíveis, porque não são cruciais; em outros, porém, podemos decidir que é necessário tomar uma posição mais firme. Essa questão é ainda mais importante para aqueles que planejam fazer parte do ministério de ensino da igreja. Afinal de contas, uma coisa é freqüentar uma igreja que tem uma visão do milênio diferente da sua; outra coisa é ter de ensinar a visão com a qual você discorda.

(2) *Pergunte sobre as afiliações religiosas.* O nome de uma igreja pode ou não dizer muito sobre suas crenças. O primeiro passo, nesses casos, é procurar saber se ela é parte de uma denominação ou associação de igrejas e, se for, de qual.

(3) *Solicite uma declaração doutrinária.* Muitas igrejas têm a sua própria declaração doutrinária, até mesmo aquelas que são parte de uma denominação. Use discernimento quando ler a declaração; muitas delas serão detalhadas, enquanto outras são mais concisas. Algumas mencionarão concordância com credos históricos, mas muitas os reinterpretem com base numa teologia liberal.

(4) *Descubra quem fundou a igreja ou a denominação, e quem são seus líderes hoje.* Muitas vezes essa é a única maneira de descobrir as crenças de uma igreja.

(5) *Consulte manuais de referência e enciclopédias.* Muitas dessas publicações contêm informações úteis sobre a maioria dos grupos religiosos que você poderá encontrar.

APÊNDICE B

COMO A PALAVRA “SEITA” DEVE SER USADA

O que vem à sua mente quando você ouve a palavra “seita”? O mais provável é a imagem de um grupo religioso, com uma liderança religiosa ditatorial, que pratica severo controle mental sobre seus membros. Esse tipo de grupo realmente existe, e é motivo de preocupação para todos, inclusive para os que não são cristãos. Entretanto, os protestantes evangélicos têm a tendência de usarem o termo para designar tanto aqueles que são social e psicologicamente destrutivos, quanto os que são mais socialmente aceitáveis. Muitas vezes os evangélicos chamam um grupo de seita se ele crê em heresia, independentemente de seu caráter social. Obviamente, isso pode confundir as pessoas, e ser desnecessariamente ofensivo àqueles que fazem parte dessas “seitas” teológicas.

Minha recomendação é que os cristãos evitem rotular tais grupos de “seitas” a não ser que eles se enquadrem no perfil social e psicológico que a palavra normalmente denota até mesmo para os que não são cristãos. Claro que, se além desse perfil tal grupo também crer em heresia, ele será também uma seita no sentido teológico da palavra. Porém, minha opinião é que o uso da palavra “seita” com referência a grupos heréticos que são socialmente aceitos não é produtivo. Ao referir-me a grupos religiosamente heréticos, prefiro chamá-los de religiões heréticas ou religiões pseudo-cristãs. Tais rótulos são mais descritivos e menos preconceituosos do que o rótulo de seita. Obviamente que ninguém gosta de ser chamado de herege ou de pseudo-cristão. Mas minha opinião é que haverá menos confusão se esses termos forem usados ao invés de “seita”.

De maneira alguma quero dar a entender que não se deva chamar um grupo de seita se ele merecer tal rótulo. Algumas religiões são seitas no sentido mais sinistro da palavra. O problema é que se você chamar a religião de uma pessoa de “seita”, ela dificilmente lhe dará ouvidos. Ela provavelmente rejeitará a idéia de que está numa seita, porque se considera uma pessoa normal, que livremente aderiu à sua religião, que ama sua família e que vive uma vida responsável em sua comunidade.

Além disso, o uso de rótulos ao confrontar pessoas envolvidas em falsas religiões é pouco produtivo. É melhor ser o mais objetivo e descritivo na linguagem usada quanto possível. Porém, se sua avaliação for solicitada, não hesite em descrever um grupo como sendo herético ou apóstata, se for o caso. O princípio a ser observado em todas as situações é que devemos seguir a verdade em amor (Ef. 4:15).

GLOSSÁRIO

ABERRANTE – Doutrina ou prática que, por ser errônea de alguma maneira significativa, deve ser rejeitada, e seus adeptos repreendidos, mesmo que ainda possam ser considerados cristãos.

APOSTASIA – A rejeição da posição ortodoxa por parte daqueles que antes a defendiam (e.g., algumas denominações que eram ortodoxas, mas que agora rejeitam doutrinas básicas da ortodoxia). Adj.: APOSTATATA.

BÍBLICO (A) – Fiel aos ensinamentos da Bíblia.

DENOMINAÇÃO – Um corpo religioso que se origina como um movimento cristão e é normalmente classificado como cristão independentemente de sua ortodoxia doutrinária.

DISCERNIR – Identificar a verdadeira natureza de um espírito, doutrina, prática ou grupo; distinguir a verdade do erro, o erro extremo do erro menor, e o divino do humano ou do demoníaco.

DOCTRINA – O conteúdo dos ensinamentos que são aceitos como sendo a verdade.

DOGMA – Doutrina que uma igreja ou seita exige que os membros aceitem.

EXCOMUNHÃO – Uma ação disciplinar da igreja pela qual uma pessoa que não se arrepende de promover heresia ou de praticar grande pecado não é mais aceita como membro da igreja. Tal pessoa perde o direito de participar das ordenanças da igreja, não pode mais ensinar ou ministrar em qualquer posição, e, em casos extremos, pode até ser impedida de participar dos cultos.

HERESIA – Doutrina tão gravemente errônea que se torna necessário que cristãos se separem individualmente e coletivamente de todos aqueles que a aceitam ou ensinam. Os que aderem à heresia são considerados perdidos, ainda que os cristãos não tenham capacidade de fazer um julgamento definitivo sobre sua condição eterna. O oposto da ortodoxia.

ORTODOXIA – O corpo de ensinamentos bíblicos essenciais. Os que o recebem devem ser considerados cristãos. O oposto da heresia.

ORTOPRAXIA – Prática correta requerida de qualquer um que se diga cristão.

SEITA – (1) Um grupo religioso que se origina como seita herética e mantém compromisso sólido com a heresia. (2) Um grupo religioso ou semi-religioso que exhibe um comportamento social fora dos padrões normais.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados

Adaptado do artigo por Rick Branch

Fundador: Charles Taze Russell (1852–1916)

Data de Fundação: 1879

Publicações Oficiais: *A Sentinela e Desperta!* (revistas quinzenais), *Ministério do Reino* (boletim mensal). A organização também publica um ou dois livros de estudo doutrinário anualmente.

Organização Estrutural: Sediada no distrito de Brooklyn, Nova York, a organização é liderada por um presidente e por um “Corpo Governante”. Esse grupo de homens supervisionam todos os aspectos da organização, incluindo tudo o que é publicado nos periódicos e nos livros de estudo.

Termos Característicos: As congregações locais são chamadas “Salões do Reino”. A Sociedade Torre de Vigia se autodenomina uma *Organização Teocrática*, ou seja, uma organização governada diretamente por Deus.

História

Charles Taze Russell e alguns amigos adventistas começaram uma classe para estudo da Bíblia em 1870, e em 1881 organizou-se a “Sociedade de Tratados da Torre de Vigia de Sião”. Em 1884 a Sociedade foi legalmente estabelecida com Russell como seu presidente. Ao rejeitar a doutrina do inferno, Russell também eventualmente rejeitou quase todas as outras doutrinas cristãs e introduziu muitas doutrinas próprias que são fisicamente e espiritualmente letais. Muitos de seus ensinamentos bizarros podem ser encontrados na sua obra de seis volumes intitulada *Estudos das Escrituras*.

Apesar de ter tido poucos adeptos na década de 1880, Russell eventualmente espalhou sua doutrina pelo mundo. “Em 1893 realizou-se o primeiro grande congresso de Estudantes da Bíblia, em Chicago, no estado de Illinois. A assistência foi de 360 seguidores e 70 pessoas foram batizadas”.¹ Foi dessa assembléia nacional que surgiu a idéia das assembléias locais de hoje.²

Russell foi sucedido pelo segundo presidente, Joseph F. Rutherford (1869–1942). Consta na obra intitulada *Encyclopedia of American Religions* (Enciclopédia de Religiões Americanas) de J. Gordon Melton que “o processo de substituição das obras de Russell com as obras de Rutherford começou em 1921 com a publicação de *A Harpa de Deus*. Entre 1921 e 1941, Rutherford escreveu vinte livros e inúmeros panfletos, e assim lentamente revisou a doutrina e estrutura que tinham sido deixadas por Russell”.³

¹ *As Testemunhas De Jeová no Século Vinte*, p. 11.

² *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino*, p. 576; *Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus*, pp. 81–82, 229, 720.

³ 1:485.

Um dos livros escritos por Russell que causou grande controvérsia foi o sétimo volume dos *Estudos das Escrituras*. Como resultado do processo de substituição, Russell foi alvo de muitas críticas. Muitos de seus seguidores deixaram o grupo e formaram suas próprias organizações. Isso deu início a organizações como o “Movimento Missionário da Casa do Leigo”, e mais tarde à “Associação dos Estudantes da Bíblia da Aurora”. Devido à confusão causada por esses e outros grupos, o nome da organização foi oficialmente mudado em 1931 para *Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados* (“Watch Tower Bible and Tract Society”); no dia 26 de junho de 1931 o nome Testemunhas de Jeová foi adotado em um congresso em Columbus, no Estado americano de Ohio.⁴

Foi sob a liderança de Rutherford que a organização experimentou um crescimento fenomenal. Em 1928, a organização contabilizava 44.000 membros, e quando da sua morte em 1942, a organização tinha 115.000 membros. Parte do crescimento pode ser atribuído à insistência de Rutherford de que o fim do mundo estava próximo, e que o Armageddon ocorreria a qualquer momento.

O presidente que o sucedeu, Nathan H. Knorr (1905–1977), iniciou uma estratégia de expansão mundial que dura até hoje. Em 1943, foi fundada uma escola de treinamento especial para missionários que seriam enviados para várias partes do mundo, chamada de “Faculdade Bíblica de Gileade da Torre de Vigia” o nome foi mais tarde mudado para Escola Bíblica de Gileade da Torre de Vigia. Essa deu início aos métodos de ensino que as Testemunhas de Jeová usam até hoje. Foi também sob a liderança de Knorr que a *Tradução do Novo Mundo* foi publicada. Essa tradução, publicada em seis volumes entre 1950 e 1960, sustenta muitas das doutrinas das Testemunhas de Jeová, enquanto que ignora regras padrões de tradução. Quando da morte de Knorr, a Torre de Vigia tinha mais de 2,2 milhões de membros.⁵

Sob a liderança de Frederick W. Franz (1893–1992), o quarto presidente, a Sociedade Torre de Vigia alcançou um total de mais de 4 milhões de membros. Com a morte de Franz, Milton G. Henschel (1920–2003), que tinha sido o vice-presidente de Franz, assumiu a presidência. Henschel resignou ao cargo em outubro de 2000, junto com todo o Corpo Governante, para que a Sociedade pudesse ser reorganizada e dividida em três corporações. Essas três novas corporações, oficialmente sem fins lucrativos, continuam a serem direcionadas pelos ex-membros do extinto Corpo Governante. Hoje a Sociedade Torre de Vigia tem mais de 6 milhões de membros ao redor do mundo.

As Testemunhas de Jeová em Moçambique

A Sociedade Torre de Vigia foi apresentada aos moçambicanos em 1925, e os primeiros representantes europeus do grupo chegaram em Lourenço Marques em 1929. Após anos de perseguição, a *Associação das Testemunhas de Jeová de Moçambique* foi reconhecida pelo governo central em 1991. Atualmente há quase 40 mil membros (e 160,000 aderentes) em Moçambique. No ano 2002, gastaram mais de 8,5 milhões de horas indo de porta em porta e promovendo suas doutrinas anti-cristãs.

⁴ *Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus*, pp. 81–82, 229, 720.

⁵ *Anuário das Testemunhas de Jeová*, 1978, p. 30.

Crescimento da Sociedade Torre de Vigia em Moçambique

<i>Ano</i>	<i>Adeptos</i>	<i>Razão</i>
1960	9.127	(1 a 676)
1965	*	*
1970	3.145	(1 a 2.114)
1975	25.790	(1 a 318)
1980	*	*
1985	*	*
1990	*	*
1995	19.377	(1 a 895)
2000	35.050	(1 a 492)
2002	37.563	(1 a 481)

* = *dados não disponíveis*

Doutrina

Trindade: Joseph Rutherford deixou bem claro que as Testemunhas de Jeová não crêem na doutrina bíblica da Trindade. Ele comenta: “A origem da doutrina da ‘trindade’ remonta aos antigos babilônios e egípcios, e a outros mitologistas antigos. Não pode ser contestado por Judeus e Cristãos que essas nações antigas adoravam deuses-demônios, e que a típica nação israelita de Deus foi advertida para não se misturar com elas em virtude deste fato. Segue-se então, que Deus não foi dessa doutrina. (...) A conclusão óbvia, portanto é que Satanás deu origem à doutrina da ‘trindade’. (...) Não obstante, as pessoas tementes a Deus que desejam compreender Jeová e servi-lo acham um tanto difícil amar e adorar um Deus complicado, caprichoso, e de três cabeças. Os clérigos que injetam tais idéias contradizem-se logo ao dizer que Deus criou o homem à sua própria imagem; e certamente ninguém viu uma criatura humana com três cabeças”.⁶

Deus Pai: Conhecido como Jeová, a Torre de Vigia o considera como sendo o único Deus eterno e todo-poderoso. Dizem: “Houve, portanto, um tempo em que Jeová estava absolutamente só no espaço universal”.⁷ Estando só, o primeiro ato criativo de Jeová foi a criação de seu Filho.

Deus Filho: A Torre de Vigia tem repetidamente negado a divindade de Cristo. Sob a liderança de Knorr, a Torre de Vigia proclamou: “Assim, por exemplo, a Bíblia mostra que há só um Deus, o Altíssimo, o Todo-poderoso. (...) E que o Filho, como Primogênito, Unigênito, e a ‘criação de Deus’, teve princípio”.⁸

Em outra publicação, eles afirmam: “Prova que Miguel, o arcanjo, não é outro a não ser o Filho unigênito de Deus, agora Jesus Cristo. O próprio nome *Miguel* significa ‘Quem é semelhante a Deus?’ e indica que Jeová Deus não tem semelhante ou igual, e que Miguel, seu arcanjo, é seu grande Campeão e Vindicador”.⁹

⁶ *Seja Deus Verdadeiro*, 2ª edição, pp. 82–83.

⁷ *Ib.*, p. 26.

⁸ *Do Paraíso Perdido ao Paraíso Recuperado*, p. 164.

⁹ *Novos Céus e Nova Terra*, p. 31.

Deus Espírito Santo: Como muitas outras seitas, as Testemunhas de Jeová negam a divindade do Espírito Santo. Eles dizem: “Mas o espírito santo não tem nome pessoal. O motivo disto é que o espírito santo não é uma pessoa com intelecto. É a força ativa impessoal e invisível, que tem sua fonte e reservatório em Jeová Deus e que é usada por ele para realizar sua vontade mesmo a grande distância, a anos-luz de distância”.¹⁰

O Destino do Homem: De acordo com a teologia das Testemunhas de Jeová, uma pessoa tem um de três destinos possíveis. Os Ungidos (144.000) estarão no céu para reinarem com Deus Jeová. O resto das Testemunhas de Jeová fiéis (que não fazem parte dos 144.000) viverão para sempre numa Terra Paradisiaca. Ambas classificações são determinadas, em grande parte, com base na participação dos indivíduos na Sociedade Torre de Vigia, bem como na pregação de porta a porta de suas doutrinas. As pessoas que não são membros da Sociedade Torre de Vigia serão destruídas por Jeová Deus e não mais existirão. Não há conceito de punição eterna, ou inferno, na teologia da Torre de Vigia.¹¹

Outras Doutrinas

1. Desde seu início, a Torre de Vigia tem feito falsas profecias sobre o fim do mundo. Suas diversas previsões sobre o fim, para os anos de 1914, 1918, 1925, 1941 e 1975, têm mantido o ritmo de crescimento de seu quadro social constante.¹²

2. A Torre de Vigia tem rejeitado práticas médicas como vacinas, transplantes de órgãos e transfusões de sangue – e, como resultado, tem causado a morte de muitos de seus membros através de sua história. Curiosamente, a Torre de Vigia agora reconhece transplantes de órgãos e vacinas como sendo práticas aceitáveis, contradizendo assim sua posição doutrinária prévia.¹³

3. A Torre de Vigia proíbe seus membros de qualquer envolvimento em causas políticas ou serviço nas Forças Armadas.

4. À medida em que rejeita muitos costumes familiares tradicionais como sendo de natureza pagã, a Torre de Vigia proíbe a celebração de aniversários, natal, páscoa, dia das mães, dia dos pais, e quase todos os outros feriados.

Algumas Respostas Bíblicas

1. Ainda que a Torre de Vigia reconheça que há um só Deus verdadeiro, ela rejeita a doutrina bíblica da Trindade, que ensina que o Pai é Deus, que o Filho é Deus e que o Espírito Santo é Deus – três Pessoas distintas subsistindo num único ser, o Deus Único. De acordo com a Bíblia, há um só Deus: Is. 43:10; 44:6–8; 45:5–6, 18, 22; 1 Co. 8:4. O Pai é Deus: 2 Pe. 1:17; Fl. 2:11. O Filho é Deus: Jo. 1:1; 8:58; Rm. 9:5; Fl. 2:6–9; Hb. 1:8. O Espírito Santo é Deus: At. 5:3–4.

¹⁰ *Santificado Seja Seu Nome*, p. 268.

¹¹ *Seja Deus Verdadeiro*, pp. 78, 79, 221–224, 259–260, 271–290.

¹² *Studies in the Scriptures*, pp. 228, 342; *Milhões Que Agora Vivem Jamais Morrerão*, pp. 110–111; *Vindicação*, p. 838; *A Sentinela*, 15 de fevereiro de 1969, p. 110; *A Sentinela*, 15 de setembro de 1975, p. 552; *Desperta!*, 22 de abril de 1969, p. 14

¹³ *The Golden Age*, 04 de fevereiro de 1931, p. 293; *A Sentinela*, 15 de janeiro de 1954, p. 15; *A Sentinela*, 01 de junho de 1968, p. 349; *A Sentinela*, 01 de setembro de 1980, p. 31; *Como Pode o Sangue Salvar Sua Vida*, pp. 6–7.

2. Ao contrário do que ensina a teologia da Torre de Vigia, Jesus não é um ser criado, ou um anjo, mas é o Criador: Jo. 1:2–3; Cl. 1:16; Hb. 1:6; Ap. 22:8–9.

3. De acordo com a Bíblia, o Espírito Santo é Deus, e não é somente uma força, mas uma Pessoa: Jo. 16:13–14; At. 8:29, 13:2.

4. Uma pessoa não alcança o favor de Deus por ser membro da Torre de Vigia, ou levar literatura de porta em porta. Ao contrário, a salvação depende do relacionamento que uma pessoa tem com Jesus Cristo. Jo. 3:3, 16-20; At. 4:12; Rm. 3:24–26; 1 Jo. 1:7–10.

5. A Bíblia ensina claramente que todos existirão eternamente, seja no céu ou em eterno tormento no inferno: Jo. 14:1–3; Ap. 6:9; Mt. 23:33, 25:41, 45; Ap. 20:14.

MORMONISMO

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Adaptado do artigo por Rick Branch

Fundador: Joseph Smith, Jr. (1805–1844)

Data de Fundação: 6 de abril de 1830 (registrado em Moçambique em 1996)

Escrituras: Livro de Mórmon, *Doutrina e Convênios*, *Pérola de Grande Valor*

Publicações Oficiais: Incluem *A Liahona* (revista mensal), *Princípios do Evangelho* (manual)

Organização Estrutural: Um único profeta vivo lidera a igreja, junto com dois conselheiros na Primeira Presidência. Sob sua autoridade está o Quórum dos Doze Apóstolos. Um terceiro grupo de homens é chamado de “Os Setenta,” com uma presidência e Primeiro e Segundo Quórums. Todos esses, juntos com o Bispado Presidente, compõem as Autoridades Gerais.

Termos Característicos: Os territórios eclesiásticos locais são chamadas de *estacas*, e unidades menores são chamadas de *alas* e *ramos*. Os *templos* não são usados para cultos dominicais, mas em cerimônias secretas para os vivos e os mortos. (Acesso aos templos é permitido a menos de dez por cento dos Mórmons.)

Outros Nomes: igreja mórmon ou Igreja SUD.

História

Nascido em 1805 na cidade de Sharon, estado de Vermont, Estados Unidos, Joseph Smith inaugurou poucos anos depois o que seria uma das religiões não-cristãs de maior número de aderentes e mais rápido crescimento.

De acordo com a história oficial da igreja mórmon, Joseph Smith declarou que Deus o Pai em forma humana e Jesus Cristo lhe apareceram e ele perguntou-lhes “Qual de todas as seitas era verdadeira, a fim de saber a qual deveria unir-se. Foi-me respondido que não me unisse a nenhuma delas, porque todas estavam erradas e o Personagem que Se dirigiu a mim disse que todos os seus credos eram uma abominação à Sua vista”.¹

A essa “primeira visão” se sucederam várias visitas de um anjo chamado Moroni, o qual conduziu Joseph Smith em 1827 a descobrir “placas de ouro” que haviam sido enterradas no Monte Cumorah, perto de Palmyra, Estado de Nova Iorque.

Entre 1827 e 1830, com a ajuda de amigos, Smith supostamente traduziu o conteúdo das placas de ouro, o que deu origem ao Livro de Mórmon. Publicado em 1830, ele foi o primeiro das muitas escrituras da Igreja Mórmon. Naquela época, Smith já havia oficialmente fundado a

¹ *Pérola de Grande Valor*, Joseph Smith – História 2:18–19.

Igreja SUD e já tinha seguidores. Nos dez anos seguintes, a sede da igreja mudaria sucessivamente para as cidades de Kirtland, Independence, Far West, e finalmente para Nauvoo, no Estado de Illinois, onde foi estabelecida entre 1839 e 1944.

Foi em Nauvoo que muitas de suas doutrinas mais peculiares tiveram início. Nauvoo se tornou a segunda maior cidade do estado de Illinois. Esse crescimento, entretanto, trouxe vários problemas para as cidades vizinhas, o que eventualmente acarretou ao assassinato de Joseph Smith na cidade de Carthage em 27 de Junho de 1844.²

Após o assassinato de Joseph Smith, vários líderes Mórmons buscaram tomar controle da Igreja. Todos afirmaram ter autoridade para liderar a Igreja, e alguns até alegaram que Joseph Smith os tinham escolhido como seus sucessores. Tais divisões na igreja eventualmente deram início a mais de 100 grupos separatistas em sua história.³ O maior desses grupos é a Comunidade de Cristo (conhecida até 2001 pelo nome de Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias).

A maioria dos Mórmons seguiram Brigham Young (1801–1877), que por sua vez introduziu várias doutrinas estranhas e únicas à coleção da Igreja SUD, após sua chegada no Vale de Salt Lake. Hoje a igreja é sediada na cidade de Salt Lake City, no estado de Utah, com uma rede de organizações pelo mundo.

Doutrina

Trindade: Mormonismo é uma religião politeísta. Joseph Smith declara: “Pregarei sobre a pluralidade de Deuses (...) Eu sempre declararei que Deus é um personagem distinto, Jesus Cristo é um personagem separado e distinto do Deus, o Pai, e que o Espírito Santo é outro personagem distinto, e é Espírito; são três personagens distintos e três Deuses”.⁴

O apóstolo mórmon Bruce R. McConkie fala sobre a Deidade da seguinte forma: “Pluralidade de deuses: três personagens separados: Pai, Filho, e Espírito Santo, compõem a divindade. Sendo que cada uma dessas pessoas é um deus, é evidente, nesse ponto de vista, que existe uma pluralidade de deuses. Para nós, falando no sentido propriamente finito, esses são os únicos três deuses que adoramos. Mas há também um número infinito de personagens santos, em inúmeros mundos, que não obtido exaltação e são por isso deuses”.⁵

Deus Pai: Joseph Smith explica: “Vou lhes dizer como Deus se tornou Deus. Tínhamos imaginado que Deus tinha sido Deus por toda a eternidade. Eu refutarei essa idéia, e removerei o véu, pare que possam ver. Ele foi um homem como nós; sim, esse próprio Deus, pai de todos nós, habitou na terra, da mesma maneira como Jesus”.⁶

“O próprio Deus já foi como somos agora – ele é um homem exaltado, entronizado em céus distante! (...) ele já foi um homem como nós; sim o próprio Deus, o Pai de todos nós, habitou sobre uma terra, tal como o próprio Jesus Cristo o fez; e vou prová-lo pela Bíblia”

(*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, pp. 336–337).

Jesus: Brigham Young declara que “o nascimento do Salvador foi tão natural quanto qualquer nascimento de nossos filhos; foi o resultado de uma ação natural. Ele participou da carne e

² Gordon B. Hinckley, *Truth Restored* pp. 41–86.

³ ver *Divergent Paths of the Restoration*, Steven Shields.

⁴ *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, pp. 361–362.

⁵ *Mormon Doctrine*, pp. 576–577.

⁶ *History of the Church*, 6:305.

sangue – e foi gerado por seu Pai, assim como nós somos gerados pelos nossos pais”.⁷ O apóstolo mórmon Bruce R. McConkie explica que “Cristo nasceu no mundo sendo literalmente Filho, um Ser Santo; e ele nasceu da mesma maneira pessoal, real e literal na qual qualquer filho mortal nasce de um pai mortal. Ele foi gerado, concebido, e nasceu como resultado de um evento normal e natural.”⁸ De acordo com Milton Hunter, do Primeiro Quórum dos Setenta, Jesus é o irmão de Lúcifer. “A escolha de Jesus como sendo o Salvador do mundo foi contestada por um dos outros filhos de Deus. Ele se chamava Lúcifer, filho da manhã. Orgulhoso, ambicioso, e cobiçando poder e glória, este espírito-irmão de Jesus desesperadamente tentou se tornar o salvador da humanidade”.⁹

Espírito Santo: No mormonismo, uma distinção é feita entre o Espírito Santo (inglês “Holy Ghost”) e o “espírito santo” (letra minúscula). O apóstolo mórmon Marion G. Romney diz, “O Espírito Santo é uma pessoa, um espírito, o terceiro membro da Deidade”.¹⁰ O sexto profeta da igreja mórmon, Joseph F. Smith, explica que o “espírito santo” não é uma pessoa, mas sim uma força impessoal. “Você pode chamar isso de o Espírito de Deus, ou a influência da inteligência de Deus, ou a substância do seu poder; não importa como isso é chamado, isso é o espírito da inteligência que permeia o universo”.¹¹

O Destino do Homem: O quinto profeta da igreja mórmon, Lorenzo Snow, diz que “Como o homem é, Deus foi; como Deus é, o homem poderá vir a ser”.¹² Isso significa que, de acordo com a doutrina mórmon, todo homem, se for digno, pode se tornar um deus e reinar sobre seu próprio planeta. Mas e quanto às mulheres? O décimo profeta da igreja, Joseph Fielding Smith, ao comentar sobre a salvação do homem (ou “exaltação”, como é chamada no mormonismo), responde: “O Pai prometeu-nos que, por nossa fidelidade, seremos abençoados com a *plenitude de seu reino*. Em outras palavras, teremos privilégio de nos tornar *como ele é*. Para nos tornarmos como ele, devemos ter todos os poderes de divindade; assim, pois quando um homem e sua esposa são glorificados, terão filhos espirituais, que eventualmente irão para uma terra como esta, na qual estamos, e passarão pelo mesmo tipo de experiência, estando sujeitos a condições mortais e, se forem fiéis, então eles também hão de receber a plenitude de exaltação e participar das mesmas bênçãos. Não há fim para este desenvolvimento; ele prosseguirá para sempre. *Nós nos tornaremos deuses e teremos jurisdição sobre mundos, e fostes mundo será povoado pela nossa própria progênie*. Para isto, teremos uma eternidade sem fim.”¹³

Outras Doutrinas

- 1) Deus Pai é casado, e existe uma Mãe Celestial.¹⁴
- 2) Todas as pessoas que já viveram na Terra são os descendentes espirituais do Pai Celestial e da Mãe Celestial. Toda pessoa foi concebida e nasceu numa região espiritual pré-existente.¹⁵
“Desde que não poderíamos mais progredir nos céus, nosso Pai Celestial convocou um Grande Conselho..., a fim de apresentar seu plano para o nosso progresso. Aprendemos que, caso seguissemos esse plano, tornar-nos-íamos como ele”.¹⁶

⁷ *Journal of Discourses*, Vol. 8, p. 115.

⁸ *Mormon Doctrine*, p. 742.

⁹ *The Gospel Through the Ages*, p. 15.

¹⁰ *Ensign*, maio de 1977, pp. 43–44.

¹¹ McConkie, *Mormon Doctrine* pp. 752–753.

¹² *Regras de Fé*, p. 389.

¹³ *Doutrinas de Salvação*, p. 48.

¹⁴ Joseph Fielding Smith, *Answers to Gospel Questions* 3:143–144.

¹⁵ *Mormon Doctrine*, p. 589.

¹⁶ *Mormon Doctrine*, p. 589.

- 3) Os negros são negros como resultado de seus erros na pré-existência.¹⁷ “Porque eis que o Senhor amaldiçoará a terra (...) e veio uma cor negra a todos os filhos de Canaã, de modo que foram depreciados entre todos os povos” “...porque a semente de Caim era negra, e não tinha lugar entre eles”.¹⁸
- 4) As cerimônias do templo incluem batismo para os mortos, e também abluções e unções pelos vivos e pelos mortos.
 “Uma consideração mais pormenorizada dos serviços dos templos modernos, reclama agora nossa atenção. O cerimonial compreende:
- 1 – Batismo, especificamente o batismo pelos mortos
 - 2 – Ordenação e investidura associadas ao sacerdócio
 - 3 – Cerimônia de casamento
 - 4 – Outras ordenanças de selamento”¹⁹
- 5) A salvação, ou exaltação, na qual homens se tornam deuses, é baseada nas boas obras, ou mérito, de cada um.²⁰ “Aqui, então, está a vida eterna — conhecer o único Deus sábio e verdadeiro; e tereis que aprender como tornar-vos deuses vós mesmos, e como serdes reis e sacerdotes para Deus, da mesma forma como todos os deuses fizeram antes de vós, isto é, passando de um pequeno degrau para outro, de uma capacidade menor para outra maior”.²¹
- 6) A Bíblia é considerada útil, mas suspeita pelos seus muitos erros e partes omitidas.²² “Cremos ser a Bíblia a palavra de Deus, o quanto seja correta sua tradução; cremos também ser o Livro de Mórmon a palavra de Deus.” “Não há e não pode haver uma tradução absolutamente fidedigna desta ou de outras Escrituras...”.²³ “Creio na Bíblia tal como se encontrava ao sair da pena de seus escritores originais. Os tradutores ignorantes, os copistas descuidados e os ‘sacerdotes intrigantes e corruptos’ cometeram muitos erros”.²⁴

Algumas Respostas Bíblicas

- 1) Há um só Deus (Is 43:10, 44:6-8, 45:5-6, 18, 22, 46:9, 48:12, 1 Co 8:4).
- 2) Humanos não são filhos ou filhas de Deus concebidos num nascimento pré-existente (Jo 1:12, “poder de *serem feitos* filhos de Deus”).
- 3) A salvação é um dom gratuito de Deus, e não algo a ser alcançado ou adquirido por obras e méritos (Rm 3:24, 4:4-5, 5:1, Ef 2:8-10, Tt 3:5-7).
- 4) O Espírito Santo é uma Pessoa igual ao Pai e ao Filho, e não há nenhum “espírito santo” que existe como uma força impessoal (Jo 16:13-14).

¹⁷ Apóstolo Melvin J. Ballard, *Three Degrees of Glory* p. 21.

¹⁸ *Pérola de Grande Valor*, Moisés 7:8, 22.

¹⁹ James E. Talmage, *A Casa do Senhor* p. 67; ver também McConkie, *Mormon Doctrine* pp. 72–74, 226–228.

²⁰ *Church News*, 8 de outubro de 1988, p. 23; Lowell Bennion, *The Religion of the Latter-day Saints* p. 160.

²¹ *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 337.

²² *Ensign*, janeiro de 1989, pp. 25, 27.

²³ James E. Talmage, *Regras de Fé* pp. 2, 209.

²⁴ *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 319.

PENTECOSTALISMO UNICISTA

Adaptado do artigo por Jason Barker

Fundador: Frank Ewart (1887–1954)

Data de Fundação: abril de 1913

Organização Estrutural: Várias denominações e igrejas independentes

Termos Característicos: “Apostólico”, “Só Jesus”, “Igreja Pentecostal Unida” (IPU), “Igreja de Jesus Cristo da Fé Apostólica”.

História

O movimento do Pentecostalismo Unicista teve seu início em reuniões de avivamento realizadas na cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos, em 15 de abril de 1913. Durante a cerimônia batismal, R. E. McAlister (1880–1953), um pregador canadense, alegou que os apóstolos só batizavam no nome de Jesus, e nunca usavam as palavras “Pai, Filho e Espírito Santo.” Ele batizou então somente no nome de Jesus, sem usar a fórmula Trinitária que a Igreja cristã tem usado através dos séculos.¹

Muitos ficaram escandalizados durante a reunião, mas o evangelista Frank Ewart, subseqüentemente, se converteu à prática. McAlister ensinou Ewart que batizar no nome de Jesus, como relatado em Atos 2:38,² era o verdadeiro cumprimento do credo trinitário de Mateus 28:19.³ Tal passagem é cumprida porque usa “nome” no singular, significando que “Pai, Filho, e Espírito Santo” são diferentes nomes de Jesus – e ele é a expressão máxima do Deus monoteísta (e não uma Pessoa distinta do Deus Único).

A data mais significativa ocorreu exatamente dois anos depois, em 15 de abril de 1915, quando Ewart pregou seu primeiro sermão baseado em Atos 2:38. A partir de então sua teologia unicista começou a se desenvolver. Também nessa data, Ewart rebatizou Glenn A. Cook somente no nome de Jesus. Cook, por sua vez, rebatizou Ewart da mesma forma – e assim começou o rebatismo de milhares de pentecostais. O movimento unicista cresceu rapidamente nas igrejas pentecostais, e em particular nas Assembléias de Deus, que analisaram a questão na sua assembléia geral de 1915. Na convenção geral de 1916, a Assembléia de Deus reafirmou a necessidade da doutrina tradicional da Trindade, como expressa na sua Declaração de Verdades Fundamentais,⁴ o que resultou na expulsão de 156 pastores e suas congregações. Esses ministros saíram e formaram a denominação unicista

¹ David Reed, “Oneness Pentecostal Origins,” [Online]. URL <http://eli.elilabs.com/~mbasset/oporigin.txt>

² “Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo”.

³ “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;”

⁴ Mike Oppenheimer, “The Modern Beginnings of Oneness,” [Online]. URL <http://www.letusreason.org/Onenes21.htm>

Assembléia Geral das Assembléias Apostólicas (AGAA). Em janeiro de 1918 a AGAA se uniu à organização chamada Assembléias Pentecostais do Mundo (APM), que reteve seu nome. A APM era derivada dos reavivamentos pentecostais originais da rua Azusa, em Los Angeles.⁵ Subseqüentemente, APM fragmentou-se em diversas denominações.

Um evento significativo na história do Pentecostalismo Unicista ocorreu em 1945. Os dois maiores grupos derivados da fragmentação da APM, as Assembléias Pentecostais de Jesus Cristo (APJC) e a Igreja Pentecostal (IP) se uniram para formar a Igreja Pentecostal Unida (IPU). A IPU começou com 617 igrejas em 1946, e hoje tem mais de 25.000 igrejas afiliadas, com mais de dois milhões e meio de membros.

Muitos indivíduos aceitos nos meios evangélicos têm afiliação com a IPU. O pregador T. D. Jakes, figura famosa nos canais de televisão evangélicos nos Estados Unidos, tem suas raízes no movimento pentecostal unicista, e nas declarações doutrinárias oficiais do seu ministério consta sua crença em três “dimensões” ou “manifestações” do Deus único.⁶

Doutrinas

Trindade: Além do batismo somente no nome de Jesus (veja abaixo), a crença mais distintiva do Pentecostalismo Unicista é a antiga heresia do *modalismo*. Os pentecostais unicistas negam a Trindade, crendo que o Deus único se “manifesta” em três funções ou papéis. Uma de suas declarações doutrinárias afirma que:

Deus é absolutamente Um, sem nenhuma distinção de pessoas (Dt. 6:4; Is 44:8; 45:5-6, 21-23; 46:9 Rm. 3:30; Gl. 3:20; Tg. 2:19). Para salvar uma humanidade pecadora, Deus proveu um Homem sem pecado para ser o sacrifício expiatório – Jesus Cristo, o Filho de Deus. Na medida que Ele gera o Filho e se relaciona com a humanidade, Deus é o Pai. Na medida em que transforma e dá poder a vidas humanas, Deus é o Espírito Santo. Assim sendo, Deus, para nossa salvação, tem se revelado como Pai (num relacionamento paternal com a humanidade), como Filho (em carne humana) e como Espírito Santo (em ação espiritual) (Mt. 2:10; Lc. 1:35; 2 Co. 3:17-18; 1 Tm. 2:5).⁷

David K. Bernard, um dos mais significantes apologistas unicistas, diz que “O termo ‘Deus Pai’ é bíblico e se refere ao próprio Deus (...) [a Bíblia] também ensina claramente que Jesus é o Pai Único. O Espírito que habitou no Filho era ninguém mais do que o próprio Pai.”⁸

Dessa forma, os unicistas negam explicitamente que Deus seja uma Trindade, composta de três Pessoas distintas existindo em uma só essência. Ao contrário, uma única Pessoa cumpre várias tarefas e assume vários papéis, os quais ela intitula Pai, Filho, e Espírito Santo. Quando o Deus monoteísta cria, ele age como sendo o Pai. Quando faz expiação pelos pecados, ele age como sendo o Filho. Quando transforma pessoas, ele age como sendo o Espírito Santo.

⁵ *Ibid*

⁶ *Doctrinal Statement for T.D. Jakes/Potter's House Ministries*, [Online]. URL <http://www.tdjakes.org/ministry/doctrine.html>

⁷ *The United Pentecostal Church International*, [Online]. URL <http://www.prairienet.org/community/religion/fire/meet.html>

⁸ David K. Bernard, J.D., *The Oneness of God*, [Online]. URL <http://ourworld.compuserve.com/homepages/pentecostal/One-Ch6.htm>

Os escritos de Teófilo de Antioquia no ano 180 d.C. são os mais antigos documentos contendo a palavra “Trindade” (em Grego) que se conhece. A palavra foi popularizada pelo teólogo Tertuliano, contemporâneo de Teófilo. Pentecostais unicistas argumentam que a falta de uma evidência documentária mais antiga indica que “bispos sedentos de poder” no período conciliar inventaram a doutrina para acomodar crenças politeístas greco-romanas.⁹ Eles alegam que essa doutrina foi então desenvolvida mais extensamente durante o Concílio de Nicéia para satisfazer as ambições políticas e teológicas do imperador Constantino.¹⁰

Seus argumentos evidenciam três equívocos: um entendimento defeituoso das bases usadas para proclamações conciliares, a falta de conhecimento das origens do modalismo, e o engano sobre o que a Bíblia ensina sobre a Trindade. O entendimento correto desses três pontos é fundamental para uma teologia Cristã correta.

Proclamações Conciliares: Muitas pessoas (incluindo cristãos, infelizmente) acreditam que os sete Concílios Ecumênicos da Igreja primitiva foram ocasiões nas quais *novas* doutrinas eram *desenvolvidas*. Ao contrário, os concílios procuravam afirmar de maneira clara o que já era *consensus fidelium* (o “consenso dos fiéis”, ou seja, o que a Igreja já cria), e defendê-lo de heresias. Por exemplo, o Concílio de Nicéia (325 AD) não “decidiu” que Jesus era da mesma essência do Pai. Da mesma maneira, o Concílio de Constantinopla (381 AD) não “decidiu” que o Espírito Santo é Deus. Pelo contrário, esses conselhos declararam formalmente e claramente o que já era crido por toda a Igreja, e que tinha sido atacado por hereges. Essas declarações podiam então ser facilmente ensinadas aos convertidos e às próximas gerações. Dessa forma, o Credo de Nicéia foi redigido durante o Concílio de Nicéia para clarificar e promover as doutrinas básicas do cristianismo – incluindo a crença de que Jesus Cristo é uma Pessoa distinta da Trindade, sendo da mesma essência do Pai e do Espírito Santo, que por sua vez também são Pessoas distintas, possuindo todos a mesma e única essência, o Deus Único.

Modalismo: A doutrina sobre a natureza de Deus ensinada pelos pentecostais unicistas não tem suas raízes na Bíblia, mas na heresia do modalismo monarquista (também denominado de *patripassianismo*, ou seja, a doutrina de que o Pai encarnou, foi crucificado e morreu), ensinada por Sabélio no 3º século (e assim a heresia também é conhecida como Sabelianismo). Sabélio ensinou que o Deus monoteísta (também chamado de mônade) se revelou progressivamente através dos ofícios da Trindade. Deus se revelou em diferentes manifestações, ou modos (daí o nome *modalismo*), como se estivesse usando três diferentes máscaras. Devido aos seus ensinamentos heréticos, Sabélio foi excomungado da Igreja.

O Ensino Bíblico da Trindade: Um mestre unicista escreveu que “dizer que Deus é três Pessoas e achar suporte para isso nas escrituras é um exercício de futilidade. Não há absolutamente nada na bíblia que suporte a idéia de que Deus é três Pessoas”.¹¹ As passagens listadas no final desse artigo, porém, mostram que o conceito da Trindade é solidamente bíblico. Os pentecostais unicistas estão corretos em dizer que Deus é único. Entretanto, a bíblia ensina que há uma Pessoa chamada Deus Pai, uma Pessoa chamada Deus Filho, e uma Pessoa chamada Deus Espírito Santo, o que indica que na natureza e essência do Deus único existem três Pessoas co-divinas e co-eternas. Muitas passagens bíblicas evidenciam a distinção nas obras de cada Pessoa da Trindade. No batismo de Jesus, por exemplo, enquanto

⁹ Timothy Crews, *Spiritual Roots*, 2nd edition (n.p.: n.p., n.d.), p. 10.

¹⁰ *Ibid.*, p. 11.

¹¹ Thomas Weisser, *Three Persons from the Bible? or Babylon* (n.p.: n.p., 1983), p. 2.

o Espírito Santo descia sobre Jesus como pomba, Deus Pai dá sua aprovação pública a ele, dizendo “este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt. 3:16-17).

Batismo somente no nome de Jesus: Como descrito acima, o movimento do Pentecostalismo Unicista começou quando R. E. McAlister batizou algumas pessoas numa reunião de avivamento, somente no nome de Jesus. Pentecostais unicistas hoje em dia mantêm essa prática porque crêem, como McAlister, que Atos 2:38 é o cumprimento de Mateus 28:19. David K. Bernard diz que Mateus 28:19 “ensina que os títulos de Pai, Filho, e Espírito Santo identificam um só nome e portanto um só ser (...) A igreja corretamente deu continuidade às instruções que Jesus deu em Mt. 28:19 quando os apóstolos usaram o nome de Jesus no batismo de águas”.¹² A IPU explica que “A palavra ‘nome’ é usada aqui no singular, e é o foco do comando batismal. Os títulos Pai, Filho e Espírito Santo descrevem os relacionamentos de Deus com a humanidade, e não são o nome supremo descrito aqui, que é Jesus”.¹³ Em outras palavras, os apóstolos batizaram somente no nome de Jesus, e, ao fazê-lo, seguiram perfeitamente as instruções do Senhor.

Além disso, pentecostais unicistas alegam que cristãos têm de ser batizados de acordo com a fórmula “somente Jesus” para que sejam salvos.¹⁴ Esse entendimento e prática batismal é extremamente importante para o estado espiritual dos pentecostais unicistas.

A fórmula “somente Jesus” reflete grande negligência ao contexto escritural. Por exemplo, o entendimento unicista de Mt. 28:19 é claramente refutado por Mt 28:18 – o versículo anterior! Jesus diz no versículo 18 que toda autoridade tinha sido dada a ele. Essa autoridade, é claro, só lhe poderia ter sido dada pelo Pai. Jesus já havia dito isso em outras passagens (e.g. Mt. 11:27; Jo. 3:35; 13:3; 17:1-2). Se o Pai e o Filho fossem a mesma Pessoa, estas e outras passagens (e.g. quando Jesus orava ao Pai) indicariam que Jesus ou estava mentindo, ou era esquizofrênico. Isso, porém, evidentemente não é o ensino bíblico. Jesus diz no versículo 18 que toda autoridade lhe foi dada pelo Pai, e é com base nessa autoridade que os apóstolos são comandados a fazer discípulos, batizando-os. Isso é refletido, por exemplo, em At. 10:48, onde novamente é expressa a autoridade na qual o batismo era praticado.

Línguas: Muitos pentecostais unicistas crêem que cristãos têm de receber o dom de línguas (em grego, *glossolalia*) para que sejam salvos. Eles não crêem que o dom por si só salva, mas que a somente aqueles que hão recebido o Espírito Santo serão salvos, e que *todos* os que O receberam também recebem e evidenciam o dom das línguas. David K. Bernard explica que

Línguas por si só não salvam. Porém, a relação entre o batismo do Espírito e línguas é semelhante à da fé e obras. Somos salvos pela fé, e não pelas obras, mas as obras sempre acompanham a fé genuína. Da mesma forma, línguas não podem nos salvar, mas o batismo do Espírito produz as línguas como seu sinal inicial (...) o batismo do Espírito sem línguas não é um conceito bíblico; a Bíblia não apresenta essa possibilidade. Sempre observaremos o dom de línguas quando uma pessoa recebe o batismo do Espírito Santo.

Nosso objetivo nesse documento não é apresentar uma discussão detalhada sobre a questão das línguas. Ainda assim, é necessário ressaltar que a crença unicista de que o dom de línguas é a evidência necessária do recebimento ou batismo do Espírito Santo (e não uma evidência

¹² Bernard, [Online].

¹³ *Why We Baptize in Jesus' Name*, [Online]. URL <http://www.upci.org/tracts/baptize.htm>

¹⁴ *The Apostles' Doctrine*, [Online]. URL <http://www.upci.org/tracts/doctrine.htm>

de que a pessoa está cheia do Espírito, como muitos pentecostais crêem), não é bíblica. Até mesmo Bernard admite que muitos episódios bíblicos de conversão não descrevem o recebimento do dom das línguas. Os unicistas, portanto, tentam argumentar que algo que ocorreu algumas vezes deveria *sempre* ocorrer. Não se pode argumentar isso se a própria Bíblia não apresenta as evidências necessárias.

Algumas Respostas Bíblicas

1. Existe um só Deus (e.g. Dt. 4:35, 39; 6:4; 32:39; Is. 43:10–11; Tg. 2:19)
 - a. Três Pessoas subsistem na mesma Essência:
 - i. Deus Pai (e.g. Mt. 6:9; 10:32. 23:9)
 - ii. Deus Filho (e.g. Jo. 1:1; 20:28-29; Hb. 1:1-9)
 - iii. Deus Espírito Santo (e.g. At. 5:3-4)

2. O Filho não pode ser somente uma manifestação temporária do Pai
 - a. O Filho é eterno (e.g. Jo. 1:1; 8:58; Cl. 1:17; 1 Jo 1:1)
 - b. Todas as coisas foram criadas através do Filho (e.g. Jo. 1:3; 1 Co. 8:6. Cl. 1:16; Hb. 1:1-3)

3. A salvação vem *somente* em função da graça de Deus através da fé em Jesus Cristo como Senhor e Salvador (e.g.; At. 4:12; Rm. 10:9-10; Ef. 2:8-10; 2 Tm. 2:5)

BRANHAMISMO

(Tabernáculo da Fé)

Adaptado do artigo por Phillip Arnn

Fundador: William Marrion Branham (1909–1965)

Data de Fundação: 1946

Publicações Oficiais: Gravações “A Voz de Deus” e A Palavra Original produzem vários livros, fitas e panfletos, quase todos sendo mensagens transcritas de Branham.

Organização Estrutural: Alguns movimentos branhamitas são representados pela Associação Evangelística William Branham; Tabernáculo Branham; Tabernáculo da Fé; e Gravações “A Voz de Deus”. Por volta de 100 grupos distintos existem em todo o mundo, mas não há uma única associação oficial de igrejas. (Um dos mais conhecidos discípulos de Branham, o portorriquenho William Soto Santiago — o “Missionário Internacional do Apocalipse” —, promove suas doutrinas estranhas através do seu ministério “A Voz da Pedra Angular/Missão Apocalíptica Internacional”.)

Termos Característicos: “A Era da Igreja de Laodicéia”, “A Mensagem do Sétimo Anjo”, “A Marca da Besta”, “Somente Crer”

História

William Marrion Branham nasceu em 6 de abril de 1909, no estado americano de Kentucky. Ele foi o primeiro de nove irmãos. Sua mãe lhe disse que seu nascimento durante a madrugada foi marcado por um sinal sobrenatural, quando uma luz apareceu na janela e pairou sobre a cama.¹

A vida de Branham foi supostamente influenciada por inúmeras visões e visitas angélicas. Ele contou que quando tinha 7 anos, escutou uma voz lhe dizendo “Nunca beba, nem fume, nem corrompa seu corpo de maneira alguma. Haverá uma obra para você fazer quando você ficar mais velho”.² Branham também contou sobre outras visões e comunicações audíveis que recebeu durante sua vida.

Branham se converteu aos 20 anos e se casou com Hope Brumbach. Sua conversão foi o resultado de uma série de visões ocorridas durante e após uma doença que poderia ter lhe causado a morte.³

No começo de seu ministério, ele se envolveu com os Pentecostais Unicistas, os quais aderem à antiga heresia do modalismo e negam a Trindade. Ele compareceu a uma de suas convenções nacionais e foi convidado a pregar, e, mais tarde, a conduzir cultos de avivamento em várias igrejas de pastores unicistas. Ainda que Branham tenha sido desencorajado por amigos e parentes a se envolver com os unicistas, ele foi profundamente influenciado por sua teologia herética, e adotou vários de seus fundamentos.

¹ Irmão Branham: “A História da Minha Vida”, p. 9.

² *Ib.*, p. 13.

³ *Acts of the Prophet*, pp. 40–43.

A esposa de Branham e sua filha recém-nascida morreram em 1937 de meningite tuberculosa. Branham concluiu que isso tinha sido um julgamento de Deus por ele não ter continuado sua associação com os unicistas.⁴

Em 1933 Branham supostamente recebeu uma mensagem da voz audível. Ele conta que enquanto batizava convertidos, veio um remoinho dos céus acima, e veio uma Luz, brilhando para baixo, pairando sobre ele, e uma voz dizendo que, como João Batista foi enviado como o precursor da primeira vinda de Cristo, ele também tinha uma mensagem, sendo o precursor da segunda vinda de Cristo.⁵

Em 1946, 13 anos depois de supostamente ter recebido seu comissionamento como sendo o precursor da segunda vinda de Cristo, Branham diz que foi visitado por um anjo numa caverna secreta. Ele o teria dito que lhe estava dando dois dons “para vindicar seu ministério”: o dom de cura e o dom da “palavra da ciência”. “Então acontecerá que você saberá o próprio segredo do coração deles” Disse: “Isto eles ouvirão”. O anjo ainda lhe dissera que, assim como os líderes religiosos da época de Jesus o tinham chamado de diabo, da mesma forma Branham não deveria se preocupar com a oposição da família e de outros ministros.⁶

No domingo seguinte, veio o primeiro teste: um ministro Pentecostal Unicista enviou-lhe um telegrama pedindo que ele viesse e orasse por sua filha que estava morrendo de câncer. Branham atendeu o pedido, e ela foi supostamente curada. A fama de Branham se espalhou, e ele afirmou que dali em diante o anjo estava com ele dia e noite, e que ele não podia ministrar se o anjo não estivesse com ele.⁷ Branham era um homem de pouca instrução e nenhum treinamento bíblico formal. Mas ele tem sido divinizado por alguns seguidores notáveis. Por exemplo, o evangelista T.L. Osborn escreve:

“Muitos vão me considerar como profano ou alguém que está se desviando doutrinariamente pelo que vou dizer (porém isso não importa): Deus desceu novamente à terra em carne humana; Deus neste tempo tem querido mostrar-se novamente a nós. Querendo Ele trazer a memória como foi quando esteve aqui na terra, enviou um homem pequeno de estatura, do campo, e sem educação, nos enviou um Profeta, em todo o sentido da expressão um homem Jesus. Elias não foi isso ... Isto é mais do que estamos acostumados a ver. Moisés tão pouco o foi. Devido à diferença quanto à dispensação, ele não pode ser o que nós temos visto. O irmão Branham foi muito mais que isso. Ele foi um homem enviado como sinal especial a esta geração, como sinal sobrenatural em uma medida extraordinária. (...) Deus tem enviado ao irmão Branham no século XX e tem feito da mesma forma. Deus em carne, novamente cruzando nossos caminhos e muitos não lhe conheceram (...) Esta geração nos tem sido encomendada, uma geração na qual Deus tem caminhado em carne humana, na forma de um profeta. Deus tem visitado seu povo, por que um grande Profeta se tem levantado entre nós”.⁸

Branham era um homem de pouca instrução, e nenhum treinamento bíblico formal. Ele alegava que seu ministério tinha sido instituído por manifestações sobrenaturais e era movido por um anjo.

⁴ *Irmão Branham: “A História da Minha Vida”*, pp. 33–34.

⁵ *Irmão Branham: “Como o Anjo Veio a Mim e a Sua Comissão”*, p. 64.

⁶ *Ib.*, pp. 68–69.

⁷ *Ib.*, pp. 68–69, 74–75; ver também *Occult Bondage and Deliverance*, pp. 49–50.

⁸ T.L. Osborn, *Um Homem Enviado de Deus*, pp. 36–40.

Doutrinas

Trindade: Assim como os Pentecostais Unicistas, Branham também negou a doutrina da Trindade, e pregou uma forma de Modalismo. Ao invés de três Pessoas na Trindade, Branham ensinou que há somente uma Pessoa (Jesus) que se manifesta sob diferentes títulos e aspectos em épocas históricas diferentes. Tal ensinamento é uma variação de uma heresia do segundo século chamada Sabelianismo (tendo sido propagada por Sabélio, no terceiro século), ou Monarquianismo (uma das variações do Modalismo), ou ainda Patripassianismo (a doutrina de que foi o Deus Pai que sofreu e morreu na cruz, já que Pai, Filho e Espírito Santo são somente manifestações ou máscaras usadas pela mesma Pessoa). Branham afirmou que “em nenhum lugar da Bíblia é mencionada a Trindade (...) isso é um erro da igreja Católica, e vocês protestantes se curvam a isso”.⁹ “(...) Onde a Bíblia cita o nome ‘Trindade’? Onde? Se isto fosse de Deus estaria em Sua palavra”. (...) “Não pense em três pessoas, mas em três ofícios. Se você crê que Deus é Onipotente, então crerá também que Ele pode se manifestar em vários modos, várias formas ao mesmo tempo”.¹⁰ “A doutrina da ‘Trindade’, inteiramente inescriturística, não é encontrada na era apostólica”.¹¹ “Pai, Filho e Espírito Santo são ofícios de um Deus. Ele foi o Pai; Ele foi o Filho; Ele é o Espírito Santo. São três ofícios, ou três dispensações”.¹² O Modalismo foi condenado como heresia já no terceiro século, e é explicitamente refutado pelo credos Niceno e Atanasiano, do quinto século.

Batismo: Branham ensinou que o batismo correto é necessário para que não se tenha a “marca da Besta”, ou seja, associação com qualquer denominação, e também para que um crente não seja, supostamente, deixado na terra após o arrebatamento, tendo que atravessar a “Grande Tribulação”. O batismo correto, segundo ele e os Pentecostais Unicistas, é somente no nome de Jesus. O batismo que inclui a formula Trinitária (conforme Mateus 28:18, em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo) é, segundo Branham, inaceitável a Deus.

Branham disse que “Nunca houve uma pessoa batizada no nome ‘do Pai, do Filho e do Espírito Santo’ antes da antiga igreja Católica”.¹³ “Leia sua Bíblia e vê se ela diz ‘nos nomes de ...’ Diz? Não senhor... ela diz ‘no Nome’ (...) você vê, então, que está enganado. É um só Deus em três dispensações”.¹⁴

Se a formula “incorreta” fosse usada durante o batismo, Branham acreditava que a pessoa batizada entraria em trevas. “Mas o batismo trino e triteísta nunca foi reconhecido na Igreja, no Novo Testamento (...) agora você sabe o que fazer, sim Senhor; e se você se recusar a andar na luz quando a luz há se manifestado, você entrará em escuridão. Certo! Amém”.¹⁵

A “Semente da Serpente”: Branham ensinou que o pecado de Eva no Jardim do Éden foi de natureza sexual. De acordo com ele, Eva foi seduzida sexualmente pela serpente e engravidou, dando luz a Caim. Ele explicou: “Isso é o que realmente aconteceu no Jardim do Éden: a Palavra diz que Eva foi enganada pela serpente. Ela foi na verdade seduzida pela serpente. A serpente era tão semelhante ao ser humano que sua semente podia, e de fato pôde se misturar com a da mulher e fazer com que ela concebesse”.¹⁶ “Agora notem. Ela, Eva, é a rainha de Satanás. Vêem, satanás (a serpente) chegou a Eva antes que Adão se achegasse a ela. Isso é certo. Assim

⁹ *Conduct, Order, Doctrine Q and A*, p. 182; *De Volta à Palavra Original*, pp. 11, 8.

¹⁰ *De Volta à Palavra Original*, p. 11

¹¹ *De Volta à Palavra Original*, p. 8

¹² *Conduct, Order, Doctrine Q and A*, p. 392.

¹³ *Ib.*, p. 178.

¹⁴ *Ib.*, pp. 181, 184.

¹⁵ *Ib.*, pp. 190.

¹⁶ *The Original Sin*, pp. 2, 3.

ela a enganou... assim sendo, Satanás, a serpente foi o esposo de Eva antes que Adão alguma vez a conhecesse” (...) “Agora notemos como por sexo (desejo sexual) ela desejou conhecimento para saber que era isto e como era este fruto, bom ou não ela o fez”.¹⁷ A semente da serpente foi Caim e seus descendentes, todos predestinados ao inferno. A semente divina é Sete e seus descendentes. Um terceiro grupo são aqueles que ainda estão em igrejas denominacionais, que têm livre arbítrio para escolher o céu ou o inferno. A semente divina é a Noiva de Cristo, e será arrebatada antes da Tribulação. As denominações passarão a ser a marca da Besta, e aqueles que nelas se mantiverem atravessarão a Tribulação.¹⁸

O Profeta dos Últimos Dias: Os seguidores de Branham alegam que ele tinha um papel especial como sendo o profeta dos últimos dias, especialmente apontado por Deus. “Eu sou somente seu irmão, pela graça de Deus. Mas quando o Anjo do Senhor descende, se torna então a Voz de Deus para vocês (...) eu sou a Voz de Deus para vocês (...) veja bem, eu não posso dizer nada por mim mesmo, mas apenas o que Ele me mostra”.¹⁹ O tal anjo teria dito a Branham que ele receberia dois dons espirituais e que ele restauraria as verdades bíblicas. “Este profeta do fim é o anjo à sétima e última era da igreja. E sua mensagem é a revelação que faz manifesto os segredos de Deus”. “Mas nos dia da voz do sétimo anjo, quando tocar a sua trombeta, se cumprirá o segredo de Deus, como anunciou aos profetas seus servos Apocalipse 10:7. Esta é uma profecia cumprida, pois os mistérios de Deus têm sido consumados através do ministério do irmão William Marrion Branham, ainda que muitos ignorem”.²⁰

Os seguidores de Branham identificam ele como sendo o Elias profético mencionado em Malaquias 4, bem como o sétimo anjo de Apocalipse 10. Falando de si mesmo, Branham disse que “nos foi prometido o retorno daquele espírito [Elias] pouco antes dos últimos dias. Ele não iniciará uma nova igreja, porque não há mais eras de igrejas por vir (...) a era da igreja de Laodicéia é a última era, e o Sétimo Anjo (...) é aquele que revelará, pelo Espírito Santo, todas essas coisas misteriosas (...) o último mensageiro para a última igreja não é um reformador, mas um Profeta!”²¹ “*Elias virá primeiro e restaurará todas estas coisas. Antes da Vinda de Cristo para o arrebatamento de Seu povo, tinha que vir um mensageiro com o Espírito e Virtude de Elias...O mensageiro desta era tinha que ser um profeta. Ele tinha que exercer um ministério profético baseado somente na Palavra de Deus. Este profeta do fim é o anjo à sétima e última igreja. E sua mensagem é a revelação que faz manifesto os segredos de Deus*”.²²

De acordo com seus discípulos, Branham não é somente um profeta, mas um grande profeta. “Um homem enviado por Deus. Deveria ser claro para todos aqueles que fizerem até mesmo uma simples investigação, que o ministério de William Branham se qualifica como sendo de um grande profeta, e assim cumpre Malaquias 4, 5, 6, e Apocalipse 10:7”.²³ “O mesmo Espírito que escreveu a Bíblia está num homem para revelar o conteúdo e a verdadeira interpretação dela. Isto é correto”.²⁴

Algumas Respostas Bíblicas

A Trindade: A doutrina da Trindade não pode ser entendida *em sua plenitude* pela mente humana, que é finita. Entretanto, nenhuma outra visão da essência de Deus é compatível com a

¹⁷ *O Éden Satânico*, pp. 22, 28.

¹⁸ *Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*, p. 96.

¹⁹ *Footprints on the Sands of Time*, p. 214.

²⁰ *De Volta à Palavra Original*, p. 22.

²¹ *The Seven Seals*, pp. 144, 45.

²² *De Volta à Palavra Original*, p. 22.

²³ *The Message*, Bible Believers, Inc., p. 7.

²⁴ *O Profeta do Século Vinte*, p. 82.

auto-revelação de Deus nas Escrituras. O Modalismo ensina que Deus é uma só Pessoa, se revelando em “modos”. Quando Deus se revela como o Pai, ele não funciona nos modos de Filho e Espírito Santo. Inúmeras passagens bíblicas, entretanto, refutam essa idéia. Alguns dos exemplos são as passagens na qual Jesus ora ao Pai, além do próprio batismo de Jesus, quando o Pai, de maneira pública e audível, outorgou seu ministério, ao mesmo tempo que o Espírito, de maneira pública e visível, desceu sobre ele. Dois pontos devem ser notados:

1. Existe um só Deus (e.g. Dt. 4:35, 39; 6:4; 32:39; Is. 43:10–11; Tg. 2:19)
 - a. Três Pessoas subsistem na mesma Essência:
 - i. Deus Pai (e.g., Mt. 6:9; 10:32. 23:9)
 - ii. Deus Filho (e.g., Jo. 1:1; 20:28,29; Hb. 1:1–9)
 - iii. Deus Espírito Santo (e.g., At 5:3–4)
2. O Filho não pode ser somente uma manifestação temporária do Pai
 - a. O Filho é eterno (e.g. Jo. 1:1; 8:58; Cl. 1:17; 1 Jo. 1:1)
 - b. Todas as coisas foram criadas através do Filho (e.g., Jo. 1:3; 1 Co. 8:6. Cl. 1:16; Hb. 1:1–3)

Batismo no Nome de Jesus: Branham, assim como os Pentecostais Unicistas, alega que os apóstolos batizaram somente no nome de Jesus, e que cristãos têm de ser batizados de acordo com a fórmula “no nome Jesus” para que sejam salvos. A fórmula “no nome Jesus” reflete grande negligência ao contexto escritural. Por exemplo, o entendimento unicista de Mt. 28:19 é claramente refutado por Mt. 28:18 — o versículo anterior! Jesus diz no versículo 18 que toda autoridade tinha sido *dada* a ele. Essa autoridade, é claro, só lhe poderia ter sido dada pelo Pai. Jesus já havia dito isso em outras passagens (e.g., Mt. 11:27; Jo. 3:35; 13:3; 17:1–2). Se o Pai e o Filho fossem a mesma Pessoa, estas e outras passagens (e.g. quando Jesus orava ao Pai) indicariam que Jesus ou estava mentindo, era um ventríloquo, ou era esquizofrênico. Isso, porém, evidentemente não é o ensino bíblico. Jesus diz no versículo 18 que toda autoridade lhe foi dada pelo Pai, e é com base nessa autoridade que os apóstolos são comandados a fazer discípulos, batizando-os. Isso é refletido, por exemplo, em At 10:48, onde novamente é expressa a autoridade na qual o batismo era praticado.

A Semente da Serpente: A doutrina sobre o pecado de Eva como sendo de natureza sexual com a serpente é completamente infundada. O texto bíblico é claro em afirmar que o pecado tanto de Eva como de Adão foi de desobedecer a Deus ao comer um fruto que lhes era proibido (cf. Gn. 3:6). Isso não é de nenhuma maneira uma referência a algum tipo de pecado sexual. A doutrina da semente da serpente não foi originada por Branham, mas tem paralelos nas doutrinas heréticas de Sun Myung Moon (fundador da Igreja da Unificação).

O Profeta dos Últimos Dias: É no mínimo interessante que o profeta dos últimos dias predissesse falsamente que os Estados Unidos seriam destruídos em 1977.²⁵ Na verdade, Branham assim se qualificou como um falso profeta (Dt. 18:20–22). Ainda que ele tenha tentado dizer que suas afirmações tenham sido uma predição, e não uma profecia (sem explicar a diferença), ele enfatizou firmemente que a data de 1977 era baseada nos seus trinta anos de estudo da Bíblia, bem como em “inspiração divina”. Branham e seus seguidores alegaram que suas previsões eram atestadas por supostos sinais e prodígios. Entretanto, mesmo se isso fosse verdade, tais sinais não seriam uma indicação infalível de que sua mensagem era de Deus (cf. 2 Ts 2:9; Mt 24:24).

²⁵ *The Seven Church Ages*, p. 322.

ADVENTISMO

Igreja Adventista do Sétimo Dia (ASD)

Adaptado do artigo por Timothy Oliver

Organização Estrutural: Sediada em Washington, D.C., a capital dos Estados Unidos, e organizada como uma democracia representativa. Escalões de base elegem representantes para escalões mais altos. As determinações, administração de políticas, e o controle doutrinal são impostos pelos altos escalões. A liderança administrativa é composta da Presidência e do Comitê Executivo da Conferência Geral, sob as quais estão as outras unidades administrativas: a Associação Geral, que é formada pelas Uniões; estas são formadas pelas Associações e Missões, as quais são formadas por Igrejas e Congregações. Várias universidades, faculdades e escolas, bem como vários hospitais, são também mantidos pela organização.

Termos Característicos: “Juízo investigativo”, “Espírito de Profecia”, “Igreja Remanescente”.

História

William (Guilherme) Miller (1782–1849), um pregador itinerante Batista de New England, que fundou o Movimento do Advento na América, previu que o mundo acabaria em 22 de março de 1843 com o retorno de Cristo. Seus seguidores condenaram todas as igrejas daquela época como sendo apóstatas, “Babilônia”, e incentivaram todos os cristãos a saírem delas. Muitos o fizeram, e um movimento “adventista” nasceu e cresceu rapidamente.¹

Não ocorrendo o retorno de Cristo na data prevista, apontaram para a data de 22 de outubro de 1844. Jesus novamente não veio. Após esse “grande desapontamento”, um outro grupo, o “pequeno rebanho” insistiu que a data da sua previsão original tinha sido correta. Eles decidiram que o evento que ocorreu em 1844 foi na verdade a entrada de Cristo no Santo dos Santos do Santuário Celestial, onde ele supostamente deu início ao “juízo investigativo”. Este juízo revela aos seres celestiais quem dentre os mortos será digno de ter parte na primeira ressurreição, e quem, dentre os vivos, está preparado para a transladação ao reino eterno. Essa doutrina foi endossada e ensinada por Ellen G. White.²

De 1844 a 1851 o grupo ensinou a doutrina da “porta fechada”, baseada na parábola das dez virgens.³ Qualquer pessoa que não tivesse a mensagem adventista quando Jesus entrou no santo dos santos ficaria de fora permanentemente, como ocorreu com as cinco virgens néscias. Separadas do Noivo, elas não podiam assim se tornarem membros dos Adventistas, nem terem nenhuma esperança de vida eterna. Ellen White aprovou e ensinou essa doutrina, e sua primeira visão foi responsável em grande parte pela aceitação da doutrina por parte dos Adventistas.⁴

¹ J. Gordon Melton, *Encyclopedia of American Religions*, 2:21–22.

² *Ib.*, p. 680.

³ “Por algum tempo depois da decepção de 1844, mantive, juntamente com o corpo do advento, que a porta da graça estava para sempre fechada para o mundo”. *Mensagens Escolhidas* 1:63.

⁴ Robert D. Brinsmead, *Judged by the Gospel: A Review of Adventism*, pp. 130–33.

Em 1846 o grupo tinha adotado a doutrina dos Batistas do Sétimo Dia, que ensinavam que todos os cristãos tinham de observar o sábado, o sétimo dia da semana. Uma versão elaborada dessa doutrina, combinada com a doutrina do juízo investigativo, se tornaram a marca característica dos Adventistas do Sétimo Dia.

Em 1850 James White (1821–1881) e Ellen G. White (1827–1915) começaram a publicar a revista *The Review & Herald*, disseminando suas doutrinas adventistas e sabatistas. Isso contribuiu para que muitos “Milleritas” (seguidores de William Miller) se organizassem num corpo distinto que adotou o nome de Igreja Adventista do Sétimo Dia em 1860, incorporado formalmente em 1863 com aproximadamente 3.500 membros em 125 congregações⁵.

Ellen White nunca ostentou oficialmente o título de líder da igreja, mas foi uma das fundadoras e assumidamente uma líder espiritual. Ela propositadamente recusou o título de “profetisa”, e se auto-denominou “mensageira”.⁶ Ela, porém, alegou ter o “Espírito de Profecia”, e que suas mensagens vinham diretamente de Deus para a direção e instrução da igreja. Com seu conhecimento e consentimento, outros a chamaram de profetisa, e até mesmo de o próprio “Espírito de Profecia”.⁷ Tendo apenas uma educação de nível primário, Ellen White alegou por anos que não sabia ler, e que sua prosa literária era inspirada por Deus. Foi-se descoberto, porém, que ela não só sabia ler, como também plagiava outros autores em quase todas as suas obras. Esses fatos foram documentados e indiscutivelmente provados em vários livros.⁸

Historicamente, evangélicos têm tido dificuldade em definir e categorizar os ASD. Muitas de suas doutrinas são bíblicamente ortodoxas. Muitos de seus membros são cristãos genuínos, alguns até mesmo em posições influentes na organização. Em vários pontos de sua história, e principalmente na Convenção Geral de 1888, a igreja ASD foi influenciada pelo evangelho bíblico. Isso se intensificou na década de 70.⁹ Infelizmente, isso provocou uma polarização. Os administradores da igreja de maneira geral se firmaram nas posições não-ortodoxas da igreja ASD tradicional, enquanto que alguns pastores, e até mesmos congregações inteiras, foram convidadas a se retirarem da igreja.¹⁰ As publicações oficiais da igreja ASD continuam a defender lendas sobre Ellen White, e alega que não houve diferença entre o nível de inspiração que ela recebeu e que os autores bíblicos receberam.¹¹ Na Conferência Geral de junho de 2000, foi votado que a organização afirmaria e defenderia mais energeticamente a idéia do “Espírito de Profecia através do ministério de Ellen White”.¹² A igreja ASD também ensina outras doutrinas que são claramente irreconciliáveis com o evangelho bíblico (veja em “Doutrina” a seguir). Enquanto isso continuar, evangélicos devem persistir em questionar o status da igreja ASD no cristianismo, e mais ainda, sua alegação de ser a única “igreja remanescente” de Deus. Hoje existem também vários cismas do adventismo, incluindo a Igreja Adventista da Promessa (estabelecido em Moçambique em 2000) e a Igreja Adventista do 7º Dia Movimento de Reforma.

⁵ *Encyclopedia of American Religions*, 2:681.

⁶ Damsteegt, P.G., et. al., *Nisto Cremos: 27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia*, pp. 301, 302.

⁷ Maurice Barnett, *Ellen G. White & Inspiration*, pp. 5–17.

⁸ e.g., Walter Rea, *The White Lie*; e *Judged by the Gospel*, pp. 361–83.

⁹ Geoffrey J. Paxton, *O Abalo do Adventismo*.

¹⁰ Kenneth Samples, “From Controversy to Crisis,” *Christian Research Journal*, Vol. 11, No. 1, pp. 9–14.

¹¹ *Review & Herald*, 4 de outubro de 1928, p. 11; “Source of Final Appeal,” *Adventist Review*, 3 de junho de 1971, pp. 4–6; G. A. Irwin, *Mark of the Beast*, p. 1; “The Inspiration and Authority of the Ellen G. White Writings,” *Adventist Review*, 15 July 1982, p. 3; *Ministry*, outubro de 1981, p. 8; ver também *Judged by the Gospel*, pp. 125–30.

¹² *Adventist Today* [online: julho de 2000]

Doutrinas

Os ensinamentos da igreja ASD mais claramente contrários ao evangelho bíblico são sua insistência de que o batismo é um requisito necessário à salvação, sua doutrina sobre a observância do sábado como sendo necessário para a identificação de crentes verdadeiros, e sua doutrina sobre o “juízo investigativo”.

Batismo: “(...) Nesta comissão Jesus deixou claro que Ele desejava fossem batizados todos aqueles que quisessem tornar-se parte de Sua Igreja, de Seu reino espiritual. ..., elas deveriam ser batizadas.” “No batismo, o crente ingressa na paixão experimentada por nosso Salvador”. “(...) o batismo assinala também o ingresso da pessoa no reino espiritual de Cristo (...) ele une o novo crente a Cristo (...) Através do batismo, o Senhor acrescenta novos discípulos ao corpo de crentes (...) Assim eles se tornam membros da família de Deus”.¹³

O sábado: “(...) a divina instituição do sabática deve ser restaurada (...) a difusão dessa mensagem causará um conflito que envolverá o mundo inteiro. O fator central será a obediência à lei de Deus e a observância do sábado (...) Aqueles que a rejeitarem acabarão recebendo a marca da besta”.¹⁴

Em uma de suas obras mais reverenciadas, Ellen White escreve que a observância do sábado seria a “linha de distinção” no “teste final” que separará o povo de Deus nos últimos dias, que recebera “o selo de Deus” e é salvo, daqueles que “recebem a marca da besta”.¹⁵

Descrevendo uma visão supostamente de Deus, Ellen White escreve: “Vi que o santo sábado é e será o *muro de separação* entre o verdadeiro Israel de Deus e os incrédulos”.¹⁶ Ela também escreveu sobre alguns Adventistas que não estavam compreendendo que “a observância do Sábado é de importância suficiente para constituir uma linha entre o povo de Deus e os incrédulos”.¹⁷

O Juízo Investigativo: “Em 1844 ...Ele [Cristo] iniciou a segunda e última etapa de Seu *ministério expiatório*. É uma obra de juízo investigativo, a qual faz parte da eliminação final do pecado, (...) Também torna manifesto quem, dentre os vivos, permanecem em Cristo, *guardando os mandamentos de Deus* e a fé em Jesus, estando, portanto, nEle preparado para a transladação ao Seu reino eterno. Este julgamento *vindica a justiça de Deus* ao salvar os que crêem em Jesus. Declara que os que permanecem leais a Deus receberão o reino”.¹⁸

“(...) nosso Sumo Sacerdote entra no lugar santíssimo [em 1844] (...) realizar a obra do juízo investigação e *fazer expiação* por todos os que se verificaram *com o direito* aos benefícios da mesma (...) a obra de cada homem é revista perante Deus e é registrada pela sua fidelidade ou infidelidade (...) a lei de Deus é a norma pelo qual o caráter e vida dos homens serão aferidos no juízo (...) Ao abrirem-se os livros de registro no juízo, é passada em revista perante Deus a vida de todos os que creram em Jesus (...) Aceitam-se nomes, e rejeitam-se nomes (...) tornando-se eles participantes da justiça de Cristo, e *verificando-se estar o seu caractere em harmonia com a lei de Deus*, seus pecados serão riscados e *eles próprios* havidos por dignos da vida eterna (...) Jesus não lhes justifica os pecados, mas apresenta o seu *arrependimento e*

¹³ *Nisto Cremos*, pp. 251, 255, 258, 259.

¹⁴ *Ib.*, pp. 349, 350.

¹⁵ *O Grande Conflito*, p. 611.

¹⁶ *Primeiros Escritos*, p. 33; ênfase nossa.

¹⁷ *Ib.*, p. 85.

¹⁸ *Nisto Cremos*, p. 407; ênfase nossa.

fê, e, reclamando o perdão para eles, ergue as mãos feridas perante o Pai e os santos anjos, (...) Pecados que não houve arrependimento e que não foram abandonados, não serão perdoados nem apagados dos livros de registro, mas ali permanecerão para testificar contra o pecador (...) [Cristo] guardou os mandamentos de seu Pai, e nele não houve pecado (...) esta é a condição na qual aqueles de permanecerão na hora da tribulação devem ser encontrados”.¹⁹

De acordo com Ellen White, uma pessoa para ser salva deve crer nessa doutrina. “Aqueles que desejam partilhar da mediação dos benefícios do Salvador não podem permitir que nada interfira com o sua obrigação de aperfeiçoar a santidade no temor de Deus (...) a questão do santuário e do juízo investigativo deve ser claramente entendida pelo povo de Deus. Todos tem de ter o conhecimento da posição [no Santo dos Santos] e obra [juízo investigativo] de seu Sumo Sacerdote. *Do contrário, será impossível que exercitem a fé que agora é essencial* para que ocupem a posição que Deus tem para eles. Todo individuo tem uma alma para ganhar ou perder. Cada um tem um caso pendente perante Deus (...) todos que não receberam iluminação nessas questões devem dar testemunho das grandes verdades que Deus lhes tem entregue. O santuário nos céus é o centro da obra de Cristo a seu favor (...) é de urgente importância que todos examinem cuidadosamente essas questões (...) a intercessão de Cristo pelo homem no santuário celeste é *essencial* ao plano de salvação tanto quanto sua morte na cruz. Na sua morte ele *começou* a obra que ele *completa depois* de sua ressurreição e ascensão.”²⁰

“Sono da alma”: Segundo a doutrina adventista, os mortos vão para a sepultura, onde dormirão, inconscientes, aguardando a ressurreição. Assim sendo, nenhum justo (tanto do Antigo quanto do Novo Testamento) jamais foi para o céu. Os justos ressuscitarão quando Jesus voltar. Os injustos que morreram não estão num lugar de sofrimento eterno, sendo que “inferno” significa simplesmente a “sepultura”; eles ressuscitarão no fim do Milênio, para então serem destruídos, i.e., aniquilados.²¹

Outras doutrinas características incluem o vegetarianismo e outras questões de “saúde”; a doutrina do “sono da alma” (na verdade uma doutrina da não-existência da alma depois da morte, exceto na memória de Deus); e a doutrina da aniquilação dos ímpios (e não sua punição eterna, consciente).

Algumas Respostas Bíblicas

Batismo: Rm 3:21–26, 28; 4:4–6; 23–24; 5:1; Gl 2:16; 3:26; 5:1–6; Ef 2:4–10; Cl 1:13–14; 2:13–14. Essas passagens deixam claro que a salvação é inteiramente pela graça de Deus, apreendida somente pela fé, e não por obras. O batismo é mencionado em associação com essas passagens, mas o Novo Testamento usa a palavra *batismo* de diversas maneiras. “Um só batismo” mencionado em Ef 4:4–5 como sendo essencial claramente se refere ao batismo do Espírito, recebido quando uma pessoa é convertida e incorporada como membro do corpo de Cristo. Quando uma passagem menciona o batismo como sendo essencial à salvação, ela se refere ao batismo do Espírito que recebemos quando somos regenerados e convertidos – ou seja, quando o Espírito passa a habitar em nós. Do contrário, isso contraria o claro ensinamento bíblico de que não somos salvos por nenhuma obra, e somente pela graça através da fé.

¹⁹ *O Grande Conflito*, pp. 484 a 489, ênfase nossa.

²⁰ *Ib.*, pp. 488–89; ênfase nossa.

²¹ v. George A. Mather e Larry A. Nichols, *Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo*, p. 193.

O Sábado: As citações de Ellen White acima são bem claras: a observância do Sábado (e não a fé somente em Cristo para o perdão dos pecados e a vida eterna) é a linha de divisão entre os salvos e os perdidos no fim dos tempos. Isso é obviamente oposto a doutrina bíblica da salvação, de acordo com as passagens bíblicas citadas acima. Veja também Rm 14:5–6; Cl 2:16–17. O sábado do Antigo Testamento nunca foi mais do que a mera sombra das coisas que haviam de vir. Portanto, a realidade no Novo Testamento sobre o repouso sabático de Deus, da maneira como Paulo e o autor de Hebreus deixam claro, é o próprio Jesus o repouso no qual o crente entra em Cristo (Hb 4:1–10).

O Juízo Investigativo: o conceito do juízo investigativo é antiético ao evangelho. Jesus não esperou até 1844 para entrar no Santo dos Santos no céu (Hb 1:3; 6:19–20; 8:1; 9:6–12, 24; 12:2). Nem está ele ainda fazendo expiação no céu (Hb 9:25–26; 10:11–14). O juízo investigativo supostamente “vindica a justiça de Deus ao salvar aqueles que crêem em Jesus”, ao mostrar que eles foram “leais”, “penitentes” e “fiéis” guardadores dos mandamentos. Isso é um erro grave. A justiça de Deus ao salvar pecadores é completamente satisfeita e vindicada pela morte de Cristo na cruz (Rm 3:24–26).

Até mesmo quando falam da salvação pelos méritos de Jesus, os escritores adventistas normalmente se referem à justiça *comunicada*, e raramente ao conceito bíblico da justiça *imputada*. O uso da expressão “justiça de Cristo” associada com a insistência que a perfeição de caráter do crente é pré-requisito para a salvação nada mais é do que uma doutrina que leva à justificação pelas obras, o que as Escrituras dizem ser impossível (Rm 11:6). As palavras de Ellen White deixam claro que em sua visão, ninguém pode ser perdoado antes que todos os pecados forem erradicados de sua vida, e seu caráter seja aperfeiçoado. Essa heresia é encontrada em muitas outras seitas, inclusive o mormonismo. Ela é contrária à doutrina bíblica da salvação somente pela graça, através unicamente da fé.

Como se isso não fosse suficiente, a doutrina adventista também ensina que para que se exercite a fé necessária à salvação, é preciso que se creia que 1844 foi a data de entrada de Jesus no Santo dos Santos. Isso é claramente errôneo, porque é impossível que depois de Jesus ter declarado na cruz “está consumado!” (i.e., completo, quitado), ele tenha tido de esperar mais 1800 anos por um outro evento – tão essencial quanto sua morte e ressurreição – que completasse a salvação, no qual quem quiser ser salvo tenha que crer. Isso nada mais é do que um “outro evangelho” (Gl 1:6–9).

“Sono da alma”: As doutrinas do sono da aniquilação da alma são claramente aberrantes e contrárias ao ensinamento bíblico. As escrituras ensinam que o inferno é um lugar de escuridão e de tormento, no qual os ímpios sofrerão conscientemente por toda a eternidade (Mt 3:12; 18:8, 9; 22:13; 25:28–30, 41, 46; Mc 9:43–48; Lc 16:23–28; Ap 14:10–11, etc.). Os justos, na medida que fisicamente morrem, passam diretamente e conscientemente à vida eterna na presença do Senhor (Fl 1:23; Ap 6:9–11).

Outras Doutrinas: Algumas doutrinas adventistas sobre a “saúde” são até úteis, e não contradizem as Escrituras – exceto pelo fato da não observância dessas doutrinas ascéticas (Gl 2:11–16) ter, segundo suas crenças, conseqüências espirituais, o que não é bíblico (Cl 2:20–23).

MEDITAÇÃO TRANSCENDENTAL (TM)

Adaptado do artigo por Marty Butz

Fundador: Maharishi Mahesh Yogi (1917–)

Data de Fundação: 1955

Publicações Oficiais: incluem *Ciência do Ser e Arte de Viver*; *S. S. Maharishi Mahesh Yogi Comenta o Bhagavad – Gita: Capítulos 1 a 6*

Organização Estrutural: Opera através de vários centros na Europa e nos Estados Unidos. Existem Universidades Védicas Maharishi (como a Maharishi University of Management nos EUA) e Universidades Ayur-Veda Maharishi. O movimento tem um ramo político, o Partido da Lei natural (PLN), que funciona em vários países.

Termos Característicos: “Efeito Maharishi”, “Ciência da Consciência”, “vôo yóguico”, “Ciência da Inteligência Criativa”, “Sociedade Internacional de Meditação” (SIM), “Tecnologia de Vibração Védica”, “Academia da Ciência Védica Maharishi”, “Programa de MT Sidhis”.

História

“MT, que é anunciado como um método meditativo para a obtenção de uma ‘serenidade sem drogas’, foi introduzido no Ocidente em 1959 por Maharishi Mahesh Yogi, que tinha sido devoto de Swami Brahmanand Saraswati Maharij, um guru indiano muito conhecido e altamente respeitado. Ele recebeu de seu mestre não somente sua visão do mundo e sua técnica de meditação, mas também a inspiração de disseminar a mensagem”.¹ Ao chegar à Califórnia, “o atrativo da nova religião [Yogi] estava na sua oferta da paz, felicidade e crescimento espiritual através de um sistema de profunda meditação”.²

Nos anos sessenta, Maharishi Mahesh Yogi já tinha se tornado popular “por ter adquirido seguidores notáveis”, incluindo nomes famosos como os Beatles, Mia Farrow e esportistas famosos.³ Entretanto, essa popularidade começou a diminuir, e Maharishi “retornou à Índia em 1970 para reformular sua estratégia”.⁴

Em 1972, Maharishi fez uma revisão na Meditação Transcendental para que encaixasse no seu “Plano Mundial”. Seu objetivo era “fazer nosso entendimento abrangente da sabedoria e da vida ao mundo inteiro”.⁵ Nesse projeto quase missionário, o Plano Mundial aplicou as idéias de Maharishi “aos aspectos pessoais, políticos, educacionais, ecológicos, sociais, econômicos, e espirituais da vida”.⁶ Através dessa adaptação, Maharishi “astutamente mudou a ênfase na apresentação da MT dos aspectos espirituais para os práticos e científicos, para

¹ Ruth A. Tucker, *Another Gospel: Alternative Religions and the New Age Movement*, p. 382.

² Richard Kyle, *The Religious Fringe: A History of Alternative Religions in America*, p. 205.

³ Gordon R. Lewis, *What Everyone Should Know about Transcendental Meditation*, p. 3.

⁴ *The Religious Fringe*, p. 205.

⁵ *Ib.*, p. 205.

⁶ David Haddon e Vail Hamilton, *TM Wants You!: A Christian Response to Transcendental Meditation*, p. 20.

assim burlar as resistências tanto materialistas quanto religiosas ao seu ensinamento espiritual.⁷ Essa nova estratégia também “permitiu que a MT obtivesse apoio governamental e um espaço no currículo das escolas públicas, o que provavelmente lhe teria sido negado se ela tivesse sido apresentada em seus termos originais, que eram mais espirituais”.⁸ A partir de então, “Maharishi passou a promover a MT como uma ciência, e não uma religião, usando linguagem mais psicológica do que espiritual. Ele tinha por objetivo evitar o tipo de conflito Estado-Igreja”.⁹

A estratégia do Plano Mundial de Maharishi, secularizando a MT, obteve sucesso em estabelecê-la como algo mais do que uma simples moda. Em poucos anos, “seis escolas públicas no Estado de Nova Jérsei receberam doações de 40.612 dólares do departamento governamental de Saúde, Educação, e Previdência, para classes experimentais”.¹⁰ “A Câmara dos Deputados do Estado de Illinois aprovou uma resolução incentivando escolas a oferecerem cursos de MT (...) O governo federal proveu fundos para 17 projetos de pesquisa da MT”.¹¹ Quando Maharishi apareceu num programa de auditório muito popular da televisão americana, a MT foi endossada pessoalmente pelo apresentador de televisão Merv Griffin e seus convidados diante de quase 30 milhões de espectadores. Os comentários de Griffin de que a MT estava sendo ensinada em muitos sistemas de escolas públicas, bem como utilizada em empresas, hospitais, times desportivos e serviços militares, contribuíram muito para a promoção da imagem da MT.¹² Nos meados de 1975, dois livros da lista dos mais vendidos eram sobre a MT, e ela entrou “numa nova era de respeitabilidade, na medida em que profissionais liberais, empresários, atletas profissionais e membros do congresso” se tornaram meditadores.¹³

Entretanto, após 1975, os destinos da MT tomaram outro rumo. O “número de pessoas ingressando em cursos de MT diminuiu significativamente”.¹⁴ Em reação, “a liderança da MT anunciou um programa avançado que alegava ensinar meditadores a levitar e desaparecer quando desejassem”. Essas incríveis alegações “mancharam a imagem científica da MT” que ela tinha se empenhado em criar, e, como resultado, a organização perdeu credibilidade.¹⁵ Quando uma “corte federal sancionou que a MT era uma prática religiosa”, e essa sanção foi mantida pelo 3º. Distrito da Corte de Apelos dos Estados Unidos, (caso Malnak contra Yogi), a MT passou a ser “sujeita à cláusula de estabelecimento da Constituição americana”, que não só lhe negava o privilégio de receber fundos federais, mas também a proibia de ser ensinada em escolas públicas, um dos mercados-chave para a MT.¹⁶

Além desses revezes, a MT passou a ser criticada como sendo na realidade nociva, e não benéfico, a alguns de seus adeptos. Em 1978, a revista americana *Psychology Today* (“Psicologia Hoje”) noticiou que um “número considerável” de meditadores estava apresentando sinais de “ansiedade, depressão, tensão física e mental, e outros efeitos adversos”.¹⁷ “Em 1980, o Instituto da Juventude e Sociedade, órgão do governo alemão

⁷ *Ib.*

⁸ *Ib.*

⁹ *The Religious Fringe*, pp. 205–6.

¹⁰ Leslie Goldberg, “Meditation movement: From levitation to litigation”, *San Francisco Examiner*, 10 de setembro de 1989, p. E3.

¹¹ *Ib.*

¹² *Another Gospel*, pp. 382–3.

¹³ *San Francisco Examiner*, 10 de setembro de 1989, p. E3.

¹⁴ *Religious Fringe*, p. 206.

¹⁵ *Ib.*

¹⁶ *Religious Fringe*, p. 207.

¹⁷ *San Francisco Examiner*, 10 de setembro de 1989, p. E3.

ocidental, produziu um relatório que qualificava a MT como um grupo psíquico, e dizia que a maioria das pessoas que tinha participado em suas atividades tinha experimentado disfunções psicológicas ou físicas”.¹⁸

A organização MT respondeu aos relatórios e estudos críticos citando outros estudos que indicavam resultados benéficos da meditação. Entretanto, esses estudos também foram alvo de críticas, quando foi observado que eles muitas vezes não tinham credibilidade por não serem “estabelecidos independentemente através de testes científicos rigorosos”.¹⁹ Além do fracasso da MT em citar pesquisas que tivessem alto padrão científico, foi também observado que “as práticas de marketing da organização MT” incluíam “um vasto esquema de desinformação, fraude, e manipulação da mídia jornalística leiga e científica, com fins de obter respeitabilidade e lucros”.²⁰

Como resultado, alguns dos adeptos da MT, e em particular aqueles que tinham freqüentado cursos avançados ou estudado para se tornarem mestres, começaram a processar a organização no fim dos anos 80. As acusações de que a MT e suas afiliações eram “organizadas como uma seita”, “implementaram um esquema fraudulento utilizando técnicas de reprogramação mental” e de que “defraudaram” seus membros de seu dinheiro, trabalho, e uma porção significativa de suas vidas, eram comuns por parte daqueles que estavam processando a organização.²¹ Robert Kropinski, um ex-membro, acusou as organizações MT de fazerem “falsas promessas” de que ele “poderia aprender a voar”, enquanto na realidade estavam ensinando seus estudantes a “pularem impulsionados pelas pernas cruzadas em posição lótus”.²² Apesar de ter perdido o caso quando a MT recorreu, a sentença original de uma corte federal era de que ele receberia 137.890 dólares, julgando as organizações MT culpadas de “fraude e negligência”.²³

A Meditação Transcendental entrou no campo político em 1992, quando o Partido da Lei Natural foi fundado no campus da Universidade Internacional Maharishi, no Estado de Iowa. A criação do “partido americano, um dos quase 40 partidos semelhantes em vários países do mundo, seguiu a estipulação de Maharishi, desde o começo dos anos 90, de que seus seguidores deveriam se envolver no ramo político”. Usando “idéias baseadas na MT para defender soluções para problemas de saúde, combater o crime, limpar o meio-ambiente, equilibrar o orçamento e implementar um imposto único”, o Partido da Lei Natural estabeleceu uma ampla plataforma política. Muitos candidatos do partido, incluindo seu ex-candidato presidencial John Hagelin, têm negado qualquer conexão formal entre o partido e o movimento MT. Entretanto, há uma abundância de “laços informais”, e o próprio porta-voz do partido, Bob Roth, declarou que “tem existido uma ampla cobertura da mídia sobre a MT e o partido. Não é segredo que esse é o partido da MT”. Em 1995, “das dezenas de candidatos para o Congresso e para o Judiciário na Califórnia que o partido lançou, praticamente todos são praticantes da Meditação Transcendental”.²⁴

¹⁸ Edward Epstein, “Politics and Transcendental Meditation”, *San Francisco Chronicle*, 29 de dezembro de 1995, p. A1.

¹⁹ John Ankerberg e John Weldon, *Encyclopedia of New Age Beliefs*, p. 438.

²⁰ *The Cult Observer*, vol. 8, no. 9, 1991, p. 3.

²¹ Kenneth Pins, “Tranquil state of TM shaken by former meditators’ charges”, *Des Moines Sunday Register*, 18 de novembro de 1990, p. 1A.

²² “Man Who Said He Didn’t Get to Fly Awarded \$138,000”, *Washington Post*, 14 de janeiro de 1987, p. B04.

²³ *Ib.*

²⁴ *Ib.*

Hoje, enquanto “dezenas de estudos [demonstraram] os efeitos nocivos da meditação”,²⁵ a MT continua sendo “a forma de meditação mais amplamente praticada [nos EUA]. Milhares de professores escolares se tornaram meditadores nesse sistema, e muitos também têm incentivado seus estudantes a praticar MT. Ainda que a MT tenha sido legalmente expulsa da sala de aula, (...) em alguns sistemas escolares suas práticas continuam a serem ensinadas”. O movimento alega que “Maharishi Maheshi Yogi é mundialmente reconhecido como o maior cientista no campo da consciência e aceito como maior Mestre da atualidade.” É estimado que a organização MT “têm um valor capital de três a quatro bilhões de dólares”.²⁶

Doutrinas

A Meditação Transcendental é descendente do Hinduísmo, uma tradição religiosa oriental. Num nível pessoal e prático, a MT “é uma prática espiritual chamada yoga, que é apresentada ao mundo ocidental como uma maneira ‘científica’ de reduzir o stress e encontrar paz de espírito”.²⁷ Ela promete “resultados excepcionais com um mínimo de esforço”,²⁸ requerendo somente 20 minutos de meditação, duas vezes ao dia. Porém, num nível cósmico, o “Plano Mundial da MT tem o objetivo de (...) solucionar os problemas que têm afligido a humanidade por séculos. Por sua adoção de objetivos utópicos, a MT pode legitimamente ser considerada como um movimento milenarista da Nova Era.”²⁹

Ainda que o movimento procure expressar seus conceitos em linguagem científica ou termos neutros, e ainda que promova “benefícios medicinais como uma forma de relaxamento”, a MT “claramente incorpora idéias panteístas no seu sistema. Ainda que suas técnicas possam ser aprendidas de uma maneira puramente mecânica, suas respostas a perguntas como ‘por que?’ e ‘como?’ inevitavelmente levam seus iniciantes à esfera da filosofia ocidental”.³⁰

Deus: Quando Maharishi, falando sobre Deus, diz que “o Ser absoluto, único, eterno e não-manifestado, se manifesta em muitas formas de vida e existências na criação”,³¹ é fácil se concluir que “o deus da MT é (...) panteísta”.³² Panteísmo “nega a personalidade de Deus e o identifica como sendo as forças e as leis do universo”.³³

A Natureza Humana: Maharishi ensina que a natureza humana é basicamente boa e impoluta, declarando que “simplicidade e inocência estão profundamente enraizadas na própria natureza de cada indivíduo”.³⁴ Ele também declara que “o Deus impessoal é um Ser que habita no coração de todos. Cada indivíduo é, na sua verdadeira natureza, o Deus impessoal”.³⁵ Não se pode duvidar que Maharishi vê o homem como sendo essencialmente bom.

O Problema da Humanidade: “A necessidade maior do homem, segundo a MT, é (...) de um estado de consciência chamado Unidade”.³⁶ Mais especificamente, “de acordo com o diagnóstico de Maharishi, a mais profunda dificuldade do homem é sua falta de consciência

²⁵ *Encyclopedia of New Age Beliefs*, p. 438.

²⁶ *Ibid.*

²⁷ Elliot Miller em Walter Martin [ed.], *The New Cults*, p. 91.

²⁸ *Ib.*, pp. 91–92.

²⁹ *The Religious Fringe*, p. 209.

³⁰ David K. Clark e Normal L. Geisler, *Apologetics in the New Age: A Christian Critique of Pantheism*, p. 10.

³¹ *The New Cults*, p. 96.

³² *Ib.*

³³ *What Everyone Should Know...*, p. 88.

³⁴ *TM Wants You*, p. 149.

³⁵ *Ib.*

³⁶ *What Everyone Should Know...*, p. 25.

de seu próprio Ser divino. Ao invés de alcançar a consciência de Deus, as pessoas tentam serem boas, ou meramente pensam sobre Deus.³⁷ Maharishi diz que “toda miséria no mundo é resultado da falta de compreensão disso”.³⁸

A Salvação da Humanidade: Maharishi diz: “Aquietai-vos, e sabeis que sois Deus, e quando souberdes que sois Deus, começareis a viver a Divindade”.³⁹ Como pode ser visto, “de acordo com Maharishi, o homem tem esquecido de sua divindade interna, como resultado da perda da simples técnica na qual ela é experimentada. Essa técnica simples é a MT”.⁴⁰

Num ritual de iniciação chamado Puji, onde a meditação é ensinada, o iniciante participa de uma cerimônia Hindu na qual ele adora divindades hindus e oferece sacrifícios de frutas, flores, e tecido”.⁴¹ “Somente após essa cerimônia o iniciante pode receber seu mantra para meditação”.⁴² O mantra é “dado pelo mestre ao seguidor (...) como uma arma para a defesa contra o raciocínio, o pensamento, e a conceitualização, e para unir o meditador com o divino dentro de si mesmo. O mantra é um som sem sentido, como “Om”, cujas vibrações levam à união com a Fonte de cada um”.⁴³ É significativo que “o próprio Maharishi admite que o uso do mantra invoca deuses e espíritos do mundo espiritual”.⁴⁴

Algumas Respostas Bíblicas

Maharishi e seu movimento negam que a MT seja uma religião, e, como resultado, “líderes judeus, protestantes, e católicos têm endossado MT junto a suas congregações, e muitos desses líderes até mesmo a praticam. A MT é, porém, hinduísmo. Sua origem, rito de iniciação, natureza, prática e teoria são todas religiosas em sua essência”.⁴⁵ “Ao contrário das alegações da MT, ela é um sistema religioso hindu, incompatível com o cristianismo. Ela nega as doutrinas centrais da fé cristã e afirma o sistema hindu de monismo e maya”.⁴⁶ O monismo afirma que “não há uma distinção básica entre (...) o bem e o mal, o Criador e a criatura”.⁴⁷ O maya afirma que “o mundo (...) não é o que aparenta ser”.⁴⁸

Fica claro que o rito pagão do Puja (que contradiz Êx. 20:2–5), a falta de distinção entre o bem e o mal, entre o Criador e a criatura (o que contradiz Is. 5:20; Rm. 1:25) e o ensinamento da bondade básica e natural do homem (o que contradiz Lc. 11:3; Ef. 2:1–3; Rm. 3:9–18; Jr. 17:9) são provas suficientes (ainda que não exaustivas) da incompatibilidade da MT com o cristianismo, e de sua rejeição de Cristo como sendo o Deus único e verdadeiro, Salvador único e verdadeiro, e a única e verdadeira esperança para a humanidade.

³⁷ *Ib.*, p. 23.

³⁸ *Ib.*

³⁹ *TM Wants You*, p. 150.

⁴⁰ *Ib.*, pp. 150–1.

⁴¹ *The New Cults*, p. 95.

⁴² *Ib.*

⁴³ *What Everyone Should Know...*, p. 86.

⁴⁴ *The New Cults*, p. 96.

⁴⁵ *Ib.*, p. 95.

⁴⁶ *Ib.*

⁴⁷ *What Everyone Should Know...*, p. 87.

⁴⁸ *Apologetics in the New Age*, p. 239.

A Fé Bahá'í

Adaptado do artigo por Robert Pardon

Fundadores: Siyyid ‘Alí-Muhammad, “o Báb” (1819–1850), Mírzá Husayn-‘Alí, “Bahá’u’lláh” (1817–1892)

Data de Fundação: 1844

Publicações Oficiais: incluem *Bahá’í Brasil* (jornal), *Bahá’í World News*

Escrituras Sagradas: Mais de 100 volumes escritos pelo Báb, Bahá’u’lláh, e ‘Abdu’l-Bahá. Alguns dos mais conhecidos são *Kitáb-i-Aqdas* (O Livro Sacratíssimo), o livro das Leis de Bahá’u’lláh; e *Kitáb-i-Íqán* (O Livro da Certeza), *Seleção dos Escritos d Báb*, *Respostas a Algumas Perguntas*

Organização Estrutural: A Casa Universal da Justiça (nove membros) administra a Fé Baha’i internacionalmente. Assembléias Espirituais Nacionais (nove membros) administram os assuntos nacionais da organização. Assembléias Espirituais Locais (nove membros) administram os assuntos locais da organização. Todos os cargos governamentais são eleitos democraticamente.

Termos Característicos: incluem “Mais Alta Paz”, “Manifestação”, “Manifestante de Deus”, “Aquele que Deus tornará manifesto”

História

As raízes da Fé Bahá’í estão na seita Xiita do Islã, que foi liderada por 12 imames sucessivos, descendentes de Ali, genro de Maomé. Sendo o 12º imame, Ali se exilou para não ser assassinado, como tinham sido seus 11 predecessores. Ele fazia contato com os fiéis através de “portas”, indivíduos através dos quais ele dava seus ensinamentos.

Em 1844, Siyyid ‘Alí-Muhammad declara-se o Báb, ou seja, “a Porta”. Ele alega ser não só uma porta, mas a porta única de Deus, portador de Sua mensagem, e uma Manifestante de Deus ao mesmo nível do profeta Maomé. Tocando a porta da Kaaba, na cidade de Meca, ele repetiu três vezes a frase: “Eu sou o Qa’im (Prometido), cujo advento estais esperando”. Durante seis anos ele recrutou fiéis, proclamou uma nova revelação e o eventual aparecimento da Manifestação final desse ciclo da história humana. Depois de inúmeros conflitos armados com as autoridades muçulmanas, o Báb foi morto em 1850 e seus seguidores foram dispersos.

Antes de sua morte, o Báb designou Mírzá Yahyá, um filho da nobreza, como seu assistente. Mírzá Husayn-‘Alí, o meio irmão de Yahyá e também seguidor devoto do Báb, se declarou como sendo “Aquele Grande Manifestação de Deus”, cuja vinda todos os Manifestantes do passado profetizaram. Ele então mudou seu próprio nome para “Bahá’u’lláh” (“Glória de Deus”) e declarou que o Báb tinha sido seu precursor. Mírzá Yahyá se opôs ao seu meio irmão, e há indícios de que os dois lados estiveram envolvidos em assassinatos.

Os seguidores originais do Báb que declararam lealdade a Bahá'u'lláh ficaram conhecidos como bahá'ís. Bahá'u'lláh, tendo uma personalidade dinâmica e grande força de vontade, escreveu mais de 100 volumes de escritura Bahá'í, se relacionou com dignitários e manteve um grande volume de correspondência nas décadas em que estava virtualmente em prisão domiciliar.

Um período de transição difícil ocorreu após a morte de Bahá'u'lláh em 1892. Ele tinha designado seu filho, 'Abdu'l-Bahá ("Servo da Glória"), como sucessor, mas Mírzá Muhammad-'Ali, o irmão mais novo, questionou essa decisão. 'Abdu'l-Bahá retaliou, excomungando quase todos os seus parentes próximos e destituindo-os da renda que provinha das propriedades de Bahá'u'lláh.

A Fé Bahá'í foi disseminada mundialmente sob a liderança de 'Abdu'l-Bahá, especialmente através de suas viagens ao Ocidente. Entretanto, quando de sua morte em 1921, a transição do poder novamente foi problemática. Com a abertura de seu testamento, seu neto shoghi Effendi é indicado como "Guardião da Fé Bahá'í". Assumindo a liderança, as decisões de Effendi eram incontestáveis, e suas palavras, a autoridade final.¹ Isso acarretou conflitos com seus familiares, e como resultado ele excomungou toda sua família, incluindo seus pais. Apesar disso, sob sua liderança a Fé Bahá'í continuou a crescer. Quando de sua morte em 1957, nenhum sucessor havia sido indicado, e a Fé passou a ser administrada pela Casa Universal de Justiça, um grupo de nove pessoas que são democraticamente eleitas.

É quase impossível achar informações claras e consistentes sobre as origens da Fé Bahá'í. Seus historiadores e autoridades abafaram e denegriram as fontes mais antigas de informação, e reescreveram a história primitiva de seu grupo. Um dos mais antigos e importantes documentos da época, o *Nuqtatu'l-Kaf*, foi escrito por Mírzá Jani, o Babi, que conhecia o Báb pessoalmente e morreu dois anos depois dele. Seus documentos incluem eventos desde a morte do Báb em 1850 até a sua própria morte em 1852. Tais documentos relatam que o Báb na verdade teria escolhido a Mírzá Yahyá como seu sucessor, se referido a Mírzá Husayn-'Alí numa posição favorável, porém inferior a de seu meio irmão mais velho. Desde então, os bahá'ís têm sistematicamente encoberto esse fato, publicando histórias mais favoráveis à sua posição. Se a história da Fé Bahá'í ensina algo, é que seus princípios e mandamentos de amor e tolerância não eram frequentemente aplicados em seus mais altos escalões. O ódio, rancor, assassinatos, e falta de perdão entre os próprios fundadores dessa fé, não demonstram a realidade de seus ensinamentos éticos.

Apesar disso, em apenas 150 anos os bahá'ís têm crescido, acumulando hoje mais de 7 milhões de adeptos em 233 países, com 1,700 Assembléias Espirituais somente nos Estados Unidos. Esse crescimento tem sido de 5.5% anualmente no mundo. O cristianismo, em comparação, tem crescido 2.3% anualmente. As obras de Bahá'u'lláh já foram traduzidas para mais de 80 idiomas.

Doutrinas

A teologia Bahá'í, tanto quanto a história Bahá'í, é muito difícil de ser definida. Uma das razões é que essa fé ainda é relativamente nova, e já há centenas de volumes escritos, com uma abundância de simbolismos e interpretações variantes. Entretanto, pode-se fazer uma análise geral de suas crenças.

¹ *The Bahá'í Faith: Its History and Teaching*, p. 251.

Deus: A natureza de Deus é impossível de ser conhecida. Ele é transcendente ao ponto de ser completamente inacessível. Bahá'u'lláh disse que Deus é “a essência impossível de ser conhecida (...) imensamente exaltada além de todo atributo humano (...) ele está, e sempre tem estado, encoberto pelo véu do mistério de sua Essência, e permanecerá em Sua Realidade eternamente escondido da visão do homem”.²

Deus é tão transcendente que ainda que seja o criador de todas as coisas, ele não é sua causa. Ele simplesmente emana eternamente tudo que existe. Deus por definição é estático e imutável, eternamente separado de qualquer relacionamento com a criação.

A figura da Manifestação de Deus é o conceito mais importante da Fé Bahá'í. Há, segundo ela, um ciclo de 500.000 anos da história humana que começou com Adão e tem sido dominada por nove manifestações das quais temos conhecimento histórico. Elas são: Abraão, Krishna, Moisés, Zoroastro, Buda, Cristo, Maomé, o Báb, e Bahá'u'lláh. Dentre os vários critérios que determinam Manifestantes verdadeiros, os mais importantes são: que eles, em sua própria pessoa, sejam uma verdade que se auto-valide, que sejam sem nenhum pecado, e que escrituras sejam reveladas através deles. Bahá'u'lláh é o ápice de todos os Manifestantes, e os Profetas prepararam seu caminho. Assim, ele é a Manifestação Universal para esse ciclo da história humana. Outros Manifestantes virão, mas serão governados pela revelação de Bahá'u'lláh.

De acordo com Bahá'u'lláh, Deus é tão transcendente que ele nunca poderia encarnar. Seus Manifestantes humanos são espelhos puros que refletem os atributos de Deus nessa existência temporal. A Vontade Primordial, uma emanção eterna de Deus, é a força de vida transcendental que move todos os Manifestantes. Essas “reflexões” de Deus são tão puras e completas que “se qualquer dos Manifestantes de Deus declarasse ‘sou Deus’, estaria falando a verdade”.³

Ainda que cada Manifestante seja considerado uma reflexão perfeita dos atributos divinos, de alguma forma cada Manifestante é mais perfeito que seu predecessor. Por isso, ele tem autoridade de contradizer os ensinamentos do Manifestante prévio. Assim, a teologia Bahá'í ensina o “relativismo da verdade”, ou seja, os ensinamentos de qualquer Manifestante em particular são “absolutos” somente durante seu tempo.

Os Manifestantes funcionam essencialmente como mestres, e não como salvadores no sentido cristão da palavra. A Fé Bahá'í considera a alma humana como sendo essencialmente boa, ainda que a ignorância a tenha influenciado e a separado de Deus. O objetivo de Deus é que a alma humana alcance a perfeição através de cada pessoa se colocando sob “o Verdadeiro Educador (Manifestante) e sendo corretamente treinado”.⁴ Aqueles que não tiverem a educação adequada para escapar das trevas poderão mudar na próxima vida através da oração e do arrependimento.

Jesus Cristo: Bahá'u'lláh diz que “Tenha certeza que o Invisível não pode de nenhuma forma encarnar sua essência e a revelar para o homem”.⁵ Dessa maneira, Jesus não pode ser a encarnação de Deus. Ainda sim, pode-se dizer que Jesus Cristo é Deus mas somente no

² *Gleanings from the Writings of Bahá'u'lláh*, pp. 46–47.

³ *Ib.*, p. 54

⁴ *Some Answered Questions*, p. 236.

⁵ *Gleanings from the Writings of Bahá'u'lláh*, p. 49.

sentido de ter emanção eterna de Deus. Ele é um dos muitos Manifestantes enviados por Deus para auxiliar a humanidade na sua evolução espiritual.

O túmulo de Cristo é interpretado de uma maneira simbólica, como sendo o “túmulo da incredulidade”. Quando Tomé viu Cristo ressurreto, ele estava meramente vendo “crentes dispostos a sofrer por Cristo”.⁶ ‘Abdu’l-Bahá diz que a ressurreição é “um fato espiritual e divino, e não material”.⁷ A “ressurreição do corpo de Cristo” foi na verdade o avivamento dos ensinamentos de Cristo na vida de seus discípulos, a restauração de suas crenças e convicções. Esse ponto é fundamental para a Fé Bahá’í, sendo que a ressurreição física de Jesus o elevaria a um nível superior ao das outras Manifestações, em virtude de sua vitória sobre a morte.

Algumas Respostas Bíblicas

Deus: Se a essência de Deus emana eternamente tudo que existe, o universo material é então co-eterno com Ele e não pode ser logicamente considerado como sendo distinto de Deus. Estudiosos bahá’ís têm admitido que isso tende a levar ao monismo (a idéia de que tudo é *um* – Deus e o universo são a mesma coisa). Eles não podem citar passagens das escrituras Bahá’í que afirmam que Deus é separado da criação, porque isso só faria evidente o fato da Fé Bahá’í ser autocontraditória. A Bíblia, porém, claramente ensina Deus como sendo distinto de sua criação. Sendo eterno e imutável, ele pode o tempo e o espaço sem que isso tenha nenhum efeito em sua essência (Gn. 1:1; Sl. 100:3; Is. 40:28; 42:5; 44:24; Cl. 1:15–17; Hb. 1:2).

Se Deus fosse inteiramente incompreensível, e impossível de ser conhecido, não poderíamos saber nada sobre ele – nem mesmo se tem ou não profetas ou Manifestantes. O Deus da Bíblia, por outro lado, há se revelado (Hb. 1:1–2), deseja ser conhecido (Is. 45:22–25; Os. 11:1–11), e nos convida a um relacionamento (Jo. 14:23; Ap. 3:20). Ele também declara que ensinamentos errôneos sobre Deus são evidencia de um falso profeta, que deve ser punido (Dt. 13:1–5).

Manifestações Divinas: O “Centro da Aliança” infalível (‘Abdu’l-Bahá) disse que Confúcio foi um Manifestante.⁸ O “Guardião Infalível” (shoghi Effendi) disse que “Confúcio não foi um Profeta (Manifestante)”.⁹ Eles não podem ambos estarem certos. Da mesma forma, a idéia de que um Manifestante pode infalivelmente (ou seja, absolutamente) afirmar de que a verdade é relativa (como fez Bahá’u’lláh) é incoerente, uma falácia autocontraditória primária. Essa afirmação não tem nenhum sentido lógico.

Todos os Manifestantes são considerados pela Fé Bahá’í como não tendo nenhum pecado. Entretanto, o Alcorão diz que os pecados de Maomé lhe serão perdoados (Sura 48:1–2). Em nenhum momento a teologia Bahá’í lida com a natureza do pecado ou com a necessidade de justiça e punição. A Fé Bahá’í procura efetivar uma transformação moral no homem através da educação e do reconhecimento dos Manifestantes. O cristianismo, por outro lado, resgata os homens da morte espiritual para a vida eterna (Jo. 10:10; Ef. 2:1–6).

Shoghi Effendi diz que “as grandes religiões do mundo são divinas na sua origem (...) elas se diferenciam somente nos aspectos não-essenciais de suas doutrinas”.¹⁰ Se isso fosse

⁶ *Preparing for a Bahá’í/Christian Dialogue: Understanding Christian Beliefs*, p. 142.

⁷ *Some Answered Questions*, p. 104.

⁸ *Promulgation of Universal Peace*, p. 346.

⁹ *Lights of Guidance*, p. 349.

¹⁰ *The Call to the Nations*, p. xi.

verdadeiro, os Manifestantes deveriam concordar pelo menos nas idéias mais básicas sobre Deus – o que não ocorre. Os Manifestantes se contradizem (o que torna impossível que se julgue qual está certo), e ensinam naturezas contraditórias de Deus. Isso demonstra que a Fé Bahá'í é falsa.

Jesus Cristo: Os bahá'ís crêem que a declaração de Bahá'u'lláh, de que “Deus não pode encarnar”, é uma “revelação” verdadeira, simplesmente porque ele disse que é. Isso é claramente um raciocínio circular, que não pode ser verificado, e sem valor.

De acordo com a Bíblia, Jesus é o esplendor da glória de Deus, a expressão exata do seu Ser — e não somente uma reflexão (Hb. 1:3). Ele têm eternamente existido como Deus, e encarnou para viver como homem na Terra (Jo. 1:1–3, 14). Jesus disse, “eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim (Jo. 14:6). A verdade e salvação que ele trouxe são para todos os tempos, e não somente para sua “época” (Mt. 28:18–20; At. 4:12; 1 Ti. 2:5; Fl. 2:6–11; Jd. 3). Jesus ressuscitou fisicamente (Jo. 20:17, 20, 27; Lc. 24:15, 39–43), (Jo. 2:19–21), como havia prometido (At. 2:24–32; 4:10; 17:31; Rm. 1:4; 1 Co. 15:3–4).

ABUSO ESPIRITUAL

Adaptado do artigo por David Henke

Data de Fundação: O abuso espiritual é tão antigo quanto as falsas religiões.

Organização Estrutural: O abuso espiritual pode ocorrer em qualquer organização estrutural, mas as estruturas mais autoritárias são ainda mais suscetíveis ao abuso espiritual sistemático.

Definição: Abuso espiritual é o uso impróprio de qualquer posição de poder, liderança, ou influência para satisfazer os desejos egoístas de um líder. Às vezes o abuso se origina em posições doutrinárias. Às vezes ele ocorre porque os interesses pessoais de um líder, ainda que legítimos, sejam satisfeitos de maneira ilegítima. Sistemas religiosos espiritualmente abusivos são comumente descritos como legalistas, controladores mentais, religiosamente viciadores, e autoritários.

Características Comuns:

1. Autoritarismo: A característica mais evidente de um sistema religioso abusivo, ou de um líder abusivo, é a ênfase excessiva em sua autoridade. Normalmente o grupo se diz ter sido estabelecido diretamente por Deus, e, portanto, seus líderes se consideram como tendo o direito de comandar seus seguidores.

Tal autoridade, supostamente, é derivada da posição que ocupam. Em Mateus 23:1–2 Jesus disse que “na cadeira de Moisés, se assentaram os escribas e os fariseus”, uma posição de autoridade espiritual. Ainda que outros termos sejam usados, essa posição, nos grupos abusivos, é de poder, e não de autoridade moral. Àqueles que se submetem incondicionalmente, são prometidas bênçãos espirituais. A eles é dito que devem se submeter completamente, sem o direito de questionar os líderes; se os líderes estiverem errados, isso é problema deles com Deus, e Deus ainda assim abençoará àqueles que se submetem incondicionalmente.

2. Aparência Externa: O sistema religioso abusivo procura sempre manter uma aparência de santidade. A história do grupo ou organização quase sempre é distorcida para se dar a impressão de que ela tem um relacionamento especial com Deus. Os julgamentos incorretos e as índoles duvidosas de seus líderes são negados ou encobertos para que sua autoridade não seja questionada, e para manter as aparências. Padrões legalistas de pensamento e comportamento, impossíveis de serem mantidos, são impostos aos membros. Seu fracasso em manter tais padrões é usado como constante lembrete de que eles são inferiores aos líderes, e portanto devem se submeter a eles. Religião abusiva é, essencialmente, legalismo.

A religião abusiva também é paranóica. Apenas uma imagem positiva do grupo é apresentada àqueles que não fazem parte dele, porque a verdade sobre o sistema religioso abusivo seria obviamente rejeitada se fosse conhecida. Isso é justificado com base na alegação de que pessoas “mundanas” não entenderiam a religião, e portanto, eles não têm o direito de saber. Isso leva com que membros escondam das pessoas que não são membros algumas doutrinas, regras, e procedimentos internos do grupo. Principalmente os líderes, normalmente, mantêm segredos que não divulgam a suas congregações. Esse sigilo está baseado na desconfiança geral dos outros, porque o sistema é falso e não pode resistir a escrutínios.

3. Proibição de Críticas: O sistema religioso, por não ser baseado na verdade, não pode permitir questionamentos, dissensões, ou discussões abertas sobre questões. A pessoa que questiona se torna o próprio problema, ao invés da questão que ela levantou. As resoluções sobre qualquer questão vêm diretamente do topo da hierarquia. Qualquer tipo de questionamento é considerado como desafio à autoridade. O pensamento autônomo é desencorajado, sob a alegação de que ele leva à dúvida, que por sua vez é vista como sendo falta de fé em Deus e em seus líderes ungidos. Desse modo, os seguidores procuram controlar seus próprios pensamentos, por medo de que possam estar questionando Deus.

4. Perfeccionismo: Todas as bênçãos, nos sistemas abusivos, vêm através do desempenho próprio. O fracasso é seriamente condenado, e portanto a única alternativa é a perfeição. O membro, enquanto crer que esteja tendo sucesso em manter os requeridos padrões, normalmente exibe orgulho, elitismo, e arrogância. Entretanto, quando os tropeços e fracassos inevitavelmente ocorrem, o membro muitas vezes naufraga na fé. Aqueles que fracassam nos seus esforços são vistos como apóstatas, fracos, e são normalmente descartados pelo sistema.

5. Desequilíbrio: Os grupos abusivos têm de se distinguir de todos os outros grupos religiosos para que possam alegar serem únicos e especiais para Deus. Isso normalmente é feito através de uma ênfase exagerada em posições doutrinárias menos centrais (como por exemplo, profecias sobre os últimos dias), ou através de legalismo extremo, ou uso de métodos peculiares de interpretação bíblica. Dessa forma, suas conclusões e crenças peculiares são exibidas como prova de que são únicos e especiais para Deus.

Algumas Respostas Bíblicas

Existem vários exemplos de abuso espiritual na Bíblia. No livro de Ezequiel, por exemplo, Deus descreve e condena os “pastores de Israel” que apascentam a si mesmos e não as ovelhas, que não cuidam das doentes, desgarradas e perdidas, mas dominam sobre elas com rigor e dureza (Ez. 34:1–10). Jesus reagiu com indignação contra os cambistas no Templo, que exploravam os fiéis (Mt. 21:12–13; Mc. 11:15–18; Lc. 19:45–47; Jo. 2:13–16), e também contra aqueles que se importavam mais com suas próprias interpretações da Lei do que com o sofrimento humano (Mc. 3:1–5). Em Mateus 23, Jesus nos dá uma importante descrição dos líderes espirituais abusivos. Em Gálatas, Paulo argumenta contra aqueles que queriam impor um cristianismo legalista, subvertendo a mensagem do evangelho. Existem muitos outros exemplos na Bíblia.

Jesus Cristo era Deus encarnado, a segunda Pessoa da Trindade, o Criador do universo. Ele, obviamente, tem a mais alta e soberana autoridade espiritual. Ainda assim, Jesus não usou essa autoridade para subjugar seus discípulos; ele não abusou de sua autoridade para colocá-los sob o jugo de regras e regulamentos legalistas. Ao contrário, ele disse: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve” (Mt. 11:28–30).

Nem tampouco Jesus procurava manter as aparências externas. Ele comia com publicanos e pecadores (Mt. 9:10–13). Aos fariseus legalistas, Jesus aplicou as palavras de Isaías: “Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens” (Mt. 15:9). Ele condenou sua atitude: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que, por fora, se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia! Assim

também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas, por dentro, estais cheios de hipocrisia e de iniquidade” (Mt. 23:27–28).

Jesus não era paranóico como os líderes abusivos. Seu ministério era transparente ao público (Jo.18:19–21). Ele não tinha nada a esconder. Jesus não só criticou os líderes religiosos por suas doutrinas errôneas (Mt. 15:1–9; 23:1–39; etc.), mas também, quando criticado, ele não os silenciou, mas deu-lhes respostas bíblicas e racionais às suas objeções (e.g., Lc. 5:29–35; 7:36–47; Mt. 19:3–9).

Jesus, ainda que ensinasse a Lei perfeita de Deus, colocava as necessidades legítimas das pessoas acima de regras ou regulamentos legalistas (Mt.12:1–13; Mc. 2:23–3:5). Ainda que nenhum ser humano seja absolutamente perfeito nessa vida (1 Jo. 1:8), podemos saber que já temos vida eterna (1 Jo. 5:10–13; Jo. 5:24; 6:37–40; Rm. 8:1–2).

Os fariseus eram um exemplo de líderes espirituais abusivos: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fê; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas!” (Mt. 23:23).

Efeitos do Abuso Espiritual

O abuso espiritual tem um efeito devastador na vida das pessoas. Elas normalmente depositam um alto grau de confiança em seus líderes, os quais deveriam honrar e guardar tal confiança. Quando essa confiança é traída, a ferida que se abre é muito grande, até mesmo a ponto da pessoa nunca mais poder confiar em líderes espirituais novamente, mesmo que eles sejam legítimos.

Uma situação análoga pode ser vista nas vítimas de incesto, que apresentam sintomas emocionais e psicológicos muito parecidos com os vistos naqueles que são abusados espiritualmente. O principal sintoma é a incapacidade que desenvolvem em se relacionarem normalmente com pessoas que representem ou tenha alguma associação mental com a fonte de sua dor emocional.

Além de desenvolverem medo e desilusão com relação a líderes religiosos, as vítimas de abuso espiritual muitas vezes têm dificuldade em confiar em Deus. Eles se perguntam, “como é que Deus pode ter permitido que isso acontecesse comigo? Tudo o que eu queria era amá-lo e servi-lo!” Muitas vezes, essas pessoas desenvolvem grande rancor. A raiva, por si própria, não é *necessariamente* pecado, pois até mesmo Deus se ira contra a injustiça (veja acima). Entretanto, se esse rancor não for progressivamente eliminado, ele pode estabelecer raízes de amargura e incredulidade com relação a tudo que seja espiritual.

Recuperando-se do Abuso Espiritual

Para que haja uma recuperação dos males causados pelo abuso espiritual, é preciso que a vítima entenda o que aconteceu, por que aconteceu, e como aconteceu. Ela também precisa entender que ela não é a única pessoa vitimada por esse tipo de abuso. Ela deve procurar grupos de apoio, e ser contínua e pacientemente ensinada sobre a graça de Deus. Os grupos de apoio são necessários não só para que a vítima seja ministrada pelo grupo, mas também para que ela possa usar sua experiência para ministrar a outras vítimas, o que é essencial para a sua recuperação.

A vítima também deve procurar eventualmente perdoar os que a abusaram. Normalmente alguns anos são necessários para que uma vítima de abuso espiritual possa ser totalmente restaurada.

MOVIMENTO DA FÉ / PALAVRA DA FÉ

Adaptado do artigo por Clete Hux

Fundador: O movimento não teve fundador; E. W. Kenyon (1860–1948) foi um dos primeiros expoentes da mistura de elementos do misticismo, da Nova Era, e do cristianismo que caracteriza o movimento.

Data de Fundação: Não há uma data de fundação para o movimento. Seu desenvolvimento foi gradual, e suas raízes filosóficas são diversas, se estendendo desde o gnosticismo do 2º século.

Publicações Oficiais: Não há publicações oficiais. Revistas, livros, panfletos e até escolas bíblicas são patrocinadas por aderentes como Kenneth Hagin, Jorge Tadeu, Benny Hinn e outros.

Organização Estrutural: Não há uma organização formal e centralizada. Os líderes do movimento têm suas próprias igrejas e ministérios.

Outros Nomes: “confissão positiva”, “evangelho da saúde e da prosperidade”.

História

E. W. Kenyon é reconhecido como um dos primeiros expoentes do Movimento da Fé. Era originalmente um metodista, mas se tornou mais ecumênico, associando-se com os batistas, chegando até a fundar igrejas batistas. Mais tarde, Kenyon se tornou pentecostal, e adotou elementos de seitas metafísicas, como a Ciência Cristã e a Associação Unidade de Cristianismo. As doutrinas do pensamento positivo e da confissão positiva, onde doenças são consideradas sintomas (negando sua realidade, como faz o Gnosticismo) não são encontradas em documentos cristãos antes do aparecimento do Novo Pensamento (movimento que começou no século 19 e que ensina a divindade do homem, suas possibilidades infinitas, a ilusão do pecado e das enfermidades, e a salvação através da descoberta da divindade interior). Essas doutrinas se originaram nessas seitas, e foram mais tarde adotadas por cristãos que buscavam desenvolver ministérios de cura.¹

Ainda que não tenha sido seu fundador, Kenneth Hagin (1917–) é considerado o “vovô dos pregadores da fé”.² Numa pesquisa feita na revista americana pentecostal *Charisma*, Kenneth Hagin aparece como o terceiro pregador mais influente dos ministros, atrás apenas de Pat Robertson e Kenneth Copeland.³

¹ H. Terris Neuman, *An Analysis of the Sources of the Charismatic Teaching of Positive Confession*, p. 43

² Sherry Andrews, “Kenneth Hagin – Keeping the Faith,” *Charisma*, outubro de 1981, p. 24

³ Kenneth Hagin, Jr., *Charisma*, “Trend Toward the Faith Movement,” agosto de 1985, pp. 67–70

Doutrina

Deus: Os mestres do Movimento da Fé alegam que Deus opera por leis espirituais, e que é obrigado a obedecer aos comandos espirituais dos crentes cheios do Espírito. Ele não só revela a doutrina na prosperidade sobrenaturalmente aos mestres da fé, mas também confirma verbalmente e pessoalmente suas interpretações das Escrituras.⁴

Ensinam também que a aliança de Deus com Abraão é a base com a qual podemos comandar Deus a cumprir sua parte na aliança. Robert Tilton diz que “fazemos nossas próprias promessas e cumprimos nossa parte, e então podemos dizer a Deus, na autoridade de sua própria palavra, o que queremos que ele faça. Isso mesmo, você realmente pode dizer a Deus qual o papel que você quer que ele faça na aliança.”⁵ Kenneth Copeland diz que “como crente, você tem o direito de ordenar no nome de Jesus. Cada vez que você se apóia na Palavra, você está até um certo ponto comandando a Deus, porque ela é a Palavra dele.”⁶ Copeland chega a dizer até que “Deus foi o parceiro menor e Abraão o parceiro maior” na aliança entre eles.⁷

Alguns mestres do Movimento da Fé também apresentam Deus como sendo literalmente um homem de grade estatura. Copeland diz que “Deus é (...) um ser de mais ou menos 1,90m de altura, pesando mais ou menos 90 quilos”.⁸ Morris Cerullo, descrevendo uma experiência que diz ter dito fora do corpo, afirma: “De repente, em frente a uma tremenda multidão, a glória de Deus apareceu. A forma que eu vi foi de um homem de mais ou menos 1,80m, talvez mais, e duas vezes mais largo que os corpos humanos, não tendo feições como olhos, nariz ou boca”.⁹

O Homem: Alguns mestres da Fé não só ensinam que Deus é literalmente um grande homem, mas também que o homem é um pequeno deus. Kenneth Hagin disse que “o homem (...) foi criado em igualdade com Deus, e pode estar na presença de Deus sem nenhum sentimento de inferioridade (...) Ele nos fez da mesma classe de seres a qual Ele pertence (...) o crente é chamado Cristo, e é isso que somos; nós somos Cristo”.¹⁰ “O desejo de Deus ao criar Adão foi de se reproduzir. (...) ele não era mais ou menos como Deus. Ele não era quase como Deus. Ele não era nem mesmo subordinado a Deus”.¹¹ Ele também diz, “Não que você tenha um Deus dentro de você – você é um Deus!”¹² Morris Cerullo diz que “o propósito de Deus foi de se reproduzir (...) vocês não estão olhando para Morris Cerullo, vocês estão olhando para Deus, vocês estão olhando para Jesus”.¹³

Cristo: Alguns líderes do Movimento da Fé comprometem a divindade de Jesus. Por exemplo, Kenneth Copeland, ao contar o que Jesus supostamente disse a ele, afirma: “não

⁴ Copeland, *Laws of Prosperity*, pp. 60–62.

⁵ *God's Miracle Plan for Man*, p. 36..

⁶ *Our Covenant with God*, p. 32

⁷ Copeland, *Legal and Vital Aspects of Redemption*, 1985, fita #01-0403.

⁸ *Spirit, Soul, and Body*, 1985, fita #01-0601.

⁹ *The Miracle Book*, pp. x-xi.

¹⁰ *Zoe: The God Kind of Life*, pp. 35–36, 41.

¹¹ Copeland, *Following the Faith of Abraham*, 1989, fita #01-3001.

¹² Copeland, *The Force of Love*, 1987, fita #02-0028.

¹³ *The End Time Manifestation of the Sons of God*, fita 1, lados 1 e 2.

se perturbe quando as pessoas acusarem você de pensar ser Deus (...) quanto mais você for como Eu, mais eles pensarão isso de você. Eles me crucificaram por pensarem que eu aleguei ser Deus. Mas eu não aleguei ser Deus. Eu apenas aleguei que eu andava com Ele e que Ele estava comigo”.¹⁴ “Jesus foi na terra apenas um homem, e não o filho de Deus”.¹⁵ Kenneth Hagin diz: “Muitos membros do Evangelho Pleno não sabem, por exemplo, que o novo nascimento é a real participação na natureza divina. Não sabem ainda que são filhos e filhas de Deus tanto quanto o próprio Jesus”.¹⁶ “Eis quem somos: somos Cristo!”.¹⁷ “Vocês são tanto uma encarnação de Deus quanto foi Jesus”.¹⁸

Expição: Vários mestres da Fé distorcem a doutrina da expiação. Frequentemente promovem a heresia de que Jesus morreu espiritualmente, não somente fisicamente. Kenneth Hagin há afirmado que “a morte física não remove pecados”,¹⁹ ou seja, foi necessário que Jesus morresse espiritualmente para que expiasse pecados. “Você acha que a punição para nossos pecados foi que ele morresse na cruz? Se fosse assim, os dois ladrões poderiam ter pago o preço por nossos pecados. Não, a punição foi descer ao próprio inferno e lá cumprir a pena, separado de Deus”.²⁰

De acordo com os ensinamentos dos mestres da fé, quando Adão se rebelou, ou “cometeu alta traição”, ele não só traiu Deus ao entregar a Satanás o que Deus lhe tinha dado, mas também assumiu a natureza de Satanás. Assim sendo, para que redimisse a humanidade e a criação do controle legal de Satanás, Jesus, sendo o segundo Adão, tinha que morrer não só fisicamente, mas também espiritualmente. Isso por si só já é heresia. Ainda assim, eles também argumentam que Jesus não só tomou sobre si nossos pecados no calvário, mas também que assumiu a própria natureza de Satanás. “Assim como Adão morreu espiritualmente, Jesus também morreu espiritualmente. A morte espiritual que ele sofreu causou sua morte física (...) quando Jesus aceitou a natureza pecadora de Satanás no seu Espírito, Ele clamou, “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” Ele foi separado de Deus (...) e foi conduzido ao fundo do inferno”.²¹ “A morte espiritual significa ter a natureza de Satanás”.²²

Sendo somente um homem na terra, e assumindo a natureza de Satanás na cruz, Jesus se torna simplesmente um pecador que necessita redenção. Na ressurreição, Jesus *nasce de novo*, das profundezas do inferno: “Jesus nasceu de novo no fundo do inferno (...) a Igreja nasceu quando Jesus nasceu de novo nas portas do inferno”.²³

¹⁴ Copeland, “Take Time to Pray,” *Believer’s Voice of Victory*, #15, 2 de fevereiro de 1987, p. 9.

¹⁵ Frederick K.C. Price, fita #RP 19, maio de 1993.

¹⁶ Hagin, *Zoe: A Própria Vida de Jesus*, p. 55.

¹⁷ Hagin, *Zoe: A Própria Vida de Jesus*, p. 57.

¹⁸ *The Word of Faith*, dezembro de 1980, p. 14.

¹⁹ Hagin, *O Nome de Jesus*, p. 26.

²⁰ K. C. Price, *Ever-Increasing Faith Messenger*, junho de 1990, p. 7.

²¹ Kenneth Copeland, *Classic Redemption*, p. 13.

²² Hagin, *O Nome de Jesus*, p. 26.

²³ Charles Capps, *Authority in Three Worlds*, pp. 212–213.

Outras Doutrinas

Confissão Positiva: A teologia da Palavra Falada (Rhematologia), ou atualização do pensamento, é normalmente conhecida como confissão positiva. Ela enfatiza o suposto poder inerente das palavras e pensamentos. Cada pessoa predestina seu próprio futuro através de suas palavras e de uma boa administração de supostas “leis espirituais”.²⁴

O Evangelho da Saúde: Os mestres da Fé distorcem o significado do capítulo 53 de Isaías, alegando que ele assegura cura física para todo cristão que tiver fé suficiente. “É o plano de nosso Deus Pai, em seu grande amor e sua grande misericórdia, que nenhum crente jamais esteja doente, que todo crente viva sua vida em toda sua completude aqui na terra, e que todo crente, finalmente, simplesmente adormeça em Jesus”.²⁵ Hagin alega que não tem tido nem mesmo uma única dor de cabeça nos últimos 45 anos.²⁶

O Evangelho da Prosperidade: Uma das teses centrais do evangelho da prosperidade é que Deus deseja a prosperidade financeira de todo crente. Se um cristão for pobre, ele está, supostamente, vivendo fora da vontade de Deus. “Você tem que reconhecer que é a vontade de Deus que você prospere”.²⁷

Algumas Respostas Bíblicas

1. Deus é Soberano. Somente a Deus compete a soberania sobre todo o universo (1 Tm. 6:15). Deus é Espírito (Jo. 4:24). Não há base bíblica nenhuma para a alegação de que Deus tenha um corpo como parte essencial de sua natureza ou ser. Tal idéia na verdade é defendida pelos Mórmons, e não por cristãos.

2. O homem é único dentre as criaturas, mas não é Deus. O homem foi criado na imagem de Deus (Gn. 1:26, 27; 9:6), mas isso não significa que ele em virtude disso seja um “pequeno deus”. Deus, por definição, é um Ser que não foi criado, possuindo asseidade (i.e., auto-existência). Somente Ele possui a natureza divina. O homem é um ser finito e criado (Is. 43:10, 44:6; 45:5-6; Ez. 28:2; Os. 8:4-5).

3. Jesus Cristo é eterno, o Filho unigênito de Deus. Jesus é a Segunda Pessoa da Trindade, e somente Ele, sendo Deus, se fez carne (Jo. 1:1, 2, 14, 15, 18; 3:16). Somente nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade (Cl. 2:9). Ao assumir a natureza humana com suas limitações (Fl. 2:6-8) Jesus não deixou de ser Deus na sua natureza divina (Jo. 8:58; 17:5; 20:28-29).

4. A expiação de pecados foi feita por Jesus na cruz; sua morte física foi o pagamento completo e final pelos pecados daqueles que nele crêem. Em Jesus nunca houve pecado (Hb. 4:15). Os pecados daqueles que nele crêem foram imputados a Jesus na cruz, para que seu sacrifício expiasse por eles (Hb. 9:14-15; 10:1). Isso de maneira nenhuma significa que ele tivesse que morrer espiritualmente, como se ele próprio tivesse

²⁴ Kenneth Copeland, *Laws of Prosperity*, p. 15; Charles Capps, *The Tongue: A Creative Force*, pp. 117–118; *Releasing the Ability of God*, pp. 98–99, 101–104.

²⁵ Hagin, *Seven Things You Should Know About Divine Healing*, p. 21.

²⁶ Hagin, *O Nome de Jesus*, p. 38.

²⁷ Copeland, *Laws of Prosperity*, p. 51.

pecado. Seu corpo era mortal, mas seria impossível que seu espírito morresse, já que o espírito é essencial à pessoa (o corpo não), e essa Pessoa é Deus. Ao morrer na cruz, Jesus pagou completamente o preço (Jo. 19:30). As Escrituras declaram explicitamente que, após ter morrido fisicamente na cruz, Jesus foi imediatamente para o paraíso (Lc 23:43), ou seja, a presença de Deus (2 Co. 12:2-4). O próprio Jesus nos comanda a celebrar a expiação por nossos pecados na Ceia do Senhor, que diz respeito ao seu corpo partido e seu sangue derramado (1 Co. 11:23–26; Mt. 26:26–28; Mc. 14:22–24; Lc. 22:17–20), e não a uma suposta morte espiritual. Seu sacrifício na cruz foi o pagamento completo e final por nossos pecados (1 Pe. 2:24; Cl. 1:20-22; Hb. 10:10, 12, 14, 19-20).

5. Deus é o único que pode criar realidade através da sua palavra. Somente Deus cria. Somente Deus governa os eventos de sua criação pela sua palavra (Gn. 1:1; 3; Jó 42:2; Sl. 127:1-2; Pv. 16:9; 19:21; 20:24; Is. 14:27; 44:7; 46:10; 55:11; Dn. 4:35; Ef. 1:11). Deus é soberano.

6. Muitas vezes é da vontade perfeita de Deus que seus mais amados servos passem por todo tipo de tribulação, incluindo doença e pobreza. Deus não nos faz nenhuma promessa de que se formos fiéis, nossa vida nesse mundo será sem dificuldades e tristezas. Pelo contrário, Jesus nos diz que teremos tribulações (Jo. 16:33). Paulo e Timóteo tiveram enfermidades (Gl. 4:13-14; 1 Tm. 5:23). Paulo enfrentou abundante tribulação (2 Co. 6:4-10; 11:23-33; 12:7-10). O próprio Jesus era pobre (Lc. 2:21-24; Lv. 12:6-8). Ainda que não há nada de errado em ser rico (se essa for a vontade de Deus para um indivíduo), o desejo pela riqueza é idolatria (1 Tm. 6:5-11; Hb. 13:5; Lc. 12:15; Cl. 3:5; 2 Pe. 2:3; Fl. 4:11).

Cristianismo Bíblico

FUNDADOR:

Jesus Cristo. Fundado por volta dos anos 30-33 d.C. na Judéia, região da Palestina (atual Israel).

ESCRITURAS:

A Bíblia, escrita originalmente em hebraico e aramaico (Antigo Testamento), e em grego (Novo Testamento).

DEUS:

O Deus único é trino (um Deus em três pessoas, e não três deuses): Pai, Filho e Espírito Santo. Frequentemente, o título “Deus” indica a primeira pessoa, Deus Pai. Deus é um Ser espiritual sem corpo físico. Ele é pessoal e está envolvido com a humanidade. Ele criou o universo do nada. É eterno, imutável. É santo, amoroso e perfeito.

JESUS:

Jesus é Deus, a segunda Pessoa da Trindade. Ele sempre existiu como Deus Filho e não foi criado. É plenamente Deus e plenamente homem (duas naturezas unidas e não amalgamadas). Como segunda Pessoa da Trindade, tem os mesmos atributos de Deus Pai e Deus Espírito Santo. Ao adquirir a natureza humana, foi gerado pelo Espírito Santo e nasceu da virgem Maria. Jesus é o único caminho para o Pai, para a salvação e a vida eterna. Ele morreu na cruz, de acordo com o plano de Deus, como um sacrifício completo, e expiou os nossos pecados. Ele ressuscitou dentre os mortos três dias após sua morte, tornando-se então fisicamente imortal. Durante os 40 dias seguintes foi visto por mais de 500 testemunhas oculares. Suas cicatrizes foram tocadas e ele comeu diante dos discípulos, antes de ascender fisicamente aos céus. Jesus regressará outra vez, visível e fisicamente, no fim dos tempos para estabelecer o reino de Deus e julgar o mundo.

ESPÍRITO SANTO:

O Espírito Santo é Deus, a terceira Pessoa da Trindade. O Espírito Santo é uma Pessoa, e não uma força ou um campo de energia. Ele consola, repreende, convence, guia, ensina e se entristece. Ele não é o Pai, nem o Filho, Jesus Cristo.

SALVAÇÃO:

A Salvação é obtida pela graça de Deus e não pelas obras. A salvação é recebida somente através da fé. Basta se crer no coração que Jesus morreu por nossos pecados e ressuscitou fisicamente dentre os mortos. Teremos, então, assegurados, o perdão de todos os nossos pecados, passados, presentes e futuros, e a ressurreição eterna. Este é o plano amoroso de Deus para perdoar os pecadores.

MORTE:

Depois da morte, todas as pessoas esperam o Juízo Final. As pessoas salvas e as perdidas ressuscitarão. Os salvos viverão com Jesus nos céus. Os perdidos, porém, sofrerão o tormento (inferno), a separação eterna de Deus. A ressurreição corporal de Jesus garante aos crentes que eles também terão corpos imortais.

OUTRAS CARACTERÍSTICAS:

A adoração em grupo, normalmente praticada nas igrejas. Não há cerimônias secretas. O batismo e a Ceia do Senhor fazem parte da comunhão. Muitos se dedicam ao trabalho missionário voluntário. A Igreja ajuda aos necessitados: pobres, viúvas, órfãos e oprimidos. Os cristãos crêem que Jesus é o Messias Judeu prometido a Israel no Antigo Testamento. Jesus disse que seus seguidores seriam conhecidos pelo amor fraternal.

Islamismo

PROFETA:

Maomé (579-632 d.C). Surgiu por volta de 610 d.C, em Meca e Medina. A sede se encontra em Meca, na Arábia Saudita. Grupos principais: Sunitas e Xiitas.

ESCRITURAS:

O *Alcorão*, escrito em árabe, e o *El Hadith* (as palavras e obras de Maomé). A Lei de Moisés, os Salmos e os Evangelhos são aceitos pelo Alcorão. Os muçulmanos, entretanto, os consideram adulterados.

DEUS:

Alá é Deus. Ele revelou o Alcorão a Maomé por intermédio do anjo Gabriel. Alá é um juiz severo e não é representado como amoroso.

JESUS:

Jesus é um dos 124 mil profetas enviados por Deus a diferentes culturas. Abraão, Moisés e Maomé são alguns desses profetas. Jesus nasceu de uma virgem, mas não é o Filho de Deus. Jesus não é Deus. Não foi crucificado, mas ascendeu ao céu sem ser morto. É conhecido como Messias e *Aiatolá* (*Ayat Allah*, sinal de Alá). Jesus regressará no futuro para viver e morrer.

ESPÍRITO SANTO:

O *Alcorão* se refere a Jesus como o Espírito de Deus. Os eruditos muçulmanos vêem o anjo Gabriel como o Espírito Santo.

SALVAÇÃO:

Os homens são basicamente bons, mas falíveis e em necessidade de direção. O equilíbrio entre as boas obras e as más determina o destino eterno: paraíso ou inferno.

MORTE:

O Islã crê na ressurreição dos corpos. Haverá um dia final para o julgamento e recompensa. O paraíso eterno será para aqueles que creram no Islamismo e o inferno para os infieis que não aceitaram o Islamismo.

OUTRAS CARACTERÍSTICAS:

Os adeptos são chamados muçulmanos. Vão às mesquitas (templos) para orar, ouvir sermões e conselhos. Propagam o “esforço santo” para expandir o Islamismo (Jihad), que pode incluir o uso da força. Cinco pilares do Islamismo: confessar que Alá é o único Deus verdadeiro e Maomé o seu profeta, orar cinco vezes ao dia voltado para Meca, dar esmolas, jejuar durante o mês de Ramadã e fazer uma peregrinação a Meca (ao menos uma vez na vida).

Budismo

FUNDADOR:

Buda (Sidharta Gautama). Fundado em 525 a.C, na Índia. Ramo do Hinduísmo.

ESCRITURAS:

O Tripitaka (Os três cestos).

DEUS:

O Budismo, de um modo geral, é ateu. Muitos budistas não crêem num Deus e nem num Ser supremo. Outros acreditam que Buda seja um iluminado universal com um estado de consciência semelhante ao de Deus.

JESUS:

O Budismo é indiferente a Jesus Cristo. Os budistas do Ocidente geralmente vêem Jesus como um homem iluminado.

ESPÍRITO SANTO:

O Espírito Santo não faz parte desta crença.

SALVAÇÃO:

O objetivo da vida é o Nirvana, ou seja, a eliminação de todos os desejos para evitar o sofrimento. O caminho óctuplo é um sistema pelo qual os budistas buscam sua libertação de todos os desejos.

MORTE

As pessoas não têm alma ou espírito. Os desejos e sentimentos de uma pessoa podem ser reencarnados em outra pessoa. Não há céu nem inferno, somente o Nirvana (libertação final).

OUTRAS CARACTERÍSTICAS:

O caminho óctuplo recomenda conhecimento, intenção, fala, conduta, esforços, cuidado e meditação corretos. Alguns grupos budistas falam acerca de um Buda eterno (força de vida). Alguns ramos budistas incluem: Zen, Nichiren Shoshu e Budismo Tibetano (ocultista).

Hinduísmo

FUNDADOR:

Não há um só fundador. Existem muitas seitas. Seus fundamentos abrangem um período que vai de 1800 a 1000 a.C., na Índia, tendo influência da religião Bramânica.

ESCRITURAS:

Muitas escrituras, incluindo o *Bhagavad-Gita* (antigo), o *Upanishads* (mais antigo) e os *Vedas* (os mais antigos, por volta de 1000 a.C.).

DEUS:

Tudo é Deus (Panteísta). Todos nós somos parte de Deus (Brama). As pessoas cultuam as manifestações de Brahma (deuses e deusas).

JESUS:

Jesus Cristo é um mestre, um guru, ou um avatar (para alguns, uma encarnação de Vishnu). Ele é um filho de Deus assim como são os outros. Sua morte não expia pecados e ele não ressuscitou dentre os mortos.

ESPÍRITO SANTO:

O Espírito Santo não faz parte desta crença.

SALVAÇÃO:

Hindus normalmente vêem a salvação como sendo a libertação do ciclo de reencarnação, que é alcançada através de ioga e meditação. Pode-se ter muitas vidas. A salvação final é uma união com Brama.

MORTE:

A reencarnação ocorre numa situação melhor (Carma bom) se a pessoa se portou bem. Se portou-se mal, pode voltar a nascer para pagar por seus pecados passados sofrendo (Carma mau).

OUTRAS CARACTERÍSTICAS:

Alguns discípulos usam túnicas alaranjadas e têm a cabeça raspada. Muitos hindus adoram ídolos de pedra e madeira em seus templos. Os gurus exigem obediência total. Os discípulos meditam numa palavra, frase ou fotografia. A ioga inclui meditação, cânticos, postura, e exercícios de respiração. O Hinduísmo é a base da Nova Era e da Meditação Transcendental.

Judaísmo

FUNDADOR:

Abraão, cerca de 2000 a.C, no Oriente Médio. Existem três ramos principais do judaísmo: ortodoxo, conservador e reformado, cada um com suas crenças.

ESCRITURAS:

O Tanach (Antigo Testamento), especialmente a Torah (primeiros cinco livros do Antigo Testamento); o Talmude (explicação do Tanach); as Escrituras dos sábios, tais como Maimónides, Rashi etc.

DEUS:

Deus é Espírito. Para os judeus ortodoxos, Deus é pessoal, todo-poderoso, eterno, e misericordioso. Para outros judeus, Deus é impessoal, incognoscível e definido de diversas maneiras. Não há Trindade.

JESUS:

Jesus é visto como um falso Messias extremista ou como um bom rabi (mestre), que foi martirizado. Os judeus (exceto os judeus messiânicos) não crêem que ele foi o Messias, o Filho de Deus que ressuscitou dentre os mortos. Os judeus ortodoxos crêem que o Messias vai restaurar o reino judaico e governará finalmente o mundo.

ESPÍRITO SANTO:

Alguns judeus crêem que o Espírito Santo é um outro nome para a atividade de Deus na terra. Outros dizem que é o amor de Deus.

SALVAÇÃO:

Alguns judeus crêem que a oração, o arrependimento e a obediência à Lei são necessários para a salvação. Outros crêem que a salvação seja o aperfeiçoamento da sociedade.

MORTE:

Muitos judeus (embora não todos) crêem que haverá ressurreição física. Os obedientes viverão para sempre com Deus e os injustos sofrerão. Alguns judeus não crêem em vida consciente após a morte.

OUTRAS CARACTERÍSTICAS:

Reúnem-se nas sinagogas no sábado. Praticam a circuncisão. Há vários dias santos e festivos, incluindo a Páscoa, Sucot, Chanucá, Rosh Hashaná, Yom Kipur, e Purim. Jerusalém é considerada a cidade santa.

Igreja da Unificação

FUNDADOR:

Sun Myung Moon (nasceu em 1920). Fundada na Coreia, em 1954. Atualmente a sede se encontra em Nova Iorque, EUA.

ESCRITURAS:

O Princípio Divino por Sun Myung Moon (considerado como sendo o “Testamento Completo”), e a Bíblia, considerada como apenas contendo verdades.

DEUS:

Deus é positivo e negativo. Deus criou o universo a partir de si mesmo, e o universo é o “corpo” de Deus. Deus não conhece o futuro, sofre, e necessita do homem (Sun Myung Moon) para torná-lo feliz. Não há Trindade.

JESUS:

Jesus foi um homem perfeito, não Deus. Sua missão foi unir os judeus, encontrar uma esposa perfeita e constituir uma família perfeita. Sua missão fracassou. Jesus não ressuscitou fisicamente. A segunda vinda de Cristo está cumprida em Sun Myung Moon, que é superior a Jesus e completará a missão de Jesus, que é realizar a redenção física do homem. Jesus só realizou a redenção espiritual.

ESPÍRITO SANTO:

O Espírito Santo é um espírito feminino que trabalha com Jesus no mundo dos espíritos a fim de dirigir as pessoas a Sun Myung Moon.

SALVAÇÃO:

A aceitação e obediência aos “Verdadeiros Pais” (Moon e sua esposa) eliminam o pecado e aperfeiçoam o adepto. Aqueles que são casados por Moon e sua esposa tomam um vinho que contém 21 ingredientes (incluindo o sangue dos “Verdadeiros Pais”).

MORTE:

Depois da morte, a pessoa vai ao mundo dos espíritos. Não há ressurreição. Os membros avançam espiritualmente ao convencer a outros a seguirem Sun Myung Moon. Todos serão salvos, inclusive Satanás.

OUTRAS CARACTERÍSTICAS:

Casamentos em massa baseados em diferentes antecedentes raciais, preparados e efetuados por Moon. Os membros crêem que Jesus se ajoelha perante Sun Myung Moon e que Moon é o rei dos reis, senhor dos senhores e o cordeiro de Deus. Admite-se a prática da consulta aos mortos.

Nova Era

FUNDADOR:

Baseada no misticismo oriental, Hinduísmo, Taoísmo, e Cristianismo. Em parte, foi popularizada pela atriz Shirley MacLaine, entre 1980-1990. As crenças variam.

ESCRITURAS:

Vários livros divulgam o pensamento da Nova Era, tais como: *Conspiração Aquariana*, da autoria de Merilyn Fergussen; escrituras de *I Ching*; obras hindus, budistas e taoístas. A Nova Era valoriza também as crenças dos índios norte-americanos, a astrologia, o misticismo e a magia.

DEUS:

Tudo é um e tudo é Deus. Deus é uma força impessoal, não uma pessoa. Os humanos têm poder interior sem restrições, e precisam liberá-lo.

JESUS:

Não é o Salvador, mas um modelo espiritual, guru, e avatar. Também crêem que Ele foi um adepto da Nova Era, pois liberou o poder divino da mesma maneira que qualquer um pode fazer. Muitos adeptos crêem que ele foi à Índia, ao Tibé e à Grécia para aprender verdades místicas. Ele não ressuscitou fisicamente, mas ascendeu a um reino espiritual mais evoluído.

ESPÍRITO SANTO:

Alguns adeptos consideram o Espírito Santo como sendo uma força psíquica. O homem é divino e pode experimentar fenômenos psíquicos, tais como contactar seres extraterrestres.

SALVAÇÃO:

É necessário contrabalançar o carma mau com o carma bom. O avanço espiritual é conseguido através da liberação do poder sobrenatural, através de formas variadas de meditação, autoconhecimento, e espíritos guias. Termos como “renascimento” são usados para descrever esse novo autoconhecimento.

MORTE:

As reencarnações humanas ocorrem até que a pessoa alcance a unidade com Deus. Não há vida eterna. Não há céu nem inferno.

OUTRAS CARACTERÍSTICAS:

Seus adeptos praticam ioga, meditação e visualização. Cada ser humano deve se conscientizar da divindade que há em seu interior. Cristo é todas as pessoas e todas as pessoas são cristos potenciais. Cristais são usados para se buscar a harmonia com Deus, para cura psíquica, para contato com espíritos, e para o desenvolvimento de outros poderes psíquicos. Adeptos normalmente usam a medicina alternativa e dizem buscar a paz e a unidade mundial.

A Trindade

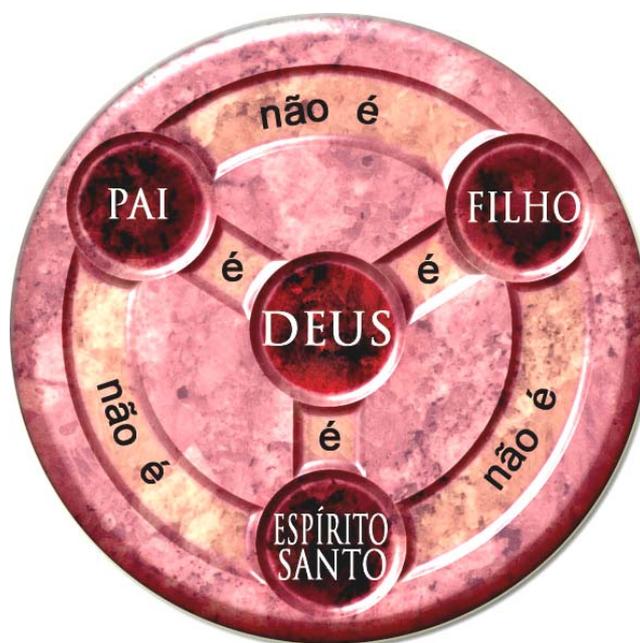
O Que os Cristãos Crêem Sobre Ela

Há somente um Deus, e esse Deus existe numa só essência, em três Pessoas:

Deus Pai

Deus Filho (Jesus Cristo)

Deus o Espírito Santo



Cristãos primitivos usaram esse símbolo para explicar a Trindade. O Pai, o Filho, e o Espírito Santo são Deus, mas não são três nomes para a mesma Pessoa.

As Pessoas são distintas:

O Pai não é o Filho

O Filho não é o Espírito Santo

O Espírito Santo não é o Pai

Deus é um Ser divino absolutamente perfeito, uma essência em três Pessoas. O seu Ser é o que Ele é em relação ao universo que Ele criou. As três Pessoas são assim chamadas porque elas (o Pai, o Filho e o Espírito Santo) se relacionam entre si de maneira pessoal.

Quando os cristãos dizem que crêem num só Deus em três Pessoas, eles **não** querem dizer com isso:

- Que exista 1 Deus em 3 Deuses
- Que existam 3 Pessoas em 1 Pessoa
- Que existam 3 Pessoas e 3 Deuses
- Que exista 1 Pessoa em 3 Deuses

Ao se referirem à Trindade, os cristãos querem dizer com isso que:

Existe 1 Deus em 3 Pessoas

Portanto,

O Pai é Deus
O Filho é Deus
O Espírito Santo é Deus

Por Que os Cristãos Crêem na Trindade?

Porque a Bíblia claramente ensina que há um único Deus, e que também as três Pessoas são chamadas Deus.

Há um só Deus:

Ouve, ó Israel; o Senhor nosso Deus é o único Senhor (Deuteronômio 6:4)

Assim diz o Senhor, Rei de Israel, seu Redentor, o Senhor dos exércitos: Eu sou o primeiro, e eu sou o último, e além de mim não há Deus. (Isaías 44:6)

Não vos assombreis, nem temais; acaso desde aquele tempo não vo-lo fiz ouvir, não vo-lo anunciei? Vós sois as minhas testemunhas! Há outro Deus além de mim? Não, não há outra Rocha que eu conheça. (Isaías 44:8)

Eu sou o Senhor, e não há outro. Além de mim não há Deus. (Isaías 45:5a)

O Pai é Deus

Todavia, para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós também por ele. (1 Coríntios 8:6)

Há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos, e está em todos. (Efésios 4:4-6)

O Filho é Deus

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. (João 1:1-3)

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai. (João 1:14)

Eu e o Pai somos um. Novamente, pegaram os judeus em pedras para lhe atirar. Disse-lhes Jesus: Tenho-vos mostrado muitas obras boas da parte do Pai; por qual delas me apedrejais? Responderam-lhe os judeus: Não é por obra boa que te apedrejamos, e sim por causa da blasfêmia, pois, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo. (João 10:30-33)

Passados oito dias, estavam outra vez ali reunidos os seus discípulos, e Tomé, com eles. Estando as portas trancadas, veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco! E logo disse a Tomé: Põe aqui o dedo e vê as minhas mãos; chega também a mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente. Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu! Disse-lhe Jesus: Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram. (João 20:26-29) – É importante ressaltar que nenhuma pessoa ou anjo na Bíblia aceita o título de Deus, ou a adoração devida a Deus, porque isso seria blasfêmia (cf. Paulo e Barnabé em Atos 14); Jesus, no entanto, aceita a declaração e adoração de Tomé, num reconhecimento explícito de que ele é Deus.

E, novamente, ao introduzir o Primogênito no mundo, diz: E todos os anjos de Deus o adorem. Ainda, quanto aos anjos, diz: Aquele que a seus anjos faz ventos, e a seus ministros, labareda de fogo; mas acerca do Filho: O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; e: Cetro de equidade é o cetro do seu reino. (Hebreus 1:6-8)

Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai. (Filipenses 2:9-11)

(Note que Paulo, em Fl. 2 faz referência a Is. 45:23, versículo no qual o profeta apresenta a palavra do Senhor acerca de si próprio. Assim sendo, Paulo entende que Jesus é tanto Deus quanto o Pai.)

Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os limites da terra; porque eu sou Deus, e não há outro. Por mim mesmo tenho jurado; da minha boca saiu o que é justo, e a minha palavra não tornará atrás. Diante de mim se dobrará todo joelho, e jurará toda língua. (Isaías 45:22-23)

Confira também as seguintes passagens que demonstram que Jesus é Deus: Is. 7:14; 9:6; Jo. 1:1; 18; 8:58-59; 10:30; At. 20:28; Rm. 9:5; 10:9-13; Cl. 1:15-16; Cl. 2:9; Tt. 2:13; Hb. 1:3; 8; 2 Pe. 1:1; 1 Jo. 5:20.

O Espírito Santo é Deus

Então, disse Pedro: Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo? Conservando-o, porventura, não seria teu? E,

vendido, não estaria em teu poder? Como, pois, assentaste no coração este desígnio? Não mentiste aos homens, mas a Deus. (Atos 5:3-4)

Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade. E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito. (2 Coríntios 3:17-18)

Mais de 60 Passagens Bíblicas Mencionam as Três Pessoas

Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele. E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo. (Mateus 3:16-17)

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; (Mateus 28:19)

A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós. (2 Coríntios 13:14)

Há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos. (Efésios 4:4-6)

Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com todos, não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador (Tito 3:4-6)

Confira também as seguintes passagens: Jo. 3:34-35; 14:26; 15:26; 16:13-15; Rm. 14:17-18; 15:13-17; 30; 1 Co. 6:11; 17-19; 12:4-6; 2 Co. 1:21-22; 3:4-6; Gl. 2:21-3:2; 4:6; Ef. 2:18; 3:11-17; 5:18-20; Cl. 1:6-8; 1 Ts. 1:1-5; 4:2; 8; 5:18-19; 2 Ts. 3:5; Hb. 9:14; 1 Pe. 1:2; 1 Jo. 3:23-24; 4:13-14; Jd. 20-21.

Conceitos Errôneos Sobre a Trindade

Erro 1: “A Palavra ‘Trindade’ não está na Bíblia; a Trindade é uma invenção dos cristãos do 4º século”.

Correção: É verdade que a palavra “Trindade” não está na Bíblia, mas o argumento de que somente palavras que estão na Bíblia representam conceitos bíblicos é ilógico.

Palavras como “encarnação”, “monoteísmo”, “onipresença”, “onipotência” e “onisciência” são apenas alguns exemplos de palavras que não estão na Bíblia, e ainda assim representam conceitos indiscutivelmente ensinados na Bíblia.

A palavra “Trindade” foi usada para explicar o relacionamento eterno entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Muitas passagens bíblicas evidenciam a Trindade (veja acima). Heresias e crenças falsas começaram a se multiplicar nos primeiros anos da Igreja, o que continua a ocorrer hoje. Por isso, os Pais da Igreja primitiva combateram tais erros principalmente em seus escritos, que

apresentavam a Trindade como sendo o ensinamento bíblico sobre Deus. Eis aqui uma relação de Pais da Igreja que escreveram sobre a Trindade muito antes do ano 300 d.C. (ou seja, antes do início do 4º século):

Data aproximada:

90 d.C.	Clemente , o terceiro bispo de Roma
90-100 d.C.	Didaquê , ou A Doutrina dos Doze Apóstolos
90 (?) d.C.	Inácio , bispo de Antioquia
155 d.C.	Justino Mártir , grande apologista e escritor cristão
168 d.C.	Teófilo , sexto bispo de Antioquia
177 d.C.	Atenágoras , teólogo
180 d.C.	Irineu , bispo de Lyon
197 d.C.	Tertuliano , líder eclesiástico
264 d.C.	Gregório Taumaturgo , líder eclesiástico

Erro 2: “Os cristãos crêem que há três Deuses”.

Correção: Os cristãos crêem que há somente um único Deus.

Algumas pessoas crêem que os cristãos são politeístas (ou seja, que crêem em mais de um Deus), porque cristãos se referem ao Pai como sendo Deus, bem como ao Filho e ao Espírito Santo como sendo Deus. Mas os cristãos crêem somente em um Deus. A Bíblia afirma claramente que há somente um Deus. Ela, porém, também claramente afirma que o Pai é Deus, que o Filho é Deus, que o Espírito Santo é Deus, e que o Pai não é o Filho nem o Espírito Santo, e que o Filho não é o Espírito Santo. A Bíblia afirma que cada uma das três Pessoas são Deus (e não “deuses”).

Muitas ilustrações foram apresentadas através da história da Igreja para ensinar a doutrina da Trindade. Deus é o *único* Ser que existe numa só essência e em três Pessoas ao mesmo tempo, e portanto não há nenhuma analogia que seja perfeita. Por exemplo, a analogia de que Deus é como a água, que se apresenta como líquido, sólido (gelo) e vapor é errônea, porque na essência de Deus não há apenas uma Pessoa que meramente se *manifesta* de três formas diferentes. Existem, sim, três Pessoas distintas. A analogia de que Deus é como um ovo, composto de gema, clara e casca, também é incorreta, porque Deus não possui *partes*. O que deve ser entendido é que Deus não é nem três deuses (politeísmo), nem um Deus que pode ser dividido em partes (porque há uma só essência), nem uma só Pessoa que meramente se *manifesta* como Pai, Filho, e Espírito Santo (modalismo).

Erro 3: “Jesus não é Deus”.

Correção: Jesus é Deus, a segunda Pessoa da Trindade.

- Jesus perdoou pecados
 - Todos nós podemos e devemos perdoar pecados cometidos contra nós mesmos, mas nenhum de nós pode perdoar pecados cometidos contra outros; somente Deus tem essa autoridade (cf. Mc. 2:5-12)
 - Jesus, sendo Deus, tem a autoridade de perdoar qualquer pecado.
 - Jesus, sendo homem, pôde receber em si o castigo pelo pecados dos homens.
 - Jesus, sendo Deus, é um sacrificio suficiente (por ser infinito) para o pagamento de todos os pecados de todos aqueles que nele crêem.

- Jesus, portanto, sendo homem e Deus, tem a autoridade para perdoar pecados, porque ele mesmo pagou pelos pecados.
- Confira Rm. 3:21-26; Hb. 2:17; 1 Pe. 1:17-19; 1 Jo. 2:1-2; 4:10; etc.
- Jesus aceitou ser adorado como Deus, e disse ter a mesma honra e glória do o Pai
 - Confira Mt. 14:33; 28:17-18; Jo. 5:22-23; 9:38; 17:5; etc.
- Jesus disse ser o Filho divino de Deus, um título que os judeus corretamente entenderam como sendo uma alegação de igualdade com Deus.
 - Confira Jo. 5:17-18; 10:30-33; 19:7; etc.

Características Exclusivas de Deus	Características de Jesus
Deus é o Criador de todas as coisas (Gn. 1:1; Sl. 102:25; Is. 44:24)	Jesus é o criador de todas as coisas (Jo. 1:3; Cl. 1:16; Hb. 1:2; 10)
Deus é o primeiro e o último (Isa 44:6)	Jesus é o primeiro e o último (Ap. 1:17; 22:13)
Deus é o Senhor dos senhores (Dt. 10:17; Sl. 136:3)	Jesus é o Senhor dos senhores (1 Tm. 6:15; Ap. 17:14; 19:16)
Deus é imutável e eterno (Sl. 90:2; 102:26-27; Mt. 3:6)	Jesus é imutável e eterno (Jo. 8:58; Cl. 1:17; Hb. 1:11-12; 13:8)
Deus é o Juiz de toda a terra (Gn. 18:25; Sl. 94:2; 96:13; 98:9)	Jesus é o Juiz de toda a terra (Jo. 5:22; at 17:31; 2 Co. 5:10; 2 Tm. 4:1)
Deus é o único Salvador (Is. 43:11; 45:21-22; Os. 13:4)	Jesus é o único Salvador (Jo. 4:42; At. 4:12; Tt. 2:13; 1 Jo. 4:14)
Deus é o Redentor de seu povo especial (Ex. 19:5; Sl. 130:7-8; Ez. 37:23)	Jesus é o Redentor de seu povo especial (Tt. 2:14)
Deus atende às orações daqueles que o invocam, os perdoa e salva (Sl. 86:5-8; Is. 55:6-7; Jr. 33:3; Jl. 2:32)	Jesus atende às orações daqueles que o invocam, os perdoa e salva (Jo. 14:14; Rm. 10:12-13; 1 Co. 1:2; 2 Co. 12:8-9)
Deus é o único que possui glória divina (Is. 42:8; 48:11)	Jesus é o único que possui glória divina (Jo. 17:5)
Deus é adorado por anjos (Sl. 97:7 [note que “deuses” neste versículo é uma expressão hebraica que se refere aos anjos])	Jesus é adorado por anjos (Hb. 1:6)

Erro 4: “Jesus é um Deus menor que o Pai”.

Correção: Jesus é consubstancial ao Pai, e igual ao Pai em posição.

Pessoas que negam esse fato normalmente usam os seguintes argumentos (heresias que foram popularizadas por Ário, herege do 4º século que negava a divindade de Jesus):

Versículos erroneamente citados para argumentar que Jesus foi criado

Colossenses 1:15: “Se Cristo foi o ‘primogênito de toda a criação’, não foi ele criado?”

Resposta: A palavra “primogênito”, na cultura hebraica antiga e do primeiro século era usada para enfatizar o herdeiro da família, e não necessariamente aquele que nasceu primeiro. Além disso, o contexto impossibilita a idéia de que Paulo teria afirmado nesse versículo que Jesus foi a primeira instância da criação. Paulo afirma nos versículos imediatamente seguintes que “nele, foram criadas *todas* as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. *Tudo* foi criado *por meio dele e para ele*. Ele é antes de todas as coisas. *Nele, tudo subsiste*”. Sendo que *tudo* foi criado por Jesus e para Jesus, e considerando-se que Paulo nos versículos imediatamente anteriores afirma que Deus nos “qualificou” (ou “nos fez idôneos”) a receber a *herança* por ter nos transferido ao reino do *Herdeiro*, Jesus, conclui-se que o versículo 15 não pode de maneira alguma estar afirmando que Jesus foi criado.

João 3:16: “Se Jesus é o ‘Filho Unigênito’, não foi ele criado?”

Resposta: A palavra grega *monogenes*, traduzida “unigênito”, tem a idéia de “singular”, “sem igual”, “peculiar”. A mesma palavra é usada pelo autor da epístola aos Hebreus (11:17) para designar Isaque, o “filho unigênito” de Abraão por ser o filho da promessa – *ainda que Abraão tivesse outros filhos* (Gn. 25:1-6), incluindo Ismael (Gen 16:15-16). A Bíblia também ensina que todos aqueles que recebem Jesus como Senhor e Salvador passam a ser filhos de Deus (Jo. 1:12; 1 Jo. 3:1-2; etc.). Deste modo, é evidente que Jesus é o Filho Unigênito de Deus no sentido de ser singular, e não de ter sido criado.

Provérbios 8:22: “Se o capítulo 8 de Provérbios se refere a Jesus, não diz o versículo 22 que ele foi criado?”

Resposta: Provérbios 8 não contém uma descrição literal de Jesus. O autor apresenta, em forma de poesia, uma personificação da sabedoria. Cristo não habitou literalmente com alguém chamado Prudência (v. 12), nem edificou sua casa com sete colunas (Pv. 9:1). O autor simplesmente diz, usando imagens poéticas, que Deus usou da sabedoria para criar o mundo (cf. Pv. 3:19-20).

Versículos erroneamente citados para argumentar que Jesus é inferior ao Pai

João 14:28: “Se Jesus diz que ‘o Pai é maior’ que ele, não é Jesus inferior ao Pai?”

Resposta: Na sua vida humana na terra, Jesus voluntariamente tomou sobre si nossas limitações humanas (exceto pelo pecado) para nos salvar. Paulo nos diz que Jesus deixou *temporariamente* sua posição de igualdade com o Pai para se esvaziar ao assumir uma vida humana por nós (Fl. 2:5-8). Após sua ressurreição dos mortos, Jesus voltou para a glória que dividia com o Pai (cf. Jo. 17:5; Fl. 2:9-11). Além disso, Jesus também disse que seus discípulos fariam maiores obras do que ele (Jo. 14:12), e isso obviamente não é razão para se argumentar que Jesus é inferior aos seus discípulos.

1 Co. 15:28: “Se Jesus é Deus, por que ele se sujeitará ao Pai?”

Resposta: A própria pergunta já inclui a presunção de que aquele que se sujeita a outro é inferior a ele. Ainda que isso possa ser comumente crido no mundo, é uma idéia falsa. Deus existe em uma só essência, e em três Pessoas. Essas Pessoas, ainda que existam na mesma essência, se relacionam entre si como Pessoas. Deus é um Deus de ordem, e nele há o relacionamento eterno entre as três Pessoas na qual o Pai, ainda que tenha os mesmos atributos (em qualidade e quantidade) das outras Pessoas, tem autoridade suprema no relacionamento.

Isso é claramente ilustrado pelo ensinamento bíblico sobre a natureza do homem, da mulher, e do casamento. Gênesis 1:26-28 diz claramente que Deus criou o homem e a mulher em igualdade de

essência, valor e importância. Deus até mesmo usa a mesma palavra para descrevê-los: “homem” (no sentido de “humanidade”). Paulo nos diz, além disso, que em Cristo eles são um (Gl. 3:28). Ainda que sejam iguais em essência e glória, entretanto, Deus há estabelecido que no relacionamento matrimonial o marido tem a autoridade final (Ef. 5:22; Cl. 3:18; Tt. 2:5; 1 Pe. 3:1). (Essa autoridade, é claro, não deve ser abusada, e tem de ser exercida com o amor de Cristo; os detalhes e diferentes pontos de vista com relação ao ensinamento bíblico sobre o relacionamento conjugal não são nosso foco aqui).

Tal princípio também pode ser visto nos relacionamentos dentro da Igreja (Hb. 13:17), e no mundo (1 Pe. 2:13), na qual todos os seres humanos devem se submeter às estruturas de autoridade determinadas por Deus, ainda que sejam todos iguais em sua essência humana. Dessa forma, fica claro que na economia de Deus, Jesus é ao mesmo tempo Deus Todo-Poderoso, e, sendo a segunda Pessoa da Trindade, se submete ao Pai sem ser inferior a Ele.

Mc. 13:32: “Se Jesus é Deus, como podia ele não saber quando voltaria?”

Resposta: Como vimos acima, Jesus tomou sobre si as limitações da natureza humana (cf. Fl. 2:5-8). Ainda que ele seja o eterno Deus, ele se fez carne (Jo. 1:1; 14). Isso, é claro, gera paradoxos (e não contradições). Enquanto Deus, Jesus é eterno, imortal, e auto-suficiente. Enquanto homem, Jesus nasceu, morreu, precisava comer, dormir, se cansava, etc.

Jesus por vezes fez uso de seus atributos divinos enquanto era homem, como por exemplo, ao andar sobre as águas ou prever acontecimentos futuros. Alguns crêem que Jesus só teve tais capacidades pelo poder do Espírito Santo, e não por uso eventual de seus atributos divinos. De uma maneira ou de outra, o fato de que Jesus preferiu enfatizar que sua natureza humana não sabia o dia de sua volta (conhecimento que o Pai reservou para sua exclusiva autoridade (cf. At. 1:7), e não para os homens) não gera nenhum problema sobre sua divindade, tanto quanto o fato de que ele, enquanto homem, precisava respirar oxigênio para sobreviver.

Erro 5: “O Pai, o Filho, e o Espírito Santo são apenas diferentes títulos de Jesus, ou três maneiras diferentes das quais Deus se manifesta”.

Correção: A Bíblia claramente ensina que o Pai, o Filho, e o Espírito Santo são três Pessoas distintas.

Algumas pessoas pensam que a doutrina da Trindade contradiz a verdade de que há somente um Deus. Eles argumentam que somente Jesus é o Deus verdadeiro, e que portanto Jesus é “o nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo” (Mt. 28:19), e não somente o nome do Filho. Ainda que seja absolutamente verdadeiro que há apenas um Deus, devemos aceitar a definição bíblica desse conceito. A Bíblia deixa claro que o Pai, o Filho, e o Espírito Santo são Pessoas distintas:

- O Pai envia o Filho (Gl. 4:4; 1 Jo. 4:14)
- O Pai envia o Espírito (Jo. 14:26; Gl. 4:6)
- O Filho não fala por si mesmo, mas segundo o que o Pai ensinou (Jo. 8:28; 12:49)
- O Espírito não fala por si mesmo, mas para a glória do Filho (Jo. 16:13-15)
- O Pai ama o Filho, e o Filho ama o Pai (Jo. 3:35; 5:20; 14:31)
- O Pai e o Filho são duas testemunhas, não uma única (Jo. 5:31-37; 8:16-18)
- O Pai e o Filho glorificam um ao outro (Jo. 17:1, 4-5), e o Espírito glorifica o Filho (Jo. 16:14)
- O Filho é nosso Advogado junto ao Pai (1 John 2:1);
- O Filho e o Pai enviam o Espírito, que é o *outro* Consolador (Jo. 14:16, 26)
- Jesus não é o Pai, mas o Filho do Pai (2 Jo. 3)

Em Mt. 28:19, Jesus não está se identificando como o Pai, Filho e o Espírito Santo. Ele está na verdade dizendo que o batismo cristão identifica uma pessoa como um crente no Pai, no Filho que o Pai enviou para morrer por nossos pecados, e no Espírito Santo que o Pai e o Filho enviam para habitar nos nossos corações.

Erro 6: “Jesus não era inteiramente Deus e inteiramente homem”.

Muitas pessoas, através da história, tiveram dificuldade em entender ou aceitar que Jesus seja inteiramente Deus, e ao mesmo tempo inteiramente homem. Alguns tentaram resolver esse paradoxo alegando que Jesus foi um mero homem através do qual Deus se comunicou, ou que ele era Deus e que somente tinha uma aparência de ser humano, ou outras crenças menos “complexas”.

É verdade que a idéia de que Deus se tornou homem em Jesus é impossível de ser compreendida *inteiramente*, porque nossas mentes são finitas. Isso, por outro lado, não significa que a idéia seja inteligível. Além disso, ela é claramente ensinada na Bíblia. A encarnação é a maior prova de que nada é demasiadamente difícil para Deus (cf. Gn. 18:14; Lc. 1:37).

Correção 1: A Bíblia claramente ensina que Jesus é inteiramente homem.

Alguns exemplos:

- Após seu nascimento, Jesus cresceu fisicamente, intelectualmente, socialmente e espiritualmente (Lc. 2:40, 52)
- Jesus se cansava; dormia; suava; tinha fome e sede; Jesus sangrou e morreu; seu corpo foi depositado num túmulo (Mt. 4:2; 8:24; Lc. 22:44; Jo. 4:6-7; 19:28-42)
- Após ressuscitar dos mortos, Jesus comeu e bebeu com outras pessoas, e lhes mostrou suas cicatrizes, permitindo que eles tocassem seu corpo (Lc. 24:39-43; Jo. 20:27-29; At. 10:41)

Correção 2: A Bíblia claramente ensina que Jesus é inteiramente Deus.

Alguns exemplos:

- Jesus fez na terra o que somente Deus poderia fazer:
 - Ele comandou as forças da natureza (Mt. 8:23-27; 14:22-33)
 - Ele perdoou pecados (Mc. 2:1-12)
 - Ele alegou ser superior à Lei de Moisés (Jo. 5:17-18)
 - Ele deu vida a quem ele desejasse (Jo. 5:19-23)
- Paulo disse que Deus comprou a Igreja com seu próprio sangue (At. 20:28)
- Paulo também disse que os poderosos deste século crucificaram o Senhor da Glória (1 Co. 2:8)
- Em Jesus habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade (Cl. 2:9)

Teólogos cristãos da Igreja primitiva, nos dois primeiros séculos, escreveram muitas obras para defender o cristianismo de todo tipo de ataque, como por exemplo:

- Perseguição por parte do Império Romano. Até o início do quarto século, por muitas vezes o cristianismo foi duramente perseguido.
- Heresias que contradiziam crenças cristãs básicas, especialmente a natureza divina de Jesus e a natureza de Deus.

Credo Apostólico

O Credo Apostólico foi um das primeiras confissões de fé que líderes cristãos produziram para esclarecer as crenças básicas do cristianismo. Ainda que não tenha sido escrito diretamente pelos apóstolos, o credo foi logo reconhecido como representando fielmente seus ensinamentos mais básicos. Esse credo enfatiza a humanidade verdadeira de Jesus, um fato que alguns hereges primitivos (especialmente os Gnósticos) estavam negando.

*Creio em Deus, Pai todo-poderoso,
criador do céu e da terra.*

*Creio em Jesus Cristo,
seu único Filho, nosso Senhor,
o qual foi concebido pelo poder do Espírito Santo,
e nasceu da Virgem Maria.
Padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos;
foi crucificado, morto e sepultado;
desceu ao lugar dos mortos;
ressuscitou ao terceiro dia;
subiu aos céus;
e está sentado à direita do Pai.
Voltará para julgar os vivos e os mortos.*

*Creio no Espírito Santo,
na santa Igreja católica,
na comunhão dos santos,
na remissão dos pecados,
na ressurreição do corpo,
e na vida eterna. Amem.*

Credo Niceno

O **Credo Niceno** foi originalmente redigido no Concílio de Nicéia em 325 d.C., e mais tarde expandido no Concílio de Constantinopla em 381 d.C. (e portanto é também chamado de “Credo Niceno-Constantinopolitano”). Ele enfatiza a crença da Igreja na divindade de Jesus, formalmente rejeitando as heresias de Ário, que negava que Jesus era Deus, a segunda Pessoa da Trindade.

*Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso,
Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis.*

*Creio em um só Senhor, Jesus Cristo,
Filho Unigênito de Deus,
nascido do Pai antes de todos os séculos:*

*Deus de Deus, luz da luz,
Deus verdadeiro de Deus verdadeiro,
gerado não criado,
consustancial ao Pai.
Por Ele todas as coisas foram feitas.*

*E, por nós, homens, e para a nossa salvação,
desceu dos céus: e encarnou pelo Espírito Santo,
no seio da Virgem Maria, e se fez homem.*

*Também por nós foi crucificado
sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado.*

*Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as escrituras;
E subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai.*

*E de novo há de vir, em sua glória,
para julgar os vivos e os mortos;
e o seu reino não terá fim.*

*Creio no Espírito Santo,
Senhor que dá a vida, e procede do Pai;
e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado:
Ele que falou pelos profetas.*

Creio na Igreja una, santa, católica e apostólica.

*Professo um só batismo
para remissão dos pecados.*

*Espero a ressurreição dos mortos;
E a vida do mundo que há de vir.
Amém.*

Nota: a palavra grega traduzida “católica” significa “universal”. Ou seja, o credo afirma a crença na Igreja que Deus tem edificado em todo o mundo, com fundamento nos ensinamentos apostólicos, Jesus sendo a pedra angular. A palavra não se refere à Igreja Católica Romana.

Credo Atanasiano

O Credo de Atanásio, escrito por volta de 400 d.C. e nomeado em honra a Atanásio, um grande defensor da Trindade e da ortodoxia cristã, enfatiza que as três Pessoas não são três deuses, mas o único Deus verdadeiro.

*Todo o que se quiser salvar,
deve mais do que tudo ter a fé católica.
Aquele que não a guardar pura e inteira,
de certo perecerá eternamente.*

A fé católica, pois, é esta:

*adoramos um Deus em Trindade e a Trindade em Unidade.
Sem confundirmos as Pessoas ou dividir a substância.
Porque uma é a Pessoa do Pai,
outra a do Filho, outra a do Espírito Santo.
Mas o Pai, o Filho e o Espírito Santo têm uma só divindade,
Glória igual e coeterna Majestade.
O que o Pai é, tal é o Filho e tal o Espírito Santo.
O Pai é incriado, o Filho é incriado e o Espírito Santo é incriado.
O Pai é imenso, o Filho é imenso e o Espírito Santo imenso.
O Pai é eterno, o Filho é eterno e o Espírito Santo eterno.*

*No entanto não são três eternos, mas um.
Bem como não há três imensos, nem três incriados,
mas um incriado e um imenso.
Semelhantemente o Pai é Onipotente, o Filho Onipotente
e o Espírito Santo Onipotente.
E contudo não são três Onipotentes, mas um Onipotente.
Assim também o Pai é Deus,
o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus.
Do mesmo modo o Pai é Senhor,
o Filho é Senhor e o Espírito Santo é Senhor.
E apesar disso não são três Senhores,
mas um só Senhor.*

*Porque, como a verdade cristã nos obriga a confessar
que cada uma das Pessoas por si só é Deus e Senhor,
assim a religião católica proíbe-nos dizer
que há três Deuses ou três Senhores.*

*O Pai não foi feito por ninguém,
nem foi criado, nem gerado.
O Filho é do Pai somente;
não foi feito, nem foi criado, mas gerado.
O Espírito Santo é do Pai e do Filho;
não foi criado, nem gerado,
mas, deles procede.
Há, pois, um só Pai, e não três Pais;
um só Filho, e não três Filhos;
um só Espírito Santo, e não três Espíritos Santos.*

*E nesta Trindade não há primeiro nem último;
nem um é maior ou menor do que o outro;
mas as três pessoas são justamente
de uma mesma eternidade e igualdade.
De sorte que no todo como já se disse,
cumpre adorar a Unidade na Trindade
e a Trindade na Unidade.*

*Aquele, pois, que quiser salvar-se,
deve assim pensar e crer na Trindade.
Além disto é necessário, para alcançar a salvação eterna,
crer fielmente na encarnação de nosso Senhor Jesus Cristo.*

*A verdadeira fé, pois, consiste em crermos e confessarmos
que nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, é Deus e Homem:
Deus, gerado do Pai antes do tempo ser tempo;
nascido em seu tempo da substância de sua Mãe.
Deus perfeito, e Homem perfeito:
com alma racional e carne humana.
Ele é igual ao Pai segundo a sua Divindade
e inferior ao Pai segundo a sua Humanidade.
O qual, apesar de ser Deus e Homem, não é dois, mas um só Cristo.
Um, não pela conversão da Divindade em carne,
mas pela assunção da sua Humanidade em Deus.
Ele é inteiramente um, não por mistura de Substâncias,
mas porque é uma só Pessoa.
Porque assim como a alma racional e a carne é um homem:
assim Deus e Homem é um Cristo.
O qual padeceu para nossa salvação,
desceu ao Hades,
ao terceiro dia ressurgiu dos mortos.
Subiu ao Céu e está sentado à mão direita de Deus, Pai Omnipotente;
de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos.
A cuja vinda todos os homens ressuscitarão com os seus corpos
e darão contas das suas próprias obras.
E os que tiverem trabalhado bem, irão para a vida eterna;
e os que mal, para o fogo eterno.*

*Esta é a fé católica,
na qual o que não crer fielmente,
não poderá salvar-se.*

Credo de Calcedônia

Fiéis aos santos pais, todos nós, perfeitamente unânimes, ensinamos que se deve confessar um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito quanto à divindade, perfeito quanto à humanidade, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, constando de alma racional e de corpo; consubstancial, segundo a divindade, e consubstancial a nós, segundo a humanidade; em todas as coisas semelhante a nós, excetuando o pecado, gerado segundo a divindade antes dos séculos pelo Pai e, segundo a humanidade, por nós e para nossa salvação, gerado da virgem Maria, mãe de Deus;

Um só e mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar, em duas naturezas, inconfundíveis e imutáveis, inseparáveis e indivisíveis; a distinção da naturezas de modo algum é anulada pela união, mas, pelo contrário, as propriedades de cada natureza permanecem intactas, concorrendo para formar uma só pessoa e subsistência; não dividido ou separado em duas pessoas. Mas um só e mesmo Filho Unigênito, Deus Verbo, Jesus Cristo Senhor; conforme os profetas outrora a seu respeito testemunharam, e o mesmo Jesus Cristo nos ensinou e o credo dos padres nos transmitiu.

Referências Importantes:

Atributos Divinos	Pai	Filho	Espírito Santo
Eterno	Rm. 16:26-27	Ap. 1:17	Hb. 9:14
Criador de tudo	Sl. 100:3	Cl. 1:16	Sl. 104:30
Onipresente	Jr. 23:24	Ef. 1:23	Sl. 139:7
Onisciente	1 Jo. 3:20	Jo. 21:17	1 Co. 2:10
Opera sobrenaturalmente	Ef. 1:5	Mt. 8:3	1 Co. 12:11
Concede vida eterna	Gn. 1:11-31; Jo. 5:21	Jo. 1:14 Jo. 5:21	Rm. 8:10-11 Jo. 3:8
Fortalece os crentes	Sl. 138:3	Fl. 4:13	Ef. 3:16

20 Erros Comuns às Heresias Antitrinitárias

1. Elas alegam que a doutrina da Trindade ensina a existência de três deuses.
2. Elas presumem que um ser tem de existir sempre em uma pessoa – até mesmo no caso de Deus.
3. Elas alegam que a doutrina da Trindade ensina que as três Pessoas são três “partes” de Deus.
4. Elas fazem objeção ao uso de termos extra-bíblicos como “Trindade” e “três Pessoas”.
5. Elas alegam que a doutrina da Trindade foi formulada muito tempo depois da época do Novo Testamento.
6. Elas procuram citar Pais da Igreja do segundo século para provar suas alegações.
7. Elas alegam que a doutrina da Trindade tem origem histórica no paganismo, em tríades de deuses.
8. Elas culpam a filosofia grega pela doutrina trinitária da igreja primitiva.
9. Elas afirmam que a Igreja se tornou apóstata logo após a morte dos apóstolos.
10. Elas dizem que estão restaurando o ensinamento original do Novo Testamento sobre Deus.
11. Elas normalmente vêem o texto do Novo Testamento em grego como tendo sido corrompido.
12. Elas negam que o Filho é Deus Todo-Poderoso.
13. Elas negam que o Espírito Santo é uma Pessoa divina distinta.
14. Elas citam eruditos bíblicos liberais para apoiar suas interpretações revisionistas.
15. Elas vêem a doutrina da Trindade como sendo contraditória e sem sentido.
16. Elas enfatizam a idéia de que os Judeus não tinham nenhum conhecimento da Trindade.
17. Elas concluem que a submissão do Filho para com o Pai significa desigualdade e inferioridade.
18. Elas estressam a perseguição histórica de antitrinitários para desacreditar a doutrina da Trindade.
19. Elas rejeitam ou modificam radicalmente a doutrina da salvação somente pela graça.
20. Elas rejeitam ou modificam radicalmente a doutrina da punição eterna.

Essenciais da Fé, Assuntos Controvertidos, e Heresias

Essenciais da fé são as doutrinas que têm sido afirmadas historicamente pelas igrejas Católica Romana, Ortodoxa e Protestante (em sua maior parte). Assuntos controvertidos são questões doutrinárias sobre as quais cristãos discordam. Heresias são erros doutrinários que negam os essenciais da fé.

O Que São as Escrituras?

Essenciais:

- As Escrituras são a única Palavra escrita de Deus, e ensinam sem erro as verdades necessárias para a salvação e para a vida de acordo com a vontade de Deus.
- Fazem parte delas 39 livros do Antigo Testamento e 27 do Novo Testamento.

Controvérsias:

- Católicos e Ortodoxos aceitam, como sendo parte das Escrituras, de 7 a 10 livros que são rejeitados como tal pelos Protestantes.
- Alguns grupos consideram as Escrituras como sendo infalíveis *somente* em questões de fé e ética, ao passo que outros as consideram como infalíveis em todas as questões que adereçam.

Heresias:

- Algumas igrejas liberais toleram ou até mesmo encorajam o ensinamento de que as Escrituras não são a Palavra de Deus, e que elas não são infalíveis nem mesmo em assuntos de fé e ética.

Quem é Deus?

Essenciais:

- Deus é o único Criador e Senhor de tudo, transcendendo nosso universo físico, sendo eterno, onipresente, onisciente, onipotente, perfeito, justo, e bom.
- Deus existe eternamente numa só essência e em três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo.

Controvérsias:

- Católicos e Protestantes afirmam, na sua versão do Credo de Nicéia, que o Espírito Santo procede do Pai “e do Filho”. Ortodoxos negam a frase “e do Filho”.

Heresias:

- Algumas igrejas negam a Trindade ou a consideram como um conceito ultrapassado. Muitos segmentos do Adventismo do Sétimo Dia, bem como os Pentecostais Unicistas, também oficialmente negam a Trindade.

Quem é Jesus?

Essenciais:

- Jesus é Deus encarnado, o Filho de Deus, a segunda Pessoa da Trindade.
- Ele nasceu de uma virgem pelo poder do Espírito Santo, viveu sem pecado, e morreu na cruz por nossos pecados.
- Ele ressuscitou com um corpo glorificado ao terceiro dia e subiu aos céus.
- Ele voltará visivelmente em glória, julgará todos os homens e estabelecerá seu reino eterno.
- Ele é verdadeiramente humano e verdadeiramente divino, possuindo as duas naturezas de forma que elas não se misturam, não se confundem, nem se separam.

Controvérsias:

- Alguns segmentos do cristianismo (e.g. a Igreja Copta no Egito) têm dificuldade em formular o entendimento ortodoxo sobre as duas naturezas (humana e divina) de Cristo.

Heresias:

- Muitas igrejas liberais rejeitam o nascimento virginal de Jesus, e outras vão além, negando sua divindade, sua ressurreição corpórea, sua vida sem pecado, e seu retorno visível.

Como Somos Salvos?

Essenciais:

- Jesus Cristo morreu na cruz e ressuscitou, vencendo a morte, para pagar por nossos pecados e assegurar o perdão completo e eterno de Deus para aqueles que nele crêem.
- Deus nos salva por sua graça, e reconcilia para si os que têm fé em Jesus como Senhor e Salvador.
- Aqueles a quem Deus reconcilia para si, ele também os torna espiritualmente vivos (ou “nascidos novamente”), pela obra interna do Espírito Santo.
- Essa vida nova operada pelo Espírito Santo no crente produz uma nova orientação de vida, onde o crente é motivado a praticar o amor e as boas obras.

Controvérsias:

- Cristãos discordam sobre o entendimento correto da reconciliação dos homens com Deus (i.e, a “justificação”).
 - Protestantes argumentam que a justificação perante Deus é obtida *somente* pela fé, ainda que essa fé necessariamente produza, subseqüentemente, boas obras.
 - Católicos e Ortodoxos argumentam que boas obras não só são o fruto da justificação, mas são também na verdade necessárias, junto com a fé, para que a justificação possa acontecer em primeiro lugar.
 - Muitos Protestantes consideram a crença de que a justificação não ocorre somente pela fé como sendo heresia, e não somente um assunto controverso.

Heresias:

- Alguns grupos alegam que não há salvação sem o batismo em seu próprio grupo.
- Algumas igrejas vêem o sacrifício de Cristo na cruz não como sendo a expiação pelos nossos pecados, mas como sendo simplesmente um exemplo moral, um símbolo da misericórdia de Deus para com o sofrimento humano.
- Alguns cristãos crêem que a salvação é alcançada por boas obras, ou por sinceridade no coração.

O Que Ocorre Após a Morte?

Essenciais:

- As almas dos crentes após a morte vão à presença de Jesus.
- Quando da segunda vinda de Jesus, seus corpos serão ressuscitados em glória imortal, aptos a desfrutarem a vida eterna.
- As almas dos descrentes sofrerão punição eterna no inferno

Controvérsias

- Os católicos crêem que as almas dos crentes, se não estiverem completamente purificadas nesta vida, vão para o Purgatório, para completar a purificação e sofrer temporariamente por sua impureza.
 - Tal idéia é rejeitada por cristãos não-católicos.

Heresias

- Muitas igrejas negam que exista punição eterna no inferno.
- A maior parte dos Adventistas do Sétimo Dia negam que as almas dos crentes existam num estado consciente durante o período entre a morte e a ressurreição de seus corpos
 - Sua doutrina a esse respeito é chamada de o “Sono da Alma”.

O Que é a Igreja?

Essenciais

- A Igreja é o corpo de Cristo, e todos os que têm fé genuína em Jesus são membros desse corpo.
- O Espírito Santo habita na Igreja, e opera tanto nela quanto através dela.
- A principal missão da Igreja é proclamar o evangelho, fazendo discípulos em todo o mundo.

Controvérsias

- Cristãos discordam sobre o modo apropriado de governo eclesiástico.
- Alguns cristãos crêem que somente a sua igreja é a igreja verdadeira.

Heresias

- Muitas igrejas têm abandonado a missão de proclamar o evangelho e fazer discípulos de todas as nações
 - Ao invés disso, elas se tornaram meras instituições humanitárias e filantrópicas.

O Que São os Sacramentos?

Essenciais

- O batismo é o rito de iniciação na Igreja crista, e um sinal da graça de Deus na salvação.
- A Santa Ceia, ou Comunhão, é um rito de agradecimento pela morte e expiação de Cristo em nosso favor, e um sinal da graça contínua de Deus.

Controvérsias

- Cristãos discordam sobre de que maneira os sacramentos são um sinal de graça.
 - Sacramentalistas os vêem como sendo sinais pelos quais Deus dispensa graça ao recipiente (católicos: automaticamente; outros: somente através da fé).
 - Não-sacramentalistas os vêem como sendo sinais da graça que o crente já recebeu através da fé.

Heresias

- Muitas “Igrejas de Cristo” alegam que somente o batismo recebido em sua igreja é válido, e que somente as pessoas batizadas em suas igrejas são salvas.
- Outras igrejas crêem que o batismo e a Comunhão são somente realidades espirituais, e portanto não usam água para o batismo, nem pão e vinho para a Comunhão; muitos cristãos consideram tal visão como heresia.

Há Apóstolos Hoje?

por Marcelo P. Souza

Jesus Cristo fundou, estabeleceu e continua a edificar sua Igreja através dos séculos. Dentre os vários dons e ofícios que ele tem distribuído ao seu povo estão aqueles que se referem aos líderes da Igreja. Esses líderes são os oficiais da igreja, capacitados e chamados por Deus, bem como reconhecidos pela congregação para sua função.

Ofícios Eclesiásticos

Os oficiais da Igreja têm a responsabilidade de guiar o povo de Deus através da liderança pelo exemplo, bem como através do ensinamento da Palavra e dos preceitos de Deus, que alimentam os cristãos espiritualmente. A eles também é conferida a responsabilidade de supervisionarem a administração da Igreja. Sua obra é para a edificação da Igreja.

As qualificações requeridas daqueles que são chamados para os ofícios de liderança na Igreja, bem como suas responsabilidades, são encontradas em diversas porções das Escrituras (1 Timóteo 3 é um dos melhores exemplos).

É importante ressaltar que as pessoas consagradas aos ofícios da Igreja têm dons espirituais que também se encontram, em diferentes graus, nos membros da congregação. Há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. O Espírito Santo confere seus dons e opera todas estas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer (1 Co. 12:4-11). Os oficiais da Igreja, entretanto, têm de ter reconhecimento público, ou seja, do povo de Deus, com relação aos seus dons, capacidade, e chamada para as funções de liderança.

O Novo Testamento menciona três ofícios de liderança na Igreja: apóstolos, presbíteros (ou bispos, ou pastores; os três termos são usados nas Escrituras significando o mesmo ofício, cf. Tt. 1:5-7; At. 20: 17; 28) e diáconos. É evidente que as igrejas cristãs têm através dos séculos instituído padrões diferentes de governo eclesiástico, divergindo quanto ao entendimento mais apropriado do modelo bíblico. Historicamente, entretanto, houve um consenso de que o ofício apostólico não mais existe na Igreja.

Alguns cristãos na história recente da Igreja, porém, têm argumentado que não há nenhum versículo bíblico que diga explicitamente que não pode haver apóstolos nos dias de hoje. Algumas igrejas vão até ao ponto de denominar alguns de seus líderes como apóstolos. Muitos cristãos se submetem a tais apóstolos com a idéia de que estão se submetendo a autoridades no mesmo nível dos apóstolos Paulo e Pedro, por exemplo.

Isso obviamente levanta a questão: há apóstolos hoje? É bíblico que igrejas denominem seus líderes apóstolos? Seria verdade que se alguém negar que possa haver apóstolos hoje, essa pessoa estaria negando a validade dos dons do Espírito para hoje, bem como o modelo bíblico de vida e organização eclesiástica?

O primeiro passo para que tais questões sejam respondidas é examinar o conceito bíblico da apostolado, sua função, responsabilidade, e qualificações necessárias.

O Significado da Palavra “Apóstolo”

Existem dois sentidos básicos para o termo “apóstolo”. De um modo mais geral, o termo se refere a qualquer pessoa que seja um enviado ou emissário de Deus através da Igreja para uma obra especial, seja de liderança ou não (e.g., Fl. 2:25). Esse significado provém da correlação entre o substantivo “apóstolo” e o verbo em grego que significa “enviar”. Nesse sentido mais geral, não há dificuldade em se aceitar que qualquer pessoa pode ser um apóstolo de Deus. Qualquer pessoa pode ser enviada, por exemplo, por uma igreja para o trabalho missionário, e, nesse sentido amplo, ela é um apóstolo de Deus.

No Novo Testamento, porém, o sentido mais comum da palavra é o sentido técnico e restrito, se referindo a um grupo seleto dos apóstolos de Cristo. A palavra traduzida “apóstolo” (e suas derivações) é encontrada 80 vezes no texto grego do Novo Testamento. Dessas, ela tem esse sentido restrito nada menos do que 73 vezes. O sentido mais amplo de “enviado” ocorre somente 5 vezes (Jo. 13:16; 2 Co. 8:23; Fl. 2:25; At. 14:4 e 14 são duas referências ambíguas); ela se refere uma vez a Jesus Cristo (Hb. 3:1); e, finalmente, há 3 ocorrências que apresentam dificuldades exegéticas, podendo ter tanto o sentido mais amplo como o mais técnico: Rm. 16:7; At. 14:4; 14.

Sendo que não há controvérsia quanto ao sentido mais amplo da palavra (podendo em tese ser aplicada a qualquer pessoa que seja enviada para uma missão, seja um oficial da Igreja ou não), nosso foco aqui é no sentido mais técnico da palavra, ou seja, no ofício do apostolado, que alguns alegam ter nos dias de hoje.

Os Apóstolos e as Escrituras

Essencial para o entendimento do papel dos apóstolos é o fato de que o Novo Testamento foi escrito, pela da inspiração de Deus, por eles e por seus companheiros mais próximos. A eles foi dada, pelo Espírito Santo, a habilidade de se lembrarem precisamente das palavras e ensinamentos de Jesus, para que as ensinassem de maneira verbal e escrita.

Jesus disse aos seus discípulos (mais tarde chamados apóstolos):

“Isto vos tenho dito, estando ainda convosco; mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito”. (João 14:25-26)

Por causa disso, os apóstolos consideraram seus escritos explicitamente como sendo do mesmo nível de inspiração e autoridade do Antigo Testamento. Eles tinham consciência de que seus escritos também eram as Escrituras inspiradas de Deus. Eis alguns exemplos:

para que vos recordeis das palavras que, anteriormente, foram ditas pelos santos profetas, bem como do mandamento do Senhor e Salvador, ensinado pelos vossos apóstolos, (2 Pedro 3:2)

Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo. (1 Coríntios 14:37)

Outra razão ainda temos nós para, incessantemente, dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens,

e sim como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes. (1 Tessalonicenses 2:13)

ao falar acerca destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles. (2 Pedro 3:16)

Note que a palavra traduzida “Escrituras” em 2 Pe. 3:16 ocorre 51 vezes no texto grego do Novo Testamento, e ela se refere ao Antigo Testamento (ou seja, não a quaisquer escritos, mas à Palavra de Deus) em *todas* as ocorrências. Deste modo, Pedro explicitamente coloca as epístolas de Paulo no mesmo nível de autoridade e inspiração do Antigo Testamento.

Os apóstolos, em virtude de seu ofício apostólico, tinham a autoridade para receber a revelação direta da Palavra de Deus e escrevê-las para o uso da Igreja. Isso, inclusive, foi historicamente o primeiro critério para que um documento fosse considerado, na Igreja primitiva, como sendo parte do Novo Testamento.

Que dizer então dos evangelhos de Marcos e Lucas, do livro de Atos, da epístola aos Hebreus e a epístola de Judas? Marcos, Lucas, e Judas (não o Iscariotes) não eram apóstolos, e não se sabe com certeza quem foi o autor da epístola aos Hebreus. Tais livros foram aceitos pela Igreja primitiva porque, além de outros fatores, seus autores eram companheiros próximos dos apóstolos, e escreveram sob sua supervisão. A evidência bíblica e histórica é que Lucas escrevia sob a supervisão de Paulo, e Marcos sob a supervisão de Pedro. Judas era irmão de Jesus. A epístola aos Hebreus era por muitos considerada como sendo de autoria de Paulo, e outros a consideraram como autêntica por refletir claramente os ensinamentos dos apóstolos.

O fato do Novo Testamento ter sido produzido, de uma maneira ou de outra, pelos apóstolos, é de vital importância para o entendimento do apostolado. Os apóstolos foram comissionados diretamente por Jesus para trazerem suas Palavras inspiradas à Igreja. Ninguém tinha o direito de alegar ter autoridade divina para seus escritos se esta pessoa não fosse um apóstolo ou um de seus companheiros. Ninguém, na história subsequente da Igreja, jamais teve o direito de incluir seus escritos nas Escrituras sagradas, pois o cânon da Bíblia foi completado após a morte de João, o último apóstolo. Isso por si só indica claramente que, se houvesse apóstolos em qualquer época após o período no Novo Testamento, seus escritos poderiam ser incluídos nas Escrituras, e todos os cristãos estariam obrigados a aceitá-los como sendo a Palavra de Deus. Sendo isso impossível, é impossível que haja apóstolos após o primeiro século, muito menos nos dias de hoje.

As Qualificações dos Apóstolos

Havia duas qualificações para o apostolado:

1. O apóstolo tinha de ser *testemunha ocular* de Jesus ressurreto.

até ao dia em que, depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas. A estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus. (Atos 1:2-3)

Isso foi um dos requerimentos para que o substituto de Judas Iscariotes fosse escolhido:

É necessário, pois, que, dos homens que nos acompanharam todo o tempo que o Senhor Jesus andou entre nós, começando no batismo de João, até ao dia em que dentre nós foi levado às alturas, um destes se torne testemunha conosco da sua ressurreição. (Atos 1:21-22)

Da mesma maneira:

Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça. (Atos 4:33)

Paulo, por sua vez, também foi testemunha ocular de Jesus ressurreto:

Saulo, respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, caso achasse alguns que eram do Caminho, assim homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém. Seguindo ele estrada fora, ao aproximar-se de Damasco, subitamente uma luz do céu brilhou ao seu redor, e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? E a resposta foi: Eu sou Jesus, a quem tu persegues; mas levanta-te e entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer. (Atos 9:1-6)

Assim sendo, Paulo faz questão de ressaltar que sua credencial apostólica também era baseada no fato de que ele era testemunha ocular de Jesus ressurreto:

Não sou eu, porventura, livre? Não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor? Acaso, não sois fruto do meu trabalho no Senhor? (1 Coríntios 9:1)

Depois, foi visto por Tiago, mais tarde, por todos os apóstolos e, afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo. Porque eu sou o menor dos apóstolos, que mesmo não sou digno de ser chamado apóstolo, pois persegui a igreja de Deus. (1 Coríntios 15:7-9)

Note que Paulo diz que ele foi o último dos apóstolos comissionados por Jesus. Suas palavras foram aqui inspiradas por Deus, e portanto não há a possibilidade que ele estivesse enganado, ou que apenas desconhecesse outros apóstolos comissionados depois dele.

2. O apóstolo tinha de ter recebido sua comissão apostólica diretamente de Jesus.

Os Doze apóstolos originais tinham comissão direta de Jesus:

E, quando amanheceu, chamou a si os seus discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos: Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu; Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado Zelote; Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que se tornou traidor. (Lucas 6:13-16; cf. Mt. 10:1-7; Mc. 3:14)

Por esta razão, quando da apostasia de Judas e da necessidade de que seu ofício fosse preenchido por outro, os apóstolos buscaram a comissão direta de Deus:

É necessário, pois, que, dos homens que nos acompanharam todo o tempo que o Senhor Jesus andou entre nós, começando no batismo de João, até ao dia em que dentre nós foi levado às

alturas, um destes se torne testemunha conosco da sua ressurreição. Então, propuseram dois: José, chamado Barsabás, cognominado Justo, e Matias. E, orando, disseram: Tu, Senhor, que conheces o coração de todos, revela-nos qual destes dois tens escolhido para preencher a vaga neste ministério e apostolado, do qual Judas se transviou, indo para o seu próprio lugar. E os lançaram em sortes, vindo a sorte recair sobre Matias, sendo-lhe, então, votado lugar com os onze apóstolos. (Atos 1:21-26)

Da mesma maneira, Paulo enfatizou que tinha recebido sua comissão apostólica diretamente de Jesus:

Paulo, apóstolo, não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos, (Gálatas 1:1)

Faço -vos, porém, saber, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, porque eu não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo. (Gálatas 1:11-12)

Quem Eram os Apóstolos?

O número original dos apóstolos, como visto acima, era de 12. Havia significado profético nesse fato, pois seu número correspondia ao número de tribos de Israel. Os 12 apóstolos originais eram a liderança do povo de Deus na Nova Aliança.

Além dos 12, somente duas pessoas são mencionadas explicitamente como sendo apóstolos no Novo Testamento: Paulo (veja acima) e Tiago, o irmão de Jesus e líder da igreja em Jerusalém (Gl. 1:19; 2:9). Paulo menciona claramente que Jesus apareceu ressurreto a Tiago (1 Co. 15:7), e sua liderança em Jerusalém evidencia que os apóstolos tinham reconhecido seu comissionamento direto por Jesus. Quanto a Barnabé (At. 14:4; 14), há duas possibilidades. É possível que as referências em At. 14 tenham o sentido mais técnico da palavra. Neste caso, considerando-se todos os dados acima, e a maneira altamente seletiva na qual o Novo Testamento intitula uma pessoa como apóstolo, se o texto indica que Barnabé era apóstolo no sentido mais restrito pode-se deduzir que ele também possuía as mesmas qualificações dos demais apóstolos. É mais provável, porém, que o sentido da palavra em At. 14 é o mais amplo, já que Paulo e Barnabé tinham sido enviados para uma missão pela igreja em Antioquia, à qual deveriam prestar contas sobre quando completassem a determinada obra (cf. At. 14:27).

Não é impossível que houvesse outros indivíduos que pudessem ter sido considerados apóstolos no primeiro século. Os dados acima estabelecem, contudo, dois pontos principais: em primeiro lugar, mesmo se houvesse outros apóstolos, eles eram com certeza um grupo seletivo (pois poucos tinham as duas qualificações necessárias para o ofício) do qual Paulo foi o *último* membro comissionado (1 Co. 15:8). Isso por si só exclui a possibilidade de haver qualquer apóstolo comissionado por Deus após Paulo. Ninguém pode, após o primeiro século, alegar ter recebido um comissionamento direto de Jesus, através de uma visão ou revelação, para o ofício do apostolado. Deus não contradiz a sua própria Palavra.

Segundo, nenhuma pessoa que não tivesse recebido diretamente de Jesus a autoridade para escrever a Palavra de Deus pela inspiração do Espírito Santo, ou recebido tal comissionamento por um dos apóstolos, podia ser considerado apóstolo. Tal fato é corroborado não só pela evidência bíblica, mas também pela história da Igreja no processo de reconhecimento do cânon. Isto significa que, estando o número de livros da Bíblia completo, a Palavra de Deus tendo sido

por Ele mesmo produzida e preservada por dois mil anos, não é possível que haja apóstolos após a completude do cânon no primeiro século.

O Papel dos Apóstolos na Igreja

Paulo, sob a inspiração do Espírito Santo, nos diz que os apóstolos tiveram um papel definido no plano de Deus para a edificação de sua Igreja. Ele diz aos Efésios que os apóstolos e profetas foram o *fundamento* da Igreja:

Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; (Efésios 2:19-20)

Da mesma maneira, o apóstolo João descreve o edifício da Igreja de Deus glorificada tendo os apóstolos como fundamento:

Então, veio um dos sete anjos que têm as sete taças cheias dos últimos sete flagelos e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro; e me transportou, em espírito, até a uma grande e elevada montanha e me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, a qual tem a glória de Deus. O seu fulgor era semelhante a uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspe cristalina. Tinha grande e alta muralha, doze portas, e, junto às portas, doze anjos, e, sobre elas, nomes inscritos, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel. Três portas se achavam a leste, três, ao norte, três, ao sul, e três, a oeste. A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e estavam sobre estes os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro. (Apocalipse 21:9-14)

Conclusão

Podemos concluir que a evidência bíblica descarta a possibilidade de que possa haver apóstolos após a primeira geração da Igreja no primeiro século. Como consequência, certamente não há apóstolos nos dias de hoje. Os apóstolos eram um grupo seletivo de testemunhas oculares de Jesus ressurreto, comissionados pelo próprio Jesus. Somente eles tinham a autoridade para escrever e/ou supervisionar a redação das Escrituras.

O cânon da Palavra de Deus, estando completo, não pode ser expandido por nenhum documento, e portanto, não há nenhum apóstolo moderno que tenha tal autoridade. Ao mesmo tempo, nenhuma pessoa que não tenha essa autoridade pode ser considerada um apóstolo. Deus não mais confere revelações infalíveis a ninguém. As revelações infalíveis de Deus se encontram exclusivamente no cânon completo das Escrituras.

É importante salientar que o ministério dos apóstolos continua na Igreja hoje – não em pessoas que se denominam apóstolos, mas no Novo Testamento. Cada vez que a Palavra de Deus no Novo Testamento é lida e proclamada, o ministério apostólico cumpre o seu papel. Os apóstolos do primeiro século vivem hoje na Igreja através da Palavra que nos foi dada por Deus por intermédio deles.

Segundo a Palavra de Deus, Paulo foi o último apóstolo. Os únicos ofícios que permanecem na Igreja (ainda que haja diversos ministérios) são os de pastor (ou presbítero, ou bispo – os três termos significando o mesmo ofício no Novo Testamento) e de diácono.

Sola Scriptura:

A Doutrina Protestante da Autoridade das Escrituras

A. Definindo *Sola Scriptura*

1. **Definição:** As Escrituras são, por definição, a *única* Palavra de Deus escrita, e a única expressão verbal das verdades de Deus publicamente acessível, visível, e infalível no mundo. *Somente* aquelas verdades sobre a natureza de Deus e nosso relacionamento salvífico com Ele que são claramente ensinadas nas Escrituras, ou claramente derivadas dos ensinamentos das Escrituras, são necessárias à fé dos cristãos.
2. **A Origem (e não a Base) da Definição:** a cristalização dos ensinamentos das principais confissões históricas de fé protestantes, especialmente as seguintes:
 - a. Confissão Belga (1561), artigo 7.
 - b. Segunda Confissão de Fé Helvética (1566), capítulo 2.
 - c. 39 Artigos de Religião da Igreja Anglicana (1571), artigo 6.
 - d. Artigos Metodistas de Religião (1784), artigo 5.
 - e. Fórmula de Concórdia (1584), artigo 1.
 - f. Confissão de Fé de Westminster (1647), capítulo 1
3. **Analisando a Definição:**
 - a. **Somente as Escrituras são a Palavra de Deus escrita.**
 - i. As Escrituras são a Palavra de Deus
 - As teorias liberais que consideram as Escrituras como sendo expressões falíveis de opiniões humanas, ou uma mistura de revelações divinas com opiniões humanas, são irrelevantes nesse contexto, porque essas teorias rejeitam o conceito de “Escrituras”.
 - Nesse contexto, “Escrituras” se refere ao cânon de escrituras inspiradas, dado à Igreja por Cristo através de seus representantes e recebido por ela desde o princípio.
 - A importante aqui é *quando* (Igreja Primitiva) e *de quem* (apóstolos e seus assistentes) esses documentos foram recebidos.
 - A definição, portanto, se aplica somente ao Antigo e Novo Testamentos, e exclui qualquer outro documento (como por exemplo o *Livro de Mórmon*) que alegue ter autoridade divina.
 - O Antigo Testamento é incluído porque ele foi confirmado pelo próprio Jesus e reafirmado por seus apóstolos no Novo Testamento.

- ii. Cristo é a Palavra de Deus encarnada. A idéia de *Sola Scriptura* não interfere de modo algum com esse conceito.
 - iii. Todos os pregadores, evangelistas e mestres, desde os tempos dos apóstolos até o dia de hoje, pregam ou ensinam a Palavra de Deus somente no sentido de que eles interpretam e aplicam o que Deus diz nas Escrituras, e não no sentido de serem veículos de novas revelações de Deus.
 - Uma palavra ou mensagem só pode ser dita como sendo de Deus se ela for parte das Escrituras, ou se for nova revelação. Não há meio termo.
 - As Escrituras são aceitas como a Palavra de Deus.
 - Novas revelações são rejeitadas, porque o cânon da Palavra de Deus está completo nas Escrituras, segundo elas mesmas, e segundo a providência de Deus.
- b. As Escrituras são a única expressão verbal das verdades de Deus publicamente acessível, visível, e infalível no mundo.**
- i. Não há nenhum profeta ou apóstolo nos dias de hoje falando com a autoridade da Palavra de Deus.
 - Do contrário, suas palavras deveriam ser escritas e anexadas à Bíblia como sendo a Palavra de Deus. O cânon das Escrituras estaria sendo constantemente expandido.
- c. Somente aquelas verdades sobre a natureza de Deus e nosso relacionamento salvífico com Ele que são claramente ensinadas nas Escrituras, ou claramente derivadas dos ensinamentos das Escrituras, são necessárias à fé dos cristãos.**
- i. O que isso *não* significa
 - Que a verdade pode ser encontrada somente nas Escrituras.
 - Toda a verdade pertence a Deus, onde quer que ela seja encontrada.
 - Há verdades que não se encontram nas Escrituras.
 - Supostas verdades que contradizem os ensinamentos das Escrituras não são na realidade verdades.
 - Verdades não encontradas nas Escrituras podem até corrigir interpretações incorretas das Escrituras.
 - Que todas as tradições que não se encontram nas Escrituras devem ser rejeitadas.
 - Tradições que contradizem as Escrituras devem ser rejeitadas.

- Tradições que são coerentes com as Escrituras podem ser aceitas mas não podem ser consideradas obrigatórias para a fé dos cristãos.
- Que palavras ou fórmulas teológicas que não são encontradas nas Escrituras devem ser rejeitadas.
 - A maior parte dos cristãos no mundo não fala grego ou hebraico, e portanto termos extra-bíblicos sempre serão necessários.
 - As Escrituras nunca requerem que estejamos limitados a termos ou proposições encontradas no texto bíblico.
 - A uso exclusivo de termos bíblicos não é nenhuma garantia de que o que está sendo dito ou argumentado é fiel aos ensinamentos bíblicos.

ii. O que isso significa

- Inferências teológicas fiéis às Escrituras, ou seja, que procedem logicamente dos ensinamentos bíblicos, tem autoridade divina e são obrigatórios à fé dos cristãos. Interpretações especulativas, por outro lado, não o são.
 - Deduções e inferências lógicas das Escrituras devem ser aceitas como a verdade de Deus.
 - Por exemplo, a idéia de que Deus é incorpóreo, ou seja, não tem um corpo, é claramente deduzida a partir da afirmação bíblica de que Deus é espírito (Jo. 4:24).
 - Por outro lado, “implicações” que são meramente *possíveis*, mas não têm respaldo bíblico *explícito* não podem ser consideradas *necessárias* à fé dos cristãos.
- Os ensinamentos bíblicos que dizem respeito à natureza de Deus, e ao relacionamento salvífico com Ele, são essenciais, e portanto obrigatórios para a fé cristã.
 - São as Escrituras que indicam se algo é de natureza indiferente ou de consequência eterna.

B. Argumentação Bíblica Para o Conceito de Sola Scriptura

1. As Escrituras são a infalível Palavra de Deus escrita (Mt. 5:17-18; 22:29; Jo. 10:35; 1 Tm. 5:18b; 2 Tm. 3:16-17; 2 Pe. 1:20-21; 3:16; Ap. 22:18-19, etc.).
2. As Escrituras são a única Palavra de Deus verbal, infalível, e publicamente acessível.

- a. A pregação oral dos próprios apóstolos estava sujeita às Escrituras, e eles próprios instruíram que deveriam ser rejeitados quaisquer ensinamentos contrários às Escrituras (cf. At. 17:11; Gl. 1:8-9).
 - b. Os documentos do Novo Testamento produzidos no final da era dos apóstolos instruem cristãos a se lembrarem das palavras dos profetas (Antigo Testamento) e apóstolos (Novo Testamento), e não a buscarem a Palavra de Deus em outros pregadores ou mestres supostamente inspirados (Hb. 2:2-4; 2 Pe. 2:1; 3:1-3; Jd. 3-4; 17).
 - c. O Novo Testamento indica explicitamente que os ofícios de apóstolos e profetas existiram na primeira geração da igreja cristã.
 - i. Eles eram os “fundamentos” da Igreja, e eram, portanto, distintos dos ofícios de evangelistas, pastores, e mestres (cf. Ef. 2:20; 4:11).
 - ii. O ministério singular dos apóstolos e profetas foi instituído por Cristo para efetuar a transição da natureza etnicamente exclusiva do povo de Deus em Israel para a Igreja transnacional, incorporando tanto judeus como gentios (Ef. 2:11-3:12, especialmente 3:4-7).
 - iii. Apóstolos eram considerados autênticos somente se eles tivessem sido testemunhas oculares da ressurreição de Cristo, e tivessem recebido sua comissão diretamente dele (Gl. 1:1; 11-12).
 - iv. Paulo indica que ele foi a última pessoa a ver o Senhor pessoalmente e receber comissão apostólica dele (1 Co. 15:8).
 - v. O Novo Testamento em nenhum momento indica que gerações futuras teriam apóstolos e profetas.
 - vi. As considerações acima excluem qualquer possibilidade de que possa haver apóstolos e profetas nos nossos dias, produzindo novas revelações e Escrituras.
- 3. Somente os ensinamentos bíblicos que dizem respeito ao conhecimento salvífico de Deus podem ser considerados obrigatórios para a fé de todos os cristãos.**
- a. As Escrituras ensinam tudo que é necessário para a salvação e para a obediência à vontade de Deus (2 Tm. 3:15-17), e, portanto, doutrinas e práticas que não estão claramente fundamentadas nas Escrituras não podem ser *impostas* à Igreja.
 - b. Não se pode permitir que diferenças que não afetam fundamentalmente o relacionamento de uma pessoa com Deus em Cristo causem divisões nocivas ao corpo de Cristo (cf. Rm. 14).

C. Objeções à Sola Scriptura

1. Tradição Oral

- a. Católicos Romanos e Mórmons argumentam que o Novo Testamento concede autoridade divina não só às tradições apostólicas escritas, mas também às orais (1 Co. 11:2; 2 Ts. 2:15; 3:6). Ambas argumentam que o Novo Testamento se refere mais à fala e à audição do que à redação e à leitura (At. 2:42; Rm. 10:16-17), e, portanto, que houve base para a transmissão pessoal e oral dos ensinamentos apostólicos para a geração seguinte (2 Tm. 2:22; Tt. 1:5).
- b. As “tradições” dos apóstolos, porém, tinham autoridade justamente pelo fato de eles serem apóstolos, autorizados pessoalmente por Cristo.
- c. Ainda que os pronunciamentos orais dos profetas do Antigo Testamento tenham sido a Palavra de Deus antes mesmo de terem sido escritos (como os Católicos costumam salientar), os judeus não tinham acesso a uma tradição oral infalível. Jesus, na verdade, rejeitou algumas das tradições orais judaicas que eles erroneamente atribuíam aos tempos de Moisés (Mt. 15:3-9; Mc. 7:6-13).
- d. A origem de tradições orais supostamente apostólicas somente podia ser verificada enquanto os apóstolos estavam vivos. Após a morte dos apóstolos, não há nenhuma maneira de se confirmar se tradições extrabíblicas supostamente apostólicas realmente originaram deles.
- e. Nem todas as tradições que aparentemente originaram dos apóstolos eram de fato verdadeiras (cf. Jo 21:22-23).
- f. Em nenhuma passagem do Novo Testamento a Igreja é comissionada implícita ou explicitamente a transmitir ensinamentos, práticas, doutrinas ou tradições orais não encontradas na Bíblia a gerações futuras. Muito menos é conferida à Igreja a capacidade de tal transmissão de modo infalível.
- g. As futuras gerações deveriam receber as pregações e ensinamentos de ministros cristãos somente na medida em que eles fielmente aderem às doutrinas apostólicas da Bíblia.

2. O Papado

- a. Católicos Romanos argumentam que o Novo Testamento revela a instituição do papado como um ofício contínuo, investido da autoridade de interpretação e aplicação infalíveis da Palavra de Deus. O texto principal usado por eles é Mt. 16:17-19.
- b. Católicos argumentam que Pedro é a pedra sobre a qual Cristo disse que edificaria sua Igreja, e que a Pedro foi dada primazia entre os apóstolos, ao receber de Cristo “as chaves do reino dos céus”.
 - i. Cristo se referiu a Pedro como a pedra na qual Ele edificaria a Igreja, entretanto, somente *na medida em que Pedro fazia a confissão de fé* do versículo 16. Nesse sentido, Cristo usa todo ministro fiel do Evangelho para edificar sua Igreja. O próprio Evangelho é a chave do reino dos céus. Note que Cristo, apenas alguns versículos adiante (v. 23) chama Pedro de Satanás

quando ele abandona a confissão de fé, se opondo ao plano eterno de redenção que Jesus veio para executar.

- c. Católicos argumentam que o ofício especial de Pedro passou para seu sucessor, e daí adiante, numa cadeia de sucessores (Papas) que vem se estendendo por quase 2000 anos, e que pode ser encontrada somente na Igreja Católica.
 - i. Se isso fosse correto, entretanto, o sucessor de Pedro teria que ser um apóstolo, com a mesma autoridade e investimentos especiais que Cristo tinha dado aos 12. Isso, é claro, não ocorreu, e a Palavra de Deus indica que só houve uma geração de apóstolos, da qual Paulo foi o último comissionado (1 Co. 15:8).

3. A Orientação do Espírito Santo

- a. Católicos (bem como alguns Mórmons e Testemunhas de Jeová) argumentam que o Espírito Santo concede interpretações infalíveis e com autoridade divina não somente aos apóstolos, mas até mesmo em nossos dias.
- b. Os Católicos argumentam que, já que o Espírito Santo é a “alma” da Igreja, ela desfruta de sua orientação infalível.
 - i. Ainda que o Espírito Santo habite na Igreja (1 Co. 3:16-17), isso não garante que a Igreja esteja livre da possibilidade de erro (1 Co. 3:10-15; 18-21).
 - Além do mais, a Igreja na qual o Espírito Santo habita não é a Igreja Católica, mas o conjunto de todos os verdadeiros cristãos (1 Co. 12:12-13) do mundo (do qual alguns católicos podem fazer parte, bem como membros de outras igrejas e denominações).
 - ii. O Espírito Santo habita em cada cristão individualmente (1 Co. 6:19), mas isso também não garante que o cristão não esteja sujeito ao erro (1 Co. 6:15-18; 20).
- c. A maioria dos que se opõem ao conceito de *Sola Scriptura* argumentam que Jesus prometeu que o Espírito Santo guiaria a Igreja em toda a verdade (Jo. 14:26; 16:13).
 - i. O contexto de tal promessa, entretanto, deixa claro que ela foi feita aos apóstolos (14:25; 16:12).
 - ii. A Igreja como um todo está sendo guiada à verdade, mas tanto coletivamente, bem como individualmente, o conhecimento perfeito da verdade só é alcançado quando estivermos face a face com Jesus (1 Co. 13:9-12).
 - iii. O Espírito Santo guia a Igreja à verdade através da Palavra de Deus, e não através de revelações extrabíblicas.

4. A idéia de que *Sola Scriptura* foi uma invenção dos Reformadores

a. Ainda que a doutrina de *Sola Scriptura* tenha sido formalmente articulada pelos Reformadores, a sua essência sempre foi exemplificada pelos maiores teólogos da história da Igreja.

i. Agostinho de Hipona

- “É somente às Escrituras canônicas que estou obrigado a me sujeitar e seguir seus ensinamentos, sem a menor suspeita de que nelas qualquer erro ou afirmação que leve ao engano possa haver” (*Cartas* 82.3).
- “Existe uma linha que separa as obras subseqüentes aos tempos apostólicos dos livros canônicos do Antigo e Novo Testamentos (...) nos inúmeros livros que ultimamente têm sido escritos, por vezes podemos encontrar as verdades das Escrituras, mas não há a mesma autoridade. As Escrituras têm uma santidade única e peculiar” (*Resposta a Fausto*, 11.5).

ii. Tomás de Aquino

- “Cremos nos profetas e apóstolos porque o Senhor foi sua testemunha, operando milagres (...) e cremos nos sucessores dos apóstolos e profetas somente na medida em que eles nos dizem aquilo que os apóstolos e profetas nos deixaram nas Escrituras” (*De Veritate*, 14.10, ad 11).
- “Somente as Escrituras canônicas são normativas para a fé. Aqueles que escrevem sobre a verdade o fazem de tal modo, que eles não querem ser cridos, a não ser que se que o que eles afirmem seja verdade (*Comentário sobre Jo. 21*, lição 6).
- “Somente àqueles livros ou Escrituras que são chamados canônicos tenho aprendido a honrar a ponto de crer firmemente que nenhum de seus autores tenham errado em sua composição (*Summa Theologiae* 1a.1.8).
- “A verdade da fé é suficientemente clara nos ensinamentos de Cristo e dos apóstolos” (*Summa Theologiae* 2a2ae.1.10, ad 1).

5. A Idéia de “Bibliolatria”

a. Alguns acreditam que ver as Escrituras como sendo a autoridade final constitui idolatria, mais precisamente “Bibliolatria”.

i. O apóstolo Paulo, entretanto, não tinha problema nenhum em se referir a Deus e às Escrituras de maneira intercambiável (Rm. 9:17; Gl. 3:8).

ii. As Escrituras, obviamente, não são Deus, mas sim a Palavra de Deus.

iii. Protestantes não adoram as Escrituras; eles adoram o Deus que fala através das Escrituras.

iv. Todos aqueles que rejeitam as Escrituras como sendo a autoridade final são logicamente obrigados a colocar algo em seu lugar. Exemplos:

- As tradições da Igreja
- Organizações religiosas
- “Profetas” modernos
- Razão humana autônoma
- Experiências espirituais
- Intuições pessoais
- Etc.

6. A Idéia de que foi a Igreja que criou a Bíblia (e não o contrário)

- A Igreja na verdade apenas *reconheceu* os livros que Deus havia inspirado através do ministério direto ou indireto de seus apóstolos.
- Os livros do Antigo e Novo Testamentos foram escritos por *indivíduos* inspirados por Deus.
 - O povo de Deus, tanto na era do Antigo como do Novo Testamento, *reconheceu* o que Deus havia inspirado. O povo de Deus, de maneira *coletiva e institucional* (e.g. a Igreja) não *produziu* tais livros.
 - Não foi a Igreja que determinou o cânon. Deus determinou o cânon e guiou a Igreja a reconhecê-lo.
- Os critérios usados pela Igreja para o reconhecimento do cânon foram baseados em princípios encontrados no próprio Novo Testamento:
 - Apostolicidade**
 - Era necessário que um documento, para que pudesse ser reconhecido como inspirado, tivesse sido escrito por um apóstolo ou por um de seus assistentes (e.g. Lucas, Marcos).
 - Antiguidade**
 - O documento deveria ter sido escrito por um líder da primeira geração da Igreja (ou seja, que tivesse autoridade apostólica).
 - Autenticidade**
 - O documento tinha de ter base em tradições históricas que confirmassem sua autoridade e origem apostólica.
 - Ubiquidade**
 - O documento deveria ter sido aceito por igrejas de todo o mundo então conhecido, com base na idéia de que o Espírito Santo daria testemunho dele para a Igreja como um todo.

v. Catolicidade

- O conteúdo do documento deveria ser consoante com as “regras de fé” (cf. Mt. 16:18; Jd. 3) apostólicas conhecidas pela Igreja como um todo e eventualmente formalizadas nos credos.
- d. Com base nos princípios acima, a Igreja *reconheceu* os documentos que Deus havia inspirado para serem a regra de fé de seu povo.
 - e. Assim sendo, a Igreja não *determinou* de maneira autônoma qual era o cânon das Escrituras. Ao contrário, ela *reconheceu* o cânon que o próprio Deus tinha inspirado e dado ao seu povo.
 - i. Uma ilustração é a vida de Paulo. A Igreja não *determinou* a autoridade apostólica de Paulo, mas na verdade *reconheceu* a autoridade que Deus tinha diretamente dado a ele.
 - f. Se fosse a Igreja a *determinadora* (e não somente a reconhecedora) de um cânon infalível, ela só poderia fazê-lo se fosse ela mesma infalível
 - i. Os que argumentam que a Igreja foi determinadora (e.g. Católicos e Ortodoxos), porém, reconhecem que ela não é infalível.
7. **A idéia de que *Sola Scriptura* tenha causado uma multidão de denominações e divisões na Igreja.**
- a. Se a causa de denominações e divisões fosse a crença de que somente as Escrituras são a autoridade suprema na vida da Igreja, seria de se esperar que os segmentos da Igreja que rejeitam essa noção não tivessem nenhum problema com divisões e denominações.
 - i. Isso, infelizmente, não é o caso. A igreja Católica Romana e a Ortodoxa têm vários segmentos, grupos, e ritos, com teologias extremamente diversas.
 - b. As divisões no Protestantismo, na maior parte, não podem ser atribuídas à idéia de *Sola Scriptura*.
 - i. As divisões mais significativas foram causadas por liberais, exatamente ao abandonarem a noção de *Sola Scriptura*.
 - ii. Outras divisões importantes foram frutos de conflitos políticos.
 - iii. Os dois segmentos históricos originais do Protestantismo (i.e., as igrejas Reformadas e Luteranas) têm relativamente poucas diferenças teológicas.

Dez Mitos sobre o Cânon das Escrituras

Mito 1. *Os livros do Antigo Testamento foram reconhecidos como inspirados somente séculos após terem sido escritos.*

Resposta:

- Muitos livros do Antigo Testamento (e g., Pentateuco, Profetas) explicitamente se dizem inspirados.
- Após o período do Antigo Testamento houve questões apenas sobre alguns livros daquele Cânon.

Mito 2. *Vários livros mencionados na Bíblia como sendo parte do cânon estão perdidos.*

Resposta:

- É verdade que a Bíblia menciona vários livros históricos que desapareceram (notadamente no Antigo Testamento), mas nunca os cita como Escritura.
- Paulo menciona em suas epístolas outras cartas que tinha escrito (especialmente ao Coríntios), mas não diz nada que indique que elas deveriam ser preservadas.

Mito 3. *Os Protestantes descartaram alguns livros do Antigo Testamento após se separarem da Igreja Católica Romana.*

Resposta:

- Os Católicos e Anglicanos chamam estes livros de Deuterocanônicos (ou seja, "segundo cânon") e Protestantes chamam-nos de Apócrifa ("escondido").
- A Igreja não tinha declarado oficialmente esses livros como sendo Escritura antes da Reforma.
- Os Católicos Romanos os declararam como sendo Escritura somente no Concílio de Trento (1546).

Cinco Razões para Se Rejeitar os Livros Apócrifos

A. Eles foram escritos durante um período (por volta de 400-50 BC) no qual Israel não teve profetas inspirados declarando a palavra do Senhor — como alguns destes próprios livros descrevem.

B. Eles contêm idéias doutrinárias, tal como a oração para os mortos, que contradizem os livros inquestionáveis da Bíblia, e que não podem ser achadas em qualquer outro lugar na Bíblia.

C. Nenhum destes livros jamais são citados como Escritura no Novo Testamento, ou reconhecidos por Jesus ou pelos apóstolos como tal.

D. Alguns Pais da Igreja (incluindo Jerônimo) não consideraram estes livros como sendo Escritura.

E. Os Judeus nunca os reconheceram como sendo Escritura.

Mito 4. *Houve grande debate na Igreja primitiva sobre quais livros deveriam ser incluídos no Novo Testamento.*

Resposta:

- Debates significativos ocorreram somente com relação a um pequeno grupo de livros.
- A forma básica do cânon (Evangelhos e Epístolas) já existia no segundo século.

Mito 5. *A conceito de “Escrituras do Novo Testamento” surgiu somente após o período do Novo Testamento.*

Resposta:

- Pedro se refere aos escritos de Paulo como sendo Escritura (2 Pe. 3:15-16).
- Paulo cita do Evangelho de Lucas como Escritura (1 Tm. 5:18; Lc. 10:7).
- O livro do Apocalipse explicitamente se diz Escritura (Ap. 1:1-3; 22:18-19).

Mito 6. *A Igreja primitiva suprimiu alguns Evangelhos que continham histórias e ensinamentos autênticos de Jesus.*

Resposta:

- A Igreja foi perseguida por mais de dois séculos e não poderia ter suprimido nada.
- Os Evangelhos “rivais”, principalmente os gnósticos, foram escritos após o período do Novo Testamento, a maior parte muito tempo depois.

- Os Evangelhos gnósticos contêm ensinamentos e relatos ofensivos e absurdos quando comparados com os Evangelhos do Novo Testamento. É relatada, por exemplo, a história de Jesus criando, do barro, um pássaro vivo, para então matá-lo, ou a história de Jesus ensinando que as mulheres podem se tornar dignas do reino de Deus se elas se transformarem em homens.

Mito 7. *Líderes religiosos impuseram o cânon na Igreja no quarto século.*

Resposta:

- Os líderes de Igreja procuraram *reconhecer* o cânon, não impô-lo. Eles disseram que seus próprios ensinamentos estavam sujeitos às Escrituras, que são a autoridade final.
- Um dos requisitos que eles usaram para determinar a canonicidade de um livro era se ele tinha sido recebido como tal pela Igreja como um todo.

Cinco Critérios Usado pela Igreja Primitiva para Discernir o Cânon do Novo Testamento

A. Apostolicidade: o livro tinha de ser de autoria de um apóstolo ou um de seus assistentes.

B. Antigüidade: o livro tinha de ser de autoria de um líder da primeira geração da Igreja.

C. Autenticidade: tinham de haver tradições históricas que confirmassem a autoria apostólica dos livros.

D. Ubiquidade: o livro tinha de ter aceitação e uso universais, ou seja, nas igrejas de todo o mundo então conhecido.

E. Catolicidade: o livro tinha de ser consoante tanto com as outras Escrituras, como com o Credo Apostólico.

Mito 8. *A Igreja primitiva escolheu como sendo livros do Novo Testamento os que concordavam com suas crenças religiosas.*

Resposta:

- Concordância com os credos da Igreja era somente um dos vários critérios usados.
- Quando a Igreja declarou oficialmente os livros que pertenciam ao cânon do Novo Testamento, a maioria de dos líderes admitidamente não entendiam todos os ensinamentos do livro de Apocalipse, mas mesmo assim eles o incluíram.
- A Igreja primitiva rejeitou como sendo Escritura vários livros que estavam em harmonia com suas crenças, tal como o Pastor de Hermas e as epístolas de Inácio, porque eles não satisfaziam os outros critérios.

Mito 9. *Livros foram incluídos na Bíblia porque davam testemunho da fé e das lutas do povo de Deus.*

Resposta:

- É verdade que alguns livros da Bíblia relatam a fé e as lutas do povo de Deus, mas não todos (por exemplo, Cantares de Salomão).
- Se esse critério fosse verdadeiro e exclusivo, todo e qualquer livro produzido pelo povo de Deus deveria fazer parte da Bíblia.

Mito 10. *Deus tem dado outros livros inspirados, além da Bíblia, que devem ser aceitos como Escritura.*

Resposta:

- O Antigo Testamento foi o cânon da Palavra de Deus para Israel até a chegada do Messias e, portanto, está fechado.
- O Novo Testamento é o cânon da Palavra de Cristo através dos apóstolos e, portanto, está fechado.
- Os últimos livros do Novo Testamento nos exortam a receber os ensinamentos dos profetas e apóstolos do Novo e Antigo Testamento (2 Pe. 3:2, 16; cf. Hb. 2:2-4; Jd. 3, 17).
- Livros modernos que reivindicam serem Escrituras (e.g., *Ciência e Saúde*, *Livro de Mórmon*) contradizem a Bíblia e normalmente são fraudulentos (por exemplo, cometendo plágio).

Cinco Causas Principais

das Diferentes Interpretações Bíblicas

1. Divergências sobre o papel das tradições e da autoridade eclesiástica na interpretação das Escrituras

- A Igreja Católica afirma a autoridade suprema de suas tradições e de seu ofício magisterial.
- Os Protestantes afirmam que todas as tradições e mestres estão sujeitos a correção com base nas Escrituras (At 17:11; Cl. 2:8).
- Alguns Protestantes rejeitam tantas tradições quanto possível, mesmo se não forem contrárias às Escrituras. Outros aceitam tantas tradições quanto possível, contanto que não sejam contrárias às Escrituras.
- Uma perspectiva equilibrada é considerar como sendo aceitáveis (ainda que não obrigatórias) as tradições que não são nem contrárias às Escrituras, nem estabelecidas por elas.

2. Divergências sobre a inspiração, a infalibilidade, e a autoridade da Bíblia

- Até por volta de 1750, os cristãos, de uma maneira quase universal, criam que a Bíblia era inspirada por Deus, sem erros, e com autoridade divina absoluta.
- A partir daquela época, o liberalismo teológico se estabeleceu, resultado tanto de um ceticismo crescente com relação a tudo que fosse sobrenatural, bem como de teorias críticas sobre a origem dos livros da Bíblia.
- Alguns cristãos, em contrapartida, reagiram a isso de uma maneira radical, negando a legitimidade de toda e qualquer crítica literária que possa ser usada no estudo da Bíblia, bem como afirmando entendimentos extremos sobre a natureza da inspiração divina das Escrituras (e.g., que a Bíblia foi ditada por Deus, e seus autores apenas escreveram as palavras).
- Uma perspectiva equilibrada é considerar a Bíblia como sendo a inerrante Palavra de Deus (Mt. 5:17, 18; Jo. 10:35; 2 Tm. 3:16), ao mesmo tempo que se reconhece que ela foi escrita por seres humanos, usando seu próprio vocabulário e formas literárias (e.g. Lc. 1:1-4).

3. *Divergências sobre o papel da razão e da lógica na interpretação da Bíblia*

- Reagindo contra alguns cétricos e liberais que tentam usar a lógica e a razão para desacreditar a Bíblia, alguns cristãos erroneamente condenam todo inquérito racional sobre as Escrituras.
- Uma perspectiva equilibrada é entender que as verdades da Bíblia são consoantes com todo inquérito racional legítimo, ao mesmo tempo que se reconhece que Deus está além da nossa capacidade finita de compreensão racional. Portanto algumas coisas que Ele diz ou faz podem parecer contraditórias ou até ofensivas à mente humana.

4. *Divergências sobre o papel da experiência na interpretação da Bíblia*

- Alguns grupos dentro do cristianismo elevam as experiências a uma posição de primazia sobre da Bíblia.
- Alguns Carismáticos e Pentecostais tentam a todo custo encontrar base bíblica para suas experiências, mesmo quando não há fundamento para tal.
- Alguns cristãos, por outro lado, desconfiam de qualquer manifestação sobrenatural, e consideram experiências como sendo irrelevantes para o entendimento da Bíblia.
- Uma perspectiva equilibrada é reconhecer que toda experiência deve ser submetida à autoridade e doutrina bíblica, ao mesmo tempo em que se possa estar aberto à possibilidade de que experiências possam nos levar a reavaliar nosso entendimento de determinados ensinamentos bíblicos.

5. *Divergências sobre gêneros literários da Bíblia*

- Cétricos e liberais relegam a maior parte da Bíblia à categoria de mito e lenda, tipicamente com a suposição de que milagres não podem ocorrer.
- Alguns cristãos, em reação, insistem num literalismo extremo no seu entendimento da Bíblia (o que é chamado de fundamentalismo).
 - Por exemplo, eles vêem os Evangelhos como relatando as palavras exatas de Jesus, o que requer harmonizações infundadas de algumas passagens.
 - As narrativas da Bíblia são vistas como relatando eventos em seqüências cronológicas rígidas, o que requer explicações forçadas.

- Gênesis 1 é visto como relatando a criação em 6 dias de 24 horas, e nenhuma outra possibilidade é aceitável.
- Profecias escatológicas (por exemplo, em Apocalipse) são interpretadas de maneira extremamente literais, mesmo quando não há razão para tal, e qualquer simbolismo é descartado.
- Uma perspectiva equilibrada é reconhecer que a Bíblia em sua totalidade é verdadeira, mas cada livro tem de ser interpretado de acordo com seu gênero literário. Por exemplo, as narrativas dos Evangelhos são verdadeiras, mas os autores não relatam os eventos necessariamente em ordem cronológica; profecias escatológicas relatam eventos reais, mas a própria natureza desse gênero literário envolve o uso de símbolos; etc.

Cinco Princípios Básicos

1. A Bíblia não ensina tudo e qualquer coisa que nós supomos que ela ensine. Os ensinamentos da Bíblia têm um significado objetivo e correto que pode e deve ser aprendido através de estudo árduo, cauteloso, paciente, e regulado pela fé.
2. Sempre que houver divergência ou dificuldade no entendimento da Bíblia, o problema se encontra no nosso conhecimento limitado e nas nossas crenças e valores imperfeitos, e não na Bíblia.
3. Novas idéias teológicas radicais, supostamente encontradas recentemente na Bíblia, provavelmente são falsas. Por outro lado, novas compreensões sobre o significado e aplicação de afirmações específicas podem ser verdadeiras.
4. Divergências sobre questões fundamentais podem ser evidência de incredulidade. Por outro lado, divergências sobre questões menores podem ser somente resultado do conhecimento limitado, ou da natureza complexa da verdade sobre Deus.
5. Todos nós podemos aprender com aqueles que discordam de nós sobre questões menores.